A.M. JOHNSON

A LUZ QUE ELE EMANA





SÉRIE BEM-QUERER #1

Galuba

A.M. JOHNSON

Tradução por Stéphanie Rumbelsperger

A LUZ QUE ELE EMANA

SÉRIE BEM-QUERER #1

Galuba

SUMÁRIO

Dedicatória
Epígrafe
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça a Galuba Editorial
Créditos e copyright

Para aqueles que foram ensinados que o amor é apenas bidimensional, erga seu coração para a luz e se aqueça em todas as suas belas facetas.

Para Kirk S.
Você é perfeito aos olhos dEle.

Amor: substantivo
Um sentimento intenso de afeição profunda,
um caloroso apego ou devoção por (alguém).
Merriam-Webster

PRÓLOGO

CAMDEN

Uma tentativa de som mantinha meu mundo coberto e ferido sob o marfim. Uma composição de notas juntas, esticadas pelos meus dedos, a música na minha cabeça era particular… isolada. Está escuro aqui. Contei os números, as batidas, as métricas e nada do que eu criei combinava com o som que eu procurava.

Turbulência e caos.

A espuma branca quando a onda chega ao pico, manipulada pela palma da mão dele. Colocada de lado como se a corrente não fosse se atrever a detê-lo.

É o som que a luz faz ao cortar a água cristalina, tocando a pele dele e iluminando meu mundo. É um espectro tão alto e bonito que voltar para a escuridão parece uma sentença penal.

Fios grossos de loiro dourado escorriam pelas pontas dos meus dedos. Inspirei o cheiro de verão da pele dele: brilho de sol e cloro. Deliciei-me na cor de palha de seus cílios, conforme eles roçavam no topo de suas bochechas e permiti que o calor da sua pele passasse e se misturasse com o meu. Suas costas ao meu peito, minha mão em seus cabelos e meu nariz em seu pescoço. Esta era a luxúria com a qual sonhei na minha busca pelo som, pela sanidade. Meu coração estava pesado demais em meu peito, meus pecados eram um fardo que mostrei para as teclas… e apenas as teclas conheciam todos os meus segredos.

As sombras com que brinquei durante o dia todo transformaram-se em

amanhecer quando a voz dele deu a partida no meu coração. O aroma conhecido de doce e frango agridoce flutuaram pela fresta da porta do meu quarto e meus dedos pairaram silenciosamente sobre o teclado.

– Espero que esteja com fome – disse ele para o meu colega de quarto e eu o ouvi rir.

O sorriso que ele infundiu naquelas palavras agradaram a minha memória e eu quase pude sentir a nota perfeita, aquela pela qual procurei a semana inteira. Mantive meus olhos nas teclas e ignorei o jeito com que meus pulmões pareceram repentinamente grandes demais nas minhas costelas.

Ele não foi feito para mim e eu não fui feito para ele.

Repeti isto ao ouvi-lo, seus passos, sempre nove, conduzindo-o até mim.

··· 1 ···

ROYAL

Eu gostava de palavras tanto quanto Indie, minha irmã, gostava de pinturas. Ela pegava cores estranhas, misturava-as na tela e eu perdia a capacidade de respirar ao assistir o pincel em sua mão revelar todos os seus mistérios. Eu não era bom com as palavras, porém, as colecionava independentemente da minha incapacidade de juntá-las. Palavras como cerúleo e boia infantil. Eu gostava de definições e do jeito com que uma palavra podia provocar uma série de sentimentos dentro de mim. Ler era a minha fuga, assim como a arte era para Indie. E, hoje, a palavra “abismo” tornara-se o peso no meu pé direito enquanto pressionava o acelerador, com o asfalto a minha frente alongando-se como um gato indolente, comprido e lento.

A paisagem seca do deserto havia finalmente dado lugar ao verde exuberante de Oregon enquanto a minha irmã brincava com o botão do rádio. Nosso plano de dados familiar acabou há cerca de três horas e fomos forçados a ouvir as guitarras vibrantes e a estática de alguma estação de rádio do meio do nada. A temperatura estava mais fria aqui, e o cheiro das árvores, dos pinheiros, levou embora os últimos fragmentos de casa. Algumas horas atrás, abaixei as janelas com entusiasmo assim que passamos pela fronteira estadual. Indie e eu gritamos como lunáticos.

Um novo começo.

Calouro.

Liberdade.

Amigos.

– Deixa isso pra lá, Indie. São quilômetros de merda. – Sorri, mesmo estando preocupado com a carranca dela na minha visão periférica.

– Não é engraçado, Blue. Odeio quando fica muito silencioso. – Sua voz macia vacilou entre raiva e medo, transformando a minha vergonha em sete letras: imbecil.

Soltei a mão do volante e peguei meu celular no bolso.

– Toma. – Entreguei-o a ela. – Vou pagar pelos dados excedentes este mês.

Minha irmã olhou para mim.

– Não precisa fazer isso. Posso desenhar, tenho um caderno de desenho lá atrás e…

– Deixa comigo, Pink. – Meus lábios responderam ao seu sorriso.

Ela era o meu espelho.

Indie e eu nascemos em 22 de maio. Gêmeos. Olhos azuis. Cabelos loiros. E nomes pelos quais éramos zoados até hoje. Minha irmã era tecnicamente mais velha, dois minutos, mas eu fui o bebê maior. Assim que tive idade suficiente para entender o que significava ter uma irmã, uma gêmea, agi de acordo com essa vantagem. Gostava de pensar que fazia o papel de protetor perfeitamente bem.

– Mamãe não te deixa gastar nada e você sabe disso, além do mais, você não tem tempo. Duvido que seu treinador vá te deixar fazer alguma hora extra na biblioteca. Você vai ter que provar o seu valor. É um novato.

– Eu sou o nadador de cem metros mais rápido do estado.

– E? – Ela riu levemente. – Isto é a faculdade. Um novo começo. Nada anterior a isso vai importar para eles se você estiver cansado demais para nadar. Aposto que seu treinador vai manter vocês em rédea curta. – A testa dela franziu profundamente pela apreensão. – Não exagere, Royal. Na última temporada, você ficou exausto. Trabalho, natação, notas. Não se enterre na

biblioteca. Viva um pouco.

Eu ri.

– Diz a garota que nunca sai do estúdio de arte.

– Eu saio.

Ela se virou e olhou para a janela. Seus sussurros baixos ricocheteavam no vidro e a culpa me fez perder o ar mais uma vez ao ouvir o som vazio da sua solidão.

– O que estão dizendo? – perguntei, observando seus ombros encolherem.

Como sempre, ela não respondeu de imediato. Demorou um minuto, suspirou como papai e todos aqueles anos de terapia a haviam ensinado, e disse:

– Eu não sou solitária.

– O que eles disseram? – perguntei novamente. Meu tom de voz tomava aquela propriedade firme de irmão-urso que ela conhecia muito bem.

– Disseram que sou uma fracassada… que sempre serei sozinha.

Ela me encarou com olhos azul-claros vidrados.

– Você nunca será sozinha, Pink, nunca. Sempre terá a mim.

Tirei os olhos da estrada apenas por um segundo, mas seu sorriso valia muito a pequena distração. Ela plugou um adaptador ao meu celular, escolheu uma música e pôs para tocar. O vento bagunçou os fios sedosos dos cabelos dela quando fechou os olhos, descansando a cabeça no apoio de couro surrado do meu bastante usado Subaru. Uma canção antiga favorita da família tocou nos alto-falantes e uma onda de nostalgia tomou conta de mim quando trouxe meus olhos de volta para a estrada. Eu tinha uma família maravilhosa. Pais que se importavam de verdade e eram presentes. Eles nunca fizeram eu ou a Indie nos sentirmos como se não fôssemos as coisas mais importantes de suas vidas.

Mamãe e eu éramos próximos. Eu herdei sua paciência e a predisposição

para insegurança. Foi por isso que comecei a colecionar palavras quando era mais novo. Uma estratégia para parecer mais inteligente do que me sentia, para roubar um pouco do holofote de Indie. Papai e Indie estavam sempre cochichando entre eles e pintando. Mamãe também era artista, mas ela nunca pareceu se importar que eu não tivesse talento para a coisa. Pelo contrário, ela lia para mim o tempo todo. Ajudava-me a pesquisar palavras que eu não entendia, incentivava o meu fascínio por sinônimos inúteis e termos que nenhum pré-adolescente respeitável deveria usar. Ela incentivava o meu comportamento espalhafatoso e livre. E, com o tempo, descobri que era o jeito dela de ajudar a acabar com o silêncio que, às vezes, pairava em nossa casa quando as coisas ficavam carregadas.

Enquanto eu era o filho rebelde, Indie era a quieta, um item frágil de vidro. Ela compartilhava os demônios do nosso pai. Lutava contra a depressão como ele sempre lutou. Vozes. Alucinações. Transtorno esquizoafetivo. Indie tinha padrões de alto desempenho e dificilmente sofria estímulo interno, mas eu nunca deixei de me perguntar se ela simplesmente se tornou muito boa em esconder as vozes em sua cabeça. A ligação que papai e Indie compartilhavam não significava um conflito entre mim e ele. Era um equilíbrio. Papai e eu tínhamos o nosso próprio mundo, mas era diferente. Nosso tempo juntos era como aquele suspiro profundo que eu dava quando a minha cabeça atravessava a água ao nadar: alívio. Nós conversávamos sobre esporte e garotas, e tirávamos sarro dos meus tios. Ele e seus irmãos tinham um estúdio de tatuagem no centro de Salt Lake, mas a arte de papai pagava mais as contas que sua habilidade como tatuador, o que lhe dera mais tempo em casa com Indie e comigo. Papai foi a todas as minhas competições de natação. Uma presença fiel que impulsionava meus membros de forma rápida e forte pela água. Uma vez ele me disse que era como se eu fosse sua borboleta pessoal.

Depois que terminamos de colocar as coisas no carro hoje de manhã, e mamãe chorou de novo pela décima vez, ele me deu uma pequena tela. O quadrado de 8x8 estava coberto por ondas de água-marinha, cortadas ao meio com uma faixa brilhante de ouro.

Ele disse:

– Pintei isso depois da sua primeira competição de natação, e esta é uma imagem que vou pintar repetidamente enquanto você estiver fora. É um lembrete, filho, do orgulho que sinto sempre que te vejo na água.

Aquelas mesmas palavras, misturadas com as letras de sua música preferida deram um nó na minha garganta quando acelerei na I-84 em direção a um futuro desconhecido. Uma oportunidade que ele e a mamãe me deram com todas as sessões de estudo noturno e treino matinal.

– Queria que ficássemos no mesmo dormitório. – O lamento sussurrado de Indie me fez rir.

– Você não quer sua privacidade? Abrir as asinhas? – brinquei, beliscando o jeans do seu macacão.

Ela me encarou, seu semblante inexpressivo tornou impossível não rir.

– Tenho três colegas de quarto. Privacidade não faz parte do meu vocabulário neste semestre.

Escondi a animação que borbulhava no meu estômago com um encolher de ombros. Dormitórios individuais na Universidade de St. Peter eram reservados para formandos e atletas. St. Peter era uma universidade católica particular de elite, conhecida por colocar seu dinheiro no recrutamento dos melhores atletas do país. Aparentemente, eles levavam o esporte muito a sério. O fato de o departamento de arte deles ser de primeira qualidade era uma coisa boa, já que ficar separado de Indie seria como se alguém falasse "Ei, deixe-me cortar seu pulmão esquerdo" e esperar que eu respirasse normalmente. Não importa o quanto pareça estranho para quem é de fora, ela

era uma parte de mim e eu, uma parte dela. Ela era a minha melhor amiga e, se eu tivesse que fazer isso sozinho, não tenho certeza se algum dia teria passado do estacionamento atrás do nosso apartamento.

– Você pode aparecer no meu quarto sempre que quiser – propus, e ela revirou os olhos.

– Obrigada, mas entrar num dormitório só de meninos é o jeito mais rápido de nós dois perdermos a bolsa de estudos.

– Você acha que são tão rigorosos assim? – perguntei.

Ela bufou.

– Você não leu o Código de Conduta?

– Não, nerd, não li.

Ela empurrou meu ombro.

– Leia, Blue, senão vai levar um pé na bunda em uma semana.

– Ei. – Eu ri. – Eu sou um santo.

Ela me olhou de canto de olho.

Então… talvez eu fosse meio problemático e, talvez, pudesse ter testado o coração de mamãe e papai. Mas isso não era coisa de adolescente?

– Ritos de passagem devem ser realizados.

– Agora você parece o tio Liam – falou ela com um sorriso afiado.

– O cara dá uns conselhos de matar.

Indie riu enquanto buscava outra playlist no meu telefone e o som acolhedor de seu riso era contagiante. Ela era uma pandemia de calor quando deixava as nuvens saírem dos seus olhos. Ela se decidiu por outro clássico da família e sorriu ao perguntar:

– Você acha que o Quinn e a Ava também vão tentar entrar na St. Peter?

– Espero que sim. Todos os O'Connell novamente no mesmo estado seria bem épico.

Quinn era filho do meu tio Liam e Ava, filha do tio Kieran. Nós todos

tínhamos idades próximas e almas afins e, enquanto perder Indie era como perder um pulmão, deixá-los era como perder um membro. Éramos todos ligados, nossa família, um grande coração vivo, respirando, batendo. Eles ainda tinham alguns anos de Ensino Médio. Anos com os pais. Anos para descobrir que diabos queriam da vida. Um nó se formou na minha garganta ao pensar nisso. A saudade de casa, pesada e imediata, esgueirou-se pelos músculos dos meus ombros.

Será que eu sequer sabia o que queria? Será que este ano seria tudo o que eu esperava? Será que eu fracassaria? Será que estragaria tudo e acabaria dando prejuízo para os meus pais, obrigando-os a desembolsar o dinheiro que não tinham para me mandar para alguma faculdade estadual de merda perto de casa?

Eu nadava os cem metros mais rápido do que qualquer outro calouro nesta universidade e, academicamente, nunca deixei minha média abaixo de 9,8. O trabalho paralelo que consegui na biblioteca de St. Peter com o programa de estudo e trabalho, independente do quanto meus pais ou minha irmã protestassem, era meu. Eu tinha dezenove anos e queria provar a mim mesmo que conseguia ser o homem que meu pai me ensinou a ser. Ser o irmão que conseguia sustentar a irmã neste novo ambiente a qualquer custo.

Deixei a minha adolescência em casa, enrolada nos meus lençóis infantis, e estava seguindo em frente. Estava me transformando em algo mais, eu estava no limite…

Um abismo.

··· 2 ···

ROYAL

St. Peter estava localizada entre o Oceano Pacífico e Portland, Oregon, em uma cidade chamada Pines Hollow. Situada nas colinas da serra costeira, na extremidade oeste de Willamette Valley, cercada por árvores e nuvens. Alguns poderiam argumentar que era afastada e muito longe da civilização, mas o aroma fresco de chuva e das sempre-vivas deixou meu humor estável desde que Indie e eu chegamos, cerca de cinco dias atrás. Ontem, encontramos esta cafeteria hipster a alguns quilômetros do campus, quando o céu abriu por um instante, e a vista do Monte Hood era bem espetacular. A caminhada do meu dormitório na Casa Warren até a biblioteca levava cerca de cinco minutos; dez minutos para Vigrus Hall, o dormitório da minha irmã; e apenas três para a piscina e a academia. E, mesmo o ar fresco tendo levado a última gota de saudade presa ao meu corpo, desejei aquela mesma visão clara do Monte Hood agora.

Meus ossos doíam e meu cabelo ensopado caía dentro dos meus olhos, a água escorria pelo meu rosto enquanto eu ia para a academia. Hoje, iria encontrar a equipe pela primeira vez na sala de musculação. Cinco e meia da manhã era mais cedo do que estava acostumado em casa e só piorava… treino em terra firme nunca foi o meu preferido. Levantar peso e correr numa esteira não chegavam aos pés de mergulhar no ritmo da água, esquecendo o mundo lá fora nas ondas. Porém, olhei para cima, para as janelas altas do Ginásio e Centro Aquático Everly Platt, meu coração ganhou vida própria, correndo e saltando em intervalos irregulares, alojando o meu ar em algum

lugar atrás do meu pomo de Adão.

Aos dois anos, minha mãe me disse uma vez que eu era melhor comendo a tinta do que colocando-a numa tela. Indie, mamãe/papai… a arte era a praia deles, e a natação, a minha. Foi um modo de me destacar. Mamãe havia colocado Indie e eu na natação quando começamos o jardim de infância e, depois de Indie quase se afogar, ela nunca mais quis voltar. Eu, por outro lado, era um peixe. Ainda podia me lembrar do ar úmido dentro da sala de piscina na universidade local, onde eram as nossas aulas. Eu me lembrava nitidamente dos cabelos acinzentados do meu professor de natação, do jeito que ele sorria para mim sempre que eu subia para tomar ar, e como, aos cinco anos, eu finalmente senti que fazia parte de alguma coisa.

Eu conseguia ser bom em algo, diabos, eu era um nadador incrível, mas nunca quis nem precisei quebrar recordes… eu precisava nadar. Precisava da água para me lembrar de quem eu era e do que poderia me tornar. Meus pais não eram ricos, mas eles viviam confortavelmente. Nunca faltou nada, mas estaria mentindo se dissesse que nunca os ouvi cochichando sobre o preço das coisas. Carros, faculdade, comida, roupas… Duas crianças com as mesmas necessidades ao mesmo tempo. Duas mensalidades. No dia em que eu coloquei meus óculos de mergulho e a touca de natação do Colégio Pioneer Lake, elaborei um plano para mim, para Indie. Era aquilo que eu iria fazer e seria o melhor, tornaria meu e venceria todas as competições. Se eu pudesse conseguir uma bolsa de estudos, então, seria um fardo a menos para papai e mamãe. Quando fui recrutado pela Universidade St. Peter, agarrei a oportunidade. Contudo, parado na chuva, olhando para as portas da academia, tudo pareceu real demais, e eu fiquei preocupado que não fosse atender às expectativas de ninguém.

Tentei buscar conforto ao meu redor. Todos os prédios neste campus foram construídos para se misturar à natureza. Eram todos de madeira

escura, com paredes de vidro e telhados de metal. A arquitetura antiquada e de aparência industrial, em vez de estar justaposta às árvores altas, fluía sem problemas, encaixando-se perfeitamente ao lado da natureza exuberante e verde que a rodeia.

Aproveitando a minha coragem, finalmente abri a porta, sorrindo sem entusiasmo para alguns alunos que estavam ali na entrada. Eu tinha feito um tour pelo local durante a orientação, então, sabia que a sala de musculação ficava no terceiro andar. Meus pés se moveram com a memória muscular e me levaram para cima mesmo com as pernas trêmulas a cada degrau. Na maioria das vezes, eu era bem tranquilo, descontraído, um cara confiante, mas agora fazia parte de uma equipe de natação universitária competitiva e precisava lhes mostrar que eu tinha o necessário para ser parte do sucesso deles, e não o pato coxo que os afogaria.

A sala de musculação estava lotada e, assim que um odor familiar de suor atingiu o meu nariz, meu nervosismo desapareceu no meu sorriso largo. Acenei com o queixo para alguns caras ao passar pelos equipamentos de peso em direção ao vestiário. Lá dentro, fui até o armário ao qual fui designado na orientação e tirei a bolsa do ombro, colocando-a no banco. A piscina ficava em outro prédio, no lado oeste da academia, e também tinha um vestiário próprio. Os dois locais haviam sido reformados recentemente. Tudo era novinho em folha e cheirava a cedro ao invés de meias sujas. Armários brilhantes azuis e prateados e cabines de ducha individuais. Este lugar fazia o meu colégio parecer uma espelunca, e o Colégio Pioneer Lake era a melhor escola de Salt Lake.

– É Royal, certo?

A voz grossa me assustou e eu ri ao me virar.

– Isso.

Um cara, talvez um pouco mais velho do que eu, com cabelos e olhos

igualmente escuros, olhava para mim, seus lábios curvaram-se lentamente nos cantos.

– Não deixe que vejam o quanto é fácil te assustar ou vão te comer vivo. – Ele riu quando abriu seu armário. Fiquei ali parado me sentindo um peixe fora d'água. – Kai Carter – apresentou-se ele, me dando toda a sua atenção. – Capitão da equipe.

– Royal O'Connell.

Ele balançou a cabeça.

– Eu sei. O calouro mais veloz que já nadou pela St. Peter. – Arregalei os olhos. – Não pareça tão surpreso. – Ele tirou um par de fones de ouvido do seu armário e fechou a porta com um estrondo que ecoou no piso de azulejo de mármore. – Gosto de saber com quem estou nadando. – Ele estendeu a mão direita e eu a peguei.

Seu aperto era forte, porém, não mais forte que o meu. O silêncio ficou mais denso quando ele analisou se eu iria ou não recuar, se eu pertencia a este lugar, se eu me encaixava. Suas feições fortes e marcantes suavizaram ao sorrir.

– Vamos competir juntos nos 400 metros – esclareceu Kai ao largar a minha mão.

– É? – Minha confiança ficou tão grande quanto o meu sorriso. Incontido. Este cara parecia ter sido feito para a água, braços longos e poderosos, ombros largos e, se o treinador me colocou junto com ele…

– A minha praia é o estilo livre, mas sou bastante rápido no borboleta. – Ele acenou com o queixo. – E esse babaca nada de borboleta também, mas não se preocupe, você vai nadar em círculos em volta dele.

– Bem que você queria, cuzão. – A voz pertencia a outro cara, muito mais baixo que eu, talvez até sete centímetros. Seus cabelos loiros eram raspados totalmente nas laterais da cabeça e um pouco maior em cima. Seus olhos

azuis confusos estreitaram-se ao me olhar de cima a baixo. – Você não é o caso da bolsa de estudos de caridade?

Os ombros de Kai enrijeceram.

– Temos sorte em tê-lo, Ellis. Não se esqueça, você está apenas no segundo ano. Royal, depois de nadar aqui alguns anos como eu, vai se dar contar de que o talento local… – Kai deu um passo em direção a Ellis. – Não é assim tão bom. – Ele sorriu maliciosamente. – Bom, exceto por mim.

Ellis riu sem humor.

– Você é da cidade, Kai. Você e este caso de caridade vão se dar bem.

Os seus olhos perspicazes fixaram-se nos meus e eu cerrei o meu maxilar.

Este garoto me insultou duas vezes e eu permiti. O orgulho pingava da minha pele conforme se formava na minha sobrancelha em forma de suor frio. Eu não iria entrar numa briga e perder o meu lugar na equipe. A tensão estava insuportável. Quase dava para senti-la vibrando entre nós dois. Queria garantir a este cara que eu não tinha intenção nenhuma de ser seu saco de pancadas verbal o ano inteiro. Queria dar um empurrão no peito dele e mostrar que não podia mexer comigo, assegurar a minha posição dominante, mas o comando do treinador reprimiu a minha chance.

– Vamos, mocinhas, não temos a manhã toda.

Ellis riu dissimuladamente ao caminhar em direção aos fundos do vestiário, e eu respirei fundo.

– Eu o conheço a minha vida inteira. Riquinho de merda, consegue tudo o que quer, mas não importa… – disse Kai, olhando para a parede, perdido em algum pensamento, alguma lembrança que eu estava me intrometendo. – Não dá para comprar talento. – Ele limpou a garganta, seus contornos duros evaporavam ao olhar para mim. – Não se preocupe com Ellis. Ele vai fingir que o pau dele é maior que o seu durante toda a temporada até você provar o contrário. Quer calar a boca dele? Faça isso dentro da água. Mostre a ele a

cara do verdadeiro talento. Mostre a ele o que o dinheiro do papai não pode comprar.

Sem dizer mais nada, Kai foi até a porta do vestiário, me deixando para trás com um nó na garganta e mãos que não paravam de tremer.

♫

Os raios de sol espalhavam-se através das nuvens quando meus pés chegaram ao pavimento do lado de fora da academia. Minha pele estava coberta de suor e o ar frio arrepiava a minha nuca. Eu não tinha dado mais de cinco passos quando ouvi meu nome.

– Royal, espere.

Kai correu em minha direção, seu sorriso, supus, estava mais para uma armadura. Ser parte de uma família onde a insanidade mental era a regra… tive que me adaptar, aprender a ler humores, pessoas, e Kai não era fácil de se ler. Conheci a equipe inteira hoje e ouvi alguns rumores sobre quem era quem, em quais eventos nadavam. Quem estava à altura e quem não estava. Corbin e Max, dois juniores com quem o treinador me juntou esta manhã, haviam falado sobre Kai e como ele foi escolhido novamente para capitão no próximo ano. Kai também era júnior e um dos melhores, se não o melhor, nadador da equipe. Assim como eu, ele estudava com bolsa e acho que isso nos conectava. Eu não fazia ideia de que ter uma bolsa de estudos colocaria um alvo nas minhas costas.

– Ei – disse Kai ao parar abruptamente na minha frente.

– O que foi?

– Ouça… – Ele passou a mão pelos cabelos. – Sinto muito por…

– Não há nada por que se desculpar. Você não é um babaca.

Ele riu.

– Se você está dizendo.

– Politicagem. Vou dar um jeito. Garotos ricos escrotos não me assustam. Estou aqui para nadar e estudar, o resto… é tudo besteira. – Minhas palavras foram tecidas numa base concreta e eu quase acreditei nelas.

– Que bom. Porque o treinador quer você e é só isso que importa para mim.

Duas meninas se aproximaram. Uma loira com pernas compridas e finas saindo de um shortinho de ginástica; a outra, uma ruiva com olhos apenas para Kai.

– Oi, Kai. – Ela praticamente ronronou ao passar.

– Senhoritas. – O sorriso de Kai alargou um pouco, e eu reprimi uma risada quando ele bateu no quadril da ruiva com a toalha de ginástica que segurava na mão direita.

– Você me paga – gritou a ruiva por sobre o ombro.

– Meu Deus, tomara – sussurrou ele ao enfiar a toalha no bolso traseiro. Ele ficou olhando para as meninas indo embora por mais alguns segundos antes de me perguntar – Está com fome? – Eu ri e ele me deu um sorriso bobo. – O quê?

– Você parece ser um cara popular.

– Cola na minha e você vai transar pelo menos três vezes por semana.

Ergui as sobrancelhas.

– Você tem tempo para transar três vezes por semana?

Treino de natação era cruel e, se ele estudava com bolsa, aposto que também trabalhava. Sempre culpei minha agenda esgotante por nunca ter uma namorada firme. O tempo era precioso e eu nunca encontrei uma garota que me interessasse, que me acendesse. Fui criado por pais que se amavam com cada gotinha de sangue em suas veias. Qualquer coisa menor que um amor como o deles era inútil. Admirava meu pai e como ele e a minha mãe, às vezes, eram uma pessoa só. Eu queria isso. Outra pessoa com quem se

misturar, se tornar parte de um todo e ver tudo se encaixar no lugar certo à sua volta. Natalie, minha amiga, foi a coisa mais perto que tive de uma namorada. Nós demos uns amassos, mas foi mais por necessidade e para dar uma aliviada. Ela era a minha melhor amiga no colégio e entendia a minha vida louca, a minha família. Nat nunca quis mais de mim e isso funcionava para nós dois.

– No mínimo três vezes. – Ele deu de ombros. – Equilíbrio, Royal… é o seu primeiro ano, em algum momento você vai se ajustar. – Ele bagunçou meu cabelo como se eu fosse uma porcaria de uma criança de cinco anos e eu dei um soco em seu ombro.

– Cara – exclamei, rindo muito para evitar fazer o mesmo com ele.

– Podemos comer agora? Estou faminto.

– Vou me encontrar com a minha irmã.

– Fora do campus?

– Não. – Inclinei a cabeça em direção aos dormitórios da Casa Beckett, onde ficava a cafeteria principal. – Nós comemos no refeitório.

– Ela é aluna? – perguntou ele enquanto voltava a andar.

Eu o segui.

– É, somos gêmeos.

– Não brinca. Ela também nada?

– Pinta.

– Ela é gostosa?

Ele riu quando eu o empurrei mais forte do que o necessário e ele cambaleou.

– Não seja idiota.

– Estou te zoando, cara. Família… está fora dos limites… eu entendo.

– Você tem irmã?

Ele balançou a cabeça.

– Não… filho único. – O silêncio se estendeu por alguns passos e ele respirou fundo antes de falar – O que faz com que ter um colega de quarto seja uma merda maior ainda.

– Pensei que todos os atletas ficassem sozinhos no quarto.

– Eu não tinha certeza se iria voltar. – Seus olhos escuros moveram-se para a calçada. – Quando a minha documentação chegou, todos os quartos individuais já estavam ocupados. Estou no Garrison Hall com um maldito musicista sênior. O cara se esconde no quarto como se fosse um eremita o dia inteiro tocando piano. Só o vi uma vez e foi no dia da mudança, e você sabe o que ele me disse? – Seus olhos castanhos clarearam quando seu sorriso alcançou e tocou os cantos dos seus olhos. Ele falou com um tom tenso e respeitável. – "Você vai querer comprar protetores de ouvido."

Minha cabeça caiu para trás de tanto que ri.

– Pelo menos ele foi honesto.

– Babaca.

Lancei-lhe um olhar magoado ao levar a mão ao coração. Nós dois rimos quando ele devolveu as minhas palavras:

– Pelo menos eu estou sendo honesto.

A cafeteria estava lotada de alunos quando chegamos lá. Fomos recebidos pelo cheiro de bacon e café ao passarmos pelas portas de vidro. Como a maioria dos outros prédios na St. Peter, a cafeteria também era moldada com vigas de madeira, e tinha espaços abertos e iluminados. Dei uma olhada ao redor e encontrei Indie no mesmo lugar que conseguimos no primeiro dia.

– Aquela é a minha irmã, Indie – disse, acenando quando os olhos dela encontraram os meus.

Vê-la sentada ali com seu sorrisinho de sempre me levando de volta para casa foi um alívio. Tudo o que Ellis disse… eu não havia percebido o quanto aquilo me afetou até um olhar dela levar tudo embora. As pessoas diziam

que gêmeos tinham um sentido superior de ser, uma ligação mais profunda, e eu tinha que concordar. Ela amenizava meu humor e eu gostava de pensar que fazia o mesmo por ela. Embora, alguns dias, ela se perdesse para os fantasmas em sua cabeça, e eu odiasse que ela tivesse que encontrar a saída, o caminho de volta para casa.

– Peguei um café para você – disse ela quando nos aproximamos da mesa grande e redonda. Seus olhos claros pulavam entre mim e Kai.

– Já te disse o quanto você é maravilhosa?

– Hoje não.

O sorriso de Indie ficou tímido e eu estava prestes a apresentá-la a Kai quando ele me interrompeu:

– Ei, cara, esqueci que tenho que ir a um lugar agora. Vou pegar uma gororoba e vou embora. – Seus olhos permaneceram na minha irmã por um segundo constrangedor antes de ele me dar um soquinho no ombro com os nós dos dedos. – Procure por mim no diretório, eu e alguns caras vamos para aquele bar de merda na Beech Street esta noite, você deveria vir.

– Não tenho identidade.

– Ainda bem que eles não pedem. – Ele sorriu ao dar alguns passos para trás. – Ligue para mim ou nos encontre na Stacks às 22h.

Kai olhou para Indie antes de se virar para sair, e o sorriso confiante que ele mostrou tão bem a manhã inteira caiu um pouco nos cantos.

··· 3 ···

CAMDEN

O barulho de saltos caminhando rápido no cimento, o jeito com que os três galhos rangeram e chiaram com a rajada de vento, um guincho agudo quando as nuvens se abriram, derramando grandes gotas de chuva à minha volta, à volta deles. O mundo ria e gritava, correndo para se abrigar, enquanto eu caminhava lentamente com a cabeça abaixada ouvindo a sinfonia ao meu redor. Onde a maioria dos estudantes percorria o campus perdidos em conversas, ou com sucesso mais recente da cultura pop em seus fones de ouvido, eu ouvia a trilha sonora do solitário, as estranhas interpretações da pulsação do campus. Tudo, *todos* tinham um som exclusivo… uma certa cadência ou ressonância. Que era triste, linda e secreta.

Era minha.

Ignorei o desconforto do suor e da chuva pingando na minha nuca, por baixo da fina blusa com capuz que não ajudava muito a manter a umidade afastada do meu corpo. O algodão grudou aos meus ombros quando me vi passando pelas portas de entrada do Garrison Hall. Minha ansiedade deu as caras quando entrei no pequeno vácuo de silêncio entre a porta de entrada e a porta principal que levava ao corredor. Uma pequena antessala, uma medida de segurança. Era necessário ter uma chave ou um código para entrar em qualquer dormitório da Universidade de St. Peter, porém, a antecâmara minúscula entre o lado de fora e o de dentro, imagino eu, era um modo de te deixar se encontrar sem sofrer as consequências do tempo. Uma nostalgia inaudível apertou a minha garganta e bati propositalmente as minhas chaves

umas nas outras quando as tirei do bolso.

Assim que entrei, consegui respirar novamente. Inspirar o cheiro de pizza velha e ouvir o zumbido inebriante de vozes que faziam seu caminho através das paredes. Meu coração encontrou seu ritmo novamente, e eu encontrei a sintonia que ouvia ao ir para o meu quarto. Um dos moradores, um sênior, acredito eu, me cumprimentou da recepção com um sorriso. Com certo esforço, os cantos da minha boca se curvaram e, quando o sorriso fino do homem se transformou num sorriso largo, reconheci-o do ano passado.

– E aí, Cam? – disse ele levantando a mão para um *high-five*.

Parei e encarei a mão dele, incapaz de me lembrar do seu nome. Meus dedos fecharam-se nas alças da minha mochila. A maioria das pessoas nunca fala comigo, eu era uma simples peça da mobília que se movia. Eu fazia a minha parte; eles, a deles. Passar dias sem falar não era algo fora do normal para mim. A música era o meu idioma e maioria das pessoas não o falava.

Ele riu e abaixou a mão enquanto balançava a cabeça, diminuindo a voz para um sussurro:

– Eu sou um conselheiro residente este ano, então… se precisar de ajuda para trazer meninas, eu sou o cara para isso.

Pela segunda vez no dia de hoje, a ansiedade cravou suas unhas afiadas na minha coluna. Seu sorriso desvaneceu quando me mantive imóvel. A maioria dos caras teria rido ou dado um soco no ombro dele com um “É isso aí” animado, mas, como já foi estabelecido, eu não era normal. Não tinha amigos. Amava a minha solidão e o modo como ela aumentava a minha habilidade de ouvir coisas que outras pessoas não conseguiam. Me chame de louco, mas eu *gostava* de frequentar as aulas. Odiava café e televisão. Odiava esportes e cerveja, e, estando no segundo ano, nunca havia tido um encontro. Tom… ou talvez seu nome fosse Mike, me encarou, esperando pela reação habitual que eu nunca tive.

Consegui engolir em seco, mas minha língua seca parecendo lixa não se moveu.

Ele recuou e disse com um sorriso sombrio:

– Vejo que continua o mesmo comunicativo de sempre.

Mudei a mochila de ombro e me virei em direção às escadas. Deixei o barulho preencher a minha mente enquanto eu subia os degraus. Rebobinei e recomecei os últimos minutos, colocando na fila as notas de fundo que me seguiram até o terceiro andar. Fingi que aquilo não me perturbava, que a minha habilidade para me encaixar, para ter uma simples conversa, era a última coisa com que eu precisava me incomodar. Eu não precisava de amigos para ser o melhor pianista que poderia ser. Não precisava de relacionamentos para segurar a minha mão e me fazer me sentir melhor comigo mesmo.

Eu tocava piano desde os três anos de idade. Fui criado por uma mãe que soava como a 5ª Sinfonia de Beethoven, poderosa e dominante, enquanto meu pai estava mais para um Noturno de Chopin, sonolento e relutante para agir. Eu fui preparado para me tornar algo de que se valesse a pena falar no conselho de classe. Talentoso e espetacular. O amor era ofertado no final da apresentação, com aplausos suaves e um tapinha no ombro. Cada passo que eu dava estava escrito na partitura e eram meus pais que seguravam o lápis.

Meu humor estava tão escuro quanto o meu quarto do dormitório ao deixar as chaves caírem com um estrondo furioso na mesa ao lado da porta. Exalei, outra tentativa de levar para longe o momento silencioso, e acendi a luz. Um brilho amarelo suave se espalhou pela pequena sala de estar que eu dividia com outro aluno. No ano passado, tive sorte de ter um colega de quarto que nunca estava em casa e esperava pelo melhor este ano. Mas rapidamente me dei conta de que a minha sorte havia ido embora. Nós havíamos nos mudado há apenas algumas semanas, mas dava para pensar que Kai, meu colega de

quarto, havia morado aqui durante todo o verão. Mal tinha arrumado meu teclado quando ele entrou como se mandasse no lugar. Ele era o típico atleta com predisposição para competir. Seu sorriso era treinado, mas se prestasse bastante atenção, sua ousadia soava mais como arrogância.

Se fosse possível, eu teria arrumado as minhas coisas e me mudado na noite em que o vi com uma ruiva qualquer se pegando no meu sofá. Minha bolsa de estudos cobria apenas uma parte e meus pais certamente não me dariam um centavo para morar fora do campus, não que eu fosse aceitar dinheiro deles de qualquer forma. Eu tinha meus próprios planos. Era o único jeito de eu conseguir viver a minha própria vida.

Na manhã seguinte, eu fiz uma lista com regras. Nada de garotas nem de festas.

Kai riu de mim, empurrou meu ombro levemente e falou:

– O que acha de eu não ficar com as garotas na sala? E se eu te prometer nunca trazer mais de três amigos de uma vez só para tomar cerveja, comprar aqueles protetores auriculares que disse para eu arrumar no dia da mudança, você para de resmungar sobre suas merdas de sempre?

Minhas merdas de sempre. O cara era um verdadeiro letrista.

Kai cumpriu sua palavra. Ele não ficava muito em casa. Sua agenda de trabalho e treino o mantinha ocupado e, esperava eu, que assim que a temporada de natação começasse de verdade, o lugar ficasse praticamente só para mim. Um sorriso raro se formou nos meus lábios quando larguei a mochila no chão e peguei uma garrafa d'água no frigobar que meti embaixo da minha mesa para me dar mais espaço. Meu quarto consistia num colchão desconfortável, sustentado por uma estrutura metálica barulhenta, uma mesa de estudo de madeira, uma mesa de cabeceira e meu teclado. Os dedos da minha mão livre pressionaram as teclas frias. Eles se moveram numa sequência fluida, desenhando uma escala que pairou no ar enquanto eu

desejava o piano de cauda que tinha em casa. Como se meus pensamentos fossem capazes de alcançar grandes distâncias, como fantasmas se comunicando com a morte, meu telefone vibrou no meu bolso.

Ligação da minha mãe.

Destravei a tela e rejeitei a chamada. Ela não esperou mais de quatro segundos e, mais uma vez, o telefone deu sinal de vida na minha mão. Coloquei a água na mesa, cerrando o maxilar.

Atendi com um "Alô" brusco.

Fazia 48 horas que tinha ouvido a minha própria voz.

– Seu pai e eu estamos decepcionados porque você nunca ligou. – O tom de voz da minha mãe era uma mistura de ameaça e estrondo. Respeitável e frio, me deixou com os nervos à flor da pele. – Você já se acomodou?

Quis esmagar o celular na mão. As palavras "decepção" e "acomodar" fizeram um buraco no meu estômago, me devorando como cupins em um pedaço levemente envelhecido de madeira.

– As aulas começaram há três semanas – respondi com o mínimo possível de sentimento.

Uma coisa eu aprendi: ser criado por uma mãe psiquiatra significa ter seus sentimentos e emoções usados como armas contra você. Evidências de tudo o que se odeia em si mesmo. Prova de que você é louco… que está errado. E seja lá quem você tenha se tornado, arruinou qualquer esperança de ser quem ela ambicionou que você fosse.

Ouvi o assobio de sua respiração quando ela exalou, e o som me acalmou. Não porque era a respiração dela, um "interesse" de mãe, uma tentativa de acalmar sua preocupação, mas porque isso era melhor do que seu silêncio intermitente com o qual ela me punia desde que eu tinha dezesseis anos.

– Quando será sua primeira apresentação? – perguntou.

– Dez de outubro.

– Estaremos em Bali.

– Quem sabe da próxima vez? – propus, mas não estava sendo sincero.

Ela resmungou no telefone:

– É possível… – Ouvi sua hesitação, apesar de fraca. – É tão silencioso sem você aqui.

Melancolia, encadeada em seis notas, e eu me perguntava como nunca a tinha ouvido cantar essa música antes.

Um nó de fogo se prendeu na minha garganta diante da qualidade pura do seu tom de voz.

– Seu pai fica agitado à noite sem você tocando. – De novo, o som duro de um deglutir.

Queria muito lhe perguntar se ela falou sério, se isso era algum tipo de manipulação para que eu me sentisse culpado pelo muro impenetrável entre nós, mas a porta de entrada do quarto se abriu.

– Tenho que ir.

Meu olhar permaneceu no telefone na minha mão apenas por um segundo, perguntas não respondidas dançavam na minha cabeça conforme risadas se derramavam pelo apartamento. O cheiro de comida frita foi trazido desde a sala, carregando com ele uma voz conhecida. Dei um passo tímido em direção à minha porta, a harmonia baixa me levou à soleira. Coloquei o telefone no meu bolso e agarrei a madeira da porta como se para fechá-la, mas seu timbre generoso e acolhedor me envolveu como um cobertor. A ligação da minha mãe era, agora, um quebra-cabeça esquecido no qual eu resolveria mais tarde no teclado.

Foi Kai quem percebi primeiro, seu corpo grande bloqueou a vista do sofá quando ele colocou sua caixa aberta de comida chinesa na mesinha de centro. Estava entreabrindo a porta, mas ainda não queria me envolver numa conversa, quando Kai finalmente se mexeu. Cabelos loiros dourados,

molhados de chuva, caíam na testa do estranho de um jeito que fez as pontas dos meus dedos coçarem para tirar aquela juba rebelde e poder ver os olhos dele. Seu braço comprido estendia-se pelas costas do sofá com facilidade, confortável sendo quem era. Sua autoconfiança era reproduzida como uma obra de Gershwin enquanto seus lábios carnudos se alargavam num sorriso sacana, e eu quis prender o fôlego, facilitar, para mim, ouvi-lo por cima da batida rápida do meu coração. Olhos azuis, perspicazes e profundos, colidiram com os meus, e eu deixei alguns segundos perfeitos se alongarem para em seguida se dispersarem, seu olhar sustentando o meu enquanto eu fechava a porta.

··· 4 ···

ROYAL

– Isso foi estranho.

– O quê? – perguntou Kai, mas soou mais como “queee” enquanto ele enfiava frango *lo mein* na boca.

Meu olhar hesitou na porta fechada.

– Seu colega de quarto, ele estava nos encarando.

Kai voou para o meu lado no sofá, chutando a mesinha de centro.

– Eu nem tento entender aquele cara. Camden deve ser um assassino em série maluco. Procuro partes congeladas de corpos no nosso freezer todas as tardes.

Eu ri.

– Vocês não têm um freezer.

– É proverbial.

– Você sequer sabe o que essa palavra quer dizer? – Meu sorriso não tinha nenhuma misericórdia ao se espalhar pelo meu rosto e ele deu de ombros. – Você é um idiota. – Ri e ele me deu um sorriso bobo, enchendo o garfo de macarrão.

– Nos meus melhores dias.

Devagar, voltei a minha atenção de volta à porta, meio que esperando encontrar o mesmo par de olhos cinza-esverdeados intenso me encarando de novo.

– Você disse que ele toca piano?

Kai grunhiu:

– É só o que ele faz. É por isso que nunca fico de boa aqui. Tem um limite de mau humor com o qual eu consigo lidar num período de 24 horas.

Eu ri.

– Na verdade, eu gosto de piano. Ouço no trabalho ou quando estou estudando.

Peguei Kai revirando os olhos quando voltei a olhar para ele.

– Claro que você gosta.

Minha cabeça inclinou para o lado e minhas sobrancelhas franziram.

– Que diabos você quer dizer com isso?

– Nada.

Não importava que ele fosse o único amigo de verdade que fiz desde que as aulas começaram, a atitude de superioridade, aquele sorriso, e qualquer que fosse a suposição que ele estivesse fazendo me irritavam.

– Babaca.

O sorriso de Kai se tornou arrependido.

– Eu não quis dizer nada com isso… Você é… você… – Ele suspirou e deixou o garfo cair na embalagem em seu colo. – Você nunca sai com a gente, está sempre com a sua irmã, ou na biblioteca…

– Eu trabalho na biblioteca.

– Cara, não haja como se não gostasse de trabalhar na biblioteca.

– E se eu gostar?

Os olhos de Kai correram para a porta do seu colega de quarto e de volta para mim.

– Ahh, cara… eu não sou…

– Só estou dizendo… você está a um passo de ser um assassino em série. – Kai comprimiu os lábios e, por dois segundos, fiquei incrédulo.

Só que ele tinha sorte, eu não costumava guardar rancor e, quando ele riu alto, me vi rindo junto com ele. Agarrei o braço do sofá ao meu lado. Sem

ar, resmunguei um xingamento e dei um soco em seu ombro.

Os lábios de Kai se abriram num sorriso malandro.

– Venha conosco esta noite para o Stacks.

– Não posso. Tenho que trabalhar.

– A biblioteca não fecha às 23h? – perguntou ele enquanto se levantava do sofá.

Levantei-me também ao lembrá-lo:

– Fecha, mas nós dois temos treino de musculação às 5h30 da manhã amanhã.

Com um erguer de ombros indiferente, ele jogou seu lixo na lixeira perto do pequeno rack.

– Pense nisso, não precisa beber, mas deveria se enturmar com a equipe. São caras legais… a maioria.

– Vou pensar.

– Venha por uma hora, deixo você usar meu desconto de funcionário.

– Talvez eu peça a Indie para ir comigo.

Ele levantou as sobrancelhas.

– Você quer levar a sua irmã a um bar cheio de atletas bêbados?

Ele tinha razão.

Eu ri ao falar:

– É, péssima ideia.

– A pior. – Ele balançou a cabeça. – Vamos, Royal, apenas por uma hora, nada demais. Apareça. Você é o cara novo, eles querem te conhecer.

Eu adorava fazer parte de uma equipe, mas estava acostumado a passar o tempo com a minha irmã. Ela era a minha melhor amiga e, fora as refeições na Beckett House, eu mal a via desde que as aulas começaram. Estarmos separados era uma adaptação. Não era normal querer estar com a irmã o tempo todo, mas eu me preocupava com ela. Eu me preocupava se ela estava

fazendo amigos ou se escondendo como uma reclusa no estúdio.

Cedi com um suspiro.

– Uma hora.

– Isso. – Ele esboçou a palavra. – Tenho que me encontrar com Corbin perto da Beckett, vou andando com você. Só preciso dar uma mijada. Espera?

– Claro.

Kai desapareceu no banheiro e, quando a porta se fechou, o apartamento silencioso se encheu com notas suaves e persistentes. Olhei para a porta de Camden, meus ouvidos ansiosos para escutar. Não reconheci a música, mas ela me conhecia, me puxava, com passos silenciosos próximos de um som especial. A música era lenta a princípio e, sob a superfície, pude sentir a construção conforme cada nota se tornava mais poderosa. Eu não conhecia muito de música, apenas as minhas bandas preferidas e, conforme as notas aumentavam, alcançavam aquele ápice de perfeição. Distraidamente, coloquei a palma da mão na madeira fria da porta, buscando uma conexão com o som. Meus lábios abriram-se num sorriso quando a música repentinamente se tornou doce e baixa. Completamente distraído, como ficava às vezes, quase não percebi o barulho alto da descarga no banheiro. Minha mão se soltou depressa da porta de Camden e eu dei um passo para trás.

Kai olhou fixamente para a porta de seu colega de quarto quando saiu do banheiro, um ar de irritação puxando seus lábios em uma carranca quando a música que eu estava escutando terminou.

Desapontado, perguntei:

– Pronto?

Ele assentiu e eu peguei a mochila do chão perto do sofá. Outra música começou a soar pelo quarto e eu dei uma olhada em direção ao quarto de

Camden, querendo que, ao invés disso, pudesse ficar e ouvir.

♫

Perdido na música que tocava em meus ouvidos e no cheiro de papel velho nos meus pulmões, me senti apto a pôr meus pensamentos em ordem enquanto arquivava o restante dos livros que estavam em meu carrinho. Eu equilibrava uma agenda de aulas em tempo integral, principalmente cursos gerais, e alguns pré-requisitos que precisava cumprir se realmente decidisse fazer Assistência Social como queria. Indie e eu não tínhamos necessariamente entrado numa briga no jantar desta noite, mas ela teimava que eu sustentava a minha escolha em Assistência Social por causa dela, em vez de "seguir o meu coração" me graduando em Língua Inglesa. Ela não entendia, e eu nunca a chamaria abertamente de egoísta, mas posso ter deixado escapar esta noite lhe dizendo que nem tudo girava em torno dela. Depois que as palavras saíram da minha boca, ela se fechou e fugiu, alegando que tinha que trabalhar num grande projeto para sua aula de escultura.

Eu gostava de livros. Gostava de palavras, mas era um voyeur. Um leitor, não um escritor. Era um passatempo. Nunca seria capaz de dominar as palavras como ela fazia com a pintura. Eu queria ser terapeuta porque gostava de ajudar as pessoas. Nos dois verões anteriores, me voluntariei no abrigo para mulheres da minha tia, oferecendo aulas de natação para os filhos de algumas residentes. Trabalhando lá, percebi o quanto adorava dar àquelas crianças um descanso da realidade cruel de suas vidas. Desabrigadas, abusadas, deprimidas… a maioria das pessoas fugia delas, enquanto eu era atraído por elas. Reconhecia que, Indie e meu pai compartilharem da mesma doença psicológica, pode ter me guiado em uma direção, mas abracei-a porque a amava. Eu adorava ser alguém para outra

pessoa, ser um pedaço de corda onde se segurar, ou uma parede onde se apoiar. Sentir-me necessário, fazer, em vez de assistir.

Pensando nisso tudo outra vez, tirei meu celular do bolso e parei o aplicativo de música. Digitei uma mensagem de texto rápida.

***Eu**: Meus sentidos de gêmeos estão em alerta.*
***Indie**: Estou bem.*
***Eu**: Desculpe.*
***Indie**: Pelo quê?*
***Eu**: Você não é egoísta.*

Vários longos segundos se passaram enquanto eu encarava meu telefone.

***Indie**: Nem você, é por isso que você dará um ótimo terapeuta.*

Ela mostrou uma bandeira branca e eu sorri.

***Eu**: Vou sair com alguns caras da equipe depois do trabalho, me mande mensagem se precisar que eu te acompanhe até seu dormitório.*
***Indie**: Mando.*

Ela não mandaria.

***Eu**: Promete?*
***Indie**: Divirta-se.*

Minha risada diante de sua amostra evidente de evasão foi encurtada quando tirei os olhos da tela, respirando fundo, quase deixei o telefone cair. O colega de quarto de Kai estava bem na frente do meu carrinho organizador, me encarando.

– Merda, você me assustou – sussurrei apressado e tirei os fones do ouvido. Demorei um segundo a mais do que deveria para reconhecê-lo. Só o havia visto naquela hora hoje, por uma fresta na porta. Mas aqueles olhos cinza-esverdeados eram inesquecíveis. Eu ri, me sentindo um pouco irritado ao me atrapalhar com as palavras. – Eu te conheço… bem, eu não te conheço, conheço… quero dizer… eu te vi… – O abismo entre suas sobrancelhas se aprofundou. – Hoje… – Ri mais uma vez, apesar do jeito que meu estômago revirava. Seu rosto era uma máscara imóvel brusca e, para a minha decepção, ele pareceu um pouco aborrecido. – Você é o colega de quarto de Kai… Camden… – Ofereci-lhe a minha mão. – Eu sou o Royal, estou na equipe de natação com o Kai.

Seu olhar se moveu da minha mão direita para a esquerda, onde meus fones pendiam entre meus dedos e o celular.

– O que você está escutando? – perguntou.

A voz de Camden era grave e insegura, sonolenta e profunda, como se ele tivesse acabado de acordar de um cochilo ou como se não falasse há algum tempo. Tentei não ficar ofendido pelo jeito com que ele deixou meu cumprimento pairando no espaço vazio entre nós dois.

Abaixei a mão direita e a coloquei no bolso.

– Uma playlist. Minha irmã montou. Ela tem uma coisa com covers, a maioria dos anos 1980, mas… – Um sorriso ansioso se abriu em meus lábios quando me dei conta de que estava tagarelando. Ele me deixou nervoso. – É só uma playlist – repeti. – Covers de músicas no piano.

Os olhos de Camden encontraram os meus e seu pomo de adão balançou.

– Piano?

– É. – Meu pulso acelerou quando seus olhos pálidos me examinaram, e eu soltei a primeira coisa que surgiu na minha cabeça. – Te ouvi tocando hoje… – Seu rosto e pescoço se ruborizaram. Confuso pela sua reação, me

preocupei que o tivesse envergonhado. Tirei a mão do bolso e esfreguei a nuca ao abaixar o olhar para o carrinho de livros ao meu lado. O meu rosto ruborizou quando admiti – Foi a melhor coisa que já ouvi.

Quando ele não agradeceu, nem demonstrou nenhum tipo de evidência de que havia ouvido meu elogio, olhei para cima. Meu peito encheu-se de calor quando assimilei o sorriso fraco curvando o canto direito de sua boca. Meus olhos foram atraídos para a curva de seu lábio inferior, testemunhando o que eu tinha certeza de ser uma coisa rara e linda. Isso durou apenas cinco ou seis segundos antes da linha forte de seu maxilar cerrar.

Água parada, olhos cinza-lago que se recusavam a se conectar com os meus, e o ar se agitou com uma triste familiaridade. Assim como a minha irmã gêmea, ele gritava dentro de sua cabeça, pude sentir. Não poderia obrigá-lo a me contar o que suas vozes diziam como fazia com a Indie. Eu não o conhecia, mas queria conhecer. Estranho como era, eu não me importava. Toda a minha família era diferente. Peculiar. Uma anomalia atípica. O fato de ele também me intrigar fazia sentido.

Ei, você!

Tipo… um encontro de almas.

Ele engoliu em seco e o som opulento de sua voz se acomodou dentro do meu peito quando ele falou:

– Estou procurando “Folhas de relva”, a moça na recepção disse que estava sendo arquivado.

Bati com os nós dos dedos na cópia do clássico de Walt Whitman de couro marrom sujo antes de tirá-lo do carrinho e lhe entregar.

– Eu amo este livro.

A expressão plácida de Camden modificou e eu quase ri diante do seu tom irritado ao falar:

– Tenho que ler isso para a aula.

– Não gosta de ler?

– Prefiro tocar.

– Muito justo.

Deixei o silêncio se alongar, esperando que ele falasse mais, mas não falou. Desconfortável, ele simplesmente abaixou o queixo e se virou, deixando-me um pouco perplexo, observando sua forma alta e larga preencher o espaço entre as pilhas estreitas enquanto ele recuava.

··· 5 ···

ROYAL

A luz na biblioteca era baixa demais, e o toque-toque do lápis da minha irmã na mesa tornava difícil manter os olhos abertos. Minhas pálpebras pesadas se agitavam em intervalos de quinze segundos e eu estava prestes a adormecer quando meu estômago roncou.

– Com fome? – Indie riu e eu me sentei ereto, dando-lhe um sorriso triste.

Levantando os braços acima da cabeça, me alonguei, arqueando minhas costas com um bocejo. Meus músculos doeram quando passaram da desejada flexibilidade, mas gemi com um esgotamento satisfatório.

– Merda, estou cansado.

Indie balançou a cabeça.

– Ninguém é o culpado disso, Blue, a não ser…

– Eu mesmo, é… é.

Amassei o rascunho em que estava trabalhando formando uma pequena bola e o joguei sobre a mesa com uma risada. Não foi muito longe, parando na beirada do livro de Indie.

– Pelo menos você se divertiu? – perguntou ela desamassando a bola de papel, abrindo-a na sua frente.

Sorri ao observá-la ler as cinco frases que consegui escrever desde que chegamos à biblioteca.

– Não sei se diversão é a palavra certa… é sempre… educacional.

Ela levantou os olhos do meu rascunho.

– Educacional?

Passei a mão nos cabelos e inclinei a cadeira para trás, deixando-a apoiada em duas pernas.

– Não sei. Acho que não tem muito a ver comigo. Os caras na minha equipe são legais, mas com exceção de Ellis…

– Nós odiamos Ellis Weston, certo?

Soltei uma risada.

– Ele é irracionalmente detestável.

Sua boca se curvou num sorriso e eu não pude evitar imitá-lo. Sentia falta disso. Eu mal conseguia acreditar que já estávamos em outubro e a temporada de natação estava prestes a começar. Já me sentia desligado e exausto. Mal tive tempo para respirar desde que chegamos à St. Peter em agosto. Minhas manhãs e tardes eram dedicadas à natação. Dependendo do dia, ou eu estava na piscina ou na academia, ou em ambos. Meus dias eram preenchidos pelas aulas e pela dificuldade constante em manter os olhos abertos. Indie estava certa, essas últimas semanas começaram a se misturar e eu não podia culpar ninguém a não ser eu mesmo. Estava sobrecarregado, inundado… atolado pelo meu circo de um homem só. Em vez de tirar um tempo para mim mesmo, eu dividia as minhas noites entre a biblioteca e passar um tempo com Kai e os caras, tentando de verdade encontrar o meu lugar na equipe. A única coisa pela qual eu ficava verdadeiramente ansioso ultimamente, além de ficar com a minha irmã, eram as tardes em que me via sentado no sofá do Kai, ouvindo o colega de quarto dele tocar piano. Camden era um enigma misterioso escondido atrás da madeira e do som. A música sempre flutuava através de sua porta fechada e esgueirava-se pelo ar como um fantasma. Estar lá, me sentir presente, havia se tornado o único momento do dia que eu sentia paz de verdade, me sentindo à vontade na minha própria pele. Sua música era assustadora e linda e eu não podia negar o fato de que era por isso que eu preferia a casa do Kai ao meu próprio

dormitório individual. Não havia visto Camden de novo depois da noite em que ele pegou *Folhas de relva* na biblioteca, mas, de um jeito estranho, era como se eu o conhecesse através da sua música.

– Com exceção de Ellis… – motivou ela, me tirando do zoológico de pensamentos na minha mente.

Um pequeno suspiro escapou dos meus lábios.

– Eu sou o único calouro. É como se eu fosse ingênuo ou novo demais e me sinto como se estivesse do lado de fora assistindo. Eu faço parte da equipe, mas parece que só por uma tecnicalidade. Eles estão entrosados, a maioria já nada junta há alguns anos. Não vale a pena ficar acordado até às duas da manhã, treinando como um zumbi apenas para me enturmar.

– Você nunca teve problemas para se enturmar.

– Talvez *problema* também não seja a palavra certa. – Soltei o ar e ela riu.

– Você está impossível hoje… – Indie parou, hesitante em fazer a próxima pergunta. – E quanto ao Kai?

– O que tem ele?

– Vocês estão sempre juntos.

– Eu gosto do Kai. Ele parece ter tudo equilibrado, mas também não quero ficar indo a festas e transar com meninas todas as noites. Estou aqui para realmente aprender, e a natação é um meio para chegar a um fim, não para ser o fim de tudo em mim.

Ela deslizou o meu dever de casa quase arruinado pela mesa e eu o peguei, lendo as letras em negrito escritas por mim no topo.

Em quinhentas palavras, explique a diferença entre a pós-adolescência e a maturidade.

– Acho que você acabou de descobrir o que escrever na sua redação. – O sorriso de Indie alcançou seus olhos, e a cor pálida de sua íris se aprofundou

num vasto azul oceano.

– Está se sentindo orgulhosa? – perguntei, e ela deu de ombros. Inclinei-me para frente e cutuquei o livro de matemática dela com meu lápis. – Até parece que você conseguiu resolver muito do seu trabalho também.

Ela exalou longamente, e mechas loiras de cabelo que cobriam seu rosto voaram.

– Odeio matemática.

– Sente saudades da mamãe? – perguntei, já sabendo a resposta.

– Ela é boa nisso. Juro que a única coisa que puxei dela foi a cor dos olhos. – O sorriso de Indie desvaneceu numa linha e seus olhos perderam o foco.

– Ei… – bati de leve no pé dela debaixo da mesa. – Não se esqueça do talento que você herdou. Eu não herdei… e, além disso, você ficou com todas as melhores partes do papai. Tudo o que consegui foi a beleza dele.

Um sorriso preguiçoso içou os cantos dos lábios dela enquanto brincava despretensiosamente com o rabo de sua trança lateral. Sua risada suave sumiu e suas sobrancelhas ergueram-se em surpresa quando ela olhou por cima do meu ombro e falou:

– Oi.

Intrigado, virei-me para ver quem estava atrás de mim. Camden estava parado perto do corredor mais próximo, nos olhando, segurando com força as alças de sua mochila.

– Quanto tempo não te vejo – brinquei, mas ele ficou parado ali como se eu não tivesse falado nada.

– Você não está na minha turma de história da arte? – perguntou Indie quando um sorriso de reconhecimento apareceu em seu rosto.

– Vocês se conhecem?

– Eu não diria que se sentar na frente da outra pessoa na sala de aula é

realmente conhecer alguém. – A voz profunda e rouca de Camden me surpreendeu. Isso foi sarcasmo?

Pela leve elevação de sua bochecha, eu teria pensado que ele fez uma piada. Eu gostava de como o sorriso fraco suavizava suas feições, fazia-o parecer quase vulnerável. Sua mandíbula pulsou e meus olhos desceram para sua boca quando ele umedeceu os lábios ressecados. Eu me perguntei se foi a primeira coisa que ele disse durante o dia inteiro.

– Como vocês se conhecem? – A pergunta de Indie me arrancou dos meus pensamentos e eu percebi que ele estava tão preocupado comigo quanto eu estava com ele.

Pisquei duas vezes, encontrando a minha voz:

– Ele é colega de quarto do Kai. Nós nos encontramos uma vez… bem… duas. Mais ou menos. – Meus lábios abriram-se num sorriso autêntico quando permiti que meus olhos se fixassem nos dele. – Camden é um gênio do piano.

– Prodígio – corrigiu ele e Indie riu.

– Ei, não insulte a escolha de palavras do meu irmão… isso vai fazê-lo se esforçar para te superar da próxima vez.

– Gênio, prodígio, fenômeno, sábio… – sorri ironicamente. – Considere-se superado.

Indie atirou o lápis em mim e eu me esquivei a tempo, deixando-o cair no chão. Camden se abaixou para pegá-lo. Ele o girou entre o polegar e o indicador, como se estivesse catalogando a sensação daquilo. Seus dedos compridos seguravam o lápis e tentei, sem sucesso, tirar meu olhar do movimento. Suas mãos eram instrumentos, assim como as minhas pernas e braços. Ele criava música e eu dobro a água. Éramos habilidade em todas as suas formas contida em carne e osso.

Alguns segundos se passaram antes de ele me entregar o lápis. O ar à

nossa volta ficou denso quando ele encostou em mim. Meu coração acelerou dentro do meu peito e eu não entendi o motivo. O polegar de Camden roçou no meu, e um calor visceral preencheu meu estômago, uma sensação vibrante invadiu meu espaço, tomando o controle da minha habilidade em sentir qualquer coisa além de nervosismo. Olhos cinza-esverdeados despertaram um bando de borboletas no meu estômago.

Que porra é essa?

Parecia que eu estava gostando dele.

Eu *estava* gostando dele?

O cheiro dele penetrou nos meus pulmões, puro e…

Puta merda.

Eu estava gostando dele.

Eu estava gostando *dele*.

Ele era alto e eu apreciava o fato de seus ombros serem altivos, mesmo ele parecendo se esconder por trás deles. Eu gostava da linha rígida do seu nariz e de como aqueles olhos cinza espectrais me faziam esquecer de todas as palavras que um dia eu já reuni. Se respirar fosse uma corrida, eu estava vencendo. Cada lufada de ar que eu tomava vinha mais rápida do que a última. Eu estava mesmo dando uma manjada no colega de quarto do meu melhor amigo neste momento? Um cara. Talvez eu estivesse mais cansado do que imaginei. Ou talvez fosse só uma coisa de admiração, sua música tem sido minha única salvação neste mês que passou. Tinha que ser isso…

– Está vendo o que quero dizer… – continuou Indie, sem ter ideia da minha crise interna neste momento. – Ele sempre tem que ter a última palavra. Ele é um apreciador das palavras.

Eu me obriguei a rir, movendo meu olhar para o pedaço de papel amassado na minha mesa. A tensão constrangedora era palpável. Será que ele também sentia ou eu estava enlouquecendo? A última e única conversa

que tive com ele, naquela noite em que eu estava trabalhando, passou pela minha cabeça. Eu tropecei nas palavras como um idiota. Estava pondo em ordem a minha revelação quando o meu estômago roncou outra vez. Indie fechou seu livro e começou a pegar as suas coisas.

– Aonde você vai? – perguntei, a minha voz saiu mais assustada do que eu pretendia.

Ela franziu a testa, sentindo meu estado de espírito. Quando se tratava de Indie, era impossível esconder o que eu sentia. Ela me conhecia melhor do que ninguém.

– Está ficando tarde. É melhor comermos alguma coisa antes que o seu estômago coma a si mesmo.

– Kai quer que eu passe lá para repassar a programação da nossa primeira reunião.

– Coma primeiro. – A voz de mãe de Indie foi em vão.

– Kai vai levar comida chinesa. Você deveria ir.

O olhar dela saltou entre Camden e eu como se estivesse decidindo alguma coisa. Ela se permitiu vários segundos antes de responder:

– Não posso, tenho…

– Que ir para o estúdio… – terminei por ela enquanto pegava o meu lápis e meu trabalho incompleto, jogando-os dentro da mochila. – Vamos, Pink.

– Tenho que terminar esta obra até a semana que vem. – Ela pôs o celular no bolso do seu jeans, me dando um sorrisinho, e eu coloquei a mochila no ombro. – Te vejo no café da manhã? – Assenti. – Foi bom te ver, Camden.

– Indie…

– Te mando mensagem quando chegar em casa – ela me cortou revirando os olhos.

– Ela é mais velha ou mais nova que você? – perguntou Camden enquanto observávamos Indie sair pela porta.

– Gêmeos.

A chama acendeu de novo quando lhe dei a minha total atenção, e por mais perturbadora que fosse, não era uma sensação negativa. Confuso. Atordoado. Surpreso. Nunca havia olhado para um homem desse jeito, com algo quente crescendo sob a minha pele. E, na verdade, nem com Natalie, nunca vivenciei uma atração tão natural. O profundo silêncio de Camden tinha de ser o atrativo, pelo menos, era o que fazia mais sentido. Eu não era uma pessoa que vivia dentro de uma caixa, mas era difícil entender o fato de estar curioso sobre ele de maneiras que não envolvia apenas a sua música ou o que ele estava pensando. E eu não conseguia explicar as perguntas pipocando como buracos de minhoca dentro do meu cérebro. Queria saber como eram suas mãos. Se seus lábios eram ásperos ou macios. Como seria a sensação do seu peitoral forte sob as minhas mãos. Será que eu sequer saberia o que fazer se tivesse a oportunidade de responder qualquer dessas loucuras?

Eu estava no meio de um debate sobre o mérito de por que isso era importante, se eu estaria analisando meus sentimentos se tivesse conhecido uma garota gostosa na noite passada no bar, quando Camden murmurou:

– A gente se vê por aí.

Ele voltou à sua máscara de indiferença, seus olhos voltaram ao chão quando ele começou a se afastar. Toda aquela merda na minha cabeça podia esperar e, além disso, era mesmo irrelevante. Camden definitivamente não estava atraído por mim.

– Ei – falei um pouco alto demais, e uma das moças com quem eu trabalhava mandou eu me calar de trás da mesa de referências. Eu ri, e aquele cheiro de sabão, pimenta e algo que eu não conseguia distinguir juntaram-se à minha volta quando alcancei os passos dele. – Estou indo para a sua casa, se estiver indo para lá, vamos juntos.

Ele não me respondeu nem se opôs. Na verdade, também não concordou, mas foi o jeito com que sua postura mudou que me fez pensar que ele não se importava com a minha companhia. Os ombros de Camden se expandiram, o aperto forte com que segurava sua mochila relaxou e ele deixou os braços caírem para os lados. Por um segundo, ele não pareceu, como disse Kai, uma assassino em série solitário. Ele parecia um cara normal, caminhando com seu amigo pelo campus. Amigos.

Eu podia lidar com isso.

··· 6 ···

CAMDEN

Um… dois, três… quatro. Um… dois, três… quatro. Os passo de Royal eram ritmados. A cada dois passos, pela calçada de concreto, a sola de seus sapatos se arrastava. Tentei não o escutar. Não estava pronto para categorizar todos os seus sons. Ele era diferente da maioria das pessoas. A maioria das pessoas era barulhenta e previsível. Um baixo grave com gargalhadas de trompete. Mas Royal… ele era muitos instrumentos em um, muitas notas intrincadas, e eu precisava de mais tempo para ouvir cada uma.

O cheiro do seu sabão em pó fez meu nariz coçar e as pontas dos meus dedos formigarem. Ele falava sobre alguma coisa, mas me distraí com a cadência suave do modo com que ele se movia. Os longos membros de Royal cortavam o ar, dispersando o espaço à sua volta, de forma fluida e elegante. O sol tingiu seus cabelos de dourado e eu percebi que seu maxilar e seu queixo estavam salpicados pelo mesmo tom. Desejando ser costurado dentro de mim. Obriguei-me a abaixar o olhar para o chão úmido, relutando em me permitir mais uma olhadela.

– Para a maioria das pessoas é difícil de entender, eu acho – disse ele, e o sorriso em seu tom de voz fez meu olhar se erguer.

Ele sorria de dentro para fora. Ouvia aquele sorriso em sua voz sempre que ele estava no dormitório, quando eu fazia uma pausa ao preparar o meu recital, e suas palavras flutuavam por baixo da minha porta. De uma maneira geral, eu evitava contato visual. Havia algo de muito pessoal nos olhos de outra pessoa. Eles guardavam muitos segredos para interagir casual e

socialmente. Porém, eu não conseguia manter meus olhos longe dos dele. Azul-bebê, ladeados com prata, cristalinos e francos. Queria vê-los, todos os dias desde a primeira vez, mas passava muito tempo de porta fechada para ceder à tentação.

Royal fixou seu olhar no meu ao rir.

– É estranho, não é? – perguntou ele.

Eu não fazia ideia sobre o que ele falava e usei a opção mais segura possível. Um encolher de ombros evasivo.

– Indie e eu somos próximos, sempre fomos. Acho que sou protetor com ela – explicou ele, deixando aqueles olhos francos e honestos mapearem as minhas feições.

– Não é estranho. – Proteger a família era admirável. – Eu não tenho irmãos.

Gostava de pensar que se tivesse, faria o que pudesse para protegê-los. Pelo menos, era isso que eu achava que família deveria fazer. Uma família era feita para te fazer sentir-se seguro, amado e aceito. A definição era concreta, mas, às vezes, eu tinha dificuldade em lembrar que nem tudo era tão preto no branco. Zona cinzenta. Duas palavras que deixavam meu mundo mais estranho e ainda mais difícil para percorrer no meu dia a dia. Meus pais eram um exemplo perfeito de zona cinzenta. Eles não *me* amavam, nem me mantinham em segurança, eles apenas protegiam meu talento. Se pudessem extrair a música das minhas veias, extrairiam.

Royal virou a cabeça, levando seu olhar a um horizonte inexistente. Pensativo, sussurrou:

– Você meio que me lembra dela.

Meus lábios lutaram para se erguer nos cantos.

– É?

– Ela não fala muito e nem você… eu falo demais.

– Você fala.

Sua risada foi profunda, como um arco esticando-se nas cordas de um violoncelo.

– Acrescentando honestidade na sua lista de qualidades.

– Você está fazendo uma lista? – perguntei.

– Sim.

Arrisquei mais uma olhada na direção dele e fui recompensado com bochechas levemente coradas que formavam uma covinha no lado esquerdo. Parecia perfeito os dentes de Royal serem ligeiramente tortos. Aquele sorriso assimétrico acendeu meu estômago. A chama que criou fez um buraco dentro de mim. A coisa adormecida, a coisa a que fui alertado para manter em segredo, para manter quieta, desde que tinha dezesseis anos, acordou com uma vingança. Tudo o que me mandaram silenciar, Royal tornou impossível para mim. *Não olhe para ele desse jeito. Ele não é para você. É doentio. É errado. Você é errado. É perverso.* Mas, olhar para Royal mudou o jeito com que ouvia aquelas palavras. Assim que o vi por trás da pequena fresta da porta do meu quarto, algo dentro de mim finalmente começou a respirar novamente. Cada insulto tóxico que meus pais um dia cuspiram havia perdido a validade. Caiu ao passar pelos meus lábios em uma longa expiração, e tudo que eu queria, depois daquele primeiro gole de ar, era continuar respirando. Mesmo que isso significasse me torturar.

Durante todo o dia, eu não tinha a intenção de ir à biblioteca. Não tinha motivos para estar lá. Poderia mentir para mim mesmo. Inventado desculpas. Qualquer aluno da faculdade, num dia qualquer, poderia dar uma passada na biblioteca para estudar, pegar um livro, aproveitar um pouquinho do silêncio necessário. Todas estas pareciam justificativas razoáveis, mas eu não era de desculpas esfarrapadas. Fui lá por causa dele. Assim que encontrei Royal sentado perto da recepção, tudo que tentei me manipular a acreditar pareceu

infantil. Eu decidi, naqueles cinco segundos, quando pensei que a garota sentada com ele fosse sua namorada, e apesar da sensação nauseante que subia pela minha garganta, que não o conhecer seria pior do que conhecê-lo.

– O que tem na lista até agora?

Ele balançou a cabeça, o bronzeado em suas bochechas tornava-se vermelho. O sorriso iluminado que ele mostrou se transformou num sorriso tímido.

– Você é quieto… um *gênio* do piano… – Ele enfatizou a palavra e eu ri.

Royal parou, o passo ritmado que mantinha falhou e ele encarou a minha boca. O sangue correu para o meu coração quando seus olhos claros permaneceram no meu sorriso.

Ele limpou a garganta, a sensação livre de suas íris escureceu e ele continuou:

– Gênio do piano. Quieto… sarcástico.

– Eu nunca entendi de verdade a necessidade do sarcasmo.

– Contundente. – Ele riu outra vez, e a vontade de bater o meu ombro no dele se tornou insuportável.

O sol do fim de tarde refletia nas janelas de vidro do Garrison Hall conforme nos aproximávamos, e a luz forte me trouxe de volta à realidade. Segurei as alças da minha mochila com força, a risada de Royal se repetia na minha mente quando abri o primeiro conjunto de portas para o dormitório. Ele vinha atrás de mim, mas antes que eu pudesse tirar a chave, dois garotos embarreiraram o segundo conjunto de portas. Um deles cumprimentou Royal e o outro olhou intrigado para ele. Os dois me ignoraram.

– Kai está te fazendo passar por todas as regras também? – perguntou o de cabelo escuro.

Não esperei pela resposta de Royal, presumindo que ele viria atrás de mim em algum momento, segui pelo espaço esmagadoramente apertado da

antessala e segui para o meu apartamento. Sempre havia um muro. Entre mim e eles. Era assim desde sempre. Nunca entendi meus colegas, nem mesmo quando era criança. Minha primeira lembrança era do dia em que comecei o jardim de infância. Todos os meninos vestiam camisas com o símbolo do Ki-Suco e carregavam no "R". Eu odiava texturas e barulhos altos. Eles queriam caçar grilos no recreio. Eu queria me sentar sozinho embaixo de uma árvore e ouvir o vento uivando ao soprar pelo túnel do escorrega no parquinho.

Naquela época, meus pais comemoravam a minha diversidade.

Eu era diferente.

Especial.

Tinha talento.

Elogios, com o tempo, se transformaram em expectativa e, depois de perguntar à minha mãe por que eu preferia meninos a meninas, o orgulho se transformou em constrangimento. Isso não foi uma revelação de verdade, estava mais para uma necessidade de informação. Depois daquele verão, nunca mais falei sobre isso, e meus pais mal falavam comigo.

– Espere. – O pedido de Royal ecoou pelo corredor comprido, mas o ignorei.

Não me virei para ver se ele estava perto quando entrei no apartamento, deixando a porta aberta depois de passar.

– Então, estamos simplesmente deixando a porta aberta agora? – perguntou Kai quando passei pelo sofá.

Ele estava sentado e passou a mão nos cabelos, fazendo cara feia, como o arquétipo de homem velho gritando com criancinhas "Saiam do meu jardim". Pude sentir seu olhar queimando as minhas costas ao entrar no meu quarto. Assim que a porta se fechou atrás de mim, soltei um suspiro trêmulo.

Demais. Hoje foi demais.

Esfreguei a mão no rosto e fiz um balanço da minha aparência no

espelhinho pendurado na parede. Ainda era eu. Alto. Cabelo escuro. Olhos esverdeados. Pele clara. De carne e osso. Corpo e mente. Estendendo as mãos na minha frente, fiquei abismado com o quanto elas tremiam.

Definitivamente demais.

Ele não é para você.

Meus olhos finalmente encontraram o teclado encostado na parede. Meus pés me levaram até lá em três passos tranquilos. Minhas mãos, por vontade própria, ligaram-no. Meus dedos, atormentados pela necessidade de tocar algo, pressionaram o marfim. Fechei os olhos e toquei algumas escalas antes de recair em uma das minhas músicas preferidas. Estava tocando a, no máximo, cinco minutos quando ouvi duas batidas suaves na minha porta.

O quarto estava em silêncio com exceção do tum-tum alto do meu coração.

– Kai pediu comida suficiente para alimentar o dormitório inteiro. – A voz de Royal estava cheia de humor e eu me permiti um sorriso, imaginando como seus lábios carnudos deveriam ter formado um sorriso torto por trás da porta do meu quarto.

O muro estava sempre presente.

Ele me protegia. A porta do meu quarto não era diferente.

– Deixa, cara – interrompeu Kai. – Quando ele entra aí, não sai mais.

A acusação de Kai criou um rufar de tambores sob a minha pele e eu me voltei novamente para o teclado. Ergui os dedos para as teclas, mas a ousadia da minha pulsação me dificultou ouvir todas as razões pelas quais eu não deveria querer jantar com eles. Fiz uma escolha e desliguei o teclado.

O cheiro salgado de fritura da comida me cercou quando abri a porta.

O cabelo de Royal, sem a luz natural, escureceu num caramelo ressonante. As pontas descoloridas pelo sol caíam em sua testa, o bastante para tocarem suas sobrancelhas quando ele as ergueu.

Seu sorriso foi vitorioso ao falar:

– A lista continua crescendo.

– Que lista?

– A sua lista.

Algo parecido com um sorriso estendeu-se pelo meu rosto.

– Você é surpreendente.

– Surpreendente?

Ele assentiu e eu gostei da posição presunçosa dos seus ombros.

– Sou o exato oposto de surpreendente.

– Vamos concordar em discordar.

Royal era um ladrão, roubando outra risada de mim e sorrindo como se finalmente tivesse descoberto o que estava procurando.

– Gosta de comida chinesa? – perguntou ele.

– Na verdade, não.

– Que bom. Nem eu. – Ele riu ao se virar para Kai e a pilha de caixas de isopor na mesinha de centro. – Sempre peço frango agridoce. É a coisa mais segura do cardápio.

Kai nos olhava como se testemunhasse a volta de Cristo, roubando a privacidade do momento. O sorriso no meu rosto desapareceu, mas acompanhei Royal mesmo assim.

… 7 …

ROYAL

Quando eu era pequeno, com cerca de quatro ou cinco anos, costumava fazer o que pudesse para a minha família rir. Tinha quase certeza de que corri pelado pelo apartamento mais de uma vez. Mas, conforme amadurecia, minhas travessuras por atenção iam morrendo. Lembrava-me de passar a maioria das minhas tardes no chão do estúdio de arte da minha família, remoendo meu dia, relaxando na gargalhada do meu pai. Ele se divertia com o jeito com que eu reclamava das garotas da minha turma, e aprendi a aproveitar as piadas idiotas que aprendi com os meus amigos. Mas o meu momento preferido era quando meu pai sorria para a minha mãe. Meu pai expressava seus sentimentos através da pintura, do toque e de beijos na testa. Sua felicidade era serena, reservada, quieta. Seus sorrisos significavam algo e, quando ele ria, minha mãe se iluminava… ganhava vida. Poucas pessoas neste mundo falavam o que queriam dizer. Tudo era condensado em falsidade, pequenas narrativas espirituosas postadas na internet para que o mundo inteiro acreditasse. O amor dos meus pais era real e era tudo o que eu sempre quis. Por mais louco que fosse, quando Camden sorriu hoje, algo dentro de mim também incendiou. Resplandecente. Eu senti de verdade a definição da palavra quando ele incendiou meu rosto e meu peito.

Os sorrisos de Camden eram efervescentes. Seu riso era hesitante, tímido e rouco. O som raro dele vibrava e fazia o meu estômago agitar. Uma excitação escondida que eu nunca soube que existia. Encontrei-me me perguntando o que estava disposto a fazer para ouvi-lo. Olhei de soslaio

para o outro lado da mesinha de centro quando me levantei para pegar uma das caixas. As mãos de Camden estavam nos bolsos, agrupando seus bíceps debaixo das mangas curtas de sua blusa enquanto ele continuava tenso e imóvel. Nossos olhares se encontraram e seu pomo de adão balançou. Será que ele conseguia sentir o ar denso e palpável entre nós? Aquela estática vertiginosa me deixou nervoso, mas não podia negar o quanto gostava que ele olhasse para mim.

– O frango agridoce é meu, cara. – declarou Kai, apanhando a caixa grande de isopor que eu peguei, e arranquei meu olhar do de Camden.

Coloquei um sorriso no rosto, deixando uma risada desconfortável escapar.

– Compartilhar é se importar.

– Parece a minha mãe falando. – Kai me entregou a caixa e, pelo canto do olho, vi Camden se mover.

– Posso me sentar no chão – ofereci com um sorriso. – Ou o Kai.

Os lábios de Camden contraíram-se, um sorriso elusivo estava logo abaixo da superfície.

– Sente-se O'Connell. – Kai lançou um olhar fulminante ao jogar um garfo de plástico para mim, rindo quando me atrapalhei para pegá-lo, deixando-o cair no chão. – Ainda bem que você não joga futebol americano.

– Nunca quis – argumentei ao me recostar no sofá.

– Graças a Deus. Precisamos de você na equipe de natação. – Kai empurrou uma caixa para Camden. – Sirva-se, mas parece que o frango agridoce é apenas para esta princesa. – Ele me deu um soco no ombro e eu ri, esperando que Camden também risse. Ele não riu. – Pode pegar o que quiser.

– Não estou com fome. – Camden limpou a garganta, levando as pernas quase ao peito, parando a meio-caminho para descansar os antebraços em

cima dos joelhos. – Quero dizer, obrigado, mas eu… – Seus olhos encontraram os meus por um segundo antes de levar seu olhar para a mesa. – Não estou com fome.

– Tudo bem. – As palavras saíram lentamente da boca de Kai e meu peito doeu ao observar os olhos estreitados de Camden.

– Não seja babaca. – O tom da minha voz era o mesmo tom que reservava para as pessoas que falavam mal da minha irmã no colégio.

– Ele não consegue evitar. – A entrega impassível de Camden fez Kai engasgar-se com uma risada.

– Não consigo mesmo. – O sorriso de Kai era largo e orgulhoso ao levar o garfo à boca, parando, ele disse – Devo ter te julgado mal, Cam.

– Camden – corrigiu ele e Kai revirou os olhos.

– *Camden*… – Kai pronunciou o nome dele com mais melodrama do que achei necessário, mas os lábios de Camden abriram-se num sorriso e meu pulso disparou.

Aquele maldito sorriso era um amanhecer. Movimento lento, transbordando calor e cor. Um sorriso pelo qual você fica acordado a noite inteira, esperando avistá-lo. Quis tocar seu rosto, tocar seu lábio inferior com meu polegar, sentir a curva dele, experimentá-lo em algum momento particular que era capaz só de imaginar. Se ele fosse uma garota, eu o chamaria para sair – hamburguer e cinema – seguraria sua mão e esperaria um beijo quando o deixasse em casa, mas eu estava perdido em algum continente inexplorado de *que porra é essa*. Eu não entendia o que estava sentindo, ou por quê, além desta profunda necessidade de abri-lo. Fisicamente, seu corpo era como a maioria dos caras na minha equipe: músculos longos e magros, nada fora do comum. Nada em que eu tivesse reparado antes.

Antes.

Antes de sua música se tornar um ladrão, roubando a minha maldita sanidade.

Antes de seus olhos cinza-esverdeados e de todos os segredos que guardavam.

Antes de sua boca e do jeito que ela formava as palavras em seus lábios carnudos.

– Agora que te tiramos com sucesso do seu quarto, você se dá conta de que vou te fazer todas as perguntas que estou acumulando desde o dia da mudança?

Kai colocou o jantar na mesa, esfregando as mãos como se estivesse se preparando para interrogar uma testemunha quando o interrompi:

– Achei que deveríamos repassar os detalhes da nossa reunião da natação na semana que vem.

A postura de Camden enrijeceu, seu olhar firme percorreu meu rosto.

– É melhor eu praticar. – Ele se levantou, acenando com a cabeça para a porta do quarto.

– Não posso te prometer que vai sobrar comida – avisou Kai, embaralhando as palavras com a garfada de macarrão que colocou na boca.

Camden deu de ombros e me deu mais uma olhada superficial antes de desaparecer atrás da porta do seu quarto. Fiquei olhando para a barreira, me perguntando se a distância me permitiria um momento de clareza. Esta tarde foi como correr por uma daquelas casas malucas dos parques antigos. Com todos os espelhos nas paredes distorcendo sua imagem, te confundindo… te fazendo perder a direção. Camden me entregou aquele lápis, senti aquela faísca quando sua pele tocou a minha, aquele magnetismo que atraía meus olhos para os dele sempre que eu tinha a oportunidade de olhar. Eu estava preso naquele corredor de espelhos, encarando alguma versão irreconhecível de mim mesmo, e, conforme as notas tristes do piano

escoavam pela porta dele, me dei conta de que não me importava de verdade com o reflexo.

♫

Camden Morgan cresceu em Astoria, Oregon, foi criado pelos pais médicos que treinaram e incentivaram o talento inato do filho para tocar piano. Depois de uma hora de uma pesquisa na internet, esta foi a única informação que consegui encontrar. Camden não tinha redes sociais, nem mesmo um maldito endereço de e-mail. Por que eu estava rastreando meu mais novo amigo on-line às 23h30 não era exatamente a questão. A questão era que o mistério de Camden era viciante e, talvez, eu estivesse procurando um jeito de entrar em contato com ele. Um texto rápido via Facebook para que ele soubesse que deveria tomar café da manhã comigo e minha irmã amanhã, ou um "ei, foi bom finalmente te 'encontrar'". Definitivamente não uma mensagem de texto declarando nada parecido com "então, me vi pensando em você e nesta estranha atração que sinto por você, talvez devêssemos tomar café da manhã juntos e investigar por que diabos não consigo parar de pensar na sua boca".

Dei uma olhada na tela do meu laptop e cliquei no aplicativo de mensagem.

***Eu**: Passa aqui quando estiver indo para casa?*

Estiquei as pernas na cama com um gemido e olhei novamente para o relógio. Indie já devia ter terminado no estúdio. Felizmente, porém, não precisei esperar muito tempo pela sua resposta.

***Indie**: Já estou perto da Casa Warren.*
***Eu**: Legal. Até logo.*

***Indie**: Vantagem de ser sua irmã: acesso aos dormitórios dos atletas.*

Eu ri.

***Eu**: Porque você ama os atletas?*

Ela não respondeu e, depois de alguns minutos, ouvi uma batida leve na minha porta. Pulei da cama e a abri.

– Eu gosto de atletas.

– Você gosta de mim.

– Você é meu irmão, tenho que gostar de você.

Ela passou por mim e eu fechei a porta sorrindo. Virei-me e observei seu olhar silencioso passear pelo meu quarto. Seus dedos estavam encrustados de tintas azul e amarela.

– Blue, este lugar está uma bagunça. Tem cheiro de meia suja. – Ela franziu o nariz quando se jogou na cama.

– Vou lavar roupa amanhã, não tá tão ruim assim.

Ela arregalou seus olhos azul-claros.

– Está tão ruim assim.

Puxei o cordão do saco de roupas sujas no canto perto da minha escrivaninha.

– Melhor assim? – perguntei.

– Obrigada. – Ela bocejou por cima do sorriso. – Como está o Kai?

– Bem – falei com pouca convicção.

Ela encontrou o meu olhar.

– Quer conversar?

Expirei ao me sentar ao contrário na cadeira, descansando os braços nas costas.

– Não tenho certeza.

– Tudo bem.

Indie dominava a arte de me esperar falar e voltou sua atenção para a tela do meu laptop. Eu o tinha deixado aberto e estava bem ciente de para o quê ela olhava. Havia a mensagem que mandei para ela e mais uma janela aberta. Minha pesquisa no Google por um certo garoto chamado Camden Morgan.

– Ele é calado na aula. Dá para notar que é barulhenta para ele, todo aquele burburinho e as conversas paralelas o deixam nervoso. Posso ver em seus ombros. Ele se destaca mesmo não querendo. Igual a mim. Os calados sempre se destacam. – Indie fechou meu laptop antes de me encarar outra vez. – Acho que ele gosta de você.

Ergui uma sobrancelha.

– Gosta de mim?

– Ele não fala com ninguém da turma, muito menos olha para ninguém além do professor. Ele *olhou* para você, Royal.

– Eu mal o conheço.

– Talvez ele precise de um amigo. – O sorriso dela era suave e me fez pensar na nossa mãe. Às vezes, Indie era igualzinha a ela, nunca precisei tanto que se parecessem, nunca precisei daquele sorriso de aceitação mais do que precisava neste momento.

– Eu… – Meus olhos encontraram o chão enquanto cutucava a costura das costas da cadeira. – Acho que gosto dele, Pink.

– Que bom.

Olhei nos olhos dela.

– Não, quero dizer que acho que *gosto* dele. – Ela engoliu um sorriso. – Estou atraído por ele. Isso é estranho pra caramba, não é?

Ela balançou a cabeça em negação.

– Eu não acho.

Engoli o nó que crescia na minha garganta.

– É estranho. Eu nunca… digo, sempre foi só a Nat.

– Papai me disse que não dá para escolher quem se ama. Que o amor crava seus dentes no nosso coração e que faríamos qualquer coisa para ser sua vítima. – Seu sorriso abriu-se em seu rosto e a dor comprimiu a minha garganta quando o olhar dela encontrou o meu. – Você sempre será capaz de ver as pessoas por trás de seus contornos, é o que faz de você… você.

– Não… Você que é assim, Pink.

– Nós somos assim.

– Você acha mesmo que ele gosta de mim… desse jeito?

– Não sei, mas dá para dizer que ele quer te conhecer.

Eu ri.

– Ou conhecer você. Talvez ele tenha vindo à nossa mesa para falar com você.

Indie franziu o nariz como se tivesse sentido o cheiro de meias sujas de novo.

– Ele tem toda a aula de história da arte para falar comigo, olhar para mim, e não faz nada disso. Não como olhou para você hoje à tarde. Talvez ele queira um amigo, talvez esteja atraído por você. Explore isso, veja o que acontece.

Eu estava no meio de uma crise pós-adolescente e ela quer que eu *veja o que acontece*. Queria que fosse tão fácil assim.

– Queria convidá-lo para o café da manhã.

– É um começo. – Ela se levantou e cruzou o quarto, parando na minha frente. – Ei. – Ela não abaixou a voz e eu olhei para ela. – Você não é louco.

– Eu…

– Está pensando nisso.

– Eu sou um pouco louco. – Sorri.

– Mande uma mensagem para ele, seja seu amigo, veja o que acontece a

partir daí… não foi o que fez com a Nat?

– Foi, mas…

– Mande mensagem.

– Não sei o número dele.

– O diretório estudantil provavelmente vai ser mais útil do que a internet – sugeriu ela com uma sorriso apaziguador.

– Você sempre foi a mais inteligente.

Ela se abaixou e beijou o topo da minha cabeça.

– Eu sei.

··· 8 ···

CAMDEN

Garrison Hall estava mais barulhento do que o normal esta noite enquanto eu subia para o meu apartamento. Era fácil para mim me perder dentro da minha mente, dentro dos sons do mundo. Sua orquestra era alta o suficiente para distrair qualquer um que o ouvisse de verdade. Ouvir era só o que eu precisava fazer. Eu ouvia os passos das pessoas, cada um deles. Ouvia o jeito com que as cadeiras arranhavam o chão nas salas de leitura. O jeito com que o cara na minha turma de matemática riu quando ficou nervoso. A garota que se sentou ao seu lado era bonita demais para ele. Eu podia te contar como a voz de Kai retumbou e falhou quando gritou com o pai hoje de manhã pelo telefone. Como ele deu seis suspiros profundos depois de terminar a ligação, e como, em seguida, houve a percussão de seus punhos, não silenciados o bastante pela almofada que ele pôs contra a parede. O mundo era barulhento e eu gostava de não ser eu a compor as notas.

Os dias se passariam e eu me esqueceria do som da minha própria voz, nunca acrescentando-a à melodia ao meu redor, pelo menos, era assim que eu sempre quis que fosse. Mas me abri um pouco por ele, por Royal, e falei mais, dei mais de mim em nossas breves interações desde… desde sempre. Mas isso foi há alguns dias e a minha língua estava sedenta pelas palavras que não falei. Ele havia me dado a oportunidade de ser normal, de me sentar e jantar. Eu estraguei isso e não o via desde então. Esqueci-me propositalmente do caminho para a biblioteca e me escondi no meu quarto na maior parte das tardes, praticando. Pensando bem, eu não via Kai desde a

noite passada. Ele estava tão bêbado que não conseguiu destrancar a porta de entrada e fui obrigado a acordar com o acesso de raiva que ele teve no corredor.

– Obrigado por abrir para mim, cara – agradeceu ele e bagunçou meu cabelo, parando do lado de fora da porta do seu quarto. Ele estava boquiaberto, com seus olhos escuros vidrados, seja por causa da bebida ou de alguma emoção que não fui capaz de decifrar quando ele sussurrou – Não a subestime.

– Quem? – perguntei.

– A vida. – Uma sílaba e ele bateu a porta ao entrar.

A prova de que o mundo girava sem mim, criando novas canções que eu nunca conheci. Confusões. Drama. Pulsação. Humanidade. Coisas com as quais me acostumei a viver sem. Até os olhos azuis de Royal aumentarem o volume, abafando a música triste e superficial que vinha escutando há anos.

É uma doença.

Uma doença que nenhum comprimido nem terapia curaria. Eu parei ao virar para o corredor que levava ao meu apartamento. Ele estava sentado no chão à minha porta com a mochila ao lado. O barulho do Garrison se tornou um ronronar imperceptível. Os cabelos loiros de praia de Royal estavam úmidos e presos atrás das orelhas escondidos pelos fones de ouvido que usava. Suas pernas compridas estavam estendidas preguiçosamente. Minha tentação repousava com os olhos fechados e a cabeça apoiada na madeira do batente.

O tamborilar constante do meu coração se tornou insuportável, saqueando-me cada suspiro conforme eu me aproximava. Ele me afetava de um jeito bom.

Não é natural. É uma escolha. Mude-a.

A doutrinação era um tambor que nunca parava de tocar.

Observei por cinco segundos. O subir e descer do seu peito, o jeito com que seu lábio superior era mais carnudo do que o inferior e como a barba em seu queixo fazia meus dedos coçarem para tocá-la. Cinco segundos foi tudo o que me foi concedido antes que seus cílios cor de palha se abrissem e aquele sorriso lento e bonito se fixasse em mim.

Royal tirou os fones dos ouvidos e os deixou pendurados em volta do pescoço ao se levantar.

Sendo o pária social que eu era, resmunguei:

– Preciso entrar.

A mochila ao seu lado caiu e ele gaguejou ao falar:

– Com certeza, eu só estava esperando o Kai.

Kai.

– É sexta-feira.

– Eu sei. – Ele riu e passou a mão pelos cabelos. Ao caminhar até a porta, percebi que ele cheirava a sabonete e cloro. Esforcei-me para não inspirar profundamente. – Achei que ele já tivesse voltado a esta hora. O treino terminou há vinte minutos e ele disse que estava vindo para casa.

– Não numa sexta-feira – argumentei ao abrir a porta.

– O que quer dizer? – perguntou ele ao vir atrás de mim.

– Kai nunca fica aqui nos finais de semana.

Royal riu e o som caloroso de sua risada ficou preso em suas costelas.

– Eu deveria saber. – Suas palavras soaram falsas. Por que ele estava fingindo que não sabia a agenda de Kai tão bem quanto a sua?

Ele sorriu largo… demais. Seu lábio superior tremeu suavemente quando colocou as mãos nos bolsos. Uma energia tensa surgiu entre nós dois e eu odiei. Odiei não conseguir formular uma resposta, não conseguir ser normal.

– Semana passada tentei te procurar na lista. – Seus olhos azuis correram pelo quarto antes de, enfim, pousarem nos meus.

– Por quê?

Sua mão escapou do bolso e correu pelos seus cabelos loiros. Não, loiros, não. Loiro era um erro grosseiro de interpretação. Era da cor do sol e caramelo, e tinha aquele castanho claro incrível que se derretia numa cor para a qual eu não tinha um nome. Meus olhos acompanharam o movimento de seus dedos pelos fios, desejando que a minha mão pudesse estar no lugar da dele.

Ele deu de ombros.

– Não sei… precisa de um motivo? – Eu não tinha uma resposta. – Kai disse que você não sai muito e… – rugas se formaram acima de suas sobrancelhas. – Você parece um cara sério, pensei que pudéssemos todos sair um pouco, beber alguma coisa.

Eu não era do tipo que saía para beber, e a minha cara deve ter manifestado isso, porque ele riu de leve. Os cantos dos meus lábios contorceram quando reprimi um sorriso.

– Beber?

– Ou tomar café da manhã? – convidou ele, me encarando com íris azuis que pareciam se iluminar enquanto ele esperava uma resposta. – Tive dificuldade em fazer amigos aqui além de Kai. Não sou muito de ficar curtindo o tempo todo, e não é como se o Kai me incomodasse, mas ele *curte* toda essa merda.

– E eu não – supus.

– Eu gosto disso.

O tom fumegante da sua voz invadiu a sala. Tudo ao meu redor ficou estático e meu rosto aqueceu. Nunca tive amigos, nunca tive ninguém que saísse do seu caminho para ficar perto de mim e, na verdade, nunca me importei. Só que eu queria ser amigo dele. Tomar café da manhã, *curtir*, mas tinha medo de não saber como.

– Café da manhã – ponderei.

– O que você vai fazer agora? – perguntou.

– Tenho dever de casa de matemática.

– Eu também.

– Você tem dever de casa de matemática? – perguntei, olhando para a mochila que ele colocou aos seus pés. As palavras saíram um pouco mais acusatórias do que eu pretendia.

– Matemática básica. Tinha esperança de que Kai me ajudasse.

Alguns segundos penosos passaram-se enquanto eu lutava comigo mesmo. Ser solitário era simples. Eu sempre fui a pessoa dentro da bolha, mas Royal tentava rompê-la, e todas as coisas que eu não deveria desejar abriram a minha boca, cuspindo um convite que não tinha certeza se ele queria.

– Posso te ajudar.

O canto direito do seu lábio se curvou num sorriso.

– Mesmo?

Assenti, mantendo meu olhar neutro, inalterado, impassivo como sempre.

– Obrigado. Tenho que manter minhas médias altas senão perco a bolsa. Não sei como Kai consegue. Trabalho duas noites por semana na biblioteca.

– Ele bebe demais.

– Ele trabalha demais.

– Não sabia que beber era considerado um trabalho.

Royal riu ao se jogar despreocupadamente nas almofadas do sofá.

– Acho que trabalhar no Stacks não se distancia muito de curtir lá, mas ele treina todas as manhãs e ainda mantém uma média acima de 8,0. – O livro de Royal estalou na mesinha de centro. Ele sussurrou, e algo parecido com constrangimento coloriu seu tom de voz ao olhar para frente e não para mim – Kai, assim como eu, também estuda com bolsa.

– Eu estudo com bolsa. – Mesmo não precisando do dinheiro, e ele lançou

um olhar duvidoso na minha direção.

– Seus pais não são médicos?

– São. – Mas ninguém aqui sabia disso, ninguém nesta faculdade perguntava sobre a minha vida, quem eu era ou de onde, nem mesmo o meu colega de quarto. – Como você sabe disso?

Ruborizado, ele abriu a boca como se fosse falar alguma coisa, fechou e gemeu. Ele gemeu e o som tomou lugar dentro do meu peito.

– Eu… – gaguejou Royal com uma risada, descansando a cabeça no encosto do sofá. – Merda… é meio constrangedor.

Isso saía da minha zona de conforto, contudo, me obriguei a dar os últimos passos em direção ao sofá. Ele mordeu o canto da boca e eu não consegui parar de olhar. Não consegui resistir a me sentar, a permitir ao meu olhar permanecer por mais tempo do que sabia ser socialmente aceitável.

Ele engoliu em seco, e eu observei sua garganta trabalhando, prendendo a respiração enquanto ele continuava:

– Eu deveria ter simplesmente passado aqui ou algo assim, mas tentei, como disse, encontrar um jeito de entrar em contato com você, e a internet não foi tão competente quanto esperava, mas fez surgir algumas coisas sobre você ser um *gênio* do piano. – Seu sorriso era de arrependimento e eu soltei o ar. – E talvez algumas coisas sobre a sua família.

Família. Nunca tive uma.

– *Pais amorosos*. Esse artigo ainda está em circulação?

Ele estremeceu com um sorriso empático.

– Infelizmente, dizem que se foi postado, fica lá para sempre. Meu tio sempre me diz para manter o nudismo estritamente no quarto. – Eu ri e o sorriso de Royal se tornou imponente, abrindo-se gradualmente em seus lábios. – O quê? Estou falando sério, conheci este cara e… bem, vamos apenas dizer que o colégio todo sabe da estranha marca de nascença que ele

tem no pinto.

Meu rosto aqueceu quando me engasguei com outra gargalhada.

– Pinto?

Royal sorriu e, quando nossos olhares se encontraram, rachamos de rir. Eu poderia ter estragado o momento ao reconhecer que esta era a primeira vez, pelo menos a primeira vez que me lembrava de me sentir tão aberto. Tão normal. Mas escolhi focar no jeito como os ombros dele sacudiram divertindo-se, no jeito com que nossas vozes se misturaram, encaixando-se perfeitamente, lado a lado. Permiti a mim mesmo alguns segundos para absorver o que tinha acabado de acontecer, ser um cara no dormitório se divertindo como qualquer outro. Não havia nada de imoral nisso, nada escandaloso. Entretanto, ele respirou profundamente, se controlando enquanto afundava mais no sofá, ele virou a cabeça para olhar para mim e a energia mudou. A energia exigia ser notada, ser ouvida. Ela urrava e se alastrava por dentro da tempestade em seus olhos, e por um momento, pensei que ele também a tivesse ouvido.

– Não tive a intenção de invadir a sua privacidade te procurando on-line. Pensei que pudesse te mandar uma mensagem no Facebook ou algo assim. – A expressão séria em seu rosto se transformou num sorriso torto. – Quero dizer, quem não tem alguma conta em uma rede social?

– Eu.

– Estou ciente. – Ele se sentou, apoiando-se nos joelhos, e abriu o livro.

– Qual o sentido? É tudo uma encenação mesmo. E eu não tenho nada para mostrar.

Seus olhos estavam fixos nas páginas do seu livro de matemática e ele falou tranquilamente:

– Acho legal você não curtir esse tipo de coisa. Não precisar disso como o resto do mundo.

Eu não era tão indiferente quanto ele pensava. Minha necessidade apenas se moldava de modos diferente do que a da maioria das pessoas. A maioria se procurava, precisando de atenção e aprovação. Minha necessidade não era ser aceito pelo mundo, mas por mim mesmo. Quando seus pais nem mesmo olham para você, privacidade e *solidão* são sobrevivência.

Eu poderia ter dito tudo isso, talvez lhe contado que o artigo que ele encontrou on-line era de uma época que eu não tinha certeza se existia, uma família que era uma peça de ficção bem escrita, mas em vez disso, dei de ombros.

– Não tenho tempo para redes sociais. Meus pais podem ser médicos, mas conquistei meu lugar nessa universidade.

– E eu, o meu. – Royal ergueu o olhar e o orgulho o atravessou. Seu sorriso torto, como a canção clássica *Simple Gifts* que aprendi quando tinha seis anos, era caracterizado pela elegância. – Não somos tão diferentes um do outro.

Foi uma coisa amigável de se dizer, descontraído até, mas foi o jeito que ele falou, como se esperasse que fosse verdade, que me fez desejar isso também.

ROYAL

Completamente.

Nervoso.

Estar tão perto de Camden, sentir o aroma apimentado do seu sabão em pó e sabonete, sentir o peso do seu corpo ao meu lado quando ele afundou no sofá, não deveria parecer tão… certo. Dizer que eu estava confuso não seria uma explicação precisa o bastante. Eu estava de quatro.

Inteiramente.

Totalmente.

Por que ele? Por que ele foi o primeiro cara por quem me senti atraído? Eu não entendia por que seus olhos tornavam quase impossível respirar às vezes, como se meu coração estivesse tentando com toda força sair do meu peito. Eles dissecavam cada um dos meus movimentos e eu estava curioso sobre o que ele esquematizava dentro de sua cabeça. Será que ele gostava do que via ao olhar para mim? Ou será que eu era apenas mais uma pessoa, mais um cara? Eu não fazia ideia de por que estava atraído por aquele aroma apimentado quando ficava diante dele. Sempre me senti atraído por cheiros doces e florais. Estar tão perto assim, inalando-o, fazia meu corpo inteiro esquentar. Não havia rimas nem motivos. Nenhuma explicação. E a única coisa que ainda fazia sentido para mim era a filosofia com a qual fui criado.

Confie em si mesmo.

Indie e eu tínhamos treze anos quando nossos pais se sentaram conosco em cômodos diferentes e tiveram a “conversa sobre sexo”. Lembro que a

explicação não se encaixava nas normas sociais. E o que estava acontecendo agora era o motivo para a conversa não convencional: meus pais usaram essa discussão como uma forma de nos ensinar sobre a emoção do amor, em vez de apenas o mecanismo. Eles nos contaram suas próprias histórias e como em algum momento se separaram quando eram mais novos. Minha mãe havia se casado com outro homem porque ela não confiou em seu coração, e foi assim até ela se divorciar e reencontrar papai, quando ela se deu conta que parte dela seguia vivendo dentro dele. Papai disse que eles perderam tempo demais vivendo com arrependimentos e erros e que, se ele pudesse, voltaria no tempo e consertaria tudo. Recuperaria os momentos que perderam. Refleti sobre a história deles e prometi a mim mesmo que não deixaria algo incrível escapar por não entender o meu próprio coração. Confiei em mim mesmo e no modo que me sentia obrigado a aprender, descobrir, cada um dos pensamentos de Camden. Tudo o que eu queria era ir atrás desse sentimento. Como tudo que eu fazia na vida, tudo que me foi ensinado, nunca quis duvidar do meu coração. Mesmo que isso me confundisse à beça.

O amor devora o seu coração.

Eu esperava por isso.

Camden se inclinou, abaixando o olhar para o meu livro, e perguntou:

– Com o que você precisa de ajuda?

Sem olhar para a página, abri o livro e respondi:

– Tangente.

Matemática era uma das matérias em que eu mais me dava bem, graças à minha mãe, e eu odiava mentir para ele. Kai trabalhava no Stacks todas as sextas-feiras à noite e eu estava bem ciente dos compromissos dele. Só que quando abri os olhos e vi Camden parado no corredor mais cedo, com seus olhos mais cinza do que verde, seus ombros largos, imponentes e fortes, meu

plano se desfez. Originalmente, pensei que não seria nada de mais dar uma passada e convidá-lo para sair, talvez comer alguma coisa, como teria feito com qualquer outro amigo, mas Camden não era qualquer um. E assim que o vi novamente, olhando para mim como se eu fosse uma equação que ele tentava resolver, perdi a confiança.

As sobrancelhas escuras de Camden franziram enquanto ele analisava o livro. Seus lábios se movimentavam silenciosamente conforme ele lia a página e eu absorvi os arcos estruturados das maçãs do seu rosto. Para alguém que não se "encaixava" como Kai gostava de dizer, Camden era um cara tradicionalmente bonito. Ele tinha ângulos acentuados e era decentemente malhado para alguém que fazia o tipo menos atlético e mais nerd introvertido. Sua blusa esticava-se em seu peito e se ajustava em seus bíceps definidos. Seu músculo era moldado natural e suavemente. Palpável. Não era como os músculos marombados de alguns caras da minha equipe depois de passar tempo demais na academia.

Quando Camden finalmente trouxe seus olhos aos meus, ele hesitou, e por vários segundos, preocupei-me que ele tivesse me pegado olhando, ou pior, tivesse enxergado através de mim. Visto diretamente a minha mentira.

– Tangente? – perguntou com uma voz ríspida que fez a minha espinha arrepiar.

Sustentei seu olhar e assenti. Só fui capaz de acenar. Minha boca estava seca demais para emitir quaisquer palavras.

Camden avançou alguns centímetros e pôs o livro de lado.

– Você trouxe seu caderno?

– Hmm… – Sua proximidade, o calor evaporando do seu corpo, quase me esqueci da pergunta. – Está na minha mochila, espera um pouco.

Vasculhei a minha mochila depressa, tirei um caderno e o coloquei na mesinha de centro. Logo depois, me dei conta de que tinha pegado meu

fichário de sociologia, mas já tinha ido longe demais nesta farsa para recuar agora. Abrindo-o, virei várias folhas de anotações das aulas antes de, graças a Deus, encontrar uma folha em branco.

– Pronto – declarei suspirando, e fiquei surpreso ao ver Camden sorrindo quando olhei de volta para ele.

Ele estava sorrindo.

– Lápis?

Meu olhar percorreu rapidamente a curva de seus lábios primeiro, encontrando o caminho da inclinação perfeita do seu nariz até os olhos, reparando na maneira suave como os cantos se enrugavam. Ele ergueu as sobrancelhas e eu me obriguei a desviar o olhar, remexendo novamente na minha mochila.

– Aqui. – Coloquei o lápis no caderno, sem querer arriscar a tocá-lo.

Se a sensação fosse igual da primeira vez naquela tarde na biblioteca, eu iria querer mais. Não importava que eu estivesse contente com os sentimentos que comecei a desenvolver. Era bem provável que Camden não ficaria.

– Veja – disse ele enquanto seus dedos firmes faziam um desenho no meio da página. – Este é um conceito básico. – Ele bateu a ponta do lápis no papel e eu olhei a representação perfeita do conhecido diagrama. – Objetos que se tocam sem se cruzarem compartilham um ponto semelhante. – Ele tracejou o círculo com a ponta do lápis e depois a linha que pôs sobre ele, parando onde os dois desenhos se encontravam. – Isso é a tangente.

Pensei no significado da palavra tangente em relação a como estávamos posicionados. Ele se moveu para a beira do sofá para ter melhor acesso ao caderno, seu joelho perto o bastante para roçar no meu. Camden ficou sério novamente ao medir a minha compreensão. Ele me observava, esperando, mas eu só conseguia pensar no jeito que seu joelho me tocava. O jeito com

que minhas pernas se arrepiavam, que seu calor invadia a minha pele e que, se ele fosse uma garota, eu não teria pensado duas vezes em virar a cabeça e prender seus lábios num beijo.

Mas isso não podia acontecer. Engoli em seco, voltando minha atenção para o desenho, me tirando da bolha de calor que criei na minha cabeça e falei:

– Faz sentido.

– Tem certeza? – perguntou com uma expressão de dúvida.

Levei a pancada no meu ego como um homem. A culpa era minha se ele pensava que eu tinha dificuldade.

– Tenho. Claro como barro – brinquei e isso me rendeu um sorrisinho.

Ele voltou a olhar para o livro com a voz equilibrada.

– Pode ser que ajude se virar para a página certa. – Camden riu, minha estupidez, aparentemente, era a coisa mais interessante do mundo. – Esse negócio… – Ele virou algumas folhas. – É mais avançado, geralmente é previsto para o fim do período. Talvez você tenha anotado o número errado do exercício. – Ele deu de ombros.

Fechei o livro sem olhar nos olhos de Camden. Eu era um péssimo mentiroso.

– Merda… acho que sim. – Sorri para ele e esfreguei a nuca. – Vou verificar o programa on-line quando voltar para o meu dormitório.

O silêncio que se seguiu não foi constrangedor. Foi catastrófico. A vergonha não me permitiu encontrar seu olhar. Estava com medo de que ele descobrisse. Eu não queria que ele percebesse como o meu rosto estava ruborizado, ouvisse o jeito que meu coração tamborilava, visse o modo com que meu pulso martelava no vão do meu pescoço. Eu não podia arriscar que ele se desse conta de que inventei tudo isso só para ter esses estranhos trinta minutos, para ver se o que estava sentido era real. Seu joelho ainda tocava o

meu e eu gostei. Era real, e a evidência se fez reconhecida quando todo o sangue do meu corpo foi drenado para baixo.

Levantei-me quase abruptamente, derrubando meu caderno, e soltei um palavrão. Corri para longe dele, peguei as minhas coisas e as enfiei desordenadamente na mochila, sem ousar olhar em sua direção até ter controle de mim mesmo, do meu corpo. Não era algo casual nem uma confusão química. Eu queria Camden. A epifania foi um soco no estômago, um aperto no coração, uma queda de noventa graus, porque não havia maneira óbvia de agir. Eu sabia que não podia ficar em pé ali em silêncio por muito mais tempo, mas encará-lo, com todas as perguntas que eu tinha, depois da reação do meu corpo ao dele… meu conflito queria que eu saísse pela porta com um "obrigado pela ajuda, cara" e um aceno por sobre o ombro. O universo tinha outros planos e uma onda de alívio correu pela minha espinha quando veio uma notificação em meu telefone, que estava no bolso. Não era uma escapatória, mas um segundo de distração. Uma âncora.

***Indie**: Vou chegar tarde ao refeitório.*

Digitei uma resposta rápida.

***Eu**: Ainda no estúdio?*
***Indie**: Sim, estou bem focada neste projeto.*

Camden limpou a garganta atrás de mim e eu imediatamente me senti mal-educado e ingrato. Eu estava de costas para ele, no apartamento *dele*, digitando uma mensagem como um babaca. Reuni o ar à minha volta como se fosse uma tábua de salvação e o puxei para dentro dos meus pulmões ao me virar. Os olhos de Camden estavam fixos na tela apagada da televisão. A longa linha de seu pescoço se alterou. Suas mãos estavam ao lado do seu corpo, punho fechado. Sua postura era de derrota, a mandíbula cerrada. Meu

peito pesou. Ele parecia nervoso, talvez, como eu, um pouco assustado. Ainda assim, ele ainda era uma imagem da perfeição e eu pensei comigo mesmo que se ele simplesmente desse abertura, seria o tipo de cara que teria milhares de amigos. Provavelmente, alguns milhares de garotas atrás dele. Ele ergueu o queixo e jogou todo o peso do seu olhar no meu como se fosse uma pilha de tijolos. Seus olhos eram grandes piscinas cinzentas e, se eles pudessem falar, pensei esperançosamente que estariam gritando "me dê uma chance".

– Você gosta de arte? – perguntei.

A ponta da língua dele passou pelo seu lábio inferior e eu engoli em seco.

– Depende. – Sua voz rouca soou alta demais para o pequeno espaço entre nós dois.

– De quê?

– Do artista. – Ele olhou através de mim, suas feições se transformaram numa máscara de frio desinteresse. – Acho que a maioria das pessoas acredita que pode pintar, ou cantar, ou escrever, mas, na verdade, é só um meio para chegar a um fim.

– O que quer dizer com isso? – perguntei.

– É um jeito de elas conseguirem atenção, atrair o foco, independente do talento. O verdadeiro talento… – A fachada de Camden rachou, seu rosto virou um tom leve de rosa quando ele ergueu o olhar para o meu. – é difícil de achar.

Seu olhar sombrio deteve o meu e eu disse a mim mesmo que era a sua falta de habilidade social que o fazia me encarar por mais tempo do que seria considerado educado. A alternativa, aquela em que ele poderia estar atraído por mim também, era só um desejo.

– A minha irmã é talentosa pra caramba, vou encontrá-la no estúdio ou no campus, e depois vamos comer alguma coisa. Você deveria vir.

Seus dedos relaxaram, seus ombros largos expandiram quando ele se levantou.

– Não posso. – Ele apontou para o seu quarto com a cabeça. – Preciso trabalhar no meu recital.

– É sexta-feira. E você precisa comer, não é?

Fui recompensado com um sorriso inseguro e com algo que soou mais como uma pergunta do que como uma resposta:

– É melhor eu comer.

– Então, vamos.

··· 10 ···

CAMDEN

Se eu fosse uma jaula, Royal seria a chave. Eu não estava acostumado a ser olhado do jeito que ele me olhava. Com tanto interesse. Um interesse genuíno. Mais cedo, ele ficara sem graça e estranho e, a cada rubor de suas bochechas, comecei a cogitar ideias. Parte de mim se perguntava se ele sequer precisava mesmo de ajuda com o dever. Se, afinal, ele tinha vindo aqui para me ver e não ao Kai. Ideias que se transformaram em pensamentos perigosos. Pensamentos sobre beijos e como seria ter seu hálito em meus lábios. Como seria tranquilizador ouvir as batidas do seu coração com meu ouvido encostado em seu peito. Mesmo que ele estivesse me olhando, me trazendo de volta à existência com olhos azuis que me decifravam como uma partitura, me controlando, era apenas um olhar. Nunca significaria o que eu queria que significasse. Eu nunca poderia permitir que significasse mais.

Levantei o olhar para o silencioso céu cinzento quando chegamos do lado de fora, deixando todos os meus pensamentos evaporarem no ar do fim da tarde. Os galhos dos pinheiros arrastavam-se uns nos outros na brisa, o som suave contrastava com a risada desarmada dos estudantes que estavam por ali. O clima havia se tornado mais frio, mais seco, durante à noite. O pátio da faculdade emprestava seu extenso gramado para mais pessoas a cada entrega de diploma. Isso me fez desejar as noites tranquilas de outono em casa e as fogueiras com lenha que meu pai costumava construir quando eu era mais jovem. Queria o cheiro de marshmallows torrados misturado com sal e mar. Um tempo em que meu pai me tratava como se eu fosse dele, em

vez de um estranho que ele tinha medo de conhecer. Aquelas noites se tornaram lembranças esquecidas. A dor na minha garganta aumentou e eu procurei por algo para redirecionar meu foco. O caminhar ritmado de Royal correspondia à minha respiração e, em alguns passos, voltei ao presente, andando perto de um garoto lindo que não me deixaria sozinho. Um leve sorriso se formou em meus lábios e ele percebeu.

– Alguma coisa engraçada? – perguntou ele, sem interromper o ritmo.

Encontrei seu olhar permanentemente inquisidor e balancei a cabeça.

– Não.

O grupo de estudantes e sua risada se aproximava conforme caminhávamos pela calçada em direção ao prédio de artes. Alguns chamaram Royal com sorrisos amistosos e ele acenou de volta com a cabeça. Sua atenção se fixou em uma das garotas, ela tinha cabelos vermelhos como o fogo no céu noturno conforme o vento balançava as mechas. Ela era pequena, com aparência frágil e pele de porcelana, pálida. Curvas femininas em seus quadris e seu sorriso foi quase felino ao acenar de volta para ele. Um vazio preencheu meu estômago ao observar as bochechas de Royal ficarem rosadas com o mesmo tom que me permiti admirar não menos que dez minutos atrás.

– Ela é bonita – falei antes de pensar.

– Laney? – Ele riu. – Ela tem uma missão: dar para todos da equipe de natação.

Seu liberal uso da palavra “dar” me fez pensar se ele já tinha estado com ela. O pensamento fez os nós no meu estômago apertarem. Não queria me importar. Não deveria me importar. Royal era um amigo. Um destino incomum e improvável. Uma pessoa que saiu do seu caminho para me incluir. Eu não podia permitir me importar com quem ele fazia ou não as coisas.

Soltei o ar e disse a coisa mais normal em que poderia pensar:

– Pelo menos ela tem metas.

Royal soltou uma gargalhada e enquanto seus ombros balançavam, me vi rindo também.

– É uma maneira positiva de se ver – falou com um sorriso sarcástico. – Não gosto de garotas assim.

Ele gostava de garotas. Só não gostava de garotas assim…

– Garotas assim? – perguntei, tentando esconder a decepção na minha voz.

Ele deu de ombros e esfregou a nuca.

– Garotas que se jogam em cima da gente. Eu não levo a sério. – Ele jogou a cabeça para trás, levando os olhos ao céu como se estivesse procurando as palavras certas dentro do denso cobertor de nuvens para dizer. – Me deixa triste. Ela não deve se valorizar muito, sabe? – A boca de Royal curvou-se num sorriso juvenil enquanto ele virava a cabeça. Seus olhos estavam nos meus e ele disse – Prefiro passar o meu tempo merecendo o direito de conhecer uma pessoa.

Aqueles olhos azuis cristalinos piscaram, indo para a minha boca pelos mais breves segundos antes de ele desviar o olhar. Como se uma cortina pesada tivesse caído à nossa volta, o barulho exterior que costumava mitigar a minha ansiedade se foi. Éramos eu e ele, e o resto do tumulto do mundo desapareceu no único som que eu conseguia ouvir: a batida instável do meu próprio coração. Não consegui encontrar a minha voz para concordar ou discordar dele, e nenhum de nós dois falou de novo enquanto íamos encontrar sua irmã. O silêncio só foi interrompido pelos sussurros das nossas respirações e pelo pássaro fortuito ao longe. Para a maioria das pessoas, isso seria estranho, caminhar lado a lado sem nenhum tipo de interação. Mas há muito tempo fiz amizade com os silêncios constrangedores da minha vida.

– Quem é aquela? – A pergunta de Royal rompeu o silêncio como uma faca, e eu ergui o olhar.

Sua irmã vinha em nossa direção, avaliando-me calada, com outra garota ao seu lado. A amiga de Indie era alta e esbelta, numa calça jeans skinner e uma blusa justa de mangas compridas. A frente da camiseta tinha a imagem icônica da sopa de Andy Warhol estampada. Ela tinha cabelos pretos curtos, sombria diante da luz de Indie, e eu percebi, quando ela levou um frasco à boca, que tinha um piercing em seu lábio inferior.

– Oi, Pink. – Royal abraçou a irmã sem tirar os olhos da estranha e perguntou – Quem é a sua amiga?

– Pink? – interrompeu a garota em questão, lambendo a argola prateada.

Indie riu ao explicar:

– Royal e eu nos chamamos de Pink e Blue há mais tempo que podemos nos lembrar.

– Sem um motivo real – acrescentou ele.

– Exceto, talvez, para tentar enlouquecer mamãe e papai.

– Só que eles adoraram. – O rosto de Royal se iluminou. – Vai entender.

– Nossa família tem um fraco pela cor azul. – Indie deu de ombros ao olhar para a garota. – Tudo começou com os olhos da nossa mãe.

– Que romântico – cantarolou a garota, mas de jeito nenhum soou que ela achava romântico. Para deixar sua opinião mais clara, ela fez um movimento de engasgo com o dedo e Royal riu ainda mais.

– Ela é sincera… gosto disso. Qual é o seu nome? – perguntou ele, estendendo a mão.

– Daphne. – Ela pegou a mão dele e uma sensação esquisita agitou o meu estômago.

Eu encarava o contato quando Indie falou:

– Daphne, Royal, Royal, Daphne, e este é Camden, amigo do Royal.

Royal largou a mão dela, seu sorriso foi se apagando conforme os olhos castanhos de Daphne me analisavam.

– Um irmão fofo e um amigo fofo, merda, Indie, como você tem tanta sorte?

Royal soltou outra gargalhada e Indie revirou os olhos enquanto Daphne bebia outra vez do frasco.

– É melhor você comer antes de beber mais. – Indie tentou pegar o frasco da mão da amiga, porém, com uma careta divertida, Daphne fechou a tampa.

Ela colocou o frasco no bolso traseiro e choramingou:

– Podemos, por favor, ir a algum lugar que não seja o refeitório? Estou tão cansada de tacos e dos buffets de salada.

– Eu quero pizza. – Indie juntou as mãos manchadas de tinta.

Royal riu ao falar:

– Eu estava esperando dar uma olhada no que você vem trabalhando… Na próxima, pode ser? – Indie assentiu com um sorriso. – Podíamos ir ao Stacks. Kai está trabalhando esta noite, pizza com desconto – sugeriu ele, confirmando a minha suspeita de que ele sabia que Kai não estaria em casa esta noite.

Não tive a chance de pensar no que isso significava, ou se sequer significava alguma coisa. Daphne praticamente guinchou:

– E cerveja. Gosto do plano.

– Quem disse que você está convidada? – Indie sorriu para a amiga em provocação.

Os três estavam parados num semicírculo, rindo e brincando. Eu estava de fora olhando, anotando e separando seus comentários. Ouvindo. Royal era um violoncelo, profundo e suave, e era a sua melodia que tocava mais alto. Eu não era o único a ouvi-lo e foi difícil não reparar em Daphne reparando nele. Se eu pudesse, teria recuado dois passos, repetindo o movimento até

chegar em casa, no meu dormitório, atrás das portas fechadas, tendo pensamentos perigosos sobre um garoto que gostava de garotas. Um garoto que queria merecer o direito de conhecer uma pessoa. Uma pessoa que não era eu. Eu não pertencia a essas reuniões sociais. Pertencia às teclas do meu piano, criando algo que sempre pertenceria a mim.

– Tudo bem por você? – perguntou Royal e eu encontrei seus olhos claros me observando. Sua testa se aprofundou num sulco preocupado. Ele se inclinou, sua voz estava baixa ao falar – Sei que você disse que o Stacks não é a sua praia, mas está bem cedo, então, não deve estar muito louco. – Seus lábios se abriram num sorriso acolhedor e de parar o coração. – Além disso, quem consegue dizer não à pizza grátis?

Eu conseguia dizer não.

Mas não disse.

Iria apenas por aquele sorriso e toda a inspiração que ele me daria mais tarde quando eu trabalharia no meu recital.

♫

Quando chegamos, há cinco minutos, havia cerca de dez pessoas no bar. A maioria era de universitários e havia um alto-falante suspenso barulhento que tocava uma música horrível, enquanto a televisão atrás do bar passava um jogo de futebol no mudo. O lugar era maior do que eu pensava, mas ainda assim era pequeno. Imaginava que, conforme a noite avançava, as mesas estariam cheias de garotos que queriam ficar bêbados ou transar. Ou, provavelmente, os dois. Eu não era tão recatado a ponto de não entender os apetites típicos das pessoas da minha idade. Apenas fiz as pazes com o fato de que nunca iria ter o que os outros tinham.

Você é doente. Perverso.

Os insultos da minha mãe não me atingiam demais dentro deste lugar.

Mesmo eu não tendo pronunciado nenhuma palavra desde que concordei em vir, me senti mais normal, como há muito tempo não me sentia.

Royal e eu procuramos uma mesa, enquanto as garotas se aventuraram no corredor dos fundos à procura do banheiro. Ele arrumou um bistrô com quatro banquetas perto de duas mesas de sinuca. Deixei-o escolher um lugar antes de decidir onde me sentaria, escolhendo um banco em frente a ele. Desta posição estratégica, eu conseguia manter uma distância saudável, mas ainda admirar seus membros compridos e sua risada calorosa.

– Puta merda. – Kai pronunciou as duas palavras em sílabas dramáticas. – Camden… veja só.

– Veja só. – Meu sorriso era sardônico e os olhos de Kai moveram-se com humor.

– Estou sem palavras.

Royal riu e eu me rendi ao som de sua risada quando ele brincou:

– Pela primeira vez.

– Vai se foder. – Ele deu um soco no braço de Royal. – Senão vou cobrar desta vez.

– Cobrar? – A voz elétrica de Daphne se sobrepôs ao barulho do bar.

A expressão de Kai escureceu quando ele voltou sua atenção à Indie e à amiga dela. Sua postura estava ereta ao sair propositalmente do caminho, deixando as garotas passarem. Ele lançou um olhar para Royal e franziu a testa.

– Que olhar é esse? – perguntou Royal.

– Nada – grunhiu Kai quando Daphne se sentou perto de Royal.

Ela falou lentamente com um doce sotaque sulista de doer os dentes:

– Kai Carter, sempre o babaca temperamental. Sua mãe não te deu educação? – Seus cílios longos e pintados agitaram-se e ele sorriu.

– Claro que deu, posso te mostrar qualquer hora dessas?

Ela mostrou a língua e ele riu.

– Bem que você queria, Carter. Agora, seja bonzinho e nos traga uma jarra.

– Têm identidade? – perguntou ele, o desafio em sua voz me fez sorrir internamente.

– Vocês se conhecem? – perguntou Royal, com os olhos fixos em Daphne.

– Não no sentido bíblico…

– Ainda bem. – Kai sorriu e Daphne empurrou o ombro dele.

– Não aja como se nunca tivesse tentado – disse ela, tirando seu frasco do bolso.

– Não aja como se nunca tivesse tido vontade.

Os olhos escuros de Daphne cintilaram de malícia, enquanto Kai olhava para ela aborrecido.

– Eu te conheço desde o fundamental, assim como sei que está bebendo uísque Jameson no frasco, e sei que tem um fraco por nadadores. – Ele direcionou o olhar para Royal. – Cuidado com essa aqui.

– Haha. – A risada chistosa de Daphne desenhou um sorriso nos lábios de Royal, e uma pontada de ciúme apertou meu peito. – Podemos pedir o jantar agora, garçom? – Sua boca larga não combinava com seu rosto pequeno. E, se não fosse por todo aquele metal em suas orelhas e pela argola em seu lábio, ela pareceria quase angelical.

O olhar de Kai ergueu-se para o teto e ele suspirou.

– Pode nos trazer uma… – Royal parou e olhou para mim ao perguntar – Pode ser pepperoni? – Assenti, ignorando as cambalhotas dentro do meu estômago. – Uma pizza grande de pepperoni e uma jarra daquela cerveja local da qual você fala o tempo todo.

– Deixa comigo. – Os olhos de Kai evitavam o meu lado da mesa e eu senti Indie se mexer em seu banco quando ele perguntou – Quantos copos?

– Eu não bebo – falamos Indie e eu ao mesmo tempo.

– Um copinho – implorou Daphne para Indie e Royal balançou a cabeça.

– Não posso. – A voz de Indie saiu praticamente um sussurro. – Você sabe disso, Daph.

– Tudo bem, então, você vai beber. – A atenção de Daphne fixou-se em mim contra a minha vontade. Ela mostrou três dedos. – Três copos.

Não discuti, deixando Kai ir embora com o nosso pedido e me perguntando por que Indie não iria, ou melhor, não podia beber.

– Ele não tem que beber. – Royal saiu em minha defesa.

– Está tudo bem. – Mostrei indiferença ao levantar os ombros. – Um copo.

Ele não devia me conhecer o suficiente para perceber a mentira, para ouvir o nervosismo na minha voz, mas não posso dizer que me incomodei quando ele perguntou:

– Tem certeza?

– Ele tem certeza. – Daphne desceu do seu banco, puxando Royal junto com ela. – Vamos jogar sinuca enquanto esperamos.

Ele não resistiu, e deve ter sido o jeito que murchei no banco que me denunciou, e Indie percebeu meu desconforto.

– Não se preocupe, ela não é o tipo dele.

O calor devorou minhas bochechas, mas mantive o olhar para frente, observando-o quando jogou a cabeça para trás gargalhando com alguma coisa que Daphne disse.

– Você acha que não?

De canto de olho, vi-a balançando a cabeça.

– Na verdade, Royal nunca teve um tipo. – Ouvi o sorriso na voz dela ao continuar – Mas se eu tivesse que escolher um, diria que ele curte mais o tipo forte e calado.

Minha cabeça quase estalou quando me virei boquiaberto para ela. O que

ela estava sugerindo… seria ingênuo de se esperar.

Ela mordia o lábio inferior, mas ele escapou quando sorriu para mim.

– Dê-lhe um tempo.

Tempo.

Tempo para quê?

Para descobrir qual o tipo dele?

Se ele gosta de garotos ou não?

Se ele gosta de mim ou não?

Ele riu outra vez e soou como uma peça de Debussy. Acolhedor e preguiçoso enquanto se alastrava pelo local e pelo caos na minha cabeça. Indie encarou o irmão, e eu segui seu olhar. Ele também nos observava. Algo fez seus olhos claros brilharem quando pousou o taco e voltou para a mesa.

– Vocês querem jogar? – perguntou.

Indie não respondeu, mas pulou do banco e foi para a mesa de sinuca. Eu não fazia ideia de como jogar sinuca, mas, assim como antes, seu sorriso me fisgou e eu não tinha outra resposta para ele além de:

– Quero.

··· 11 ···

CAMDEN

– Ela é maluca – resmunguei para mim mesmo, esperando que a música alta que saía dos alto-falantes suspensos abafassem meu parecer.

Indie riu e seu riso tilintou, delicado como o som que a chuva fazia quando irrompia do céu, caindo no metal frio do teto de um carro ou do guidão da bicicleta. Ela me encarou, seus olhos tinham o mesmo tom de azul claro que os do irmão. Indie também era linda. Sua cabeça era coroada em tons claros de loiro com um toque de mel. Elegante, diferente da amiga que bufava ao rir de tudo o que Royal falava.

A compreensão fervilhou sob a superfície de suas íris, e seus lábios se abriram num sorriso.

– Daphne pode ser… animada.

Se eu fosse o tipo de pessoa que bufava, teria feito isso. Animada era um adjetivo muito gentil. Insuportável. Arrogante. Intrometida. Ela ficou se jogando em cima do Royal a noite inteira, bebericando do seu frasco e pedindo shots para os dois, bebendo mais do que pensei ser possível para uma garota do tamanho dela. Ela era magra… magricela. Suas roupas a vestiam. A pele de Daphne pendia de seus ossos e, pelo jeito que ela mal tocou na pizza, dava para pensar que seria formal, tranquila. Ela era um megafone, impregnada de cerveja e uísque, ou o que quer que despejasse em seu frasco.

Encostado na parede, mais longe da mesa de sinuca, tomei um gole da caneca de cerveja que bebi a noite toda. A bebida amarga havia esquentado.

Seu sabor almiscarado cobriu minha língua e garganta, aquecendo a minha barriga. Esperei por aquela sensação pela qual todos passavam, a ebriedade, mas acho que precisava beber mais de uma para que isso acontecesse. Quase desejei que algum efeito inebriante me atingisse. Teria facilitado lidar com a personalidade *animada* de Daphne. Eu não saía, nem bebia de frascos, nem esperava por garotos que não tinha nada por que esperar, mas teria sido legal saber como seria relaxar.

– Ela está bêbada – categorizou Indie. – Geralmente, ela não é tão…

– Agressiva?

Indie deu aquela risada musical outra vez ao voltar o olhar para a mesa de sinuca.

Ela deixou a mão cair na lateral do corpo, roçando os dedos nos meus.

– É melhor pararmos de timidez. – Seus olhos brilharam de malícia. – Venha.

O calor da mão de Indie me surpreendeu quando ela entrelaçou nossos dedos. A necessidade de me afastar foi uma reação muito instintiva. Não conseguia me lembrar da última vez que alguém me tocou. Tocou de verdade, de propósito. O fundo barulhento do bar se tornava um burburinho distante a cada passo que dávamos. Indie e eu, de mãos dadas, era estranho e desconfortável, e eu rezei, para ninguém em particular, para que as minhas mãos não suassem. Nossa conexão não era romântica, estava mais para um "fique comigo e vai ficar tudo bem", mas quando se viveu os últimos quatro anos ou mais da sua vida numa solidão autoimposta, os detalhes sociais eram a última coisa com que se preocupar. Contudo, mãos suadas devem ser algum tipo de gafe. Porém, quando a minha ansiedade alcançou seu ápice, Indie sorriu para mim.

Esta garota com cabelo de aréola e olhos que me faziam desejar que ela fosse o irmão, sorriu ao falar num sussurro conspiratório:

– Vou distrai-la.

– Estou ficando cansada. Não é melhor irmos embora? – A pergunta de Indie foi direcionada a Daphne, no entanto, ela focou no irmão.

O olhar de Royal pousou em nossos dedos entrelaçados e ela largou a minha mão.

– Agora? – Daphne oscilou, segurando na mesa de sinuca. Ela ganiu – É sério, acabamos de chegar.

Indie balançou a cabeça com um sorriso calmo e maternal.

– Está ficando tarde.

– Posso levar vocês para casa. – Royal tentou dar a volta na mesa e cambaleou.

– Acho que é você quem precisa de ajuda para chegar em casa, eu deveria…

– Eu vou com ele – ofereci, me arrependendo imediatamente da decisão de me torturar.

– Tem certeza de que consegue cuidar dele? – perguntou Indie.

– Eu amo você, Pink. – Royal riu, colocando o taco no feltro verde velho da mesa. – Posso estar bêbado, mas não sou um babaca. Sem chance de deixar vocês duas voltarem sozinhas. – Ele tropeçou mais uma vez.

– Podemos voltar todos juntos. Vou levar esta aqui de volta para o nosso dormitório. – Indie apontou para Daphne, que mostrava a língua como uma criança, com o polegar. – E você vai garantir que meu irmão chegue ao dormitório dele, certo?

Indie ficou na ponta dos pés e sussurrou algo no ouvido do irmão. Meu estômago revirou. Eu não havia admitido para ela, mas… e se ela resolveu contar a ele sobre suas suposições?

Ele balançou a cabeça, e olhou para mim ao falar:

– Não se preocupe, vou sobreviver.

Ele vai sobreviver?

Queria ter nascido com o poder de ler mentes. Ser um prodígio do piano era um superpoder inútil.

Royal deixou dinheiro, demais por sinal, mesmo incluindo a gorjeta para a nossa conta de dez dólares, na nossa mesa quando passamos. Peguei aquilo quando ele andou na minha frente e entreguei tudo para sua irmã, sabendo que ela lhe devolveria o dinheiro quando seu orgulho masculino não tivesse ingerido tanto álcool. Ela bateu o quadril no meu e falou sem som:

– Obrigada.

Se eu não fosse quem sou, teria retribuído o sorriso. Talvez dito "disponha" ou brincado com ela puxando uma mecha do seu cabelo. Mas, ao invés disso, observei enquanto eles saíam antes de me aproximar do bar.

Peguei duas notas de vinte da minha carteira.

– Isso deve cobrir tudo.

Kai tirou o olhar da porta de entrada, parando de sorrir.

– O que foi aquilo? – perguntou ele quando lhe entreguei o dinheiro.

– Não tenho certeza do que quer dizer.

– Aquela batidinha de quadril. É melhor você ficar longe da Indie. – Os ombros de Kai pareceram se alargar, desafiador ao abrir a caixa registradora.

– Indie?

Ele fechou a registradora com força.

– É, imbecil, Indie O'Connell. Aquela é a irmã dele e tenho certeza de que ele te comeria vivo por sequer pensar…

– Eu não gosto da irmã dele.

– Não? – perguntou, seu tom de voz estava carregado de irritação e descrença. – Você estava de mãos dadas com ela, perto dela a noite inteira.

– Ela é legal.

Sua mandíbula se apertou quando ele se inclinou sobre o balcão, apoiando os nós dos dedos na madeira desbotada do topo, ele baixou a voz em uma ameaça:

– Fique longe dela.

Não tenho certeza se isso foi algum tipo de aviso de irmão, alguma tentativa cavalheiresca de proteger a irmã do melhor amigo, ou outra coisa, mas se ele soubesse da verdade, pensaria que tudo não passava de uma grande brincadeira nojenta.

– Não é desse jeito. Ela é legal. Só isso. Eu não gosto de meninas… – deixei escapar as palavras, seu olhar gélido tornou impossível pensar. – meninas como ela.

Ele lançou um sorriso largo na minha direção ao bater duas vezes em cima do balcão e se impor em seus 1,90m.

– Que bom. – Ele pegou um pano debaixo do balcão. – Jesus, você está suando. Não sou tão assustador assim.

Passei as costas da mão na testa dando uma risada nervosa. Eu não tinha medo dele. Tinha medo de mim mesmo. Do que eu queria. De Kai descobrir meus segredos.

– Parece que sim. – Ele deu um sorriso torto.

– Talvez um pouquinho.

Ele levantou o queixo em direção à porta.

– Certifique-se de que todos cheguem vivos em casa.

♫

Fiel à sua palavra, Indie distraiu Daphne. Elas caminharam à nossa frente durante todo o caminho para o campus, Daphne soluçava e cantava versões estranhas de músicas dos anos 1980, até ter certeza de que estavam seguras dentro do Vigrus Hall.

– Ela gosta de você. – Os lábios de Royal abriram-se num sorriso. – Digo… acho que ela gosta de você. Quem anda de mãos dadas a menos que goste da outra pessoa? – Seu sorriso desapareceu quando ele jogou a cabeça para trás, olhando para o céu. As estrelas estavam escondidas sob as nuvens, mas ele olhava mesmo assim. – Só quero que Indie seja feliz.

– Indie não gosta de mim.

Sua triste consideração enfraqueceu o brilho em torno de suas íris.

– Ela nunca namorou.

– Ela precisa namorar para ser feliz?

O caminho de cascalho rangeu sob nossos pés por seis, sete, oito longos segundos.

– Ninguém quer ficar sozinho.

Eu queria. E não queria. Eu não sabia como ser algo além de sozinho. Mas queria saber, mesmo que isso não pudesse acontecer, mesmo que eu não pudesse ficar.

– Você é sozinho?

Ele balançou a cabeça, virando à esquerda, em direção ao seu dormitório.

– Eu tenho ela. E agora você também tem.

– Nós somos amigos.

Sua risada se instalou no meu peito, abaixo do coração, e se costurou dentro dos meus pulmões. A sensação de plenitude chegou aos meus membros. Quente e pesado, direto para as extremidades dos meus dedos.

– Estamos todos ligados.

O “ligados” soou mais como “errados”. Eu estava obcecado com aquele som de embriaguez e a maneira como comprometeu o que ele disse, tanto que não percebi o quanto ele se aproximou de mim. Seu braço roçou no meu bíceps quando balançou, enviando uma onda de arrepios para a minha pele. Eu estava prestes a passar a mão para eliminá-los, envergonhado pela minha

reação a esse toque único, quando ele gentilmente pegou a minha mão. O jeito com que a mão de Royal encontrou a minha foi totalmente natural. Ele entrelaçou os nossos dedos, com a postura relaxada, olhando para frente como se fosse algo que ele fazia o tempo todo. Como se a consequência do gesto não tivesse feito meu coração parar, ou meus pulmões esquecerem de respirar. Como se a sensação da pele dele, quente e um pouco úmida contra a minha, não tivesse dado um choque no meu braço, causando um dano permanente à parede que construí tão cuidadosamente anos atrás. Seu toque era diferente do de Indie. Melhor de alguma forma. Suave e forte ao mesmo tempo. Seu aperto era firme, dócil, adequado. Caminhamos assim, com sua mão na minha. Um silêncio tão denso que se misturou ao cheiro do seu hálito, doce, com uma pitada de cerveja, quando ele exalou o ar. Não havia nenhum outro som que pudesse competir com o meu afeto. Este dueto era deslumbrante em sua simplicidade: sua respiração em sincronia com a minha.

Deixei-me sentir sua pulsação fazendo um estrondo dentro da ponta do seu polegar enquanto ele descansava na minha mão. Contei cada batimento conforme caminhávamos, tentando entender como isto estava acontecendo, ou se era apenas algo que bêbados faziam.

Quem anda de mãos dadas a menos que goste da outra pessoa?

Ou talvez os O'Connell fossem pessoas sentimentais. Talvez este fosse o novo normal e eu que era o caótico, com pais caóticos e uma bolha particular do tamanho da Grande Muralha da China. Embora, eu duvidasse seriamente que Kai estaria segurando a minha mão neste momento.

Royal apertou a minha mão antes de soltá-la. O ar frio passou pelos meus dedos, lembrando-me da distância que precisava manter.

– Eu fico aqui – disse ele, agora com a mão no bolso, tropeçando no primeiro degrau na frente da Casa Warren.

Ele recuperou o equilíbrio e riu. Sua risada foi desleixada, o completo oposto do jeito que me sentia: tenso e assustado… e desejando que sua mão ainda estivesse na minha.

– Merda – disse ele. Seu rosto ficou quase todo vermelho quando ele digitou o código de acesso no teclado algumas vezes.

Ele, enfim, destrancou a porta e eu o segui para dentro, certificando-me de que ele não dormisse na sala de convívio, ou pior, no corredor. Sob as luzes fluorescentes do dormitório, o passo de Royal diminuiu, oscilando mais do que havia notado antes. Quando chegamos ao seu quarto, ele deixou a chave cair quatro vezes, na última, ele as largou no chão do quarto e se jogou de cara na sua cama. O quarto era pequeno por ser individual, a cama ocupava quase todo o local, deixando espaço apenas para uma mesinha, uma escrivaninha e uma cadeira.

– Vai ficar bem aqui sozinho?

Fui atacado por visões dele caído no próprio vômito.

Ele resmungou algo que soou como um “sim” e rolou, ficando de costas. Seus cabelos estavam despenteados em ondas suaves e incontroláveis que eu queria passar os dedos. Os lábios de Royal estavam inchados e abriram-se num pequeno sorriso quando ele olhou para mim com a mão descansando em seu abdômen definido.

– Obrigado.

Acenei com a cabeça, sem saber por que ele estava me agradecendo. Abaixei-me, peguei suas chaves e as coloquei na escrivaninha antes de ir para a porta.

– Ei – chamou ele, e eu me virei, meu coração indo parar na garganta. Se ele me pedisse para ficar, não tinha certeza se poderia me convencer a dizer que não.

Royal pôs a mão debaixo da cabeça. O movimento fez sua blusa subir,

expondo um pedacinho da pele bronzeada da sua barriga, acima do cós da calça jeans. Expirei, obrigando meus olhos a focar em sua respiração, no subir e descer ritmado do seu peito. A cor voltou ao seu rosto, seus olhos brilharam lindamente quando ele umedeceu os lábios. Isso doeu um pouco, sabendo que ele provavelmente não se lembraria desta noite. Do jeito que o ar neste quarto estalava e reverberava.

O contorno do seu rosto era formado por sombras e ângulos nítidos enquanto sussurrou, sério:

– Você é meio que perfeito.

··· 12 ···

ROYAL

Lixa, ou talvez parecesse mais uma esponja, de qualquer forma, minha língua estava grudada no céu da minha boca e tinha gosto de sal e morte. Meu cabelo úmido caiu na minha testa quando virei de lado. O ângulo em que meu braço ficou a noite inteira, torcido debaixo do meu corpo, fez a minha mão formigar conforme o sangue voltava a correr pelos meus dedos. A sensação, uma onda de calor, subiu pela minha pele, e eu abri os olhos.

Lembrei.

Você é meio que perfeito.

– Não – gemi ao tentar me sentar. O estrondo na minha cabeça retumbou mais alto do que conseguia suportar. – Eu falei mesmo isso? – perguntei a mim mesmo enquanto esfregava os olhos com a base das mãos.

Sua mão na minha. Quente. E… meio que perfeito.

– Merda. – Caí de volta no travesseiro, minha cabeça se partiu com outro estrondo.

Fechei os olhos, tentando reconstituir a noite passada. Como fui ficar tão bêbado? Nunca bebi tanto assim, nunca.

– Daphne. – Gemi mais uma vez. O gosto amargo da manhã, misturado com o uísque e a cerveja da noite passada, inundou a minha boca.

O nervosismo me fez beber do frasco e deixá-la ficar em cima de mim. Foi mais fácil assim, observando-o à distância, e ele pareceu gostar do espaço e do tempo para conhecer a minha irmã. Porém, suas palavras murmuravam na minha cabeça, lembrando-me de que ele disse que eles eram

apenas amigos. Ele me acompanhou até aqui, segurou a minha mão e… virei para a porta do meu dormitório, sua silhueta no batente, um leve sorriso em seus lábios e então…

Não conseguia lembrar.

Ele me disse alguma coisa antes de ir embora? Ou eu o assustei? Será que o sorriso era algo bom ou ele estava rindo de mim? Uma coisa que Indie me disse ontem à noite rumorejava na minha mente. Ela me disse alguma coisa sobre sempre estar certa ou sobre garantir que eu estaria seguro, ou que chegaria bem em casa. Outro gemido escapou dos meus lábios quando tirei meu celular do bolso. A luz da tela fez meus olhos doerem quando digitei uma mensagem de texto rápida para que Indie soubesse que, de fato, eu sobrevivi à noite passada. Não esperei por uma resposta e, sem me sentar, joguei meu telefone na cama. O que ela quis dizer com estar sempre certa? Não tive a chance de insistir, de refletir sobre os meus pensamentos por muito tempo. Três batidas bruscas fizeram a minha porta tremer e, antes que eu pudesse perguntar quem era, ouvi sua risada familiar.

– Vamos, Casanova, abra.

Casanova?

Sentei-me devagar, deixando o sangue correr lentamente desta vez. Minhas pernas, parecendo sacos de farinha, caíram na lateral da minha cama. Kai começou a bater incessantemente outra vez, e eu estava diante de duas opções: gritar, dizendo-lhe para esperar um maldito segundo, o que provavelmente faria a minha dor de cabeça disparar, ou chegar à porta o mais rápido possível sem tropeçar em mim mesmo. Eu não sabia se era capaz da segunda alternativa, mas era a única escolha que diminuía as minhas chances de vomitar no chão.

– Por que está aqui? – perguntei.

O rosto de Kai estava fora de foco. A luz do corredor era perversa.

Os lábios dele estavam curvados nos cantos e ele me entregou um copo de café.

– Pensei que fôssemos nadar hoje.

Kai passou por mim e eu fiquei parado no batente da porta um pouco confuso. Era o único sábado deste mês que não tínhamos que estar na academia. Precisei de um tempo para me orientar ao fechar a porta.

Ele riu.

– Não fique tão assustado. Não é obrigatório, pensei em vir aqui avaliar o estrago e ver se você estaria disposto. – Seu olhar permaneceu no meu rosto. – E… claramente não está.

Dei um gole no café e a quentura do líquido queimou as minhas papilas gustativas.

– Obrigado – agradeci ao me sentar, ou melhor, afundar na minha cadeira.

– Disponha, Casanova.

Revirei os olhos.

– Qual é a do apelido?

Ele respondeu, arrogante:

– Não sei, me diga você.

O golinho de café se transformou num chumbo dentro do meu estômago. Será que ele sabia? Será que me viu com ele?

– Só estou dizendo que vocês dois pareciam bem confortáveis. – Kai me olhou fixo enquanto bebia do seu copo. Um longo silêncio, ou talvez só tenha parecido muito tempo para mim, se estendeu entre nós. E, para a minha surpresa, ele riu. – Deveria ver sua cara agora. Parece que estou prestes a te prender ou alguma merda assim. Cara. A vida é sua. Não é da minha conta com quem você fo…

– Eu só segurei a mão dele, não tem nada a ver – deixei escapar. A ideia de Kai pensando que eu era… eu nem conseguia processar a palavra, e

palavras eram a minha praia.

– Dele? – Kai franziu a testa profundamente. – De quem você está falando?

Meu coração parecia um beija-flor preso dentro de uma caixa de vidro. Confusão e paranoia disputavam espaço na minha cabeça.

– De quem *você* está falando? – rebati.

Ele me encarou como se a resposta fosse óbvia.

– Daphne.

Daphne. Tudo se encaixou. Ela ficou do meu lado, se jogando em mim a noite inteira no bar. Imaginei que pela perspectiva de quem estivesse de fora poderia parecer que nos demos bem. Mas ela era a última pessoa na minha cabeça. Minha ressaca roubou as minhas habilidades de dedução.

– Ele te trouxe em casa – refletiu Kai para si mesmo, sussurrando, me analisando como se eu fosse um enigma que ele tentava desvendar. Quando arregalou os olhos, meu estômago despencou. Ele engoliu em seco e continuou me olhando. – Camden. – Foi uma afirmação, não uma pergunta.

Não sabia o que dizer, então, assenti. Não era um confissão. Nem uma negação. Tecnicamente, Camden me acompanhou.

– Ele me disse que todos vocês voltaram juntos. Que você estava bêbado ontem. Que eu deveria vir ver se você está bem. Argumentei, imaginando que você estaria transando com a Daphne, mas ele disse que vocês deixaram as garotas no Vigrus. – Kai estava fazendo o que as pessoas fazem. Quando descrevem seus pensamentos em palavras. Um mapa de verbos e substantivos do que tentam descobrir, mas não conseguem enxergar o caminho. – Camden? – perguntou ele e eu me levantei, o café que bebi ameaçava subir pela minha garganta.

– Preciso ir ao banheiro – murmurei, e ele segurou o meu braço. Seu aperto era a única coisa entre mim e a minha fuga.

E eu queria fugir. Fugir desta indesejada e esmagadora onda de sentimentos. Fugir das minhas próprias dúvidas.

– Royal. – Ele suspirou e largou o meu braço. – Eu não estou nem aí para essas coisas, cara. – Não consegui olhar para ele, mas fiquei parado onde estava. – Meu primo é gay, não precisa esconder essa merda de…

– Eu não sou gay. – Quero dizer… será que era?

– Royal. – O tom de Kai era uma mistura estranha de carinho e severidade. Talvez fosse o que restava de álcool no meu organismo, mas senti meus olhos espetando nos cantos, e este ataque de emoção não solicitado me sufocou. – Você gosta dele? Gosta de verdade? Não é da minha conta – repetiu ele. – Nem da conta de ninguém.

Dei um passo trêmulo para trás e afundei na cadeira. Deixei meu rosto cair nas minhas mãos e, embora não estivesse chorando, lágrimas fizeram cócegas nas pontas dos meus dedos. Era fácil contar meus sentimentos para Indie. Ela me conhecia como a si mesma. Como se fôssemos um só, duas metades flutuando juntas neste mundo gigante. Admitir algo para ela era como admitir para o meu próprio cérebro, e eu nunca fui bom em me esconder dos meus pensamentos e sentimentos. Kai era um forasteiro. Um amigo. Mas, mesmo assim, um estranho. Sua aceitação não significava mais do que a minha, mas tornou a minha realização ainda maior.

Eu gostava de Camden. Eu *gostava* de Camden.

Um garoto.

Eu segurei sua mão. Queria muito mais.

– Eu nunca… – Respirei fundo e enxuguei meus olhos com os dedos secretamente ao olhar para ele. – Ele é o primeiro… cara. Ele é o primeiro cara que eu gosto… desse jeito.

– É sério?

– É sério. – Não consegui evitar, então, gargalhei. – E ele nem é gay. Eu

devo tê-lo assustado quando segurei a mão dele ontem.

– Sempre pode culpar a bebida. – Kai deu de ombros. – Mas não me surpreenderia se ele gostasse de meninos. Sinceramente, acho que ele é um alienígena. – Chutei a canela dele e ele xingou, rindo ao falar – Ele é estranho, você tem que admitir.

– Talvez seja por isso que eu gosto dele.

– Mas você já ficou com meninas, certo? – Ele esfregou a canela com uma leve franzida na testa.

– Menina – corrigi. – Nat… Natalie, ficava com ela no colégio, mas era diferente. Nós só dávamos uns amassos, nunca… – Senti meu rosto esquentar. – Nunca transamos. Ela era a minha melhor amiga e… era linda e legal, e era como se eu devesse ficar com ela. Eu não odiava… ficar com ela, mas não era… mais.

– Mais?

– É. Mais. Indie diz que ela está esperando por mais.

Kai franziu a testa, criando sombras escuras sobre seus olhos.

– Mais o quê?

– Não sei realmente. É um sentimento, eu acho, algo *mais* do que o normal. Mais do que cotidiano. Algo que importe.

Seus lábios formaram um sorriso.

– E só agora você descobriu que é gay?

– Cala a boca.

Sua cabeça foi para trás quando ele riu.

– Estou brincando. – Ele arrastou a palavra ao recuperar o fôlego. – Achei legal… mais. – Ele esfregou o queixo como se fosse o maior conceito do mundo. Pelo menos foi o que pareceu. – Eu curto mais. Loiras, morenas…

– Haha. – Levantei-me outra vez, me sentindo mais leve desde que toquei no polegar de Camden na biblioteca naquele dia. – Me dê alguns minutos

para me arrumar, talvez a piscina seja exatamente o que preciso esta manhã. Deixar a água afogar o álcool do meu organismo.

– De jeito nenhum. Você vai se afogar e aí a nossa equipe vai ter que confiar exclusivamente em mim para vencer a porra toda. Estava te zoando sobre a piscina, nós vamos jogar Ultimate Frisbee. – Ele tirou o celular do bolso e começou a digitar com o polegar.

– O quê, frisbee?

Seu olhar estava na tela.

– Tome um banho, beba seu café, no caminho eu te explico. – Ele olhou para mim. – Talvez convide meu colega de quarto.

– É um péssimo plano.

– Eu acho que é um ótimo plano.

Olhei para ele.

– Não.

Ele pôs o telefone no colo com um sorriso de merda no rosto.

– Tarde demais, Casanova.

♫

Vinte minutos mais tarde, depois que tomei banho, convenci a mim mesmo que Kai era um mentiroso e que, mesmo que não fosse, Camden não era o tipo de cara que jogava frisbee, eu estava parado na grama atrás do Garrison Hall, me sentindo quente e enjoado. Não estava vendo Camden em lugar algum e suspirei de alívio. Eu me sentia pesado demais para uma manhã e vê-lo, depois do que aconteceu na noite passada… não tinha certeza se saberia como agir ou o que diria a ele.

Kai olhou para o seu relógio.

– É para todos estarem aqui em cinco minutos, aí, vamos para o campo de futebol, mas deve chover. – Ele sorriu. – O que significa que vai ser uma

bagunça.

– Quem vem? – perguntei, olhando por sobre o ombro dele, avistando Corbin e Max vindo pelos declives da grama molhada.

– Só uns caras da equipe.

Corbin gritou um "olá" e Kai se virou.

– Só isso? Mais ninguém conseguiu tirar o rabo da cama? – perguntou Kai.

Kai estendeu o punho e Max bateu nele ao responder:

– É, os outros querem dormir até mais tarde. É o último sábado livre da temporada e ficar na chuva fria não é como a maioria idealiza passar o último fim de semana até o Dia de Ação de Graças.

– Dev e Sherman disseram que vão nos encontrar no campo, vão perguntar a alguns caras que eles conhecem se querem jogar. – Corbin ergueu o queixo na direção do campo de futebol.

– Convidei meu colega de quarto, ele acabou de me mandar uma mensagem, disse que chega logo, aí podemos ir.

– Está falando sério? – perguntei e Kai me deu um sorriso cúmplice.

– Achei que tivesse dito que aquele garoto é um louco. – Max riu.

Kai deu de ombros.

– Ele é calado, mas até que é legal quando você dá uma chance. Acho que eu estava errado.

– Geralmente está. – Corbin riu dissimuladamente e eu também quis rir.

Eu queria relaxar na minha confiança habitual, descontrair com meus amigos. Mas estava ocupado demais ouvindo o batimento do meu próprio coração, esperando que quando Camden aparecesse na esquina eu conseguisse manter a minha frieza.

Eu segurei a mão dele.

A mão *dele*.

Balancei o braço tentando me livrar da sensação dele na minha pele. Não

que eu quisesse, mas porque era o único modo que conseguiria sobreviver a este dia. Ele era um amigo, falei para mim mesmo, nada mais. Aquele sorriso no batente da porta ontem à noite deve ter sido só um sonho. E como se eu o tivesse convocado com o pensamento, ele apareceu no topo da colina com os cabelos úmidos e despenteados, de calça jeans e equipado com uma camisa de manga comprida marrom e azul marinho da St. Peter. Ele estava melhor do que qualquer sonho que eu pudesse ter invocado.

Pude sentir os olhos de Kai me observando, me observando olhar para Camden, e o engraçado era que eu não me importava. Meus lábios abriram-se num sorriso entorpecente, e meu coração quase criou asas quando Camden sorriu de volta.

··· 13 ···

CAMDEN

O sol da manhã desaparecia por trás de nuvens cinzentas, a brisa caía para uma temperatura praticamente desconfortável e eu não conseguia tirar o leve sorriso do meu rosto. Sabia que Royal estava bêbado ontem à noite e qualquer coisa que ele tenha dito ou feito não seria muito confiável. Mas como alguém poderia reprimir sua esperança desesperada quando outra pessoa te olha como ele estava olhando para mim neste exato momento? Com grandes olhos azuis arregalados, impulsionando-me a seguir em frente, e um sorriso que eu queria pensar que era apenas para mim. Não me atrevi a olhar em volta para os seus colegas. Será que esta era uma reação normal ao ver um amigo? Deixei os cantos do meu sorriso diminuírem e absorvi as realidades ao meu redor. O ar parou de uma forma que eu nunca tinha notado antes, estalou com a expectativa da chuva, com a expectativa de nós dois. Parecia que eu estava no batente da porta dele novamente, observando-o conforme seus olhos se fechavam e sua respiração se tornava suave e sonolenta, e eu desejei poder, de alguma forma, recriar o som dentro de uma canção.

Só que Royal parecia cansado hoje, estava mais pálido do que o costumeiro bronzeado, mas também gostei dele assim. Ele era uma sinfonia de mudança, seu sorriso dificultava cada vez mais me afastar. A mudança era um som que eu poderia executar, um som que meus dedos poderiam explorar no teclado, mesmo que as notas fossem estranhas. Parado nesta colina, olhando para ele, para os seus amigos, quis fazer parte do grupo. Fazer parte

de alguma coisa. Parte dele. A solidão era uma batida de barítono, cravando seus dentes na minha pele, sempre me mantendo no lugar.

– Está pronto? – gritou Kai para mim.

Desci para onde eles estavam reunidos, no caminho que levava ao campo de futebol e, provavelmente, ao meu constrangimento.

Esportes nunca foram a minha praia. Eu odiava assistir, jogar ou mesmo falar sobre eles. Quando tinha cinco anos, meu pai me inscreveu no time de hóquei. Foi uma das únicas vezes que ele enfrentou a minha mãe. Queria um filho mais *completo*. Para seu descontentamento, no meu primeiro dia no rinque, recusei-me a calçar os patins que ele comprou. Voltamos mais uma vez e eu chorei durante todo o caminho para lá. Nunca pisei em outro rinque. Ele não desistiu, esperando encontrar algum esporte que eu gostasse. Ele tentou beisebol e futebol. Ambos resultaram numa amostra horrível de histeria da minha parte. Com a cara vermelha, esperneando e gritando na grama. Foi minha mãe quem colocou um fim às esperanças dele de ter um filho normal. Ou, talvez, a última bomba tenha sido o dia em que eu lhe disse que estava curioso em relação aos meninos de um jeito que o deixou mais envergonhado do que um filho que era péssimo em esportes. Independente disso, meus pais apostaram tudo na música. Por um momento patético, me permiti pensar "e se ele pudesse me ver agora?". Eu não fazia ideia no que estava me metendo quando Kai me mandou a mensagem, e quase respondi que não iria, mas as paredes do meu quarto se estreitaram sabendo que Royal estaria esperando do lado de fora do meu prédio.

– Frisbee? – perguntou Royal, seu sorriso ainda estava firme.

Dei de ombros.

– Claro.

Enfiei as mãos nos bolsos enquanto Kai fazia uma rodada de apresentações, meus olhos não encontraram os de mais ninguém. O momento

com Royal se transformou um silencio constrangedor que me seguiu por todos os lugares que ia. Teria sido fácil me perder dentro do som do vento ou das folhas como sempre fiz, mas eu estava aqui por causa dele. Apenas por ele.

– Fico feliz que tenha vindo. – Royal sorriu e ficou para trás para me acompanhar enquanto caminhávamos em direção ao campo de futebol. – E obrigado por cuidar da minha irmã. – Ele abaixou o olhar para o asfalto. – E por garantir que eu não acabasse desmaiado no meio do caminho ontem à noite.

Assenti, mantendo o olhar para frente, observando os caras adiante empurrarem uns aos outros. A risada deles saía naturalmente. Se eu sequer pudesse descobrir o segredo deles… deveria ter sido fácil bater de leve no ombro dele com o punho, ou rir disso, dizer a ele que a noite passada foi bem divertida ou despejar algum clichê bobo de universitário. O natural era uma valsa que eu nunca dominei. Havia muitas coisas que eu queria perguntar nessa hora. Por que ele segurou a minha mão? Por que ele se importava? Por que estava feliz por eu ter vindo? Senti quando ele finalmente levantou o olhar, e meu rosto esquentou com a ciência do que aconteceu ontem à noite. Será que ele se lembrava?

Ouvi-o engolir em seco antes de perguntar:

– Você já jogou Ultimate Frisbee?

Ele não se lembrava.

– Não.

Ele expirou o que pareceu soar como um suspiro de alívio. Virei-me para olhar para ele, que sorriu timidamente para mim.

– Nem eu.

– Apressem-se, pombinhos, quero começar antes da chuva cair – gritou Corbin por sobre o ombro para nós dois, e os caras riram dissimuladamente.

O sorriso de Royal se transformou numa careta irritada e ele mostrou o dedo para Corbin. Ele me olhou e balançou a cabeça.

– Ignore tudo o que esses idiotas falarem hoje.

– Só hoje? – perguntei, o que fez Royal rir.

Não sabia bem por que ele achou engraçado o que eu disse. Era uma pergunta sincera. Mas sorri porque ouvi-lo rir era melhor do que ouvir qualquer uma das minhas músicas preferidas.

– Eles podem ser bastante competitivos. É só um monte de besteira. Nada pessoal.

As primeiras gotas de chuva se libertaram das densas nuvens prateadas, e os lábios de Royal abriram-se num sorriso largo. Ele jogou a cabeça para trás, absorvendo cada gota. Observei a água escorrendo pelo seu rosto, e ele fechou os olhos.

Nada pessoal.

Tudo neste dia, neste momento, era pessoal.

Pelo menos para mim.

♫

– Merda! – Dev lançou o frisbee longe do gol e ele voou para fora do campo.

– Chupa, Dev, você lançou como uma garota. – Ellis, o goleiro, sorriu.

– Você é um idiota. – Dev espalmou o peito de Ellis e Kai gemeu atrás de mim.

– Ellis, deixa de ser imbecil. Vamos, Dev, deixa pra lá. – Kai estremeceu e, enquanto falava, sua respiração se condensou em uma névoa branco-acinzentada que rapidamente se dissolveu no ar.

Estávamos todos ensopados da cabeça aos pés, a chuva não havia parado e o clima piorou enquanto jogávamos. Se Dev não estivesse tão irritado por

errar o lance, acho que estaria tremendo como o resto de nós. Kai deu um tapinha amigável no braço de Dev e ele o espantou.

– Você é um inútil, Ellis, e um dia essa sua boca vai te meter em problemas. – Dev empurrou-o mais uma vez e começou a se afastar.

– É… por que você não para de pensar na minha boca e joga?

Ellis riu, mas Dev o ignorou.

– Camden, pegue o disco, vamos acabar com essa merda.

Coberto de lama e grama, corri para o pequeno disco branco. Eu não fazia ideia do que estava fazendo, mas me tornei muito bom em fingir. O jogo, de acordo com Kai quando ele o explicou, meio que funcionava como o futebol. Os dois times tentavam pontuar jogando o frisbee no gol, umas árvores que Kai havia determinado como as traves. Meu time estava perdendo por dois pontos e, por mais que eu gostasse de ter Royal nele, parecia que o esforço do jogo tinha começado a cobrar-lhe o seu preço. Sua ressaca pela noite passada devia ser a principal culpada. Cada tentativa que fazia de pegar o frisbee terminava com ele de cara no chão, comendo terra. O jogo não deveria ser um esporte de contato, mas nossos rapazes davam muitos encontrões “acidentais” nos outros à medida em que o jogo virava a nosso favor. Royal se tornou o alvo principal, e Dev e Sherman começaram a acompanhar seu ritmo lento e relaxado.

Mesmo coberto de lama, o loiro mais para castanho misturado com terra e chuva, Royal era o cara mais bonito no campo. De vez em quando, eu lançava um olhar para sua camisa molhada, que moldava-se aos seus músculos por baixo dela. Alguns caras, que apareceram para jogar e reconheci do ano passado, eram altos e musculosos. Mas Royal se destacava. Ele não era igual aos outros. Seus músculos eram longos e esculpidos. Elegante, como se ele tivesse sido criado por mãos talentosas. Suas feições eram gentis e fortes, acolhedoras, apesar do fato de ele ter sido

agredido quase o jogo inteiro. Dei outra olhada ao me abaixar para pegar o frisbee, mas logo desviei o olhar ao perceber que ele olhava para mim.

Joguei o disco para Dev e ele me agradeceu, lançando um olhar mortal para Ellis, prometeu:

– Vocês, vagabundos, vão se dar mal.

Durante a maior parte do jogo, tentei me manter fora do caminho, assumindo uma posição perto do nosso goleiro, protegendo-o, e tentando pegar todos os passes que conseguisse. Correndo pelo campo, em direção ao meu ponto de segurança, ouvi o *voosh* do frisbee e o som de pés no chão frio e duro. Não tive a chance de me virar, de sair do caminho. Os passos do jogador eram rápidos demais, estavam perto demais. Pedra contra pedra, nos trombamos de costas. Eu consegui girar o suficiente para me salvar de ir de cara no chão primeiro e bati com o ombro na grama.

Absorvi todo o peso do impacto dele. Mesmo na chuva, ele tinha cheiro de raio de sol.

Royal xingou, o calor do seu corpo parecia um cobertor e ele ofegou:

– Você está bem?

Percebi que fechei os olhos e, quando os abri, encontrei-o pairando sobre mim. Nossos peitos movimentavam-se em respirações sincronizadas. As mãos dele estavam a cada lado do meu corpo, me prendendo. Não importava que a terra embaixo de mim estivesse gelada, ou que cada pedacinho de tecido no meu corpo estivesse ensopado, o sangue bombeou e estacionou no meu estômago, me aquecendo por completo na base da minha coluna. Senti cada centímetro do contato como se fosse um impulso elétrico. O joelho dele tocando a minha perna, a pressão do seu peito, seu quadril roçando no meu… Fiz um movimento para rolar de costas e ele se abaixou ao meu lado, apoiando-se no cotovelo. A chuva escorria pela testa dele, delineando suas maçãs do rosto e nariz. Fiquei olhando para os filetes que acariciavam seus

lábios com uma sede de doer os ossos.

– Merda, Camden, não consegui parar. Tentei, mas está muito escorregadio. – Ele riu, deitando-se de costas na grama molhada. – Esse jogo é uma porcaria.

Eu soltei uma gargalhada e ele virou a cabeça ao mesmo tempo que eu. Nossos olhares se encontraram e seu riso desapareceu. Eu não queria olhar para sua boca tentadora, nem ceder ao silêncio que tornava difícil respirar. Queria ficar bem aqui, no centro deste crescendo, bastante ciente do quanto nossos membros estavam perto. Se eu avançasse um centímetro ou dois, poderia tocar sua mão com a minha. Vozes distantes, o barulho da chuva, o tum-tum do meu coração: deixei tudo de fora. Ele me encarou. Apenas encarou enquanto o céu se abria e nos lavava.

– Eu segurei a sua mão – sussurrou.

– Você se lembra?

– Lembro. – Ele mordeu o lábio inferior e eu prendi a respiração por três ou quatro segundos, até que ele falou novamente. – Espero não ter… – Ele suspirou e gaguejou numa risada nervosa. – Não quero que você pense… – Royal foi o primeiro a quebrar o contato visual, levando seu olhar ao céu, me deixando sozinho conforme ele tropeçava nas palavras. – Quero dizer… não quero que você pire.

– Vamos, mocinhas! – gritou Ellis, interrompendo, e nós dois nos sentamos devagar, lembrando que não estávamos sozinhos.

Repousei os braços nos joelhos, ignorando como meu ombro doía. Royal não olhou para mim, preferindo manter a cabeça baixa. Os caras estavam na outra ponta do campo, a maioria envolvida numa discussão, esperando que nos levantássemos para continuar o jogo. O único prestando o mínimo de atenção na gente era Kai, entretanto, ele não parecia interessado. Afinal, a maioria dos caras terminou no chão pelo menos uma vez hoje. Olhei por

sobre o ombro para o nosso goleiro, ele estava mais longe do que eu achava. Não consegui percorrer o campo inteiro antes do Royal trombar em mim.

Ninguém estava perto o bastante para ouvir a nossa conversa e, quando Royal fez menção de se levantar, eu o impedi.

– Por quê?

Ele olhou novamente para mim, franzindo a testa.

– Por que você segurou a minha mão?

Ele me encarou com o semblante sério, contemplativo, e eu pude ver seu pulso na curva do pescoço, cada batimento rápido acelerando ainda mais a cada segundo que se passava.

– Não tenho certeza – respondeu, enfim, num sussurro, mais para ele mesmo do que para mim.

Eu estava zonzo, meu estômago vazio se encheu de incerteza e temor. Queria vomitar. Não deveria ter perguntado. Deveria ter deixado para lá. Ele havia bebido demais. Eis o motivo. Era o único motivo possível. Mais do que qualquer coisa, fiquei com medo de que ele descobrisse que eu havia gostado, que queria dizer para segurar a minha mão de novo, que queria fazer tudo o que me disseram que nunca poderia, nunca deveria querer. Fiz um amigo e ia estragar tudo.

– Estamos bem? – perguntou ele, sua ansiedade fez soar como uma súplica.

Assenti, desviei o olhar para o campo, e deixei-o livre.

– Sim, estamos bem.

··· 14 ···

ROYAL

Mentira.

A palavra ficou se repetindo pelo resto da manhã, estendendo-se em seus sinônimos conforme o dia avançava.

Invenção.

Dissimulação.

Desonestidade.

Encharcado e congelado até os ossos, a única coisa em que eu pensei quando o jogo acabou e vi Camden passar os dedos em seus cabelos molhados, foi o quanto queria sentir aqueles dedos entrelaçados nos meus novamente. Eu disse a ele que não sabia por que segurei sua mão. Eu era covarde demais para lhe contar a verdade. Para lhe dizer que gostava dele de um jeito que não compreendia totalmente. Que queria segurar sua mão, talvez até sentir seus lábios nos meus. Que não conseguia evitar que meus olhos contemplassem cada contorno dos músculos que se revelaram por baixo da blusa úmida colada ao seu corpo. Os sulcos do seu abdômen chamaram minha atenção de maneiras que eu nunca teria pensado ser possível.

Eu me senti entorpecido.

Obcecado por algo que não podia tocar.

Uma comichão que eu queria coçar até sangrar.

Gostei de tê-lo debaixo de mim. Por aquele mínimo segundo, quando nossos corpos colidiram e se alinharam, tudo pareceu certo. Clicou. Eu

gostava de meninos. Ou talvez de apenas um *menino*. Não explorei nenhuma outra opção porque era o nome dele que sempre rondava a minha cabeça. Ele era um fio que eu continuava desenrolando, e quanto mais desenrolava, mais eu queria continuar. Talvez eu gostasse de meninos, mas nunca percebi por que nenhum despertou meu interesse. Sempre tive a Nat, e agora…

Deixei meus olhos vagarem pelo campo, olhando para cada um dos meus amigos e, sem dúvida nenhuma, sabia que não estava a fim de nenhum deles. Meus olhos capturaram os de Camden. *Ele* estava olhando para *mim*.

O que foi aquilo?

Mordi a bochecha, reprimindo um sorriso quando Kai sorriu para mim por trás do ombro de Camden. Eu estava pensando demais nisso tudo. Ser hétero não significava que me sentiria atraído por todas as mulheres. E se eu era gay, também não queria dizer que ficaria atraído por todos os caras. A atração não funcionava desse jeito. Era discriminatório. Preferia o que o corpo queria. Tudo era química e havia algo em Camden, talvez sua música, e talvez fosse porque ele era estranho, ou talvez porque tinha cheiro de pimenta e sabonete, e tão perfeitamente masculino, que me fez sentir que estava caminhando para algo que sempre conheci. Ele me fazia sentir nostálgico por algo que nunca tive.

– Caralho, estou com fome – resmungou Kai quando veio para cima de mim e empurrou o frisbee no meu peito. Empurrei de volta. – Deixa eu adivinhar, você vai almoçar com a sua irmã.

A chuva escorria pelo nariz dele, o céu não havia parado sua tormenta. Não costumava chover tanto assim. Geralmente, era mais como névoa e uma chuva leve e permanente. Hoje foi torrencial.

– Almoce com a gente. Estamos na metade do período e você mal a conhece. É estranho. Cara, ela é minha irmã e você, o meu melhor amigo. Vocês deveriam estar conspirando contra mim.

Ele se inclinou:

– Imaginei que você quisesse conversar com ela sobre… – Ele limpou a garganta. – Você sabe… tudo.

Os caras vinham em nossa direção. Camden estava com eles, de lado, em sua bolha, enquanto eles riam e falavam merda uns para os outros. Ellis, infelizmente, apareceu para jogar e era o que mais falava merda. Parecia que ele tinha que provar alguma coisa sempre que estava perto de mim. Não ajudava eu acabar com ele em todos os treinos de natação. Meus tempos superavam os dele em pelo menos 15 segundos regularmente. Sinceramente, eu me perguntava como ele tinha entrado para a equipe.

– Quero dizer, você precisa processar, certo? Você não me quer por perto com todos esses coraçõezinhos e gritinhos. – Ele riu.

– Você é tão babaca. Nem sei por que sou seu amigo.

– É porque você secretamente me acha gostoso.

– Você vai continuar falando essas idiotices o tempo todo, não vai? – Ele assentiu, seus lábios curvaram-se nos cantos quando sussurrei – Eu nem mesmo sei por que gosto dele, Kai Quero dizer, eu gosto, mas…

– Comida. Urgente – interrompeu Corbin e o grupo repetiu seu sentimento em grunhidos.

– Tenho quase certeza de que vou precisar que a Bethy me chupe para meu saco voltar para fora. Estou com um frio do caralho. – Ellis fez uma grande encenação, tremendo e segurando o saco.

Kai revirou os olhos.

– Se ela conseguir achar seu pau.

– Por que você não me chupa? – zombou Ellis. – Ah, claro, é para isso que Royal serve.

Alguns caras riram, mas os outros, os nadadores mais velhos, olharam para Kai para ver sua reação. Kai era todo sorrisos, mas aprendi a lê-lo.

Seus ombros estavam duros e sua coluna, ereta, quando ele lançou um olhar assassino para Ellis.

– Vai se foder, Ellis. Quem sabe na próxima vez que ele me chupar você queira assistir?

Agora, todos riram, até Dev, que era mais sério do que o resto dos cara em relação a maioria das coisas. Eu ri, mas saiu mais como uma risadinha nervosa quando percebi a reação no rosto de Camden. Apesar da chuva congelante, suas bochechas estavam bem coradas, ele olhava para baixo e estava com as mãos nos bolsos molhados. Ele engoliu em seco e se mexeu de forma estranha. Meu sorriso fraquejou.

– Não sei por quanto tempo vocês vão falar sobre as nossas vidas amorosas, mas eu vou para a Annie, preciso de panquecas. – Sherman deu um empurrão amigável em Camden. – Você vem?

Camden levantou a cabeça, seus olhos estavam nos meus quando ele respondeu:

– Não, preciso praticar.

Ellis bufou e, antes que pudesse fazer outro comentário libidinoso, descarreguei:

– Eu também não posso ir. Vou encontrar a Indie na Beckett. Volto com você.

Camden não respondeu, mas também não se afastou.

– É sério que você está dando a desculpa da irmã de novo? – Dev sorriu para mim. – Ou está puto porque ganhamos o jogo?

Eu ri, o que aliviou a tensão que começara a se formar em meus ombros. Era só conversa fiada. Coisas com as quais eu deveria estar acostumado. Mas Ellis me irritou desde o primeiro dia em que o conheci, e minha intuição me dizia que, se ele soubesse dos sentimentos que eu estava desenvolvendo por Camden, minha vida aqui em St. Peter se tornaria um

desastre total.

– Não, cara. Prometi que me encontraria com ela. Mas divirtam-se.

– Eu trabalho hoje à noite, se você quiser…

Interrompi Kai:

– Não, tenho muito dever de casa.

– É. – Ele estendeu o punho e eu bati nele com o meu. – E eu não sei? Só piora, cara. – Kai sorriu para mim antes de olhar para seu colega de quarto. – Pelo menos você mora num individual, não tem nenhum vizinho de mau-humor tocando música a noite inteira. – Kai falou brincando e, para a minha surpresa, os lábios de Camden se curvaram num quase sorriso. – Fico contente por você ter decidido viver um pouco… obrigado por vir.

Camden ergueu o queixo.

– Obrigado pelo convite.

– Você jogou bem, seu trouxa. – O sorriso de Dev enrugou seus olhos quando ele deu um tapinha nas costas de Camden. Tive que reprimir uma risada diante do olhar aflito de Camden.

Depois de mais algumas despedidas, o grupo se separou e os caras foram para a Annie, me deixando com Camden lado a lado num silêncio quase palpável. O álcool havia saído oficialmente do meu organismo, minha ressaca foi ofuscada pelo vazio no meu estômago e o frio em meus ossos. Panquecas na lanchonete local parecia perfeito agora, mas eu precisava falar com a minha irmã, precisava dela para ajudar a organizar a bagunça dentro da minha cabeça. De bônus, mais alguns minutos sozinho com Camden. Eu precisava resolver esse nervosismo. Descobrir se ele era algo que eu poderia ao menos ir atrás, e isso definitivamente valia perder um café quente e uma utopia açucarada.

– Pronto? – perguntei e ele assentiu.

Talvez também houvesse algo para ele. Ele me deixou segurar sua mão,

não deixou? Começamos a subir a colina em direção ao Garrison Hall e a noite passada ficou se repetindo na minha cabeça. Eu havia segurado a mão dele, ele fechou os dedos nos meus, garantiu que eu chegasse em casa em segurança e… a visão dele na minha porta, aquele sorriso de leve em seus lábios ficava aparecendo na minha mente.

– Você ficou – sussurrei, e nós dois paramos no alto da colina um pouco sem fôlego. – Essa noite, até eu dormir.

Ele cutucou a terra molhada com a ponta do tênis, de cabeça baixa, admitiu:

– Eu estava preocupado. Não sabia se você iria vomitar. Não queria que sufocasse.

Bati o ombro no dele e ele levantou a cabeça. Seus olhos grandes me engoliram e eu gaguejei.

– Isso… isso foi bem legal da sua parte.

– Não é o que os amigos fazem? – perguntou ele, franzindo a testa profundamente, inclinando a cabeça um centímetro para o lado.

Ele não estava perguntando de um jeito que sugeria "cara, amigos são para isso". Ele estava literalmente perguntando "não é isso que amigos deveriam fazer?", como se talvez não soubesse. Como se nunca tivesse tido nenhum amigo. Eu enxerguei tudo errado. Ele não gostava de mim *assim*. Ele era mesmo muito desorientado socialmente. Será que eu era seu primeiro amigo de verdade? Ele não saía muito do seu quarto, pelo menos, não desde que comecei a passar as tardes com Kai. Eu sabia que ele era solitário. "Saber" sendo uma palavra que usei vagamente porque tinha a sensação de que ninguém realmente sabia quem Camden Morgan era. Ele queria ser meu amigo, um amigo com o qual ele não fazia ideia do que fazer. E eu o queria, um sentimento com o qual eu não fazia ideia do que fazer.

Não consegui evitar, então, gargalhei.

Seu sorriso foi tentador quando ele perguntou:

– O que foi?

– Nada. – Balancei a cabeça, meu sorriso se espalhou pelo meu rosto. – É, Camden, amigos são para isso.

Seus lábios grossos se levantaram, o sorriso ia até os seus olhos, e a minha risada parou diante da beleza transparente dele. Eu ainda não havia visto este sorriso e me senti bastante privilegiado em testemunhá-lo. Seu cabelo pingava, pesado por causa da chuva, e caiu em seus olhos, deslizando pelos seus cílios pretos. Senti o impulso de chegar as mechas para o lado. Mas, isso também teria sido muito esquisito, já que amigos tecnicamente não deveriam se tocar desse jeito. Ao invés disso, corri meus dedos inquietos pelos meus próprios cabelos.

Sentindo-me desconfortável, perguntei:

– Quer almoçar comigo… digo… não só comigo… minha irmã vai estar junto.

Jesus, eu era um idiota.

Mas aquele sorriso… eu lidaria com o meu constrangimento e a minha falta de palavras apropriadas em qualquer dia para vê-lo com mais frequência.

– Tenho que trabalhar no meu recital, vai ser no dia dez deste mês e eu ainda não o domino.

– Duvido. Você é um *gênio*. Lembra? Vá se limpar e nos encontre no Beckett.

Ele voltou seu olhar para os dormitórios e eu me arrependi de pressionar tanto.

– Só se você quiser – acrescentei, minha voz saiu tão tranquila quanto consegui.

– Eu quero. – As palavras saíram tropeçando de sua boca. Camden

levantou a cabeça, seus olhos tempestuosos analisaram meu rosto. – Mas tenho que praticar.

Meu sorriso saiu desanimado, mas esperava que ele não tivesse percebido quando lhe garanti:

– Deixa para a próxima, então.

Ele assentiu.

– Deixa para a próxima.

♫

– Acho que você deveria mandar uma mensagem para ele. Ele lhe deu o número, não deu? – Indie se jogou na minha cama grunhindo.

– Deu, antes de eu sair para te encontrar. – Empurrei seu quadril de brincadeira. – Chega para lá, Pink.

Ela grunhiu de novo, segurando a barriga.

– Não devia ter comido tanto.

Estreitei o olhar quando ela deslizou devagar, me dando um espacinho no colchão.

– Você comeu metade de um sanduíche. Isso não conta como "comer demais".

Deitei-me ao lado dela, a ponta de sua trança lateral fez cócegas no meu rosto.

– Também comi duas fatias de bolo, e não mude de assunto. Mande uma mensagem para ele, vá vê-lo à noite.

Durante o almoço, eu contei a Indie tudo o que aconteceu desde que nos separamos na noite passada até o momento que nos encontramos. Ela não pareceu intimidada por nada daquilo, como se eu tivesse lhe contado sobre alguma garota, não havia diferença nenhuma, como se a possibilidade de seu irmão ser bissexual não fosse uma coisa chocante. Sendo "bissexual" o

termo que ela desferiu com tanta facilidade durante o almoço, mas acho que se fosse o contrário, eu agiria igual. Ela me apoiava e eu sempre a apoiei, mas isso não significava que não nos preocupávamos que o outro pudesse se machucar. Apenas nos certificávamos de sermos a rede onde o outro poderia cair se precisasse.

– Eu já encontrei com ele hoje. Seria estranho.

Ela suspirou e deu uma cotovelada na minha costela.

– Merda. – Gemi. – Que porra foi essa?

Parecia que meu corpo inteiro havia sido atropelado por um ônibus, duas vezes, e depois pisoteado por uma manada de elefantes. Não consegui tomar banho depois do jogo, e as minhas lesões começavam a dar sinal de vida. Também não ajudou o fato de a minha calça jeans ainda estar um pouco úmida, e todo o meu nível de conforto estava por volta de cinco negativo.

Indie riu.

– Desculpe. É que às vezes você consegue ser tão teimoso quanto o tio Liam.

– Para que essa agressividade?

Não conseguia ver seu rosto, mas juro que ouvi seus olhos revirando.

– Você gosta dele?

– Gosto.

Senti-a encolhendo os ombros.

– Então, mande uma mensagem. Qual o problema?

Ela estava simplificando demais. Eu poderia listar pelo menos três problemas. Então, foi o que fiz.

– Um: Ele disse que queria praticar. Dois: Não tenho certeza de que gostar dele seja assim tão saudável. E três: Não existe nenhuma garantia de que ele sinta o mesmo.

Ela se sentou, seus gélidos olhos azuis no meu rosto, a preocupação

franzindo sua testa, ao perguntar:

– O que quer dizer com não é saudável?

Minha garganta arranhou quando falei, as palavras pareciam cascalho ao saírem da minha boca:

– Digamos que Kai esteja certo e Camden seja…

– Gay.

– Gay – pronunciei a palavra e ela caiu no meio de nós dois com um peso palpável, profundo, substancial. – E se começássemos alguma coisa e… o que… – parei, deixando a ideia assentar. – O que a nossa família diria, Pink?

– Mamãe e papai nos amam independente de qualquer coisa. Blue. Você sabe disso. Eles nem iriam pestanejar.

Meu coração trovejou dentro do meu peito. Ele inchou, ocupando muito espaço. Eu mal conseguia respirar.

– E Liam… ele é… antiquado. Provavelmente pensaria que estou doente por sequer pensar…

– Pare. – Ela balançou a cabeça. – Você não sabe disso e…

– Ai, meu Deus, e o tio Kieran. – Fechei os olhos. – Mamãe disse que ele quase se tornou padre antes de conhecer a tia Mel. E os nossos primos? E se Ava e Quinn não tiverem mais permissão para sair comigo?

A lista de "por que não" continuava aumentando. Minha equipe, meu treinador – merda – Ellis. Esta era uma universidade particular Católica e eu seria expulso. *Não seria?*

– Tudo bem. – A expressão natural fez meus olhos abrirem. – Você claramente está no modo pânico e não vou falar que está errado. Sim… – Ela falou como se conversasse com um cachorro assustado, com o tom de voz tranquilo no estilo "tudo vai ficar bem". – O mundo pode ser mente fechada, cheio de ódio… intolerante. Você não pode fazer escolhas baseadas no que

os outros podem dizer ou pensar. E se a mamãe nunca tivesse deixado o primeiro marido por medo do que a família dela diria? Você sabe que eles odeiam o papai, mas ela queria uma vida melhor para si e sabia que papai era isso para ela. Nós não estaríamos aqui… – sua voz diminuiu e ela puxou a manga da minha camisa. – Nossa família foi criada no amor, Blue, e se o tio Liam ou qualquer outra pessoa tem algo a dizer, não merece ver sua felicidade, fazer parte da sua vida. – Pisquei para espantar a queimação em meus olhos e ela me deu um sorriso triste. – Eu nunca quis ninguém, nunca tive um namorado e, quando você fala de Camden fica tão iluminado, sua tristeza vai embora e seus olhos brilham, e é isso que eu quero também. Então, mande uma mensagem para ele, caramba. Quero viver indiretamente através de você. – Ela fungou e tossiu ao soltar uma risada.

Eu me sentei e a abracei. Sempre pensei que ela fosse a pequena e frágil, mas hoje provou ser definitivamente a mais forte de nós dois. Eu ri e beijei o topo da cabeça dela.

– Sou tão feliz por ter você para conversar. Não sei como teria passado por tudo isso.

– É legal que Kai esteja do nosso lado. – Ela se afastou e enxugou os olhos. – Ele parece… um cara legal. – Ela deixou os olhos caírem para a cama e o tom rosado do seu rosto empalideceu.

– Um cara legal, é? – provoquei, e ela me olhou irritada.

Levantando-se, ela pegou meu celular da escrivaninha e o jogou para mim.

– Mande. Mensagem.

– O que eu digo? – Olhei fixamente para a tela preta.

– Diga que ele precisa de alguém para ouvir seu recital… é… para se assegurar de que está bom.

– Acho que isso pode mesmo funcionar. – Levantei os olhos do meu telefone e o sorriso no rosto de Indie me deu confiança.

Afinal, amigos se ajudam em tudo. Camden me ajudou a chegar em casa em segurança, se certificou que eu não aspirasse meu próprio vômito e me "ajudou" com meu dever de matemática.

– Vai, sim. Estou com um bom pressentimento.

– Você diz isso sobre tudo – respondi com um sorriso torto.

Ela beijou a minha testa.

– E tudo sempre acontece do jeito que deveria.

··· 15 ···

ROYAL

***Eu**: Ei, é o Royal.*

Apertei “enviar” e esperei.

Nada.

Dois minutos.

Nada.

Outros cinco.

Caí de costas na cama suspirando, achando que Indie pudesse estar errada quanto a mandar mensagem para ele.

Segurei o celular na frente do rosto e digitei novamente.

***Eu**: Amigo do Kai.*

Minha mão pairou sobre o botão de “enviar” e revirei os olhos. *Amigo do Kai?* Sem essa. Apaguei. Eu estava prestes a ceder aos resmungos do meu estômago e simplesmente ir jantar com Indie como tinha planejado, quando a tela acendeu.

***Camden**: Ei.*

Minhas bochechas doeram de verdade por causa do enorme sorriso bobo que se abriu em meu rosto.

***Eu**: Ainda está praticando?*

Felizmente, não tive que esperar muito desta vez. Sua resposta foi imediata.

***Camden**: Sempre.*

Soltei um suspiro e ponderei sobre o que queria perguntar primeiro. Será que queria dar um tempo? Será que estava com fome? Por causa da demora, ele mandou outra mensagem.

***Camden**: Por quê?*

Direto ao ponto. Pensei que deveria fazer o mesmo.

***Eu**: Quer companhia?*

Isso soou estranho. Não soou?

***Eu**: Talvez precise de uma segunda opinião. Para o seu recital?*
***Camden**: E você se qualifica?*

Eu ri alto e, como um idiota, olhei em volta, pelo meu quarto vazio, para ver se alguém havia percebido.

***Eu**: Sim. Na verdade. Sim. Muitos anos ouvindo piano clássico enquanto fazia o dever de casa me dá todas as credenciais de que preciso.*
***Eu**: E estou entediado e com fome, e só quero mesmo dar uma volta.*

Arrisquei e pressionei "enviar" para a última coisa que digitei. Minha pulsação martelava nas minhas têmporas enquanto esperei pela resposta dele. Foi totalmente ridículo minha boca secar e minhas mãos suarem. Esfreguei uma na coxa. É. Suada. Camden me deixava nervoso. Lembrei-me

da história que meu pai me contou sobre quando a mamãe falou com ele da primeira vez e não me senti tão patético. Ele disse que nunca ficou tão empolgado. Contou que apenas a voz da mamãe o fez se sentir mais louco do que qualquer voz sussurrada com que ele aprendeu a lidar ao longo dos anos. Eu estava um pouquinho louco agora. Elétrico, mas pelo menos eu sabia como era sentir *isto*. Isto. Eu não aceitaria menos.

O telefone vibrou e eu quase o deixei cair.

***Camden**: Eu gostaria de uma segunda opinião.*

Sentei-me, o sorriso em meu rosto era mais sociável do que tinha direito de ser.

***Eu**: Ideias para o jantar?*
***Camden**: Qualquer coisa, menos comida chinesa.*

♫

Quando cheguei à porta da frente de Camden, todo o fundo da embalagem para viagem estava encharcado de gordura. A gordura do misto quente com queijo suíço que trouxe da Beckett havia se espalhado mais rápido do que eu consegui atravessar o campus. O frágil saco de papel branco poderia rasgar a qualquer momento. Evitando um desastre, escolhi segurar o fundo da embalagem com as duas mãos e fui obrigado a bater, sem muita delicadeza, com o meu pé. Tentei não morder a bochecha enquanto esperava. Mais tenso do que jamais estive em toda a minha vida, mudei o peso do corpo do pé esquerdo para o direito e relaxei um pouco quando ouvi o arranhão metálico do ferrolho.

Camden estava parado à porta com o rosto corado e os olhos brilhando. Ele olhava como se estivesse ansioso para me ver e, quando sorriu, meu

estômago deu um salto como se fosse um peixe sufocando na areia.

– Entre. – Ele chegou para o lado e eu passei, dizendo a mim mesmo para ser casual.

Fique de boa.

Calmo.

Somos amigos. Tudo o mais teria que esperar.

– Trouxe sanduíches do refeitório. Espero que não se importe. – disse ao colocar o saco na mesinha de centro.

– Tudo bem – disse ele em um tom que fez me perguntar se estava mesmo. Parecia nervoso. Inquieto. Ele enfiou as mãos nos bolsos. – Tenho alguns refrigerantes no meu frigobar.

– Isso seria muito bom. – Sorri levemente para ele enquanto me sentava no sofá. – Obrigado.

Ele me deixou sozinho na sala e eu tirei os dois sanduíches do saco. Era simplesmente como passar um tempo com Kai. Não precisava ficar nervoso. Não era como se fosse um encontro nem nada assim. Pelo que eu sabia, Camden era totalmente hétero. Levantei o olhar e o vi parado no batente da porta do seu quarto. Com duas Cocas nas mãos, ele me observava de um jeito que me fez duvidar da desculpa "totalmente hétero". Um suspiro mudo, uma respiração trêmula, escapou de sua garganta quando me deparei com seu olhar quase quente. Eu não havia imaginado este olhar sombrio, nem como o senti da cabeça aos pés. Ele piscou e abaixou a cabeça ao caminhar até o sofá.

Sua voz estava grossa ao falar:

– Obrigado por trazer o jantar.

Ele pôs as duas latas de refrigerante na mesa e se sentou no sofá, não perto o bastante para que nossos joelhos ou ombros se tocassem, porém, mais perto do que Kai costumava se sentar ao meu lado. Eu estava pensando

demais e deixei escapar uma risadinha.

Estendi os guardanapos cheios de gordura como uma distração para a minha risada nervosa.

– Tem mais aí?

Depois de ele pegar algumas toalhas de papel numa estante na despensa deles (o roupeiro onde Kai estocava macarrão instantâneo e proteínas em pó), comemos num silêncio não muito confortável. Alguns minutos se passaram e eu comecei a duvidar de mim outra vez.

Eu estava surtando, pensando em alguma coisa para falar, quando ele falou primeiro:

– Não sou bom nisso.

Engoli o sanduíche que estava na minha boca, quase engasguei, ao perguntar:

– Jantar?

Ele agitou a mão.

– Isso. Socializar. – Ele sorriu, quebrando o aparentemente impenetrável muro entre nós dois.

– Você não se dá crédito suficiente. Estou aqui. Você me convidou.

– Você se convidou.

Eu ri descaradamente.

– Sou intrometido.

Quando quero alguma coisa.

– Kai é intrometido. Você é… – ele se virou e eu desejei o fim da frase. – Para mim, é difícil fazer amigos.

– Você tem outros amigos onde mora?

Ele balançou a cabeça.

– Nenhum irmão, correto?

– Não… acho que meus pais não queriam filhos. Eu fui uma surpresa, o

que é irônico porque meu pai é obstetra.

– Sua mãe é médica de quê?

– Psiquiatra. – Ele colocou seu sanduíche pela metade de volta na embalagem aberta. – Meus pais são muito rigorosos. Escola. Piano. Escola. Piano. Os papéis eram sempre definidos, sempre claros. Meus pais são médicos e eu seria um compositor.

Isso pareceu definitivo demais, como uma pena que lhe foi imposta. A tristeza em sua voz era escondida com maestria, mas a ouvi mesmo assim.

– Você pode ser o que quiser. – Ele olhou para mim e seus olhos se encheram de inúmeras perguntas. – Pelo menos, é o que meus pais me dizem há anos.

– O que seus pais fazem?

– São artistas. Pintores. Eles têm uma galeria a cerca de um quilômetro do nosso apartamento em Salt Lake.

Ele engoliu em seco e um sorriso despontou nos cantos de seus lábios.

– Como foi? Crescer com pais artistas?

Recostei-me nas almofadas do sofá, meu sanduíche ficou esquecido na embalagem, e dei de ombros.

– Meio legal. Meio problemático. – Eu me contraí. Camden vinha de propriedades e dinheiro e eu… bem… – Meu pai também é tatuador. Ele e os dois irmãos têm um estúdio de tatuagem.

– Tipo caveiras e rosas? – perguntou, seus olhos cinza encontrando aquela pequena centelha de verde. O interesse o iluminava de dentro para fora.

Assenti e ele ergueu as sobrancelhas.

– Parecemos hippies, não é?

– Na verdade, parece legal. – Camden suspirou. – Diversidade nunca foi celebrada na residência dos Morgan.

Ele deveria ser celebrado. Pelo que ouvi sobre seu talento até agora, seus

pais deveriam celebrá-lo todo santo dia.

– Mas você gosta de tocar piano?

– Gosto. – Mais uma vez, ele olhou em volta. – O silêncio me deixa nervoso. – Ele riu e o som de sua risada se aninhou sob a minha pele. – Isso é louco, não é?

Soltei uma risada.

– Não acho, e sou versado em loucura. Nada esquisito demais. Prometo.

Ele me encarou, uma pergunta se formava dentro dos vincos em torno dos seus olhos.

– Como você é versado em loucura?

Eu não havia contado a ninguém, nem mesmo a Kai, sobre a doença mental do meu pai ou da minha irmã. Não porque eu tinha vergonha de quem eles eram. Parecia errado apresentar a privacidade deles às pessoas. Mas Camden estava apresentando seus fragmentos estilhaçados. Eu também tinha pedaços quebrados e queria que ele soubesse que estar quebrado nem sempre era algo ruim.

– Já ouviu falar de transtorno esquizoafetivo?

– Não.

– Minha irmã e meu pai lutam com os humores. Altos e baixos. Depressão e períodos de mania. Eles controlam os sintomas com terapia e medicamentos, mas sempre ouvem vozes em suas cabeças. E alguns dias são mais sombrios que outros.

– É por isso que eles pintam, não é?

Assenti.

– O silêncio te deixa nervoso. Mas eles dariam qualquer coisa por alguns segundos de silêncio. – Meu sorriso era fraco. – Só que a minha irmã diz que sem as vozes ela provavelmente seria péssima pintora. Meu pai diz a mesma coisa. Mas eu digo que é besteira. – Eu ri. – Minha mãe não ouve vozes e ela

é a mais talentosa da família. Sussurrei. – Mas não conte a Indie que eu falei isso.

– Não vou contar – respondeu ele com o tom sério.

– Estou brincando.

Ele sorriu.

– Ah.

Dei um gole na minha lata de refrigerante.

– Você pinta? – perguntou, e eu coloquei a lata de volta na mesa.

– Não. A minha praia é a natação.

– E você é bom?

Meu riso veio fácil.

– Gostaria de pensar que sim. Você deveria vir para a competição desta semana. Mesmo todos nós sendo horríveis, seria legal que você fosse.

– Vou tentar. Preciso…

– Praticar.

Nós dois sorrimos.

– É por isso que estou aqui, certo? Para te dizer se seu recital está bom?

Seus lábios se abriram num outro sorriso de parar o coração.

– Está bom. Eu só sou perfeccionista.

– Você acha? – Empurrei-o amigavelmente com o cotovelo. – Mostre-me do que é capaz.

Embrulhamos as sobras dos nossos sanduíches e ele os colocou dentro do frigobar debaixo da sua mesa. O quarto dele era mais bagunçado do que eu teria imaginado, apesar das paredes estéreis e do acolchoado sólido cinza, era acolhedor… habitável. Sua mesa estava cheia de partituras espalhadas. A maioria estava rabiscada de lápis onde imaginei que ele tivesse mudado as suas compilações de notas. Não sei absolutamente nada sobre ler música, mas queria ter aprendido em algum momento. Seria legal falar a língua dele.

– Pode se sentar na cama se quiser. – Sua cadeira estava ocupada com uma pilha de livros e, em cima deles, seu laptop e mochila. – Desculpe pela bagunça.

Ele pôs as mãos nos bolsos e seu rosto corou. Alguns fios de seus cabelos castanhos caíram em sua testa. As mechas pareciam limpas e macias, e eu me perguntei se seu cheiro apimentado vinha do xampu ou do sabonete. Não era forte como uma colônia e, quando ele virou em direção ao teclado, tive vontade de meter o nariz em seus cabelos da nuca. A ideia fez as pontas dos meus dedos formigarem e eu me senti endurecer dentro da minha calça jeans. Grato por ele estar olhando para a direção oposta, sentei-me ao pé da cama, tentando pensar em qualquer coisa que não fosse o sangue bombeando nas minhas veias. Recitei o alfabeto na minha mente e, quando isso não funcionou, pensei no verão em que eu caí da motocicleta estacionada do meu tio e esfolei meu joelho. Eu tinha acabado de fazer cinco anos e Liam gritou comigo por sair da loja sem permissão. Meu tio conseguia ser assustador quando queria. A lembrança resolveu o problema e fiquei olhando para o teto até que as notas tranquilas começaram a preencher o ar. Não olhei para ele a princípio. Apenas ouvi. Deixei sua música preencher todas as falhas na minha confiança, todas as minhas perguntas desapareceram com as notas assombradas.

Quando finalmente permiti meus olhos uma amostra, Camden estava de cabeça baixa, deslizando os dedos sobre as teclas. Seus ombros pareciam largos e firmes debaixo do algodão cinza desbotado de sua camiseta. Observei os músculos de suas costas se alongarem a cada vez que ele respirava fundo enquanto tocava. Ele não cometeu nenhum erro. Ou, se cometeu, não percebi. Como no primeiro dia em que o ouvi tocando naquela tarde de agosto e todas as tardes desde então, fiquei perdido na música. No homem que a tocava. Ouvi-lo, agora, tão perto, era mais real. Ficava fácil

imaginá-lo sozinho em algum cômodo frio e branco. Dentro de uma casa que só poderia fingir ser seu lar. Dava para ouvir sua adolescência solitária conforme as notas soavam e, ao final, quando a melodia se tornou justa e aguda, pude ouvir sua raiva.

O quarto se tornou absolutamente silencioso, a última nota não pairava mais entre nós dois quando ele se virou para mim. Ele se inclinou sobre o teclado e perguntou:

– Qual o seu parecer?

Demorei um segundo para responder, para recuperar o fôlego. De onde eu estava, sentado em sua cama, ele pairou sobre mim com lábios grossos e um maxilar firme. Atordoado, sussurrei:

– Lindo e complicado.

– É? – Seus lábios contorceram e eu pensei que ele fosse sorrir.

Assenti e, se não tivesse apavorado pela sua possível resposta, teria acrescentado: “Como você”.

··· 16 ···

CAMDEN

A música se provou ser uma péssima distração. Olhei por sobre o ombro para a minha cama vazia e a mentira que venho contando a mim mesmo nesses últimos quatro dias soou falsa na minha cabeça. Desafinada. Toquei uma nova sequência de notas e as deixei pairar no ar. Se pudesse, derrubaria cada uma delas, as engoliria e esperaria que me ajudassem a lembrar que diabos eu estava fazendo. Desisti e caí de costas na cama, fechei os olhos e suspirei profundamente. Não conseguia mais praticar. A música era vazia. *Eu não precisava dele aqui*. A mentira também se tornou vazia.

Como sempre, Royal esteve no meu apartamento todas as tardes, mas, em vez de ficar no sofá, alimentando-se do vício de Kai em comida chinesa, ele vinha ao meu quarto. Esperava um pouco, jantava, então, nove passos depois, ouvia uma batida na minha porta, seguida de um garoto lindo deitado na minha cama. Ele estudava matemática e, de vez em quando, conversávamos. Na maior parte do tempo, ele apenas ficava olhando para mim. Eu sentia quando ele me olhava. O calor dos seus olhos nas minhas costas enquanto eu tocava. Ele nunca pareceu se importar que eu praticasse a mesma música repetidamente. Eu gostava de tocar para ele. Eu gostava demais de tocar para ele. Disse a mim mesmo que precisava me adaptar. Não queria aceitar que meu foco tinha começado a mudar porque ele estava ali.

Sempre tive a música. O som tem sido a minha única companhia há tanto tempo que esqueci como era bom compartilhá-lo com outra pessoa. Quando

estava no fundamental, tinha uma amiga. Uma menina que minha mãe convidava de vez em quando porque o talento dela competia com o meu. Penny se sentava no sofá e me ouvia tocar, e eu me lembrava de sorrir quando ela batia palmas para mim como uma louca. Mas, quando ela tocava, o silêncio gritante da minha casa se estilhaçava com rajadas de calor em *staccato*. Penny parou de aparecer depois que ganhou o Prêmio de Composição Beth Ann Deville naquele ano. Eu fiquei em segundo lugar. A casa nunca mais soou da mesma forma.

Aprendi que não podia depender de nada nem de ninguém, apenas de mim mesmo. Sempre tinha que ser o melhor. Mas, agora, ele estava em todos os lugares. Podia sentir o cheiro dele no meu lençol à noite quando tentava dormir. Seu cheiro de verão influenciava as minhas escolhas de notas quando me deitava na cama pensando nos semitons, nos sistemas tonais, e nos tons. Eu tinha menos de uma semana para aperfeiçoar meu recital, mas tive dificuldade de encontrar a melodia a tarde toda.

A diferença era Royal.

Estas quatro palavras alfinetaram meus pensamentos e a mentira foi destruída.

Sua primeira competição seria nesta tarde.

Eu deveria estar lá.

Eu deveria estar lá.

A frase rodopiou dentro do meu cérebro. Alta e irritante. Meus olhos abriram e se fixaram no teto. Contei as três rachaduras perto do lado esquerdo da parede e me sentei abruptamente. Este quarto era uma tumba.

Peguei meu celular e a carteira de cima da mesa, sem pensar muito no meu coração e em como ele batia rápido. A sensação de aperto no meu peito não desapareceu até que eu fechasse a porta do Garrison depois de sair. O ar frio do anoitecer se grudou à fina camada de suor na minha testa quando meus

pés tocaram a calçada. Escolhi ir para algum lugar ao invés de ficar parado.

Royal havia me convidado, havia me dado algo pelo qual ansiar. E isso era bom. Ter amigos era normal. Sair numa noite durante a semana era normal. Estava cansado de me autossabotar.

Eu podia ser normal.

O Centro Aquático era úmido, fui recebido pelo cheiro de cloro ao abrir as portas. A recepção estava vazia, mas segui os torcedores e os mergulhos barulhentos até encontrar a escada que me levaria às arquibancadas acima da piscina. Achei uma fileira vazia na parte de cima e me sentei. O sol, que estava se pondo, iluminava a piscina através de uma enorme parede de vidro. Tons de dourado, rosa e laranja dançavam sobre a água, interrompidos apenas pelas ondinhas de crista branca criada pelos nadadores, cortando a piscina como se fossem lâminas.

Vi-me chegando mais perto, na beirada do meu assento ao procurá-lo no meio da bagunça. Demorei apenas alguns segundos mas, se já não tivesse memorizado seu modo de andar, não o teria visto. Ele andava com confiança, sua pele bronzeada estava molhada e reluzente na beira da piscina. O corpo de Royal era esculpido, definido por sulcos que formavam um V perfeito. Ele vestia apenas sua sunga pequena e apertada, óculos de proteção e uma touca da St. Peter. Minha respiração falhou quando ele se abaixou para a posição de largada. O público ficou em silêncio e, quando o apito soou e ele mergulhou, eu ouvi. O momento que o sol passou pelo horizonte e tocou seu corpo quando ele atingiu a água.

Brilhante e ousado.

Uma orquestra a cada braçada. Não consegui tirar os olhos dele enquanto manipulava os elementos. Usando o ar como combustível, dominando a água. Ele era rápido, mais rápido do que era humanamente possível e cada pernada imitava a batida galopante do meu coração.

– Vença – ouvi-me sussurrar.

Vença.

Vença.

Vença.

O público urrou quando ele tocou a parede, e os pelos do meu braço eriçaram. Seu orgulho brilhava mais do que o sol poente e, quando ele saiu da piscina, me dei conta de que não havia mais volta. Não tinha mais como desligar isso. Esta coisa que ele acendeu dentro de mim. Ela ardia quente demais e não se importava mais com a definição de normal do mundo. Não havia nada de normal no jeito com que meu rosto aquecia simplesmente porque o assisti cruzar aquele espaço. Seus olhos estavam no público e não havia nada de normal no jeito que eu me sentei ereto, esperando que ele me visse. E, quando seus olhos finalmente encontraram os meus, definitivamente não havia nada de normal no jeito que seu rosto se abriu em um milhão de vertentes de luz.

Royal era um farol e eu estava irremediavelmente atraído por ele. Ele passou a mão em seu braço molhado e eu não desviei o olhar. Era inútil. Eu tinha me afundado. Queria querê-lo, admitir para mim mesmo que precisava dele de qualquer maneira. Ser solitário era exaustivo. Obriguei-me a prender o seu olhar, agarrar-me àquele pedaço de esperança: nossa amizade. Até permiti aos meus lábios sorrirem quando acenei com o queixo em sua direção. Esse garoto me conquistou.

Uma cabeça loira virou algumas fileiras abaixo e sua irmã me cumprimentou com um sorriso largo. Parte de mim empalideceu ao pensar nela sentada ao meu lado. Será que ela leria minha expressão corporal? Meus pensamentos? Porém, quando ela se levantou e eu a vi sair da fileira onde estava e subir a escada, relaxei um pouco. Afinal, ela foi a única que deu a entender que eu teria uma chance com Royal, que pudesse ser o *tipo*

dele.

– Importa-se se eu me juntar a você? – perguntou ela, ficando à vontade ao meu lado.

– Cheguei à conclusão de que você e seu irmão só perguntam as coisas porque acham que estão sendo educados.

Ela riu. Foi suave e leve.

– E a verdade é…?

– Vocês só fazem o que querem sem ouvir a resposta.

Ela gargalhou e inclinou a cabeça para o lado.

– Você teria dito não?

– Quero sua companhia. Não me importo que sente ao meu lado.

Seus lábios estavam brilhantes e rosados e se abriram quando ela suspirou.

– Mas… – incentivou ela.

– Mas não é educado de verdade, a menos que se espere uma resposta para a pergunta.

– Anotado. – Ela franziu o nariz e brincou com a mecha solta do cabelo cor de palha que havia escapado de sua trança. – Aposto que ele está morrendo um pouco por dentro neste exato momento.

– Quem? Royal? – perguntei.

– Quem mais? É por isso que você está aqui.

– Ele me convidou, mas se você acha que é melhor eu ir embora, posso…

Ela pôs a mão no meu antebraço.

– Não, não foi o que eu quis dizer. Hoje, ele me disse que não achava que você viria. Ele te quer aqui. – O olhar dela era de compreensão. – Ele gosta de você, Camden.

Abaixei o olhar para onde a mão dela tocava o meu braço. Ela insinuou uma coisa que eu queria mais do que deveria querer, mas será que realmente

queria dizer que ele *gostava* de mim? Quis perguntá-la o que ele falou sobre mim. Se foi amigável ou se ela estava transformando aquilo em algo além do que deveria. Mas eu havia acabado de dar uma lição sobre ser educada e persuadi-la por informações sobre seu irmão era tudo, menos educado.

Contentei-me com a verdade e a deixaria fazer o que quisesse.

– Eu também gosto dele. Não tenho muitos amigos. – Nenhum, a propósito.

Indie apertou meu braço e soltou-o.

– Bom, agora você tem mais dois. – Ela era mesmo uma menina bonita, principalmente quando sorria.

Tinha algo triste nela, mas, por baixo da superfície, era tão radiante quanto Royal. Indie e o irmão eram duas das pessoas mais impactantes que já conheci. Isso me fazia imaginar ainda mais como seriam seus pais. Meus pais não tinham nada de especial. Uma cópia de todos em nossa rua. Ternos e vestidos monocromáticos. Cabelos castanhos sem brilho e rostos tensos. Minha mãe poderia ser considerada bonita se ela sorrisse e, talvez, meu pai fosse atraente, mas era difícil julgar uma vez que eles pareciam estranhos. A superfície era sempre uma mentira, era necessário conhecer uma pessoa para ver sua beleza.

– Você vai vir em todos as competições? – perguntei.

Ela assentiu.

– Na maioria. Vou ficar fora de algumas por causa dos projetos em que estou trabalhando, mas vou fazer o melhor que puder para estar presente. Blue estava meio triste hoje. Esta é a primeira competição que nosso pai perde.

Ambos olhamos para a piscina, procurando por aquela mesma faixa de pele dourada.

– Pelo que Royal me contou, seus pais parecem ser gente boa.

– E são. Eles sempre estiveram presentes, nem todas as crianças têm tanta

sorte. – Ela deu um sobressalto e respirou fundo, batendo o ombro no meu, e apontou. – Lá está ele. Vamos fazê-lo passar vergonha?

– Por quê…

Não tive a chance de terminar a pergunta. Ela se levantou, puxando a manga da minha blusa, basicamente me fazendo levantar. Ela era mais forte do que aparentava para alguém tão pequenina. Indie pôs a mão em concha na boca, projetando a voz a um volume que não pensei que ela fosse capaz ao gritar:

– Vamos lá, O'Connell. – Ela bateu o quadril no meu e subiu na arquibancada. – Venha, não me deixe na mão.

Seu rosto estava vermelho igual tomate, então, fiz o que tinha que fazer. Não poderia deixá-la fazer papel de boba. Pelo menos, era o que eu diria a Royal mais tarde. Se chegasse a vê-lo mais tarde. Esperava que sim. Subi ao lado dela, sentindo como se todos estivessem me olhando. Todos aqui estavam torcendo, mas nós estávamos dando um show. Levantei os dedos, colocando-os nos meus lábios molhados e assobiei. O tom alto a fez gritar ainda mais e ela começou a pular. O meu rosto inteiro aqueceu e eu tive certeza de que corei até o último fio de cabelo.

– Meu Deus, queria fazer um sinal – disse ela. – Ele vai me matar. – Indie riu, balançando as mãos sobre a cabeça, berrando até ele olhar para cima de onde estava na sua posição de saída com um sorriso torto tímido e bobo, que me atingiu no estômago.

Apesar de tudo, do meu nervosismo, das minhas dúvidas, eu ri. Eu ri de verdade e assobiei, e agi como um completo idiota. Meu coração parecia um címbalo, batendo e fazendo barulho. Meu rosto estava pegando fogo e eu adorei essa sensação.

Eu adorei essa sensação.

··· 17 ···

ROYAL

Vencer foi fantástico. Ouvir nada além da batida do coração nos ouvidos, voar pela água e, no final, ser quem ergue o troféu. Você e sua equipe. Perfeição. Mas esta noite foi mais. Aquele *mais* indescritível pelo qual sempre procurei, tive um vislumbre dele quando estava na posição para a minha segunda bateria da noite. Indie e Camden gritando feito loucos foi constrangedor… e tudo de bom… ao mesmo tempo. Eu só queria que eles estivessem sentados mais perto, naquela arquibancada de baixo. Teria sido legal ver o rubor que com certeza coloria as bochechas de Camden. Indie fez um milagre. Eu não fazia ideia de como ela o fez torcer daquele jeito, mas eu planejava lhe dar o maior abraço de todos assim que terminasse de me vestir.

– É isso aí – gritou Ellis ao caminhar pelo vestiário. – Arrasamos esta noite.

– Vantagem de competir em casa. A próxima não vai ser tão fácil. – Kai vestiu sua calça jeans e se sentou ao meu lado no banco. – Você nadou bem esta noite – disse ele, olhando para Ellis. – Mas foi lento. Faça essa merda em Bayview e vai perder todas as baterias.

Ellis bufou e eu tirei a minha blusa de dentro do armário, ignorando a disputa idiota que estava prestes a começar. Kai era o nosso capitão e sempre seria direto conosco sobre o que precisávamos melhorar. Só que Ellis nunca queria ouvir nada que Kai tivesse a dizer. Em algum momento, eu faria Kai desembuchar. Tinha que haver um motivo para Ellis odiá-lo tanto.

– Royal foi lento na segunda bateria dele. Seu grupinho de torcedores o distraiu. – O sorriso de Ellis estava mais para uma zombaria quando me virei para ele.

Enfiei meus óculos de natação e a touca na minha bolsa e a fechei.

– Me inclua fora dessa. Eu superei o meu tempo de treino por 1,2 segundos.

– Aposto que a sua irmã e o seu namorado trarão pompons na próxima vez.

Kai se levantou e deu um passo em direção a Ellis. Coloquei a mão em seu ombro.

– Ei, vai com calma. Nós vencemos, não é? – Eu não iria deixar o comentário de Ellis estragar a minha noite, mesmo que o golpe do namorado tenha chegado bem perto. Ele não sabia disso.

Kai segurou a minha mão e me abraçou de lado.

– É, nós vencemos porque você é foda. – Quando ele se afastou, bagunçou meus cabelos molhados. – Você merece um boquete.

Eu me engasguei e ele piscou sorrindo.

– Vocês são nojentos. – Ellis pôs a bolsa no ombro.

– Ah, não fique com ciúmes, querido. – Kai fez barulho de beijo e Ellis estreitou os olhos.

– Vai se foder, Kai.

– Está oferecendo?

Ellis mostrou o dedo do meio para ele.

Kai e eu rimos enquanto Ellis saía do vestiário. Quando recuperei o fôlego, perguntei:

– Conta de novo por que ele te odeia tanto. Não pode ser só porque você é bolsista.

Kai vestiu a blusa e se abaixou para abrir sua bolsa.

– Nós frequentávamos o mesmo colégio.

– Em Rockport? – perguntei e ele assentiu. Rockport ficava a cerca de quarenta minutos a oeste de Pines Hollow, em direção à costa.

– Isso, só que eu morava no subúrbio. Rockport é onde todos os riquinhos moram. Eu tive sorte de morar na fronteira do condado. – O tom dele não sugeria que ele se sentisse sortudo. – Meu pai sempre estava viajando, um mecânico que virou vendedor de autopeças. Minha mãe ficou em casa e me criou. Ela queria que eu tivesse uma educação melhor, então, me fez ir para as escolas do condado de Rockport. Eu tinha que ganhar o meu sustento. Tinha que ser o melhor em tudo o que fazia. Tinha que provar que pertencia àquele lugar.

– Ele te odeia porque a sua família não é rica? – Arregalei os olhos. – Isso não faz sentido nenhum.

Ele deu de ombros.

– Posso ter tido um rolo com a namorada dele uma vez. – O sorriso dele era malicioso e eu balancei a cabeça rindo. – Ei, foi por vingança. Eu era um ano mais velho do que aquele idiota, mas ele e seus amigos esnobes fizeram da minha vida um inferno por muito tempo. Quando entrei na equipe de natação, provei ser mais do que um menino pobre brincando de faz-de-conta para os babacas ricos. Eles me tratavam como se eu fosse merda em seus sapatos. Ainda tratam. Só que agora eu não moro mais lá. O passado é passado. Ele é o único fantasma que ainda me persegue.

– Aposto que você ficou puto quando ele apareceu aqui.

– Não. Eu sabia que ele viria. Ele gosta de me chamar de minhoca da terra, mas também é. Ellis não se afastaria muito do berço de ouro que o nina. – Ele levantou o queixo em direção à porta. – Vamos, vou me encontrar com a Brie no Stacks. Vou te pagar uma cerveja de parabéns.

Ergui uma sobrancelha.

– Brie?

– É, ela é legal.

Fomos em direção à saída.

– Ela é a loira que vi com você no almoço hoje?

– Ela mesma. – Ele abriu a porta e eu fui atrás.

– Você gosta dela o suficiente para permanecer com ela? – perguntei, tentando esconder o humor na minha voz. Kai era um galinha. No dicionário, tem uma foto dele para definir a expressão.

– Vamos ver.

Estava mais frio do lado de fora do que eu havia previsto e tremi enquanto íamos para frente do prédio. O público havia se dispersado e eu imaginei que Indie estaria esperando por mim, então, fiquei agradavelmente surpreso ao ver Camden esperando com ela.

– Oh – cantarolou Kai. – Ele esperou.

– Vou te dar um chute no saco.

Kai gargalhou.

– Gostaria de te ver tentar. – Ele estendeu o punho e eu bati nele com o meu. – Vou para o Stacks.

– Espera, deixa eu ver se eles querem…

– Ele não vai querer ir para o Stacks, Royal. – Kai revirou os olhos e foi direto para a direção contrária de onde minha irmã e Camden estavam.

– Você acha que sabe de tudo – gritei, abrindo a boca num sorriso largo enquanto ele acenava por sobre o ombro.

Kai estava certo. Camden não iria querer ir para o Stacks a esta hora da noite, mas seria bom ter outras pessoas por perto como proteção. Caso contrário, eu iria pirar. Passei muito tempo deitado na cama de Camden esta semana, pensando coisas que não deveria enquanto escutava a música mais bonita que já ouvi. E, às vezes, quando ele olhava para mim, eu tinha certeza

de que ele também sentia. O calor, a faísca, entretanto, ele se fechava, vagando por algum lugar escondido dentro da sua mente, e eu encerrava a noite. Eu ia para a casa com mais um milhão de perguntas e uma dor para a qual não tinha a cura.

Respirei fundo e andei os últimos vinte metros para onde eles esperavam. Ele sorriu, seu rosto se iluminou sob a luz da lua quando me aproximei. Ele parecia mais relaxado do que jamais o vi. Suas mãos estavam dentro dos bolsos do seu jeans desbotado e eu ignorei o sorriso cúmplice da minha irmã enquanto meus olhos escaneavam sua blusa justa.

– Para onde o Kai foi? – perguntou Camden, sua voz estava cheia de um calor que fez os pelos da minha nuca eriçarem.

Esta noite, ele estava feliz. Diferente. Acessível.

– Ele tem um encontro.

– Você foi fenomenal. – Minha irmã quase me derrubou com um abraço. Eu a segurei apertado até ela dar um gritinho. – Como sempre – sussurrou ela quando a soltei.

– Foi uma torcida animada.

O sorriso de Camden diminuiu.

– Sua irmã é muito mandona. Quase tão mandona quanto Kai.

– Não sou, não. – Indie deu um puxão na manga da blusa dele e eu fiquei com ciúmes da intimidade entre eles. Sabia que era só amizade, mas não podia tocá-lo desse jeito e provavelmente nunca o faria.

– Sinceramente, achei legal. Minha própria torcida. – Encontrei o olhar de Camden e o rubor pelo qual ansiei o dia inteiro voltou para o seu rosto.

– Imaginei que, já que você venceu, não ficaria tão chateado, Blue. – Indie deu uma risadinha e desfez a trança. Seus cabelos compridos caíram em ondas sobre seus ombros, e eu percebi que Camden observava as mechas flutuando na brisa leve. – Em defesa de Camden, eu ameacei machucá-lo.

– Verdade. – Ele sorriu de novo e eu comecei a achar que a mudança de humor dele era por causa dela.

Limpei a garganta e os dois olharam para mim.

– Alguns caras estão indo para o Stacks e…

– Tenho que trabalhar em algumas coisas no estúdio. Daphne vai levar o jantar. – Ela me abraçou outra vez. – Na verdade, é melhor eu ir. Divirtam-se, vocês dois. – Ela deu um apertão no ombro de Camden. – Foi bom ter um parceiro de crime.

– A palavra "parceiro" implica vontade – resmungou ele baixinho, mas vi o sorriso em seus lábios.

– Vamos ver o tamanho da sua vontade da próxima vez. Você é um molenga. – Ela me lançou um olhar crítico. – Eu ligo para *você* mais tarde, certo? Não esqueça de ligar para mamãe e papai em algum momento, eles vão querer saber da competição.

Ela me deu um beijo no rosto e, normalmente, eu me ofereceria para ir com ela até o estúdio já que estava escuro, mas ficava logo depois da piscina. Prometi ligar para os nossos pais e lhe dei outro abraço antes de ela ir.

– Você vai para o Stacks? – perguntou Camden, sua decepção era palpável.

– Não é obrigatório. – Pus o ciúme que senti antes de lado. Indie era uma força. Eu desafiaria qualquer pessoa a sair com ela e não ficar de bom humor. Além disso, ele voltou a ficar todo fofo e nervoso. Com as mãos nos bolsos e o lábio inferior preso levemente entre seus dentes. – Está com vontade de fazer alguma coisa?

Seus olhos focaram nos dormitórios do outro lado do campus. Eu estava pronto para que ele dissesse que não. Para que me dissesse que precisava praticar, então, eu meio que me espantei quando ele respondeu:

– Claro. O que tem em mente?

Abri a minha bolsa e peguei dois moletons que tinha dentro dela. Um era um agasalho do Colégio Pioneer Lake que sempre levava comigo e o outro era da St. Peter que o treinador me deu hoje para o nosso aquecimento. Fechei a bolsa e joguei o meu agasalho antigo para Camden. Ele o pegou e me olhou com curiosidade antes de vesti-lo. Um sorriso lento se formou em seu rosto. Eu gostei de ele estar vestindo algo meu. Uma certa satisfação básica, primitiva, se apossou de mim ao olhar para ele.

– Vamos pegar alguma porcaria para comer e ir para o lago? – sugeri, vestindo o meu agasalho.

Ele sorriu.

– Você já não nadou o suficiente por hoje?

– Não quero nadar. – Meu peito estava leve e meu coração numa queda livre conforme meu pulso acelerava. O subir e descer do peito dele combinava com a rapidez do meu quando eu disse – Caminhe comigo.

♫

Dois bolinhos de batata fritos recheados com queijo, um saco grande de Ruffles natural, dois Gatorades roxos de um litro, um saco de Reese's Pieces para mim e uma caixa de Junior Mints para Camden. Nosso cardápio do jantar podia ter pouca classe, mas cobria todos os pratos, incluindo a sobremesa. Fomos até o meu carro, dirigindo até o posto de combustível mais perto, compramos algumas guloseimas e seguimos para o lago a cerca de trinta metros a leste do campus. Mesmo com o frio da noite, fomos com as janelas pela metade, lanchando, enquanto tocava para Camden a minha lista preferida de música clássica. De vez em quando, ele comentava sobre certas partes técnicas das músicas, mas, na maior parte do tempo, ele ficou em silêncio. Ouvindo. Em seu ambiente.

Quando pegamos a estrada de terra que levava ao lago, ele comentou:

– Eu nunca estive aqui antes.

– Você não costuma sair do campus?

– Não preciso. A menos que esteja agendado para tocar em algum lugar, quase não uso meu carro.

– Indie e eu encontramos este lugar no mapa na nossa primeira semana na faculdade. Viemos aqui uma vez, mas nunca tive tempo de voltar.

Pines Hollow nada mais era do que uma cidade universitária cercada de mato. A cidade de verdade mais próxima era Rockport. Todo o resto ou eram parques estaduais ou florestas. Não dava para sair muito mesmo da faculdade. Todo mundo que morava lá dependia do campus ou do pequeno comércio que estava espalhado por ali.

– Queria ter vindo antes – sussurrou ele conforme o caminho arborizado diminuía, e estacionamos numa pequena clareira.

Parei o carro e desliguei o motor. Os grandes abetos despontavam em torno das margens do lago. A superfície preta estava calma, mesmo com o vento leve zumbindo entre as árvores. Quando saímos do carro, os galhos quebraram e rangeram.

– É meio sinistro aqui – disse ao fechar a porta.

Caminhei em direção à praia e pude ouvir a porta de Camden bater levemente, seus passos vinham logo atrás de mim. O céu se estendia no azul da meia-noite com pontos de luz brilhantes que pareciam se balançar e dançar. Soltei um suspiro e uma nuvem de umidade pairou no ar. Estava muito mais frio do que na St. Peter.

– Tem cheiro de outono. – A voz grossa de Camden me fez dar um pulo e ele riu suavemente. – Desculpe. Não quis te assustar.

– O outono é a minha época preferida do ano.

Meus olhos estavam na água calma do lago quando ele perguntou:

– Porque é quando começa a temporada de natação?

Balancei a cabeça em negação.

– Não, é quando tudo muda. É colorido. E dá para sentir de verdade isso acontecendo. É como a estática.

– É o único momento em que a morte é bonita. – Virei a cabeça e admirei seu perfil enquanto ele falava. – As folhas estão morrendo. É por isso que mudam de cor.

– Nunca pensei nisso dessa forma.

Ele olhou para mim, sua respiração pairava no ar, misturando-se com a minha, quando ele falou:

– O outono também é a minha estação preferida.

Ele tinha que ouvir. O jeito que meu coração estrondava. O nervosismo enchendo meu estômago, meus músculos gritando… minha cabeça estava tão confusa com o tanto que eu desejava que não pude mais suportar.

– Segurei a sua mão naquela noite porque eu quis. – Admiti gaguejando, falando tudo o que estive esperando para lhe contar desde o dia em que ele perguntou. Seus olhos estavam prateados, tingidos de salva sob a escuridão da lua. – E-eu queria saber qual seria a sensação.

– Qual foi a sensação? – sussurrou ele.

Engoli em seco e reforcei toda a minha coragem. Olhando para baixo, para a mão dele, toquei em seus dedos. Quando ele não os tirou, entrelacei os meus nos dele.

– Diferente… boa… muito boa.

Ele parou de respirar e eu ergui o olhar. Os lábios de Camden estavam úmidos e entreabertos, e eu quis estender a mão, tirar a mecha de cabelo castanho da sua testa e beijá-lo. Mas seu olhar era cauteloso, talvez até um pouco assustado. Apertei gentilmente sua mão e perguntei:

– Tudo bem por você?

Ele assentiu, voltando a olhar para o lago. Ficamos parados ali, de mãos dadas, seu calor era uma promessa a qual eu queria me agarrar.

– Não tenho certeza se isso é certo, mas não quero que você solte.

Então, não soltei.

ROYAL

Ele ficou em silêncio e as palmas das minhas mãos começaram a suar. Eu segurava na dele com um pouco menos de segurança conforme minha confiança se desvanecia ao som suave do lago e das pequenas ondas que formavam na beirada.

Ouvi-o engolir em seco antes de falar:

– Você deixa o silêncio mais suportável.

Virei-me para ele, estudando a linha de sua mandíbula e o jeito que seu músculo flexionava sob a superfície da sua pele quando ele cerrou os dentes. Queria tocar seu rosto, mas não tinha certeza se deveria.

– Quando perguntei aos meus pais por que eu gostava de meninos do jeito que alguns deles gostam de meninas, todo o meu mundo ficou em silêncio. – Ele tossiu, soltando uma risada amargurada e pôs a cabeça para trás para olhar o céu escuro. Uma dor começou a se formar no meu peito à medida que a luz do luar revelava a tristeza que se formava nas linhas profundas da sua testa. – Não que meus pais algum dia tenham sido calorosos e acolhedores. Na verdade, nunca nos abraçamos muito. As emoções eram reservadas para a música, não para a vida real. Só que depois que lhes contei que poderia ser gay, ao invés de ser o garoto de quem se orgulhavam, o garoto de quem poderiam se vangloriar, eu me tornei um segredo sujo.

– Camden, eu…

– Mas é interessante – continuou ele. – Nunca fiz nada para envergonhá-los, nada para que se preocupassem que algum dia o faria. Sempre fiz o que

me pediam, vivia sob suas regras. Contei para eles quando tinha dezesseis anos porque estava curioso. Eu era jovem e confuso, e esperava que me ajudassem a entender o que estava sentindo. Mas eles acabaram comigo, me disseram que era uma perversão, um modo doentio de pensar. Nunca me permiti… – ele abaixou o olhar para as nossas mãos entrelaçadas. – Sentir nada… por ninguém.

O peso da história dele, a confiança que ele depositou em mim ao me contar tudo isso, me deixou fincado no chão e eu apertei sua mão com mais força.

– Você nunca teve…

– Namorado? Não. Nunca tive um relacionamento. – Seus olhos cinza encontraram os meus. – Ninguém nunca valeu o risco.

Ele esteve sozinho todo este tempo. Minha garganta se contraiu e a raiva dentro de mim fervilhou.

– Seus pais são uns babacas. Não se pode evitar por quem você se sente atraído. Eles deveriam ter te apoiado. Eles deveriam ter orgulho de você. Independentemente de qualquer coisa, o amor deles deveria ser incondicional. – O tom de indignação na minha voz me fez estremecer. Os pais dele podiam ser uns babacas, mas ainda eram seus pais. – Desculpe, estou…

– Com raiva. – Seu sorriso foi fraco e tímido ao dar um puxão na minha mão. – Obrigado.

Ri de nervoso.

– Pelo quê?

– Por estar com raiva. Vivo com a voz da minha mãe na cabeça, me dizendo que estou errado, que sou doente, anormal. Depois de um tempo, começa a parecer verdade. Lá no fundo, sei que não é, mas uma vez que é só o que ouço… só o que sempre me é lembrado e dito… – Ele deu de ombros.

– Seu pai também é assim? – perguntei.

– Ele não fala muito comigo. Eu costumava ser próximo dele, mas… tudo mudou. – Ele limpou a garganta e levantou as nossas mãos. – E você? Como seus pais reagiram quando você se assumiu?

– Eu não me assumi. Quero dizer, e-eu não… – Camden me encarou. – Nunca gostei de um menino antes. – Acariciei o polegar dele com o meu.

– Como você tem certeza disso? – perguntou.

– Tenho tanta certeza como teria se você fosse uma garota.

– E você já teve namorada?

– Uma. No colégio. Mas ela nunca fez eu me sentir assim. Essa sensação… – Arrisquei tirar aquela mecha de cabelo da testa dele com a outra mão. Quando ele se arrepiou, eu sorri. – Não sei. – Quis rir diante da ironia. Eu, de todas as pessoas, não conseguia pensar em uma palavra para descrever esta onda elétrica pulsando dentro de mim. – Eu penso em você o tempo todo.

– Eu penso em você mais do que deveria – admitiu ele, o timbre baixo da sua voz subiu pela minha espinha, me atraindo mais para perto.

O espaço entre nós diminuía à medida que nós dois nos inclinávamos, sentindo aquela atração irrefutável. A respiração de Camden acelerou quando acabei com a distância, largando a mão dele apenas para levar a minha à sua nuca. Sua pele era mais macia do que imaginei. Os fios finos dos seus cabelos pareciam seda grossa nas pontas dos meus dedos.

– Não é errado – sussurrei, ousando avançar mais um centímetro. – Não é doentio.

Em algum lugar, ao longe, pude ouvir aquela melodia tocando por trás da porta do quarto dele. A mesma canção que ouvi inúmeras vezes. Nossos olhares prenderam-se um no outro, nossos corpos estavam a menos de um centímetro de distância. O lago, as árvores, a brisa gelada à nossa volta,

tudo, menos ele, desapareceu quando encostei a minha boca no canto da dele. Ele inclinou a cabeça, o mínimo convite quando comecei a me afastar, e nossos lábios se encontraram numa doce e lenta colisão. Seus lábios, quentes e secos, e o calor do seu hálito atingiram meus ossos quando ele se deixou aprofundar o beijo. Camden passou os dedos pelos meus cabelos, me puxando ainda mais para perto. Sua língua penetrou na minha boca e nós dois gememos ao mesmo tempo. Um ronco baixo ecoou em nossos peitos. Ele era firme, forte. A pressão pesada de nossos corpos era alinhada, estranha e inacreditavelmente perfeita. Segurando seu rosto, diminuí a intensidade do nosso beijo faminto. Preguiçosos e comedidos, saboreamos os nossos lábios enquanto eu tentava acalmar meu pulso desenfreado.

Camden foi o primeiro a se afastar, seus olhos estavam alegres ao procurarem os meus. Sua íris cinza estava encoberta, cheia de luxúria, e havia desabrochado com espectros brilhantes de verde. Eu fiquei tão hipnotizado com a cor que quase me esqueci de soltá-lo. A sensação do calor da sua pele na minha mão era boa, parecia certa, quando tracei uma linha pelo seu maxilar com meu polegar. Abaixei, enfim, as mãos, entrelaçando nossos dedos quando ele deu um passo para trás.

– Está tudo bem? – perguntei um pouco entorpecido, preocupado que a realidade caísse sobre ele, que se arrependesse do que fizemos.

Seu pomo de adão mexeu levemente quando ele falou:

– Sim, está tudo… bem.

O sorriso de Camden abria-se lentamente. Beijá-lo foi diferente de tudo que já experimentei. Queria fazer isso de novo.

E de novo.

E de novo.

Seu gosto ficou – doce e salgado. Lábios firmes que se tornaram macios. No entanto, nós dois éramos aço, compostos de diferentes elementos que se

encaixam. Gostei das mãos pesadas dele em meus cabelos, do seu controle ter combinado com o meu. Houve uma rendição análoga.

Com a respiração irregular, esfreguei a nuca com a mão livre.

– Não sei o que acontece depois. – Soltei uma risada.

Camden permitiu que seu olhar voltasse para o lago, deixando que vários longos segundos se passassem antes de sussurrar:

– Não quero ser um experimento.

– Não é nada disso. – Ele manteve o olhar na direção do lago. – Ei, olhe para mim.

Olhos relutantes encontraram os meus.

– Eu… falei sério quando disse que penso em você o tempo todo. Camden, não consigo te tirar da cabeça. Você está sempre lá, sua música, o jeito que morde o lábio quando se concentra em conseguir as notas certas, ou como você cantarola para si mesmo quando acha que ninguém está prestando atenção. E agora, isso… esse beijo. Isso não foi um experimento para mim. – Eu poderia admitir que estava assustado, nervoso sobre como prosseguir. Mas ele precisava entender que, apesar da minha falta de experiência, eu estava certo de uma coisa. Estava apaixonado por ele. – Posso não saber o que estou fazendo, mas sei que te quero.

– Eu também não sei o que estou fazendo… – Os olhos de Camden desceram para a minha boca. – Tem uma parte de mim que quer te beijar de novo. – Ele soltou a minha mão, indo em direção ao lago e para longe de mim. – Mas tem esta outra parte de mim… mais profunda, Royal, enraizada. Não tenho certeza se estou pronto. E se meus pais descobrirem, ou os nossos amigos, podemos perder… tudo.

Queria acreditar que ele estava errado. Contar sobre Kai, e como ele o convidou de propósito para o jogo de Frisbee por mim. Nem todas as pessoas tinham a mente tão fechada quanto os pais dele, mas eu sei como o

mundo funciona. Ellis poderia usar Camden, nosso relacionamento, como um jeito de me torturar durante todo o meu tempo na St. Peter. E, sendo honesto comigo mesmo, não era só o Ellis. Eu me perguntei quantos caras da minha equipe pirariam por ter um garoto gay dividindo o vestiário com eles. Sem falar que eu não fazia ideia do posicionamento da administração em relação à diversidade no campus. Até onde eu sabia, nós dois perderíamos a bolsa de estudos. Camden não precisava de dinheiro como eu, mas seus pais provavelmente não pensariam duas vezes em matriculá-lo em outra universidade, tirando-o daqui para evitar a humilhação.

Aquele beijo.

Aquele beijo incrível e transformador tinha o poder de nos destruir.

Coloquei as mãos nos bolsos e aproximei-me dele na beira do lago.

– Não posso voltar ao silêncio, voltar a ser sozinho. – Não deixei de notar o jeito com que suas palavras hesitaram.

– E não precisa. Estou aqui. – Ficamos olhando para a neblina que pairava sobre o lago completamente escuro. – Ninguém precisa saber por enquanto, vamos simplificar.

– Como?

Sorri, tentando trazê-lo de volta àquela bolha que nós criamos. Aquela bolha feliz e limitada de depois que nos beijamos, quando seus olhos brilharam mais do que qualquer uma das estrelas neste céu cor de granito.

– Para começar, você pode me convidar para o seu recital.

Camden se virou, com um sorriso torto se formando em seus lábios carnudos.

– Ainda não se cansou daquela música?

– Totalmente. – Fiz uma tentativa de dar um soco em seu ombro de brincadeira, porém, ele segurou meu pulso delicadamente e pôs a mão na minha.

– Você não tem treino de natação? – perguntou.

– Tenho, mas vou assim que acabar. Eu não perderia por nada. Estava só esperando um convite.

– Manter simples – ponderou ele.

Pensei em me inclinar e recomeçar de onde paramos há pouco. Não havia um mundo para nos julgar. Apenas o chão sob nossos pés e o ar em nossos pulmões. Cedi à tentação, enrolando seu moletom em meus dedos, precisando dele mais perto, e o beijei outra vez. Intencional e profundo, sem pressa, e, como da primeira vez, quando ele se afastou estávamos ofegantes.

– Não achei que seria assim.

Camden pôs as mãos na minha cintura, tocando no meu moletom.

– Assim como? – perguntou.

– Não quero parar de te beijar. Como se isso fosse o suficiente e eu pudesse morrer feliz. – Eu ri, mas quando ele não respondeu, perguntei – E quanto a você? Como está se sentindo?

– A verdade?

– Claro.

– Como se eu pudesse finalmente respirar.

CAMDEN

Voltamos para o campus de mãos dadas, o calor da palma de Royal impregnou totalmente a minha. Não me importei que sua mão estivesse um pouco úmida. Na verdade, saber que isto tudo também é novo para ele me deu sustento. Ele dirigiu o carro com leveza usando uma mão só, enquanto eu me perdi no borrão obscurecido de árvores ao passarmos por elas, me sentindo mais vivo do que nunca, absorvendo a suave música eletrônica que tocava nos autofalantes, roubando suas batidas para calar a percussão do meu próprio coração. Queria ouvi-lo respirando, escutar este momento. Este momento em que me tornei algo palpável, alguém realmente vivendo dentro de uma concha. Meus dedos formigavam e meu coração batia forte, e ele era a música que eu nunca queria parar de ouvir.

Com as luzes da cidade espreitando na próxima curva, fechei os olhos e me fiz catalogar tudo o que aconteceu nesta noite. Adorei ter o cheiro dele, seu moletom abraçava meus braços e meu peito, o tempo amaciou o tecido, mas foi Royal quem deixou seu calor dentro de mim. Passei a língua pelos meus lábios, esperando localizar seu gosto de menta, mas não estava mais ali. Quase deu para sentir a pressão dos seus lábios, igual a quando meus dedos pressionam as teclas do piano, delicadamente a princípio. Preciso até a paixão assumir e tudo o que sobra é a necessidade. A necessidade de ir atrás, de perseguir o sentimento que apenas a música havia me proporcionado.

Até Royal.

A música terminou e a próxima começou quando o carro diminuiu a velocidade. Abri os olhos e me dei conta de que estávamos quase em St. Peter ao passarmos pelo Stacks. As janelas estavam iluminadas e alguns clientes, espalhados pela calçada em frente ao bar. Meus olhos prenderam-se a um casal, um garoto e uma garota, serpenteando pelo estreito caminho de concreto, de mãos dadas, e me perguntei se Royal e eu seríamos capazes de fazer isso. Ele havia publicamente segurado a minha mão naquela noite, mas poderia facilmente ter culpado o álcool. Será que algum dia nos tornaríamos públicos como aquele casal e, a propósito, será que sequer éramos um casal? Fiquei olhando para ele enquanto cantarolava a música da playlist, e se virou para mim, um leve sorriso formava-se em seus lábios. Eu gostei mesmo daqueles lábios. Os primeiros que beijei. Então, me perguntei se ele era capaz de dizer, se sabia o quanto esta noite foi especial… para mim.

– Nunca beijei ninguém antes… antes de você. – A confissão foi uma enxurrada de palavras e nervosismo.

Ele olhou brevemente para mim, tirando os olhos da estrada.

– Imaginei.

Fiquei constrangido.

– Tão ruim assim, é?

Ele riu e apertou a minha mão.

– Ai, Deus, não. Não quis dizer… só imaginei quando você falou que nunca teve um namorado… nem nada. – O carro parou. As árvores imponentes do lado de fora da Warren House nos deram um pouco de privacidade quando ele desligou o motor. Seus olhos azuis desceram para a minha boca. – Aquele foi o melhor beijo… – Royal corou e soltou a minha mão, preferindo brincar com meus dedos. – Não tem com que se preocupar.

Meu corpo reagiu ao som rouco e vulnerável da sua voz. Meu pulso disparou quando ele se inclinou em minha direção. Eu estava duro e

constrangido, mas ele não percebeu. Seu olhar estava fixo na minha boca e não importava que estivéssemos estacionados na frente dos dormitórios, nem que alguém pudesse ver. Contei com as árvores para ser nossa rede de proteção. O estacionamento mal iluminado era um refúgio muito mais clandestino do que eu pensava, ou talvez eu simplesmente não tenha me importado quando seus lábios roçaram suavemente nos meus. Fechei os olhos e me esqueci de onde estava, de quem eu era, quando os dentes de Royal mordiscaram meu lábio inferior. Estendi a mão pelo painel, envolvendo sua nuca, puxando-o. Seu gosto, o som calmo e profundo do seu gemido, o calor tomando o meu rosto, minha pele, minha língua dançando com a dele, ansiosa e faminta. Ele segurou a gola do meu moletom ao se afastar o suficiente para falar:

– Sobe comigo.

Ficamos nos encarando. Os olhos azuis de Royal me envolveram. Eu queria dizer que sim. Sim, eu subo. Sim, quero que você me toque. Sim, quero te tocar. Mas uma risada distante me trouxe de volta à realidade e eu entrei em pânico, examinando o gramado do lado de fora do carro. Bem longe (elas não teriam visto nada) estava um grupo de meninas caminhando pelo campus. Soltei um suspiro forte e afundei no banco.

– Tudo bem – disse ele, seu olhar acompanhou o mesmo grupinho de meninas. – Desculpe, eu me…

– Se empolgou – terminei.

– Não consigo evitar. Sua boca é… – percebi que ele buscava a palavra adequada, seus olhos estavam nos meus lábios, seu corpo avançando mais um centímetro sobre o painel central. – Cativante… viciante. – Seu tom tímido me fez rir. – Quando te beijo é como se nada mais importasse. Apenas quero mais.

– Temos que ser cuidadosos – lembrei-lhe.

Ele falou que poderíamos manter as coisas simples e eu queria acreditar nisso. Mas ele não sabia que meus pais estavam bem enraizados nas paredes desta faculdade. Os dois se graduaram na St. Peter, o reitor e sua esposa eram amigos dos meus pais desde que todos eles frequentaram aqui juntos. Eu teria ido a uma universidade diferente se não tivesse tido prazer no fato de que a minha mãe nunca quis que eu frequentasse a St. Peter. Eu tinha uma bolsa integral aqui e não precisava do dinheiro dela, mas se alguém chegasse a descobrir sobre Royal, sobre mim… estremeci de pensar no que poderia acontecer, no que fariam.

Royal poderia ser expulso da equipe, perder sua bolsa de natação. Isso poderia arruinar a vida dele. Eu poderia arruiná-lo. A reputação dos meus pais seria destruída e alguém teria que pagar por isso. Eles provavelmente me mandariam para *Juilliard* como queriam fazer desde o começo, ou para algum lugar onde pudessem me colocar numa redoma, limpar toda a minha sujeira e dizer "Vejam, ele é tão talentoso". E Royal… seu tempo na St. Peter estaria acabado, e quem sabe se ele conseguiria uma transferência. Eu teria um novo começo e ele não teria nada. Ele teria que deixar sua irmã, seu sonho…

– Ei. – Ele repousou a mão na minha coxa, o ponto de contato me deu arrepios. Eu queria demais dele, mas não o suficiente para tirá-lo da irmã, para tirar sua oportunidade de nadar. Royal não nadar, não ter a chance de fazer a única coisa que ele me contou que era só dele, seria como se eu perdesse a habilidade de usar meus dedos, a habilidade de tocar. Ele sorriu, lentamente e reconfortante, como se estivesse com medo de me assustar. – Está com cara de quem vai vomitar. Camden, podemos ser cuidadosos. Vamos manter isso simples, certo? – Ele tirou a mão da minha perna, me observando com olhos nervosos.

– Vale a pena? – perguntei, e seu sorriso desapareceu. – E se você for

expulso da universidade? E se não puder nadar?

– Já refleti sobre isso, mas não penso que…

– Este é o problema. Você não pensou. Você faz com que pensar seja difícil para mim.

– Talvez seja uma coisa boa – expôs ele. Sorriu novamente, porém pareceu uma mentira. Uma defesa para cobrir suas preocupações. – Você mesmo disse que está cansado de ficar sozinho, de se esconder.

– Ainda estaríamos nos escondendo. – Fiquei olhando pela janela.

– Talvez não precisemos. – Ele repousou a mão no meu joelho e eu fechei os olhos. Não queria reconhecer o quanto precisava daquele simples toque. – É diferente. Com você – sussurrou para si mesmo, ou para mim, não tenho certeza. Abri meus olhos e me virei para encará-lo. Royal me olhou, olhou através de mim. – Nunca me senti assim com a Nat. Nunca senti como se fosse surtar se não a beijasse. Vale a pena para mim… te beijar, estar com você… e se isso significa que temos que tomar cuidado, então, tomaremos cuidado. Mas se não vale a pena para você, então…

– Vale.

Ele deu aquele sorriso. Aquele com a covinha, aquele que deixava difícil desviar o olhar, sentir-me inseguro sobre qualquer coisa. *Eu* estava surtando. Sempre foi apenas um Eu. Uma parte insignificante de uma partitura gigante. Uma nota dentro de um refrão. Repetindo-se todos os dias. Nada de novo dia após dia. Até um Eu se tornar um Nós, e o menino sentado na minha frente surtar quando meus lábios tocaram os dele. Nós podíamos ser cuidadosos. Podíamos manter isso simples.

Olhei para as portas da Warren House.

– Você vai contar para a sua irmã? – Foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

Ele assentiu.

– Kai também sabe. Contei que gostava de você e ele não viu problema nenhum nisso. Ele só sabe sobre os meus sentimentos por você, não que são recíprocos. Mas quero que ele saiba. E a minha irmã. É a minha única condição… para isto… para nós. Eu gosto deles e não acho que conseguiria mentir… não para eles.

Kai sabia e não se importava. Algo destravou dentro do meu peito, não totalmente, foi um clique quase inaudível. Quantos cadeados mais eu arrombaria? Quando eu conseguiria ser totalmente livre?

– Eu não quero que você minta para eles.

– Não deveria ser tão difícil assim. – Ele estava dentro da sua mente outra vez, olhando através de mim, sua testa pesou pela concentração. Eu adorava vê-lo pensar. – É uma merda que uma minoria ignorante me diga quem eu posso ou não beijar. Não fui criado assim.

– Nem todos temos pais boêmios.

Ele riu, deixando a cabeça cair no descanso de cabeça do banco. Memorizei a longa linha fina do seu pescoço.

– Boêmios. Gosto disso, é uma boa palavra.

– Kai e Indie, então? – perguntei e ele assentiu. – Tudo bem.

Ele analisou rapidamente o gramado antes de erguer a mão para o meu rosto.

– Vai ser… desafiador. – Ele engoliu em seco e abaixou a mão. – Não segurar sua mão em público, não te beijar quando quiser… esconder-se atrás de uma proteção só porque você não é uma garota. Mas eu entendo, e quero isso, então, tomarei cuidado… por você.

O carro ficou em silêncio. Será que ele ainda queria que eu entrasse com ele? Será que deveria agradecê-lo pela noite e ir para casa? Duvidava que até a pessoa com as habilidades mais sociais saberia o que fazer quando o calor de um beijo se dissipava e um convite era deixado pendente no frio

depois.

Royal abriu a porta e tomou a decisão por mim.

– Venha, entre, ainda está cedo. Pode me ajudar com meu dever de casa. – Não havia nada de cuidadoso no jeito com que ele sorriu ou como seu sorriso prometia coisas que fizeram meu rosto corar.

Caminhamos lado a lado e senti falta da sua mão na minha quando seguimos pela sala de convívio. O suor escorreu pela minha nuca quando alguns caras passaram por nós na escada. O cheiro do perfume deles irritou o meu nariz. Quis me apoiar em Royal, sentir seu cheiro, mas, quando chegamos ao fim do corredor e a paramos em frente ao quarto dele, a porta atrás de nós se abriu.

– E aí, O'Connell? – A voz rouca me assustou.

Royal olhou por sobre o ombro ao abrir a sua porta.

– Nada de mais. Está saindo?

– Estou, vou me encontrar com a Ari no Vigrus. Aquela garota não vive sem mim. – Ele me lançou um sorriso malicioso. – Parabéns pela vitória de hoje… soube que vocês arrasaram.

O rosto de Royal se abriu num sorriso.

– Obrigado. Nós merecemos.

– É isso aí. – O cara estendeu o punho e Royal bateu com o dele. Ele me deu um olhar superficial. – Você também nada?

Balancei a cabeça em negação.

– Merda, desculpe. Gus, este é Camden, meu amigo. Ele divide o apartamento com o Kai.

Como se isso explicasse tudo, ele disse:

– É um prazer te conhecer. – Gus acenou com o queixo num silencioso "até mais". – Ari está me esperando. Você vai ao jogo domingo? – perguntou ao Royal ao se virar para ir embora.

– Vou tentar.

– Sabe que é antiamericano odiar futebol, não é?

– Nunca disse que odeio. – A voz elevada de Royal foi abafada pela risada de Gus quando ela ecoou pelo corredor.

Royal segurou a porta para mim e, assim que Gus estava fora de vista, ele pôs a mão na minha lombar, me conduzindo para dentro do seu quarto. O gesto se depositou no meu estômago e sua mão me deixou cedo demais. Era fácil ignorar o nervosismo sufocante crescendo por baixo da superfície quando sua mão estava nas minhas costas. Seu quarto tinha cores suaves e cheirava como ele: sabonete e verão… e suor. Dava para sentir o gosto da sua boca ao olhar para a cama dele. Sentir sua mão em meus cabelos. Quase dava para ouvir as árvores perto do lago e, se olhasse para cima, talvez seu teto abrisse. O céu noturno nos concederia as sombras que precisávamos para nos sentirmos confortáveis novamente, para encontrarmos o caminho de volta para um momento onde éramos duas pessoas, não dois homens, apenas duas pessoas conectadas e perdidas uma na outra.

Talvez ele fosse bom em ler as pessoas, ou talvez ele apenas fosse bom em me ler. As mãos firmes de Royal instalaram-se nos meus quadris, me puxando para o seu peito, o abraço me deixou à vontade. Sua respiração meticulosa soprava contra a curva do meu pescoço, mais rápida a cada segundo que passava. A curva do seu peito, sua barriga lisa, o volume em sua calça encostando em mim enquanto seus lábios desciam pela curva do meu pescoço. Seus polegares deslizaram para baixo do meu moletom. Pele com pele, o mínimo toque, e eu estava caído por ele.

Ele deixou uma trilha de beijos na minha pele e arrepios nos meus braços. Seus lábios roçaram a minha orelha.

– Diga se for demais.

Eu não falei nada. Tudo era demais e não o bastante. Ele poderia pintar

aqueles pequenos círculos no meu corpo e eu ficaria contente por ficar parado neste mesmo lugar até o sol aparecer. Poderia me pedir para ir embora e eu esperaria vê-lo no dia seguinte. Poderia me beijar até eu não sentir mais meus lábios e eu pediria mais. Mas virei-me para ele e respondi com um leve aceno.

Ele segurou meu rosto, seus olhos buscaram, pediram, antes de ele se inclinar e me beijar. Lábio superior, lábio inferior, um estudo lento. Sua boca era gentil, sem agressão. Sua língua ficou doce. Seu beijo queimou, doeu, quando ele segurou meus ombros. Era uma tortura esperar, esperar por mais, e me vi pressionando, querendo, cedendo. Mordi seu lábio inferior e ele gemeu na minha boca. Sem fôlego, Royal descansou a testa na minha.

– Camden – falou meu nome como se fosse uma resposta para uma pergunta que ele fez.

Ele continuou com as mãos no meu rosto, seu toque era leve nas minhas bochechas ao se afastar e abrir os olhos.

– Até que horas você pode ficar?

Até quando você deixar.

– Eu tenho que trabalhar na minha música. Quem sabe uma hora?

– Uma hora. – Seu polegar foi parar no meu lábio inferior, delineando o arco. – Vou aceitar o que posso ter.

··· 20 ···

ROYAL

Passamos os últimos vinte minutos nos beijando. Deitados na cama, ambos duros, ambos se contendo. Um com as mãos nos cabelos do outro, enroladas no moletom um do outro, em todos os lugares, exceto onde realmente as queríamos: sem tocar sua barriga, sem tocar meu quadril, sem delinear os músculos das suas costas, sem abrir o botão da minha calça. Não exploramos além da barreira invisível que criamos ao pressionarmos nossos corpos, nossos braços aninhados, nossas mãos descansando no ombro ou na nuca do outro. Nós nos beijamos e conversamos e nos beijamos um pouco mais, e quando não consegui mais aguentar, pressionei meu quadril no dele e a fricção tornou tudo impossível. Preso atrás do jeans, qualquer ligeiro toque era um apelo doloroso.

Toque-me.

Toque-me bem aqui.

Toque meu quadril, desabotoe meu jeans.

Mas eu tinha medo. Beijá-lo era fácil. Todo o resto, mesmo que meu corpo implorasse, gritasse – berrasse – por mais, mais parecia inexperiente demais, confuso demais, e eu não podia suportar a ideia de que isso poderia ser o momento em que ele diria “É demais”.

Era demais querer e negar. Como seria? Toda essa tensão reprimida seria liberada e, quando se fosse, a necessidade que desenvolvemos, desapareceria? Uma opção foi assinalada. Não tinha certeza, mas temia isso mesmo assim. E se cruzássemos a linha e, no final, ele se odiasse por isso?

E se eu me odiasse?

– Royal – ele falou o meu nome e eu abri os olhos, atordoado e inseguro, me dando conta de que paramos de nos beijar. Será que meus pensamentos roubaram os minutos, talvez cinco… talvez vinte? Olhei para o relógio. Minha hora havia diminuído. Nossos lábios quase se tocaram quando ele riu. – Você pegou no sono?

– Não. – Observei seus olhos com cuidado. A cor acinzentada tinha se tornado um verde quase translucido. Tocando seu rosto, sua bochecha quente contra a palma da minha mão, admiti – Estava pensando.

– Pensando? – repetiu ele como sempre fazia. Eu gostava do jeito que ele respondia uma pergunta com outra. Aproveitando-se dos meus pensamentos, querendo mais.

Lambi os lábios dele, beijei sua boca, macia e aberta, sem querer deixá-lo entrar na minha cabeça. Estávamos no começo e eu não queria assustá-lo. Não queria me assustar. Lábios quentes moldados e adaptados aos meus uma última vez antes de ele se afastar, descansando de costas, olhando para o teto, ele suspirou.

– Isso é… surreal.

Queria acrescentar algo à sua afirmação. Do jeito que eu fazia, com palavras e definições. Surreal, esquisito, estranho, mas isso, ele, era qualquer coisa menos esquisito e estranho; era genuíno, sincero, mais verdadeiro do que qualquer coisa que já tive antes. Talvez, já que eu era o primeiro, ele não tinha nada com o que comparar, mas eu queria lhe dizer que isso é como deve ser sempre. Queria que ele soubesse que, quando seus lábios estavam nos meus, me beijando até eu poder sentir a pulsação nas minhas veias, e o único gosto que eu sentia era o dele, do seu hálito, eu daria tudo para me perder dentro do seu corpo, ou deixá-lo se perder dentro do meu. Se não estragasse tudo nesta noite, iria beijá-lo até ele perceber que

sempre quis a mesma coisa. Até as minhas palavras não ditas se tornarem uma realidade.

– Isso é bom? – Mantive meu olhar no teto também, a mente cheia de todo aquele medo, todo aquele desejo, todas aquelas palavras não ditas. Medo de ir rápido demais, desejo de ir rápido, desejo de ver em que isso poderia dar.

– É, sim. – Ele se virou para mim. – Eu não tenho muitas coisas boas, Royal.

Queria que ele tivesse todas as coisas boas imagináveis.

– Quero consertar isso.

Ele fechou os olhos, um sorriso se formava em seus lábios, e eu o beijei mais uma vez sem nenhuma consideração pela minha própria sanidade. Não parei de beijá-lo até a minha hora se transformar em noventa minutos. Ele saiu do meu quarto com o rosto corado, a promessa de vê-lo amanhã e o gosto da minha boca em seus lábios inchados, vestindo um moletom que pertencia a mim, mas ficava melhor nele.

♫

Na manhã seguinte, a caminho do café da manhã, meus músculos queimavam por causa do treino matinal, na minha cabeça só havia o gosto do beijo dele… e a sua pele… e o contorno suave do seu colo… e aquele pontinho escuro no vão do seu pescoço. Uma marca de nascença, ele me disse quando meus lábios pairaram sobre a mancha. Foi a minha coisa preferida da noite passada. A manchinha na pele me pertenceu, eu fui o primeiro a beijá-la, a reclamá-la como minha. Agora, eu me perguntava quais outras coisas eu descobriria sobre Camden. Quantas sardas ele teria nos ombros? Será que ele tinha alguma sarda? Será que preferia dormir sem barulho ou tinha que pegar no sono com música tocando ao fundo, como eu? Um piano suave ou um violão? Será que ele dormiria com um braço na

minha cintura ou iria querer que eu o abraçasse? Será que precisava de espaço ao invés disso?

As perguntas na minha cabeça apenas alimentaram as minhas fantasias, me deixando pensar em outras coisas. Como no jeito que seus olhos escureceram quando seus quadris se alinharam aos meus, como seus dedos penetraram no meu couro cabeludo, me desafiando a me pressionar contra ele, e em como seus beijos se tornaram desesperados, grunhindo quando cedi ao seu desafio. Eu estava tão longe, nas lembranças da noite passada com a cabeça ainda no meu travesseiro, deitado ao lado dele, que não percebi quando alguém gritou o meu nome.

– Royal – gritou novamente.

– Pink – sussurrei ao observá-la atravessar o pátio. Ela carregava sua bolsa gigantesca. A mesma bolsa que considerava *sua vida* porque continha todos os seus cadernos de rascunho.

– Ei – cumprimentei quando ela se aproximou.

– Bom dia – respondeu, soou mais como uma pergunta, não um cumprimento.

Seus olhos cautelosos analisavam meu rosto, procurando alguma coisa, à minha espera. Não a olhei nos olhos, meio que esperando que ela me perguntasse como foi ontem à noite e meio que temendo isso. Continuei calado enquanto ela caminhava ao meu lado, ambos resignados a manter-nos só para nós. Eu dividia quase tudo com a minha irmã. Mas Camden… eu não estava pronto para dividi-lo com ninguém. A noite passada pertencia a Camden e a mim. Era minha. E queria preservar a intimidade do silêncio. Indie sentia o meu humor e eu sentia o dela: curiosidade. Intuição compartilhada, havia muito pouca privacidade entre gêmeos.

Desisti.

– Camden – supus. – O que quer saber?

– Vocês foram… quero dizer vocês… estão bem? – Ela estava preocupada.

– Mais do que bem.

Finalmente me virei, encontrando seu olhar inquisidor, seus lábios se abriam num sorriso.

– Quer conversar?

Balancei a cabeça, guardando os meus segredos.

– Está tudo bem, não quero agourar. Mas não vamos mesmo contar a ninguém.

– Para quem eu contaria?

– Quero me assegurar que você entenda. Ele tem medo de que sejamos expulsos da faculdade. Quero dizer, acho que posso perder a minha bolsa.

– Isso é discriminação, Royal, a faculdade não iria…

– Talvez, mas onde tudo é novo, eu não quero, nós não queremos, arriscar.

Ela franziu os lábios, mas a finalidade da minha declaração a atingiu.

– Não faz seu tipo se esconder.

– Temos que passar despercebidos por um tempo. Eu gosto dele, Pink.

Indie parou antes de subir as escadas que levava ao Beckett.

– Uma coisa linda só pode ficar nas sombras por algum tempo antes de começar a murchar. Você está feliz e eu sinto isso, Blue. – Ela entrelaçou os nossos dedos e olhou para os pés. – Mas sei como é se esconder nas sombras. Eu vivo nelas. Quanto mais se fica lá, mais difícil será ver a felicidade dentro da escuridão.

Puxei a trança dela e, quando seus olhos encontraram os meus, eu sorri, oferecendo-lhe um pedacinho de mim.

– Eu o beijei. Eu o beijei e foi… ainda posso sentir, senti-lo… – O calor inundou meu rosto quando levei as mãos aos lábios. – Estou com medo, Indie, com medo do que pode acontecer. Com medo de perdê-lo antes mesmo

de começarmos. É tudo frágil. As pessoas namoram o tempo todo e não marcham pelo campus declarando seu amor depois do primeiro encontro.

Ela riu e eu sabia que tinha vencido… por enquanto.

– Então, foi um encontro?

– Havia comida e demos uns amassos, então…

– Poupe-me dos detalhes.

– Nem os sórdidos?

A cara dela ficou séria.

– Você vai contar para a mamãe e o papai?

– Em breve. – Um lampejo de reprovação cruzou seu olhar, mas não permiti que isso me incomodasse. – Podemos pelo menos tomar o café da manhã antes de começarmos a discutir?

– Não vou discutir, eu estou…

– Agindo igualzinho à mamãe.

– Estou, não é?

– Hã-hã.

– Venha. – Revirando os olhos, ela puxou a minha mão. – Vamos encher a fuça de carboidrato.

Não demoramos muito para encher nossas bandejas de comida e irmos para a mesa no canto perto da janela. O sol estava bem quente e tinha a vista, árvores imponentes e uma grama verde extensa, e, às vezes, se fosse bem cedo, a névoa cinza da manhã pairando sobre as calçadas, tornando este lugar o nosso preferido de todos. Dev e Sherman, uns caras da equipe, já estavam sentados lá. Reprimi um gemido quando Daphne, a amiga de Indie, acenou para mim. Ela apontou o lugar ao seu lado e eu fingi não perceber quando puxei outra cadeira em frente a onde ela estava. Indie, sendo a santa que nasceu para ser, sentou-se ao lado da amiga.

– Você perdeu uma festa incrível ontem à noite. – Sherman ergueu o

queixo antes de enfiar um garfo cheio de ovo na boca.

– É, cara, onde foi que você sumiu? – A careta de Dev foi cômica. – Tive que cuidar do Ellis e da porra da namorada dele a noite inteira.

Daphne revirou os olhos.

– Bethy anda tão dramática. Eu nem beijei a boca dele.

Quase cuspi meu suco de laranja.

– Você beijou o Ellis? Por quê? – Não consegui esconder o horror no meu rosto.

Ela mastigou o talo das uvas.

– Por quê? Está com ciúmes?

– Nem um pouco. – Kai riu ao colocar a bandeja na cabeceira da mesa. – Ellis e a sobra dos outros, não, obrigado.

Daphne jogou uma uva pela mesa, que caiu no peito dele. A mão dele travou nas costas da cadeira.

– Não seja babaca.

– Não sou eu que foi pega dando uns amassos no Ellis.

– Jesus Cristo. Eu dei um beijo no rosto dele. No. Rosto. Vocês são ridículos.

A risada leve de Indie flutuou pela mesa e Kai limpou a garganta, segurando sua bandeja.

– Queria poder ficar e toda essa merda, mas alguns de nós têm responsabilidades de verdade. Vejo vocês no treino desta noite, idiotas.

Ele saiu andando, igual a todas as manhãs, e notei Indie olhando para ele, uma pequena carranca apareceu em seus lábios. Eu estava prestes a lhe perguntar se ela estava bem quando a cadeira ao meu lado se mexeu.

– Ei, é o rei do frisbee – falou Dev, estendendo o punho.

Camden se sentou, ignorando o gesto e pôs sua bandeja com leite e cereais na mesa, murmurando:

– Olá.

Ele manteve o olhar fixo na sua tigela de cereais.

Dev abaixou a mão dando uma risadinha e a conversa na mesa parou. Indie acenou de leve para Camden, mas ninguém mais se incomodou. Eu, por outro lado, não consegui desviar o olhar. Seus cabelos estavam molhados e presos na gola. Meus dedos coçaram para tocá-lo, para deslizar pelas mechas molhadas dos seus cabelos, puxar a boca dele para a minha. Ele estava com cheiro de banho, de sabonete e calor, e eu me agitei, ganhando vida por ele, pelo seu rosto corado e seu sorriso tímido. Quanto mais eu olhava, mais evidente ficava e, de repente, tudo o que Indie me disse fez sentido. Se ele fosse minha namorada, eu poderia beijá-lo bem aqui, na frente de todo mundo e ninguém se incomodaria. Meu estômago se revirava num caos. Meu pulso disparou e, meu Deus, eu queria tocá-lo.

Coloquei a mão esquerda debaixo da mesa, na minha coxa, com a palma para cima.

– Ei – sussurrei, incapaz de disfarçar a necessidade rouca infundida naquela única sílaba.

Camden hesitou, levando um segundo para olhar em volta, todos estavam ocupados com fofoca e café e, para a minha surpresa, ele também abaixou a mão, envolveu alguns dedos nos meus, seu dedo mindinho assumindo o controle, e eu soltei um suspiro trêmulo. Meu polegar roubou um toque da sua pele, quente e macia, e quando ele se inclinou, o mínimo centímetro, o cheiro dele, o calor, me invadiu, se encaixou dentro de mim. Sentindo-o, sussurrei:

– Vai se sentar perto de mim todas as manhãs?

O músculo da sua mandíbula se contraiu por trás da sua pele macia e, antes de soltar, com a ponta do dedo traçou uma linha lenta na minha mão. Estremeci quando arrepios se espalharam pelo meu braço. Será que essa era

a resposta dele? Não foi um sim e não foi um não. Foi um vamos ver como corre o dia de hoje, vamos ver se passamos por esta manhã sem entrar em combustão, sem ceder, sem entregar tudo. Era a sombra, o lugar onde as coisas lindas iam para morrer. Sem pensar nas consequências, guiei minha mão para a sua coxa. A coluna de Camden enrijeceu. Ninguém podia ver, ninguém podia saber. Fiquei com a mão onde estava, deixando o meu próprio calor ensopar o jeans dele, até ele finalmente olhar para mim, até sua postura relaxar, até ele se derreter sob meu toque, até ele dizer:

– Vou.

··· 21 ···

CAMDEN

Aplausos silenciosos, luzes baixas, o auditório estava lotado e eu estava desmoronando nos bastidores. Minha habilidade de tocar era algo que simplesmente havia nascido comigo, mas a performance sempre foi para os meus pais. Eu era um compositor, não um intérprete. Eu criava o som e preferia ouvi-lo sendo tocado do que tocá-lo. Na ausência deles, seu amor estando condicionado apenas ao espetáculo, eu me sentia inútil, sozinho e…

– Boa sorte esta noite – disse ele com aquela voz rouca pós-beijo mais cedo, durante um momento furtivo entre uma aula e outra em que nos encontramos no meu apartamento. – Estarei lá assim que puder.

Meus olhos fecharam-se diante da lembrança. O calor da sua mão no meu rosto, na minha coxa, seus dedos entrelaçados aos meus debaixo da mesa do café da manhã nesses últimos dias. A adrenalina, a batida do meu coração, do dele, calavam a voz dentro da minha cabeça, me dizendo que eu não sou bom o bastante. A lembrança do seu sorriso preguiçoso ontem à noite enquanto me ouvia tocar pela centésima vez, seu cabelo despenteado, bagunçado pelos meus dedos, eram a estes momentos que eu me agarrava enquanto escutava meu professor de teoria me apresentar ao público. A promessa dos lábios dele, das mãos, do seu gosto, enquanto eu entrava no palco. As luzes encobriram a plateia, mantendo meus pés em movimento até me sentar no banco. Meus dedos tremiam ao ajeitar a gravata. O terno azul marinho elegante e sob medida que eu vestia foi comprado pela minha mãe na semana passada com entrega expressa e um bilhete colocado

cuidadosamente dentro da caixa que dizia: *Mereça os aplausos, mamãe*. Não havia um "boa sorte", nenhum "com amor", apenas sua caligrafia pequena, as mesmas linhas firmes dos lábios dela.

Mantive os olhos nas teclas enquanto ajustava os dedos no marfim. Respirei fundo e comecei, uma nota após a outra, e, por alguns segundos, parei de pensar nos meus pais e toquei como se estivesse sozinho no meu quarto com ele. Com Royal. Toquei, e um leve sorriso se fixou nos meus lábios. Minha coluna relaxou e eu me tornei a melodia, a música. Meus membros eram uma extensão, saindo de mim, minha alma estava nas teclas. Esperava que ele estivesse aqui. Esperava que pudesse sentir cada nota em seu peito, porque elas lhe pertenciam. E, embora fosse perigoso pensar assim, fingi que o som, a música, tinham sempre pertencido a ele, que meus pais nunca foram os curadores do meu talento, que sempre tinha sido ele. Ele foi o motivo de eu entrar no palco esta noite e, conforme a melodia se formava e trilhava seu próprio caminho pelo ar, talvez eu quisesse, pela primeira vez, acreditar que a música que compus também me pertencia. Ela podia ser minha, nunca deles, e eu podia dividi-la com ele.

A última nota pairou no ar e o silêncio agudo que a seguiu me envolveu. Cada vez que eu respirava era de forma acentuada e superficial, e tudo o que queria era abrir os olhos, estar sozinho com ele em seu quarto. Deixando esta noite para trás. Esta coisa dentro de mim queria, implorava e não havia como desacelerá-la. Queria mais beijos, mais toques… mais pele. A plateia explodiu em aplausos e gritos, enquanto arrepios se espalhavam pela minha pele. Levantei-me com as pernas fracas, meio acordado e meio sonhando com Royal. A adrenalina latejando nas minhas veias alcançou seu clímax quando fiz uma reverência, rugindo em meus ouvidos. Ao me erguer, as luzes do palco diminuíram o suficiente para eu poder ver o local inteiro de pé, aplaudindo, sorrindo, com os olhos arregalados de admiração. Comemorei,

permitindo que me vissem sorrir, permitindo que soubessem que talvez eu fosse um intérprete, afinal de contas. Meus pais não vieram. Esta noite, toquei para mim mesmo, para as pessoas que se sentaram nas poltronas de veludo vermelho, para ele.

– Lembre-me de, quando estiver na hora de se inscrever para o Concerto de Inverno, não ir depois de você – o calouro cheio de espinhas da minha aula de composição me deu um sorriso triste. – Sua execução foi impecável.

Com um agradecimento silencioso e um aceno de queixo, me vi caminhando em direção à porta de saída dos fundos à esquerda do palco. O ar frio e úmido me despertou quando saí. Meu estado sonhador foi deixado para trás com o piano, com o público, como um presente de despedida. Eu estava ofegante e ria de nervoso diante da névoa densa que cada respiração criava. Encostei-me na parede de painéis de madeira e olhei para cima, para o céu noturno nublado.

Nunca toquei com tanta vibração quanto nesta noite, nunca me permiti sentir, libertar. Dividido entre acreditar que a causa tivesse sido a possibilidade de *ele* estar na plateia ou talvez o fato de que meus pais não estariam. Esperança demais foi vinculada à presença dele. Se ele realmente não tiver aparecido, a decepção seria esmagadora. Ele tinha treino e eu não ficaria magoado, mas o veneno, aquele pensamento de que eu nunca conseguiria encontrar aquele outro mundo novamente, o lugar onde a música se tornou transcendental, se instalaria na minha mente, me envenenaria, sabendo que estive sozinho o tempo todo. Esta noite, usei meu talento com orgulho e quis me agarrar naquilo mais do que jamais quis… mais do que deveria.

– Camden? – Seu sussurro suave flutuou pelo ar denso do outono e todos os músculos do meu corpo relaxaram de alívio diante do som.

Royal caminhou em minha direção, seus cabelos loiros estavam úmidos e

despenteados, e ele vestia um terno com uma gravata azul estampada que era pequena demais.

– Estão te procurando, alguém disse que você estava aqui atrás.

Ele estava aqui, por mim, a apenas alguns metros de distância. Eu ri, o sorriso em meu rosto se alargava conforme ele se aproximava, o paletó do terno dele era enorme e pendia dos seus ombros largos de um jeito não natural.

– O que você está vestindo? – perguntei, incapaz de disfarçar o humor na minha voz.

Ele passou a mão nos cabelos e um sorriso torto se formou em seus lábios quando ele falou:

– Tive que improvisar. Não tinha nada formal para vestir. – Ele me prendeu na parede e eu puxei sua gravata. – É do Dev. – Ele corou e eu quis lhe dar um beijo no rosto.

– E o paletó? – perguntei.

– Kai pegou do pai dele. – Ele deu de ombros. – Eu tinha a calça e a camisa de quando vamos para as competições fora do estado. – Ele se inclinou como sempre fazia, sem qualquer consideração por quem poderia estar olhando. – Você foi fenomenal pra caralho.

Meu coração perdeu um compasso, ele não era do tipo que usava esse linguajar, e deixei o tom disso se espalhar pelo meu corpo, empurrando-me em seus quadris e para fora da parede.

Eu me senti fenomenal pra caralho.

Os lábios dele roçaram nos meus, uma e outra vez. Sua língua entrou na minha boca querendo mais. O cheiro de cloro e perfume, o cheiro dele, me envolveu quando me abraçou pela cintura, me puxando contra seu corpo firme. Língua, fogo e o som distante de um violino flutuando pela porta do palco que deixei entreaberta. Um gemido baixo soou no fundo da garganta

dele quando ele descansou a testa na minha.

– Você nunca tocou daquele jeito para mim – sussurrou ele, e o calor do seu hálito fez cócegas nos meus lábios.

Esta noite foi só para você. A frase ficou na ponta da minha língua, mas ao lhe dar as palavras, estaria lhe dando o resto de mim, e eu estava apavorado com o comprometimento, com a ideia de estar muito entremeado, misturado, uma pessoa dentro da outra. Sem ele, quem era eu? Sem ele, para onde a música ia? Eu estava dopado, pensando em loops. Meus medos anteriores começaram a aparecer e, como se pudesse ler a minha mente, ele se afastou, com seus olhos azuis suplicantes, perguntou:

– Qual o problema?

Pode ter sido a pergunta ou o jeito que ele a fez, sua voz tinha uma preocupação real. Pode ter sido a maneira com que me senti vazio de repente, a energia gasta esta noite, espalhada pelo palco, onde a esperança foi o motor que me levou a este ponto. Esperança de que a minha garganta tenha ficado presa com uma onda esmagadora de emoção, roubando minha vontade de falar a verdade.

Meus pais não se importavam comigo.

Eu estava apaixonado por um homem.

Todo esse tempo devo ter tocado dentro da casca de outra pessoa. Uma pessoa que tinha medo de ter esperança. Um menino que tinha medo demais de ser feliz, que se sentia banal e invisível antes de *ele* entrar na minha vida.

Royal segurou meu rosto com suas mãos fortes e eu gostei do jeito como as pontas de seus dedos estavam enrugadas e as unhas curtas por causa da piscina quando ele as deslizou pelas minhas bochechas.

– Você sabe, não é? Que você foi incrível. Fez todo mundo se levantar. Camden… sei que seus pais não vieram, mas…

– Me leva para casa – pedi, reconhecendo a minha fraqueza.

Segurando meu rosto por mais alguns segundos, ele assentiu.

– Claro.

Royal abaixou as mãos e entrelaçou nossos dedos. Todos estavam lá dentro mesmo e eu precisava da conexão, do seu calor, manter minha cabeça no lugar. Eu era impotente demais para largar de mão, inexperiente demais. Talvez esta sensação fosse o que meu professor de teoria tenha tentado explicar na aula da última sexta-feira. Ele disse que as canções que a gente cria devem ser como se apaixonar. De parar o coração, vulnerável, linda, até mesmo se a gente for o único a ver esta beleza.

– Foi para você.

Royal parou.

– O que foi para mim?

– Esta noite. Foi para você. Não para eles.

– Está falando dos seus pais?

Encarei-o.

– Eles sempre estiveram presentes e eu nunca entendi, não até esta noite, que eram eles que me seguravam. Gosto de tocar para você no meu quarto, quando somos só nós dois, mas esta noite quis que você me visse, me visse de verdade, Royal. E acho que fiquei com medo porque… e se você não quisesse? E se você não tivesse aparecido esta noite, entretanto… você está bem aqui, sorrindo, e eu acho… eu me senti maravilhado.

– Por mim?

– E por essa sua gravatinha.

Ele riu francamente e eu admirei o jeito que seu pescoço se movimentou, sua longa extensão, e eu sabia exatamente qual era o gosto dele no escuro.

– Esta gravata é horrível. – Os olhos de Royal passearam pelo meu corpo e ele engoliu em seco. – Você está bem bonito.

Meu rosto esquentou.

– Obrigado.

– Ainda quer ir para casa? – perguntou.

– Quero.

Ele deu um beijo no meu rosto.

– Tinha esperança de que dissesse isso.

♫

– Vai tocar de novo? Como fez esta noite? – perguntou Royal ao fechar a porta do meu quarto.

– Não sei se consigo. – Evitei seus olhos enquanto colocava nosso jantar de última hora, pizza congelada, na geladeira debaixo da minha escrivaninha.

– Tente.

Ele estava sentado na minha cama com os braços esticados atrás de si, mãos espalmadas na colcha, o paletó e a gravata tinham ficado esquecidos no carro. Royal estava com as mangas enroladas até os cotovelos. Seu sorriso fácil, confiante e sexy, me fez querer tentar. Para ele. Tirei meu paletó e a gravata, deixando-a nas costas da cadeira. Liguei meu teclado, isso sempre me centrava, mas estava muito nervoso. Muito animado. Algo em relação a esta noite. Foi diferente. O modo como ele olhava para mim do outro lado da mesa do restaurante, seus olhos estavam mais famintos que o normal, como se esta noite estivéssemos sobre a ponta de uma faca e alguma coisa entre nós dois estivesse prestes a mudar, nos cortar, expor nossos segredos mais sujos para o outro. Eu me atrapalhei com as primeiras notas, parei e fechei os olhos. Lembrei que ele estava lá, junto à plateia, e eu encontrei coragem para tocar para ele mais uma vez.

Se não estivesse perdido dentro da peça, eu o teria ouvido se mexer, ouvido o chiado denunciador do meu colchão, mas me entreguei à performance, e da mesma forma que tinha tocado mais cedo, a música se

elevou, se tornando maior do que qualquer outra coisa de que já fui capaz antes. Meus olhos estavam fechados quando seus lábios tocaram meu pescoço, quando suas mãos agarraram meus quadris por trás, como barro me moldei ao seu toque. Meus dedos tremiam nas teclas, silenciosamente.

– Não pare. – Sua voz oscilou, suplicando, e eu tentei continuar.

Beijos quentes no meu pescoço, mãos na fivela do meu cinto. Eu não fazia mais ideia do que estava tocando. Só conseguia sentir seu peito nas minhas costas, seu calor se infiltrando pelo tecido fino da minha camisa e seu corpo acordado contra mim. Facilmente, ele abriu meu cinto, o botão, e sua mão hesitou no meu zíper.

– Posso te tocar?

– Pode. – Não respirei.

Ele me virou para si, o piano se tornou uma vela, e sua boca encontrou a minha, aberta e intensa enquanto sua mão deslizou um centímetro para baixo do meu cós. Como uma faísca numa cama de agulhas de pinheiro secas, explodimos. Seus dedos arrancaram os botões da minha camisa até ele me libertar dela completamente. Suas mãos quentes espalmaram meu peito antes de descerem. Estremeci quando elas voltaram para o meu zíper e a minha calça caiu no chão. Livrei-me dela e a chutei para o lado, indo para os botões da camisa dele com as mãos trêmulas. Ele segurou meu pulso com delicadeza.

– Espere. – O beijo de Royal era suave e demorado. – Ainda não.

Ele sorriu contra os meus lábios antes de se afastar, me encarou pelo que pareceu uma eternidade, seus olhos azuis penetrantes estavam desejosos antes de ele se ajoelhar na minha frente.

– Royal?

Ele pôs as mãos nas minhas coxas, trabalhando o músculo com os dedos, olhando para mim com o que eu imaginava serem as mesmas perguntas que

estavam passando pela minha cabeça. Será que era isso que ele queria? Será que isso estragaria tudo?

Ele se inclinou para frente e beijou o cós da minha cueca boxer, seus lábios se demoraram na trilha de pelos ásperos que desciam quando ele perguntou:

– Você está bem?

Corri os dedos pelos cabelos dele e assenti. Ele valia a pena. Royal suspirou, abaixando a minha cueca, olhando em meus olhos o tempo todo. Eu precisava dos seus olhos em mim, neste quarto claro, onde todos os meus segredos sujos se espalhavam pelo chão. Não consegui esconder o quanto o queria, parado aqui diante dele… nu. Minha excitação à mostra e constrangedoramente dura. Apertei seu cabelo com mais força e perdi o fôlego quando ele me colocou em sua boca. Seus lábios estavam tímidos. Murmurando, xinguei, soltando uma das mãos, e agarrei o teclado atrás de mim. As notas altas ressoaram no quarto quando ele encontrou seu ritmo, me tomando mais fundo, dando som ao momento e substituindo a minha vergonha por necessidade. As mesmas notas desconexas tocavam repetidamente ao fundo enquanto sua boca me destruía.

Eu estava sendo desconstruído pedaço por pedaço pelo calor dos seus lábios molhados, sua língua, a vibração da minha pele sensível sempre que ele gemia. Minha coluna e minhas costelas puxaram meu estômago e os músculos da minha mandíbula, meu pescoço contraiu quando ele me arrastou para o fim inevitável. Eu não queria que parasse. Queria sentir tudo, sentir todos os pedaços organizados num novo padrão dentro de mim, sentir a energia devastadora descarregando sobre mim, criando um novo eu, um eu que não conhecia nada além de Royal e sua boca e aquele calor molhado que estava me modificando. Eu queria ser modificado. Queria ser refeito sob seu toque. Queria não duvidar nunca de que isto era certo e bom… isto era

nosso. O nó emaranhado nas minhas entranhas se desfez e um som tenso saiu dos meus lábios, sufocado, desesperado, enquanto eu segurava seu cabelo em meu punho. Tentei me afastar, alertá-lo, mas ele pegou nos meus quadris e me segurou, me segurou enquanto eu gozava, enquanto eu desmoronava, enquanto eu me reconstituía em algo melhor… algo que pertencia somente a nós dois.

··· 22 ···

ROYAL

Meu Deus, eu estava tremendo.

Minhas mãos pareciam folhas ao vento, tremendo enquanto eu segurava os quadris de Camden com toda força. O gosto dele na minha boca, o que fizemos, eu estava entorpecido, por ele, pela luxúria, e com tanta vontade de que ele também me tocasse que chegava a doer. Eu estava nervoso para olhar em seus olhos, com medo de que quando olhasse para ele, só visse uma cortina de confusão, ou de medo, ou, pior ainda, de culpa.

– Royal. – Sua voz rouca me assustou, profunda e dominante, quando sua mão delicada segurou meu queixo, jogando a minha cabeça para trás, olhei dentro dos seus olhos cinza-esverdeados.

Não havia vergonha. Nenhum "puta merda, será que cometi um erro terrível?". Apenas luxúria pura e real cobrindo sua íris. Camden também estava tremendo, com as mãos no meu rosto e o olhar fixo no meu. Eu havia me questionado uma vez, quando hesitei com seu zíper. Não fazia ideia do que estava fazendo, do que queria, do que ele queria, mas fui esmagado pelo calor do seu corpo, pelo toque suave da sua boca na minha, e quando o toquei, quando o senti na minha mão, todos os pensamentos racionais deixaram a minha mente e o instinto assumiu. Eu era dele e queria tudo o que ele poderia me dar neste momento. Entrar em combustão ou morrer tentando. Nunca conheci um sentimento tão urgente. E ver o rubor em suas bochechas, quando me ajoelhei em frente a ele, me deu todo o incentivo de que precisava.

– Venha aqui – sussurrou ele e eu me levantei.

Ele ficou olhando para a minha boca, delineando meu lábio superior com a ponta do dedo, enquanto se inclinava para me beijar. Começou como um beijo simples, doce e leve, mas quando a língua dele correu para dentro da minha boca, apaixonada e sedenta pelo gosto dele, ele enroscou os dedos nos meus cabelos, pressionando o corpo contra o meu, já duro novamente. Não demorou muito para a minha camisa ser arrancada e apressadamente jogada no chão, antes de encostá-lo na cama, antes de ele se sentar e olhar para o meu corpo imponente.

Ele olhou para o meu peito nu, correndo as mãos espalmadas sobre os sulcos da minha barriga, olhando para mim com os olhos arregalados, carentes e admirados, seu rosto corou de desejo quando balançou a cabeça e admitiu numa voz baixa e rouca:

– Estou nervoso.

Ele deixou a mão cair para a minha cintura e desviou o olhar.

– Camden, não…

– Você é o único… o primeiro. Eu me sinto inexperiente, como se fosse estragar tudo.

– Ei. – Corri os nós dos dedos pelo seu rosto quente.

Seus olhos cinza cristalinos encontraram os meus.

– Você é intimidante.

– Eu sou intimidante?

– É.

– Porque tenho um pouco de experiência?

– Porque você é lindo. E não só do jeito que deveria ser. Você é gentil, Royal. O tipo de pessoa que faz todas as refeições com a sua irmã para ela não ficar sozinha. Um cara que vê as pessoas pelo que elas são, que não tem medo de fazer nada. O cara que me viu, viu além do que todos os outros não

conseguiram. Você herdou a minha solidão e a fez sua. Você me mudou.

Ele pôs os lábios na minha barriga, abaixo do umbigo, e meus joelhos ameaçaram fraquejar. Passei os dedos pelos seus cabelos e ele estremeceu. Sua solidão foi o que me atraiu.

– Sua solidão é o que te torna lindo. Te faz ouvir coisas que ninguém neste planeta consegue ouvir. Sua solidão, Camden, é o que te diferencia, te faz alguém que tenho sorte de ter porque você está me deixando entrar. Você também me mudou. – Minha voz tremia enquanto ele deslizava a ponta do nariz pela minha pele. – Não tem um minuto do dia que eu não possa ouvir sua música na minha cabeça, quando não estou pensando em você, nisto, no quanto te quero mais do que quero mergulhar naquela piscina todos os dias.

Suas sobrancelhas uniram-se, algo de vulnerável se formava em seu rosto.

– Está falando sério?

Engoli em seco quando a verdade dominou todo o meu corpo.

– Estou.

Abaixei-me e o beijei, sua cabeça caiu para trás e seus lábios abriram-se para mim. Coloquei a mão entre nossos corpos, tocando-o novamente, duro e aveludado na minha palma, ele gemeu. Ele abriu meu cinto e o zíper da minha calça. Não havia mais nenhum obstáculo entre nós, não havia volta quando a minha calça e a cueca foram ao chão, ou quando o aperto dele na minha cintura se intensificou e ele me puxou para si. Montei nele, a sensação dos pelos escuros das suas coxas, grossos e ásperos nas minhas pernas. Gostei disso. Gostei do jeito que arranharam a minha pele, da sensação do seu corpo magro embaixo de mim, de como seu calor me queimava e me marcava. Enterrando o rosto no vão suave e quente do pescoço dele, inspirei. Suor, sabonete e ele. Parei de respirar quando ele ergueu os quadris, se balançando contra mim. Peito a peito, seu beijo me reclamava, tomando da minha boca com lambidas longas e lentas. Eu estava estonteado,

meus membros formigavam e pesavam conforme ele passava os dedos pelos meus braços.

Segurei em seus ombros largos quando me afastei dos seus lábios. Descansando a testa na dele, fechei os olhos, incapaz de esconder o tom de súplica na minha voz:

– Me toca.

Ouvi-o deglutir, com a respiração irregular, enquanto seus dedos passeavam pelo meu peito, minha barriga, alcançando entre nós. Ele me tomou em sua mão, seus lábios abriram num gemido quando mexi os quadris, nos aproximando.

Mais perto.

Mais perto.

Eu era seu fantoche. Disposto, pronto… completo. Sua boca se movia contra a minha no mesmo ritmo que sua mão, e eu quis tocá-lo também. Acompanhei-o, pegando-o em minha mão, e ele estremeceu. Seu gemido foi praticamente um agradecimento silencioso; o meu, um sussurro de “por favor, vamos fazer isso juntos porque sinto como se estivesse morrendo e não quero morrer sem você”. Minha mandíbula cerrou e nós nos beijamos, dentes, línguas, lábios e gemidos. Ereção contra ereção até nossos corpos não serem mais nossos para controlar, até eu não conseguir suportar, até suas coxas, minhas coxas, começarem a tremer, até sua mão esquerda se enterrar em meus cabelos e a minha agarrar os dele com tanta força que chegava a ser doloroso, até não nos importarmos com a dor, até nossa respiração áspera e instável se tornar o único som no quarto, até nossas palmas serem inundadas com o calor do nosso alívio, e não sermos mais do que beijos sem fôlego e estarmos satisfeitos , até o cheiro do quarto se tornar arrebatador e inebriante, e eu nunca mais querer sair deste lugar. Com ele.

Nossos lábios eram voluntariosos, tentando voltar o tempo para um ritmo

que podíamos aceitar, conservar este momento por um pouco mais de tempo, ignorar o fato de que estávamos os dois nus, grudentos e suados.

Ele sorriu e seus lábios curvaram-se contra a minha boca.

– Você está arrepiado.

– Você também. – Afastei-me e vi que as pupilas pretas de Camden quase eclipsaram sua íris.

Suas bochechas estavam manchadas, seu cabelo despenteado e eu imaginei que estaria do mesmo jeito. Bagunçado, mas iluminado de dentro para fora.

– Toma. – Camden pegou um pequeno cobertor de lã que quase tinha caído da cama e limpou meu peito, minha mão e, depois, seu corpo, antes de jogá-lo num cesto do lado direito do seu teclado.

Ele lambeu seus lábios inchados, acomodou sua mão esquerda em sua barriga ao se deitar apoiado nos cotovelos e perguntou:

– Você tem treino amanhã?

Maravilhado com o modo que estávamos posicionados, balancei a cabeça em negação.

– Não.

Ele alongou seu corpo comprido embaixo de mim, seus músculos abdominais à mostra, toda aquela pele pálida… eu tinha sorte. Sorte de estar aqui. Sorte de ter tido esta noite com ele. O destino me deu um presente. As feições de Camden relaxaram quando seus olhos escanearam meu corpo, subindo e descendo a mão pela minha coxa, desenhando círculos na minha perna. Será que ele sentia o mesmo? A mão do destino puxando nossos ossos, alcançando dentro dos nossos corpos e reorganizando os elementos como se dissesse “ele foi feito para você e você para ele”.

– Então pode ficar um pouco mais?

Não deixei de notar a esperança em sua voz, ou como, porque aprendi a

ler suas falas, sua insegurança o cobria como uma manta. Debrucei-me sobre seu corpo, beijando-o uma vez antes de me reposicionar, deitei-me junto a ele, que ficou de lado para olhar para mim.

Estávamos nos olhando, um sorriso brincava no canto da minha boca e eu falei:

– Posso ficar a noite inteira, basta você pedir.

Ele segurou a minha nuca, me trazendo a menos de um centímetro da sua boca. Fechou os olhos e sussurrou:

– Fique a noite inteira.

··· 23 ···

ROYAL

– Está ficando sério? – Kai ergueu a sobrancelha.

O sorriso em seu rosto fez minha mão coçar para jogar água nele. Descansando a mão na borda da piscina, olhei por sobre o ombro para me certificar de que ninguém estava ouvindo.

– Acho que sim… – O sorriso de Kai foi largo e senti meu rosto esquentar. – Não me olhe desse jeito.

Camden e eu estávamos juntos há um mês e meio, e eu respondia a esse tipo de pergunta do meu melhor amigo algumas vezes por semana. Nós não rotulamos nada, mas pensava nele como meu namorado. Eu gostava dele… eu mais que gostava dele. Ele era a primeira coisa em que eu pensava, estava sempre em primeiro plano na minha mente. Quando fazia meus exercícios matinais, pensava na sensação dele deitado ao meu lado na noite anterior, na pele macia do seu peito parecendo seda sob a minha mão. Na aula, eu pensava no que ele devia estar fazendo naquela hora, me perguntava se estava tocando alguma música, se estava pensando em mim. Na biblioteca, eu me perguntava sobre certos livros, se ele gostaria deles. Pensava nele lendo só com a calça do pijama de flanela deitado na cama com a minha cabeça em seu peito, observando-o. Na piscina, quando a minha pele esfriava, pensava em suas mãos quentes e em como ele me fazia suar em menos de dois minutos.

Claro que eu não iria contar nada disso ao Kai, ele não precisava de mais munição. Era incansável. Às vezes, quando passava a noite com Camden, ele

batia na parede e gritava “Façam menos barulho”, quando, na verdade, não havíamos feito barulho nenhum. Camden tinha uma política rigorosa de não ficar de brincadeira quando Kai estivesse em casa, o que eu alegava ser ridículo, já que Kai sempre trazia Brie, sua namorada, e nos sujeitava a suas maratonas da madrugada. Eu nunca ganhava a discussão. Em vez disso, ficávamos no meu apartamento, o que, infelizmente, não era com tanta frequência quanto eu gostaria. A temporada de natação estava a todo vapor e, faltando apenas quatro dias para o feriado, nosso treinador estava tirando tudo da gente. Seu plano, ele dizia, era nos deixar tão em forma quanto possível antes de nossas mães nos encherem de peru e caçarola de batata doce durante cinco dias seguidos. Sinceramente, acho que o cara só adorava nos ver nadar, ele adorava o esporte e esta equipe.

Kai me encarou, esperando mais uma explicação, eu desconversei:

– E quanto a Brie? Vocês ainda estão firmes?

Seu sorriso despencou e ele cerrou a mandíbula.

– Aquela garota é desgastante.

– Então, por que continua com ela?

Ele fez um bico.

– Estou falando sério. – Abaixei a voz a um sussurro – Além do sexo, qual o sentido?

Os olhos de Kai obscureceram.

– O sentido… é que não tenho tempo para casos de uma noite. As garotas querem mais e ficam putas quando ganham exatamente o que lhes ofereci no início. Drama… e Brie é… ela não é tão ruim quando você a conhece.

– Isso é muito convincente.

Eu ri e ele jogou água em mim fazendo onda na piscina.

– Vai se foder, O’Connell. Tenho meus motivos, você é um enxerido.

– Falou o cara que sempre se intromete nos meus assuntos.

– É interessante, cara. Você é um cara hétero que virou gay e está comendo meu colega de quarto, é como um reality show.

– Jesus, fale mais baixo. – Em pânico, analisei a piscina. Todos estavam fazendo suas coisas, nadando ou fazendo flexões no deque. – Ninguém está… comendo ninguém.

Mais uma vez ele ergueu as sobrancelhas.

– Ah. Vocês estão esperando a hora certa, não estão?

Soltei um suspiro irritado.

– Você é um idiota. Um idiota imaturo.

Ele riu, o que me fez rir também. Depois de um momento, ele abaixou a cabeça, seus cabelos molhados desciam pela sua testa e seu rosto estava soturno como uma pedra. A voz de Kai saiu quase inaudível quando ele perguntou:

– Você está com medo?

Eu não entendi ao que ele se referia.

– Com medo de quê?

– De ser pego. É por isso que ele quase não fica no seu apartamento?

– A temporada de natação está complicada…

– Mentira. Eu nado, trabalho, tiro notas decentes e acho tempo para comer a minha namorada. Você está com medo e, depois de um tempo, esconder vai machucar vocês dois.

– Parece a Indie falando.

– Bem… – Ele deu de ombros.

– Quero que ele passe a noite comigo o tempo todo. – O rosto de Kai abriu-se num sorriso e eu ignorei e continuei, esperando evitar algum comentário sarcástico. – Só que ele tem que ir embora numa hora ímpia. Todos na Casa Warren são atletas. Levantam-se cedo para a musculação, ou o que seja, e ele tem que fugir antes que o sol nasça. Eu fico exausto o dia

todo porque depois que ele sai eu me sinto um merda, como se o tivesse tratado como um segredinho sujo e não consigo voltar a dormir.

– Mas foi ele quem disse que ninguém poderia saber, não foi? Então, a escolha é dele.

– É mais complicado do que isso e você sabe.

Para provar o que estou dizendo, Ellis passou com um dos amigos dele, o escárnio em seu rosto dirigido a Kai ou a mim, não dava para dizer. O cara tinha uma arrogância do tamanho do Alaska, sempre com alguma coisa a provar. Até agora, meus tempos em todas as competições desta temporada continuaram melhores que os dele em pelo menos três segundos. Era seguro dizer que eu não era sua pessoa preferida. Ele usaria o que pudesse contra mim para parecer o melhor.

– Não é. – Kai cerrou a mandíbula de forma teimosa. – É ele quem está exagerando, escondendo. A escolha é dele.

– É, como é escolha dele não ficar no próprio apartamento porque o colega de quarto dele é um babaca e o provoca o tempo todo.

Kai franziu a testa profundamente.

– Merda, sério? Agora me sinto um idiota.

– Que bom.

– A culpa é toda minha por vocês não estarem fazendo sexo.

Esfreguei o rosto com a mão molhada e olhei para o teto, rezando para ter paciência, quando falei:

– Fale mais baixo.

Sexo. A palavra do dia pelo que parecia. Sexo era definido de forma muito previsível. A visão penetrante do mundo. Preto e branco. Camden e eu tínhamos vários tons. Nós fazíamos sexo. Pode não se encaixar na visão tradicional, mas nos abríamos um para o outro toda vez que estávamos juntos e, por mais que eu pensasse em como seria estar dentro dele, tê-lo

compartilhando seu corpo comigo dessa forma, estar com Camden do jeito que estávamos, tocá-lo, prová-lo, senti-lo se soltar, era o suficiente. Era tudo.

– Você sabe que pode me pedir qualquer coisa. – Kai sorriu e eu estreitei os olhos. – Fiquei sabendo que a farmácia na Rua Beech vende o melhor lubrificante.

– Não vou mais falar com você. – Afastei-me da parede e caí num ritmo rápido, cortando a água e deixando Kai e sua boca espertinha gargalhando histericamente atrás de mim.

O treino de natação terminou, graças a Deus, sem mais nenhum *conselho* do meu melhor amigo. Todos os caras quiseram ir para o Stacks tomar uma cerveja antes de voltarem para suas casas para o feriado. Kai e eu recusamos. Kai ia para casa esta noite e, depois de eu sofrer com uma sessão matinal de musculação, aulas e um turno curto de quatro horas na biblioteca, tudo o que eu queria era jantar com a minha irmã e meu namorado. Namorado. Não pronunciei a palavra em voz alta para ninguém. Talvez estivesse na hora de fazer isso. Eu estava pensando num jeito de tocar no assunto com Camden enquanto atravessava o campus no ar gelado. O Dia de Ação de Graças era na próxima quinta-feira e o gelo aderindo às mechas molhadas dos meus cabelos era outro sinal de que o inverno não estava longe.

Um braço pequeno se entrelaçou ao meu e o corpo trêmulo de Indie se aconchegou no meu.

– De-devaga-gar. Est-tou co-congelando. Pr-preciso de calor hu-humano.

– Você tem noção de que deve estar nevando lá em casa?

Ela gemeu.

– E que iremos enfrentar esse gelo na terça-feira.

– Ainda faltam quatro dias, não me lembre disso.

Rindo, puxei-a mais para perto, colocando o braço em volta dos seus ombros e perguntei:

– Mais quentinha?

– Sim. Obrigada. – Indie se enterrou do meu lado enquanto subimos as escadas para o refeitório.

Lá dentro, o calor do ambiente era quase sufocante. O lugar estava vazio, a maioria dos estudantes havia ido embora hoje para chegar em casa cedo para o recesso. Nós podíamos ter ido hoje também, mas dei a desculpa para os meus pais e para Indie de que não poderia arriscar perder as aulas de segunda-feira. Disse-lhes que a minha bolsa era muito importante, mas a verdade era que eu não estava pronto para deixar Camden.

Desde o início de outubro, eu passava quase todas as noites com ele e, depois do recital de Camden, depois da nossa primeira vez juntos, tentávamos passar tantas noites juntos quanto possível enquanto mantínhamos as aparências. Podíamos não dormir nas camas um do outro, porém, ficávamos juntos todas as noites. Eu não tinha vergonha de dizer que estava viciado nele. Sua música, sua voz, seus lábios, suas mãos, sua pele. Eu estava viciado no jeito que seus dedos sempre tracejavam as linhas da palma da minha mão e em como, quando achava que eu não estava prestando atenção, ele cantava suavemente enquanto tocava seu teclado. Camden havia se tornado o ar que eu precisava respirar, a energia que eu precisava para sobreviver ao dia. Deixá-lo, com os pais dele, me deixava doente fisicamente de verdade só de pensar.

– Cadê o Camden? – A pergunta de Indie interrompeu meus devaneios.

Meus olhos passearam pelo grande espaço aberto do refeitório, os estudantes que sobraram estavam em suas mesas, mas nosso lugar estava vazio.

Dei de ombros e tirei o celular do bolso.

– Não sei.

– Pego o de sempre para você? – perguntou ela.

– Sim, lembre-se de que quero…

– Almôndegas extras. Eu sei. – Ela sorriu e balançou a cabeça. – E marinara extra ao lado para molhar.

Abaixei-me e a beijei no rosto.

– Eu te amo, Pink.

– Hã-hã. – Ela cantarolou e foi para a lanchonete enquanto eu digitava uma mensagem rápida.

***Eu**: Ei. Estou no refeitório. Quer que eu pegue um sanduíche de almôndegas para você?*

Caminhei devagar para a nossa mesa no canto com os olhos fixos nas árvores que balançavam lá fora. O sol havia se posto e, talvez fosse a distância iminente que estava prestes a colocar entre mim e Camden, os abetos altos, normalmente lindos, pareciam sinistros, agourentos, como se os galhos escuros das árvores pudessem perceber meu humor.

***Camden**: Não estou com fome.*

Sentei-me e rolei a tela com o polegar até o número de Camden aparecer. Pressionei o botão para ligar e o telefone mal tocou uma vez.

– Qual o problema?

Ele suspirou no telefone, sua voz estava rouca ao responder:

– Não foi a melhor das tardes.

– Você está doente?

Ele não falou nada. Os segundos se passavam.

– Camden… fale comigo.

Não pude evitar o jeito que meu coração começou a acelerar, o jeito que a

preocupação se instalou nas minhas entranhas como um tijolo.

– Minha mãe me ligou hoje. – Merda. – Eles vão para Stowe no feriado.

– Vermont?

Ele limpou a garganta.

– É.

– Quando você vai?

Ele riu sem humor.

– Não vou. Eu não vou. Não fui convidado. Eles já devem estar lá a essa hora. Ela me ligou do aeroporto já faz um tempo.

Eu odiava os pais dele. Não conseguia entender como qualquer pai ou mãe podia ser tão cruel com o filho. Talvez Indie e eu tivéssemos sorte de ter os pais que tínhamos, mas a mãe e o pai de Camden pareciam ser outro nível de babacas.

Indie se sentou ao meu lado à mesa e, com um sorriso, balbuciou o nome dele:

– Camden?

Assenti, e uma ideia desabrochou dentro de mim. Pela primeira vez no dia, o feriado ameaçador não pareceu tão assustador. O Dia de Ação de Graças era o meu feriado preferido. Era muito importante para a minha família e o único motivo pelo qual eu estava receoso com ele era porque não poderia estar com Camden.

– Venha comigo e Indie.

– O quê?

– Para Salt Lake, venha para casa comigo e minha irmã. – Os olhos de Indie encontraram os meus e, sem dizer uma palavra, ela entendeu. Um sorriso fez seus lábios se abrirem e eu soube que era a coisa certa a se fazer.

– Não é um bom plano.

– É um ótimo plano.

– Então, você planeja se assumir para os seus pais levando seu namorado para casa?

Meus lábios abriram-se num sorriso.

Sem fazer muito estardalhaço com o fato de que ele me chamou de namorado pela primeira vez, concordei:

– Isso, as pessoas levam os namorados para casa nos feriados o tempo todo.

– É, e essas pessoas são garotas. Royal, não quero…

– Você não é um peso.

– Não era isso que eu ia dizer. E se eles surtarem? Não quero ser o motivo pelo qual sua família vai ter uma Ação de Graças de merda. Caralho, a minha família nem me quer lá e eles são meus *pais*. – Ele pronunciou pais como se fosse um xingamento.

– Eu te quero lá.

– Royal.

– Por favor. Prometo que vai ser legal e se não for, voltamos antes juntos.

Ele não falou nada, mas ouvi o suspiro pesado que escapou dos seus lábios. Dava para imaginá-lo, de pé em seu quarto andando de um lado para o outro. Queria estar lá, precisava que ele visse o quanto eu queria isso, queria que ele conhecesse a minha família, Queria que ele visse que nem todas as pessoas são negligentes com seus corações, com seu amor.

Gesticulei para Indie que teria que ir embora e ela me entregou o sanduíche embrulhado em papel, sussurrando:

– Boa sorte.

Acenei com o queixo e ela me deu um sorriso triste antes de eu me virar para sair.

A porta da Casa Beckett se fechou atrás de mim quando ele finalmente falou:

– Você faria isso? Iria embora?

– Se meus pais não me aceitassem por quem eu sou, não te aceitarem… eu iria embora no mesmo segundo.

– Você pode vir aqui? – A voz dele falhou ao sussurrar.

– Já estou a caminho.

··· 24 ···

CAMDEN

Ele não batia mais na porta e o alívio que senti ao ouvi-lo se mover pelo apartamento me assustou. Sempre fui só eu. Meus pais provaram isso hoje, outra demonstração de afeto, me deixando para trás. Eu o deixei entrar, mas por quanto tempo ele ficaria? A luz dos postes lá fora passava pelas lâminas das cortinas, perturbando o silêncio que eu sempre temi, cortando o breu e iluminando o quarto com fios opacos de luz.

A porta do meu quarto abriu e eu fechei os olhos. O frio do quarto impregnou a minha pele e eu desejei o calor do corpo dele. Desejei que a sua boca fizesse desaparecer este buraco dentro da minha cabeça. Disse a mim mesmo que estava acostumado com isso, acostumado a ser abandonado, mas doeu mais desta vez. Doeu porque encontrei alguém com quem me importava e vi nele o que deveria ter visto em meus pais: amor.

Ouvi o ranger da porta do meu frigobar abrindo e fechando. Ouvi o som surdo dos sapatos dele. Um. Dois. Meus olhos permaneceram fechados quando a cama afundou sob seu peso, quando o calor do seu corpo, do seu peito, encostou nas minhas costas. A mão quente de Royal repousou na minha barriga nua e eu o deixei se fundir comigo.

– Ei – sussurrou ele passando o nariz pelo arco do meu ombro.

Suspirei quando ele depositou um beijo naquele ponto perfeito debaixo da minha orelha.

– Ei.

– O que você está escutando? – perguntou. A voz dele era um algodão

leve, calada ao enterrar os lábios no vão do meu pescoço.

– Erik Satie.

O sorriso de Royal se alargou pela extensão do meu ombro.

– Gosto do sotaque francês.

Um sorriso se formou em meus lábios. Ele estava aqui há apenas alguns minutos e tudo já parecia um pouco melhor. A música soava melhor. O quarto e seu silêncio obscuro foram preenchidos pela batida do meu coração, do coração dele.

Virei de costas, abrindo os olhos. Ele acomodou seu corpo, descansando o cotovelo, seu olhar delineava as linhas do meu rosto, fixando-se na umidade que cobria minhas bochechas.

– *Tu me rends heureux. Je suis tellement content que tu sois là.* – gaguejei as últimas palavras, a admiração em seus olhos, o sorriso largo em sua boca… quase doía olhar para ele.

– Isso é francês? – perguntou, suas sobrancelhas franzindo fortemente enquanto ele enxugava a umidade do meu rosto com a ponta do polegar.

Assenti.

– O que você disse? – indagou, seu toque foi do meu rosto para os fios de cabelo que cobriam a minha testa. Meus olhos fecharam.

– Você me faz feliz – sussurrei. – Fico feliz que esteja aqui.

Ele me deu um beijo na boca. Suave. Suave. E eu abri os olhos para ele.

– Não sabia que você falava francês.

– Não tenho nenhuma necessidade disso. Foi coisa do meu pai, sei um pouquinho de italiano também. – Pensar no meu pai azedou o sorriso em meus lábios.

– Sinto muito – falou.

– Por?

– Seus pais.

Engoli o nó que crescia na minha garganta.

– Tenho essa lembrança… não consigo me livrar dela. Acho que eu tinha seis ou sete anos e fiquei tocando o dia inteiro… as pontas dos meus dedos doíam… – Royal pegou a minha mão na sua e massageou meus dedos com carinho. – Eu estava chorando. Lembro-me da minha mãe beijando o meu rosto. Posso sentir a mão dela em meu ombro ao falar "Não chore, Cam. Mostre à mamãe o quão forte pode ser. Toque de novo.".

A lembrança me inundou. O som da sala, o cheiro do perfume dela, lilases e algo doce demais. Lutei para respirar e Royal apertou a minha mão e beijou meu rosto, molhado com lágrimas recentes.

– Toquei por mais uma hora e meu pai… ele brigou com a minha mãe. E eu sabia que era por minha causa. Não consegui ouvir o que eles estavam falando, porém, a voz do meu pai… ele estava tão furioso… e eu me lembrei do quanto tudo ficou tão silencioso quando ela foi embora. Ainda não sei para onde ela foi, ficou fora a noite inteira. Ela bateu a porta e não houve som algum, e eu não consegui mais tocar. Não consegui encontrar as notas e entrei em pânico. Meu pai se ajoelhou e… – Sufoquei na lembrança e me virei para Royal, enterrando a cara no algodão da sua blusa. Sua mão parou na parte de trás da minha cabeça, fazendo um carinho relaxante pelas minhas costas e subindo de volta para a minha nuca. Inclinei a cabeça, querendo ver seu rosto. Seus olhos azuis brilhavam sob a luz fraca do quarto. – Meu pai sorriu para mim. Ele sorriu, Royal, e eu acho que pode ter sido a última vez que seu sorriso pareceu sincero. Ele me levou para a praia e nós exploramos as piscinas naturais, fizemos uma fogueira e ficamos até escurecer. Lembro-me de pensar em como as coisas poderiam ser fáceis se eu tivesse sido mais forte. Se não tivesse chorado, será que eles teriam brigado? Sempre me culpei. Sempre.

– Não é culpa sua – manifestou ele, sua voz era tão grossa quanto a minha.

– Eu costumava pensar que a bondade da minha mãe era para os pacientes dela. Não sobrava nada para o meu pai, nem para mim, quando ela chegava em casa. Ela não se importa comigo e, com o tempo, acho que meu pai se esqueceu de se importar. – Não consegui impedir a fresta em meu peito de se romper. A explosão de lágrimas que desceu pelo meu rosto parecia o amargo fim de uma música enquanto eu expulsava as palavras trêmulas da minha boca. – Talvez eles nunca tenham se importado comigo.

Royal segurou meu rosto em suas mãos.

– Eu me importo com você.

Ele falou com raiva e convicção, e aquela fresta, meus muros, se estilhaçaram em pedacinhos. Eu queria acreditar nele, dar-lhe meu corpo e o meu coração, queria que ele o segurasse em suas mãos e me ouvisse. Ouvisse verdadeiramente meu coração e a minha alma. Eu esperava que ele gostasse do jeito que soava, esperava que ele nunca quisesse parar de ouvir. Eu estava ciente do coro de dúvidas dentro da minha cabeça, os ecos dos meus pais que se enraizaram. Desde que conheci Royal, as notas deles haviam se tornado quase indecifráveis e, até o dia de hoje, pensei que as tivesse silenciado.

Eu respirei irregularmente quando ele encostou os lábios na minha testa. Fechei os olhos e o deixei beijar meus cílios, tirando as lágrimas. O calor da sua boca na minha, o atrito de seus polegares nas minhas bochechas, meu corpo relaxado e meus músculos cansados e aliviados.

Eu me importo com você também.

Eu. Me. Importo. Com. Você. Também.

Eu. Me. Importo. Com. Você. Também.

– Me mostre – implorei, roçando os lábios nos dele.

Ele se recostou. Seus olhos buscaram os meus.

– Como?

– Você sabe como.

Ele engoliu em seco e eu observei admirado o modo com que sua garganta se movia, o modo com que o rubor em suas bochechas desceu para o seu pescoço.

– Você está chateado e eu quero matar seus pais. Não acho que…

– Não quero pensar.

Ele umedeceu os lábios. Nervoso.

– Camden. Eu me importo com você.

– Você já disse isso.

– Não quero… quero que você queira fazer isso quando estiver pronto, não porque está tentando se distrair de…

– Eu quero. Estou pronto. – Agarrei a bainha da blusa dele e o beijei, com força e desespero, até começar a chorar de novo, o pânico tomou conta de mim e os pelos da minha nuca se arrepiaram.

Me queira.

Me queira.

Me queira.

Royal segurou meu rosto e as minhas lágrimas agruparam-se nas pontas de seus polegares.

– Camden, eu…

Descansei a cabeça em seu ombro, inspirando raios de sol e esperança.

– Eu preciso disso, preciso de você. Preciso de uma nova lembrança. Preciso lembrar que sou bom.

Sua respiração falhou e ele pôs a mão atrás da minha cabeça. Ele estava calado e eu, apavorado que ele me dissesse não. Dissesse que deveríamos esperar. Dissesse que eu não era bom. Mas ele não falou nada ao se afastar de mim, tirando as mãos do meu rosto apenas para tirar a blusa.

– Você é bom – disse ele, suas feições eram impassíveis sob a luz da lua.

Ele começou na ponta do meu nariz, seus lábios espalhando beijos em meus cílios manchados de lágrimas, nas minhas bochechas… no meu maxilar. Suas mãos percorreram meu peito, me empurrando de volta para a cama. Ele beijou o vão do meu pescoço, demorando-se no meu sinal de nascença como sempre fazia. Seus cabelos loiros brincaram embaixo do meu queixo e eu me arrepiei.

– Camden. – Ele adorava o meu nome. – Eu… – Ele deu beijos reverentes no meu pescoço, nos meus ombros… seu peito cobrindo o meu peito, seus braços segurando seu corpo forte acima de mim.

– Abra a gaveta da cabeceira. – Corei diante do som carente da minha própria voz.

Ele fez o que eu pedi e seu corpo enrijeceu o suficiente para eu perceber.

– Tem certeza? – perguntou, seus olhos azuis estavam arregalados e cheios de desejo.

– Você é a única coisa de que tenho certeza na vida.

Royal me encarou e eu quase pude ouvi-lo pensando, em conflito consigo mesmo, num conflito entre desejo e lógica. Ao se levantar, ele deixou a gaveta aberta, cheia com os preservativos que Kai havia deixado lá como uma piada. Assisti quando ele pegou um do monte e, quando desabotoou sua calça jeans, tirou a última peça de roupa. Royal era lindo, parado no meio de partículas de poeira rodopiando nas camadas de luz que se derramavam pelas cortinas. Emoldurando-o, como uma estátua de mármore, entalhada e perfeita. Era praticamente demais para se assimilar de uma vez só, como o modo com que uma canção podia se avolumar, as notas irresistíveis, lindas e consumindo tudo. Tirei o resto das minhas roupas e esperei. Estremecendo de necessidade quando ele colocou o preservativo em si mesmo, tremendo quando o desconhecido se espalhou pelo quarto num estranho silêncio, igual a neve engolindo o som, deixando seu branco estático no ar.

Royal se sentou na cama e levou a minha mão até sua boca, beijando a minha palma, cada um dos dedos, a dobra do meu cotovelo. Ele moveu o corpo, montando na minha cintura, seu membro duro contra o meu. Já estivemos nus desse jeito antes, mas, esta noite, era diferente. A tristeza e a esperança fizeram o ar umedecer, ficou difícil de respirar, mas eu inspirei, inalei-o quando ele se abaixou e me beijou. A expectativa era o sabor da sua língua quando ela entrou na minha boca. Eu me sentei, precisando estar mais perto, tentando acelerar o ritmo do seu beijo, mas ele não cedeu. O controle era dele e ele pegou minha necessidade febril e a esfriou, diminuindo-a, seus dedos desenharam mapas na minha pele, lembrando os caminhos minúsculos para todos os meus pontos sensíveis.

Ele se afastou olhando em meus olhos, avaliando o quanto eu estava pronto… eu estava fervendo. O calor em meu corpo era quase insuportável.

Eu também queria sentir seu gosto e meus lábios encontraram o caminho pela sua pele, e ele deixou. Deixou que eu comandasse quando o tomei na minha boca. O gosto amargo do preservativo era estranho, mas ele ficou ofegante e eu não me importei. Royal segurou a parte de trás da minha cabeça e eu gostei do jeito que seu corpo retesou, o jeito que os músculos do seu abdômen se contraíram. Ele xingou num sussurro e eu também gostei disso, de fazê-lo se sentir tão fora de controle quanto ele fazia comigo. Eu só conhecia o controle, foi assim que sobrevivi a todos os dias da minha vida. Sob minhas condições. Quem eu deixava entrar. Quem não deixava. Com quem eu falava. Quem recebia o meu silêncio. Ele era tudo o que eu queria.

– Camden – sussurrou com uma voz sufocada, segurando meu queixo entre seus dedos, e levantou meus lábios aos dele.

Este beijo foi molhado e descoordenado quando o corpo de Royal se desdobrou sobre o meu, me pressionando contra o colchão, envolvendo-me em seu cheiro. Passei as pernas em volta da sua cintura, me oferecendo a ele.

Não havia mais espaço, nada dele, nada de mim, até ele estar dentro de mim, e eu lhe dei os últimos pedaços da minha inocência.

– Você… – Seus cílios cor de palha fecharam-se brevemente. – Isso é surreal. – Ele sussurrou meu nome. – Você está bem?

Incapaz de pronunciar palavras, assenti. Ele se movimentou, devagar a princípio, seus olhos me prendendo à Terra, até a dor se tornar um calor abrasador e nós nos tornarmos um só de um jeito que nunca quero esquecer. Este momento, uma memória que eu teria, uma nova defesa contra um passado que nunca quis me deixar. Sempre me lembraria do rubor em suas bochechas, do olhar confuso, de como seus lábios se abriram quando ele se esqueceu de si mesmo dentro do ritmo, dos batimentos, da pulsação dos nossos corpos… da marca que ele deixou dentro de mim quando ambos nos rendemos.

Ele gemeu, sua boca na minha, seus braços vibrando, quis que ele caísse. Precisava sentir o peso dele em mim quando eu gozasse. Ele me leu como sempre fazia e quando despencamos juntos, peito a peito, o peso dele era o meu peso. Minha respiração era a sua respiração, meu pulso era o seu pulso. Seu suor era o meu suor.

Ele se acalmou e abaixou sua boca na minha, beijando-me longa e lentamente, alcançando os últimos pedaços possíveis de mim, até que recolheu cada um e os tornou seus.

Seu nariz tocou o meu e ele sorriu, com a testa suada, disse o meu nome. Beijei seu queixo, mordisquei-o, e seu sorriso se alargou. Sua mão repousava em meu rosto enquanto nós dois recuperávamos o fôlego, e ele depositou mais um beijo em meus lábios antes de se deixar cair de costas. Nossas cabeças caíram para o lado ao mesmo tempo. Seus olhos azuis eram cristalinos e eu imaginei que poderia ver o caminho para o seu coração, porque sabia que ele estava buscando o caminho para o meu.

Royal levantou a mão e acariciou levemente a minha bochecha com os nós dos dedos.

– Você é meio que perfeito – ele repetiu as palavras que disse para mim ao que parecia uma eternidade atrás.

Aquela noite estava a um universo de distância.

Não tinha acreditado nele na época e talvez não devesse acreditar agora, mas, desta vez, me deixei acreditar. Deixei a ponta do dedo dele delinear o sorriso em meus lábios. Porque mesmo não dizendo, eu via em seus olhos, sentia em seu toque… ouvia em sua voz.

Você é meio que perfeito.

Você é meu.

Eu sou seu.

Eu te amo.

Eu também amo você.

··· 25 ···

ROYAL

O calor espalhou em sua mão enquanto passeava pela minha barriga. As mechas escuras dos cabelos dele espetaram a minha nuca quando ele repousou o rosto no meu peito, seu corpo se derramou sobre mim com satisfação. Eu me perguntei se ele conseguia ouvir o quanto meu coração estava acelerado quando levei a mão ao seu rosto, deixando meu polegar percorrer levemente sua pele, e o puxei para mais perto.

Mais perto.

Se eu pudesse me arrastar para dentro dele neste momento, faria isso. Nunca fiquei tão perto assim de ninguém. Nunca ninguém me permitiu entrar como Camden esta noite. Perfeito. Perfeito. Perfeito. Minha mente foi incapaz de encontrar um sinônimo melhor quando me concentrei no jeito com que nossas respirações se tornaram uma só.

– Estou falando sério – sussurrei e beijei o topo da cabeça dele.

– Eu não sou perfeito, ninguém é – rebateu ele, desenhando espirais hesitantes nas minhas costelas.

Arrepiado, abracei-o.

– Você é… pelo menos para mim você é… – Eu ri. – E qualquer um que disser o contrário ou está errado ou é louco. – Ele não disse nada, seus dedos pararam suavemente na minha pele. Sua respiração ofegante fez meu coração perder um compasso. – Camden?

Isso era novo para mim, novo para ele, talvez eu devesse ter feito mais, talvez tenha sido muito bruto ou feito alguma coisa que não deveria.

– Ei.

Nenhuma resposta.

Eu me mexi e ele se encostou em mim, me abraçando, ainda com os braços trêmulos. Ele tinha me pedido isso. Eu cedi, mesmo achando que não deveria, mas eu ansiava por isso, eu o desejava. Nós cruzamos a última ponte juntos, porém, eu estava começando a pensar que talvez não devêssemos ter feito isso.

– Ei. – Meu interior se encheu de preocupação, fez o quarto parecer mais quente, menor de alguma forma, e uma sensação de egoísmo me invadiu. – Camden, olhe para mim.

Ele não olhou.

– Eu te machuquei?

Com certeza não parecia que estava sentindo dor, ele me beijou com lábios veementes, lábios que imploravam por mais. *Não pare. Por favor, não pare.* Mas eu nunca estive com um homem, nem com uma mulher… não desse jeito, e talvez eu devesse…

– Não. – A voz dele saiu grossa e pesada, e atingiu meu coração.

Despido. Indefeso. Exposto.

– Foi… – Ele soltou o ar e ergueu o corpo o suficiente para eu conseguir ver seu rosto, o ar frio do quarto invadiu o espaço entre nós. Os olhos cinza de Camden eram uma tempestade calma e silenciosa. Erguendo o olhar para encontrar o meu, ele falou – Eu nunca tive muito a dizer antes, escolhendo falar quando queria, mantendo distância das pessoas, era o que todos esperavam de mim. Isso me fazia sentir seguro, permanecer dentro da minha mente. Mas tem muita coisa… muita coisa que quero dizer agora… – Ele esfregou o pulso em seu esterno como se lhe causasse verdadeira dor admitir para mim. – Você me faz querer dizer coisas… Coisas que tenho medo de dizer, que eu não deveria dizer.

Corri os dedos pelos seus cabelos e seus cílios se agitaram, fechando. Meus braços ficaram arrepiados quando ele se abaixou e depositou um beijo leve na minha clavícula.

– Você pode falar o que quiser para mim.

Mas eu sabia o que ele queria dizer. Tinha tantas coisas que eu queria dizer. Todas as palavras doendo para se derramarem dos meus lábios. *Ainda há pouco eu estava dentro de você. Dentro de você.*

Ele me deixou entrar.

Ele me deu tudo.

Ele era o meu algo *mais*.

– O que você disser… – A minha boca estava seca e minha garganta fechou de repente. – Quero saber em que você está pensando, Camden.

Ele descansou a testa no meu queixo e eu segurei a sua nuca. Meus dedos brincavam com os fios curtos dos seus cabelos enquanto o esperava falar.

– E se eu dissesse que estou me apaixonando por você? – Suas palavras saíram num suspiro lento e calmo, suave, ao ponto de pensar que eu mesmo tinha inventado as palavras, desejando que elas existissem.

– Meu pai me disse que soube que estava apaixonado pela minha mãe na primeira vez que ela falou com ele.

Camden levantou a cabeça, estava com uma cara tão séria que eu quis sorrir, beijar o espaço entre suas sobrancelhas.

– Ele disse: "O amor crava seus dentes em nosso coração e faríamos qualquer coisa para ser sua vítima".

– Vítima – ponderou. – É um jeito sombrio de enxergar.

Eu ri e levei a mão ao seu rosto. Seus olhos se fecharam brevemente quando ele se abaixou no calor da palma da minha mão e, quando se abriram novamente, a atração entre nós dois era palpável.

– Tudo faz sentido para mim agora.

– Faz?

– Sim. – Assenti. – Um mês, dois meses, quatro anos… uma década. Amor é amor e a forma como me sinto em relação a você, Camden, não é algo que eu já tenha sentido antes.

– E a Natalie?

– Ela era só uma amiga, o que tivemos não foi a mesma coisa que isto, eu nunca, nós nunca… você foi o único com quem… com quem estive desse jeito. Esta noite foi a minha primeira vez e não só porque você é um homem. – Tirei a mão do rosto dele e um sorriso fácil brincou nos cantos de sua boca.

– É mesmo?

– Sim.

Só que era mais do que perder a minha virgindade, mais do que estar simplesmente com alguém. Era ele. Eu reprimi meu nervosismo e me obriguei a lhe dizer a verdade. Ele merecia saber, ele precisava saber que eu também me apaixonei por ele.

– Por Deus, Camden, eu quero te proteger dos babacas dos seus pais, do mundo. Passar cada minuto assim, nu e quente. Debaixo de você, em cima de você… dentro de você. – Ele mordeu o lábio e meu coração falhou uma batida, mas continuei falando, de alguma forma, meus lábios continuaram se movendo apesar do jeito que as minhas mãos começaram a tremer. – Quero saber como é ter você dentro de mim. Todo eu, Camden. Todas os meus defeitos. – Sorri. – Todas as minhas imperfeições. Todo o meu corpo, coração e mente. É tudo seu. Talvez daqui a seis meses não seja assim e vou ter que pegar o que demos um ao outro e aprender com isso. O que estou sentindo, esse estrondo constante… – Peguei sua mão e a coloquei sobre o meu coração. – Essa necessidade, esse suspiro profundo preso em meus pulmões, até eu ver o seu rosto, te ouvir tocar, tocar em você, até eu também

conseguir respirar. É amor, é *mais*, e é nosso para dividir.

Camden sustentou o corpo dele sobre o meu.

– Nosso – sussurrou e me deu um beijo delicado na boca. – Nosso – repetiu e rebolou em mim.

Ele estava duro e o contato enviou um choque para a base da minha coluna. Minhas mãos desceram pelas suas costas, ao longo da extensão dos músculos pelos quais eu ansiava, descansando os dedos em seus quadris, eu o segurei contra mim. Camden depositou mais beijos de boca aberta pela curva do meu ombro, no meu pescoço, mordiscando meu queixo e meu lábio inferior. O beijo dele era profundo, sua língua doce ao entrar na minha boca. Ele se afastou, nossos lábios colados quando ele murmurou duas palavras:

– Amo você.

Eu sorri contra seus lábios, alinhando nossos corpos, meu coração enlouquecido, agitado… voando, perfeitamente disposto a ser sua vítima.

··· 26 ···

ROYAL

– Eu sei em que está pensando.

– É mesmo? Em quê? – perguntou Camden, seus olhos estavam fixos no corpo reservado de Indie quando ela entrou pela porta dos fundos do nosso prédio.

Estendi a mão para o painel e segurei a dele.

– Você está desejando que eu não tivesse te convencido a vir para casa comigo. Está pensando que meus pais vão te afugentar com foices assim que passarmos pela porta.

Ele empalideceu e eu reprimi um sorriso, estava pensando demais. Ele sempre pensava demais.

Ele se virou para olhar para mim, seu rosto estava coberto de sombras intensas.

– Você não está com medo?

– Não.

– Por quê?

– Porque conheço meus pais.

– O ódio se esconde até ter algo a provar. – Ele soltou um suspiro trêmulo e voltou seu olhar novamente para a porta.

Eu me debrucei sobre o painel central e depositei um beijo suave em seu rosto. Todo o corpo de Camden congelou, o ar ficou preso em sua garganta quando ele se virou para olhar pela janela. Ao que parecia, estávamos nos expondo muito.

– Na verdade, tem uma partezinha de mim que está nervosa, mas não pelos motivos que estão fermentando nessa sua cabecinha sexy. – Os lábios dele contraíram, lutando contra um sorriso. Eu gostava de fazê-lo sorrir, de fazê-lo esquecer que sentia medo o tempo todo. – Eu acho… acho que me sentiria do mesmo jeito se contasse aos meus pais que me apaixonei por uma garota. Não importa que você seja um garoto, o problema é eu contar aos meus pais algo particular, pessoal, e isso sempre é um pouco estressante. Estou apaixonado por você, Camden, e é só isso que importa para eles. Eles podem dizer que foi rápido, ou me perguntar se tenho certeza, ou me dizer para tomar cuidado. Não porque você é homem, mas porque eles não querem que eu me machuque.

Ele abaixou o olhar para o seu colo.

– Eu nunca te machucaria.

Meu estômago deu uma cambalhota. Confiei naquelas palavras e não me importei se isso fazia de mim ingênuo ou burro. Eu queria Camden aqui, queria passar o tempo com ele na vida real, do lado de fora, em público. Mostrar-lhe que havia coisas pelas quais vale a pena se abrir… que ele vale tudo.

– Vamos entrar? – perguntei e ele assentiu, soltando a minha mão.

Peguei nossas bolsas do porta-malas e tentei colocar as duas nos ombros.

Camden protestou.

– Posso carregar a minha própria bolsa. – Ele tentou pegá-la do meu braço, porém, coloquei-a no meu ombro direito antes que ele conseguisse.

– Estou sendo cavalheiro.

– Eu deveria carregar a minha própria bolsa.

Suspirei, meu sorriso diminuiu um pouco. Escolhendo as minhas batalhas, estendi-lhe a alça da sua bolsa.

– Suponho que não vamos entrar de mãos dadas.

O rosto de Camden ficou pálido quando abri a porta. Queria colocar a mão nas suas costas, sussurrar em seu ouvido "Estou com você". Eu me perguntei se talvez eu *devesse* segurar a mão dele. Se deveria entrelaçar nossos dedos e acabar logo com isso. Não haveria nenhuma grande revelação, nenhum alarde. Simples.

Este é o Camden.

Beijo no rosto.

Ele é meu namorado.

Muito prazer, Sr. e Sra. O'Connell.

Pode me chamar de Paige.

Pode me chamar de Declan.

Onde está a torta de abóbora?

Fim da história.

Só que pude ver como o peito dele trabalhava com a respiração superficial, como o ar frio da cidade de Salt Lake saía de seus lábios em sopros nervosos.

– Vai dar tudo certo – garanti enquanto subíamos as escadas.

Ele não respondeu. Odiei o pensamento que se formava na minha cabeça, mas por ele, para deixá-lo à vontade, eu diria o que quer que ele quisesse. Paramos do lado de fora do apartamento da minha família.

– Não preciso falar nada. Não preciso contar a eles. Somos amigos da faculdade. Eles já acham que seus pais tiveram que sair da cidade a trabalho. Eles me conhecem. Eu não queria que você ficasse sozinho. Eles vão acreditar.

O que eu não disse foi que, em algum momento, eles iriam perceber o jeito que eu olhava para ele. O jeito que eu pendia para o lado dele, como ele corava se eu o olhasse por muito tempo. Eles saberiam em menos de 24 horas o quanto estávamos loucos um pelo outro.

O pomo de adão dele balançou.

– Não posso te pedir isso. – Seu lábio inferior tremeu, mas depois se abriu num sorriso. – Vai ficar tudo bem.

– É. Acho que sim.

A porta abriu e minha mãe, apesar da sua estatura pequena, praticamente me derrubou quando se jogou em cima de mim. Seus braços pequenos envolveram a minha cintura, enrolando os dedos no tecido do meu moletom da St. Peter. Senti-a tremer e soube que estava chorando.

Eu ri.

– Jesus. Mãe, não consigo respirar.

Ela se afastou, seus olhos azuis brilhavam por causa das lágrimas. Ela limpou o rosto com a mão e riu sem fôlego.

– Agora você sabe como me sinto. Fiquei esperando o dia todo, mal conseguindo respirar. Estou tão feliz que estejam em casa. – Ela puxou as cordinhas do capuz do meu moletom. – Senti saudades de vocês. – Limpou a garganta. – Nós sentimos saudades.

– Estou feliz por conseguirmos vir para casa, mesmo que seja apenas por alguns dias – consegui falar. Vê-la novamente, depois de tanto tempo, essa saudade de casa se instalou na minha garganta, dificultando falar.

Ela respirou fundo e seus olhos pousaram em Camden. Seu sorriso se alargou quando ela estendeu a mão.

– Você deve ser o Cam.

Meu coração martelava conforme os segundos se passavam. Ele hesitou, encarando a mão oferecida um pouco mais de tempo do que seria considerado socialmente aceitável, voltando a ser o garoto antissocial que conheci em setembro.

– É Camden. Obrigado por me receber. – Ele pegou a mão dela e eu soltei um suspiro de alívio.

Minha mãe apertou a mão dele com o olhar curioso.

– Bom, Camden. Entre, que bom que você veio.

Ela falou tranquilamente, se desculpando pela bagunça, pelas várias telas espalhadas enquanto passávamos pela sala:

– Seu pai e eu recebemos uma encomenda de alguns quadros para o museu de arte infantil em Draper. Ele comprou o material no outro dia, mas tem estado… no mundo dele. – Ela olhou para mim. Um alerta silencioso. Eu sorri, esperando conseguir ver em que ele estava trabalhando no estúdio enquanto estivesse aqui. – Você o conhece, ele tem uma ideia e todo o resto tem que esperar.

Camden absorveu tudo, vendo a casa da minha família pela primeira vez. A arte sombria, as cores brilhantes. O cheiro de velas queimando, o incenso e algo que não tinha nome. O cheiro familiar sempre me fez sentir seguro. Cheiro de lar. Observei enquanto Camden devorava o ambiente. No som, tocava uma playlist tranquila de jazz, competindo com a risada suave de Indie e papai que vinha da cozinha. Camden parou, olhando pelas amplas janelas de parede inteira. Tive vontade de chegar por trás dele, abraçar sua cintura e sussurrar em seu ouvido "É incrível, não é? Esta poderia ser sua casa também.".

Mas fiquei a uma distância segura e abaixei a voz para perguntar:

– Você está bem?

Um aceno lento de cabeça.

– Royal me contou que você toca piano. – disse minha mãe, chamando a atenção de Camden. – Vou pedir a Declan para trazer o teclado do sótão.

– Não precisa…

– Não é nenhuma dificuldade, o pai de Royal fica no sótão desenterrando uma coisa ou outra na maioria dos dias mesmo. Além disso, ficarei honrada em te ouvir tocar. – O sorriso de mamãe alcançou os olhos, iluminando suas

feições, seu olhar encontrou o meu quando ela colocou uma mecha dos seus cabelos loiros atrás da orelha. – Sempre que converso com Royal ele me diz o quanto você é incrível.

Meu rosto corou de vergonha quando Camden me olhou nos olhos. Dei de ombros.

– O quê? Você é um *gênio*. Lembra?

No geral, as apresentações foram mais tranquilas. Camden conheceu meu pai que o levou para um tour pelo estúdio dos meus pais. O silêncio de Camden, assim eu esperava, seria percebido como uma reverência pelo ofício deles. Sua timidez frequentemente era mal interpretada como antissocial e distante. Meu pai sempre foi uma potência discreta e era difícil não ver as semelhanças entre ele e Camden. Os dois eram humildes e modestos, ambos presos dentro de suas próprias mentes. Eu os observei enquanto estavam em frente a uma enorme tela de dois metros de altura coberta com tons profundos de roxo, azul, salpicos de vermelho e dourado, uma faixa preta esfumada no centro, cortando os tons vibrantes como um espectro.

– Está de volta – sussurrei para a minha irmã, acenando para a pintura e para a imagem fantasmagórica sinistra que retratava.

– Mamãe me disse que ele tem estado mal ultimamente.

– Então, fico feliz por termos vindo. – Peguei a mão da minha irmã.

– Você viu a cara do Camden quando papai saiu da cozinha? – perguntou ela, rindo baixo apenas para mim.

Dei um apertão na mão dela e soltei.

– É. Ele estava ligeiramente apavorado.

– Agora olhe para eles.

Meu pai era forte, com os ombros largos, os músculos dos braços definidos e cobertos de tatuagem. A única coisa que mudou ao longo dos

anos foi o comprimento e a cor da sua barba. Os fios grisalhos estavam o mais longo que já o vi deixar crescer, pendendo do queixo em pelo menos dez centímetros. Papai se virou para falar alguma coisa para Camden que não consegui ouvir, e eu ri com o jeito que ele olhava para o meu pai. Para alguém de fora, meu pai poderia parecer o completo oposto de Camden, mas eu sabia que os dois tinham talento e obscuridade em suas veias.

– Royal. – A voz grossa do meu pai ecoou pelo espaço aberto do estúdio.

Camden se virou para olhar para mim com seus olhos cinza acolhedores. O meu frio na barriga aumentou e, pela primeira vez no dia, o pânico se enraizou dentro do meu coração, ainda que pequeno, estava lá. Olhei entre meu pai e Camden, me dando conta do quanto eu queria que isso desse certo, do quanto a aceitação da minha família significava para mim. Como Camden sobrevivia sabendo que sua família não o aceitava? Era uma realidade dura que eu não estava pronto para encarar. Se eu me assumisse hoje e meus pais me rejeitassem, por mais que eu tivesse dito a ele que iria superar, estar na presença da minha família, vendo o que poderia perder, me arruinaria. Meu coração falhou duas batidas e a dor no meu peito se espalhou pelas minhas costelas até o meu estômago. O sorriso de Camden foi discreto e eu fiquei admirado, assumindo que nunca seria tão forte quanto ele.

– Vou atender alguns horários agendados no estúdio de tatuagem esta noite, ajudar Kieran a fechar para que Liam possa ajudar Kelly no Irene.

– O evento beneficente é hoje? – perguntou Indie.

Todos os anos, minha tia Kelly fazia uma campanha de arrecadação de fundos de Ação de Graças no The Irene O'Connell House. O abrigo feminino que ela criou e batizou em homenagem à minha falecida avó. O dinheiro que angariava ia diretamente para as famílias que precisavam de ajuda durante os feriados. Toda a nossa família sempre doou à sua maneira para a causa já que geralmente não conseguíamos comparecer. Meu pai e Kieran, seu irmão

mais novo, ficavam com o estúdio aberto enquanto Indie e eu, antigamente, ajudávamos nossos primos com as decorações.

– É, sim. – Meu pai passou os dedos sujos de tinta pelos cabelos. – Não devo demorar muito. Royal, leve seu amigo ao estúdio depois do jantar, mostre-lhe o local. – Ele sorriu e as rugas ao redor dos seus olhos se contraíram.

– Pode ser – falei, querendo perguntar primeiro a Camden antes de tomar uma decisão. Conhecer os pais era uma coisa, mas conhecer os irmãos do meu pai, tudo no mesmo dia, seria uma sobrecarga sensorial. – Fizemos uma longa viagem, o estúdio terá que esperar até amanhã.

– Tanto faz – respondeu papai saindo pela porta do estúdio.

Indie bateu o quadril no meu antes de entrelaçar os dedos nos de Camden.

– Quer ver o santuário que meus pais fizeram para Royal?

– O quê? De jeito nenhum, Pink… fala sério…

– Sim, sim, é sério.

Camden sorriu e, antes que eu pudesse protestar, Indie o puxara pelo corredor para o banheiro extra que meu pai havia convertido em uma sala de troféus. Indie tinha o estúdio e papai garantiu que eu também tivesse meu espaço. Eu ficava constrangido por meus pais nunca se livrarem das porcarias. Grunhi quando Indie literalmente saltou pelo corredor, e eu estava prestes a ir para a minha própria mortificação quando ouvi minha mãe e meu pai conversando na cozinha. Camden olhou por sobre o ombro e eu acenei com o queixo, meu sorriso aumentou enquanto ele desaparecia no cômodo pequeno e improvisado. Aqueles olhos, os olhos dele… eu podia ser corajoso como ele. Encontrando a coragem de que precisava, fui para a cozinha.

– Vocês têm um minuto? – perguntei enquanto meu pai vestia a jaqueta.

– O que foi, meu amor? – Minha mãe colocou a faca que tinha usado para

cortar os legumes para a refeição desta noite na tábua de corte.

Os olhos azuis perspicazes do meu pai começaram a me analisar pedaço por pedaço e, mesmo sabendo que não deveria, minha coragem vacilou. Aquele pequeno "e se" sobre o qual Camden falou fez meu interior se agitar. Minha boca salivou e uma risada nervosa escapou dos meus lábios.

– Royal? – Meu pai deu um passo em minha direção e eu levantei a mão, odiando como ela tremia.

Isso não deveria ser tão assustador.

Isso era Camden e eu… e tudo o que eu queria.

O "e se" me apunhalou nas costelas.

– Obrigado por deixar Camden ficar, eu… eu… obrigado por deixá-lo vir. Sei que a Ação de Graças é para a família e…

– Sem problema, ele é seu amigo. Seria horrível deixá-lo sozinho num dormitório vazio. – Ela soltou um som baixo de reprovação. – É muito ruim os pais dele terem que trabalhar.

A mentira que contei à minha mãe me deu um tapa na cara.

Meu olhar foi ao chão.

– Eles estão em Stowe… esquiando.

– Esquiando? – A voz do meu pai se alterou e seus contornos rudes começaram a aparecer.

– Menti porque não tinha certeza… eles não o convidaram – sussurrei e olhei nos olhos do meu pai, tentando transmitir minha raiva sem levantar a voz. – Eles fazem essa merda o tempo todo… deixá-lo para trás.

– Então, fico feliz por ele estar aqui. – Os olhos de mamãe eram cristalinos e ela não gritou comigo por falar palavrão. Bom sinal.

Os braços de papai relaxaram, ficando na lateral do seu corpo.

– Não precisava mentir.

– Desculpe.

Ele bateu sua mão grande no meu ombro.

– Pode nos contar tudo, Royal. Você sabe disso.

Os cantos dos meus olhos começaram a arder e a minha garganta doeu quando me forcei a falar.

– Eu… Eu tenho… quero dizer, tem… – Tudo que pensei dizer, todas as palavras, tudo evaporou quando o aperto forte do meu pai segurou meu ombro, me mantendo de pé. – Ele é… Camden e eu… eu… Estou apaixonado por ele.

O silêncio durou apenas um segundo, talvez dois, levando o momento aos poros. Foi absorvente, permeável. Permitiu ao sorriso do meu pai se alargar e à voz delicada da minha mãe me cobrir:

– Apaixonado por ele.

Ela não falou com malícia nem confusão. Estava mais para alguma coisa que ela já pensava há um tempo. Algo que ela ficou feliz em ouvir.

Comecei a chorar.

As lágrimas caíram pelo meu rosto e, quando meu pai me envolveu em seu abraço de urso, me permiti sentir como se fosse um garotinho de novo. Permiti que o cheiro dele entrasse nos meus pulmões. Permiti que a pressão se soltasse, que as lágrimas absorvessem, tal como o silêncio, em seu peito. Minha mãe repousou o rosto nas minhas costas, serpenteando os braços pela minha cintura. Fechei-me entre eles, meu pulso estava fraco, e eu poderia ter dez anos ou dezenove, mas onde eu me agarrei, a palavra que esqueci naquela fração de segundo de medo, foi aceitação.

Eles me abraçaram entre os dois, a batida do coração do meu pai era estável e reconfortante, por mais tempo do que devia ser necessário, até ouvirmos a risadinha de Indie. Mamãe foi a primeira a se soltar e, quando papai finalmente o fez, eu vi minha mãe enxugar embaixo dos olhos pela segunda vez no dia.

– Ele tem sorte… de ter você. Meu filho especial. – Ele pôs a mão no meu rosto por um breve momento antes de fechar a jaqueta.

Indie entrou no cômodo, Camden vinha atrás dela, e eu limpei as lágrimas. Se eles perceberam alguma coisa, não demostraram. Indie passou por nós e abriu a geladeira, pegando uma lata de refrigerante. Ela a jogou para Camden e ele a pegou.

Ela riu e pegou a faca de cima da tábua de corte.

– Espere um pouco antes de abrir.

Camden pôs a lata na bancada e, antes de abaixar a mão ou colocá-la no bolso, como fez durante a tarde toda, eu me aproximei dele. Surpreso por ele não se afastar, entrelacei nossos dedos, observando sua mandíbula cerrar. Segurei sua mão, grato pelo calor dele e me inclinei, depositando um beijo rápido e suave em sua bochecha como estive morrendo de vontade de fazer desde que chegamos.

Seus olhos percorreram o ambiente e o terror fez suas pupilas dilatarem. Minha mãe e Indie, alheias, ou agindo como tal, discutiam se deveriam cortar uma ou duas cebolas.

– Vou indo. – Meu pai deu um beijo no rosto da minha mãe. – Uma cebola – disse ele, resolvendo a discussão. Indie levantou as mãos em vitória.

Papai se virou, olhando para nós, e um sorriso discreto se formou, fixando o olhar em nossos dedos entrelaçados. Camden reforçou o aperto, respirando fundo. Eu queria dizer para ele não ter medo, não se afastar, mas não precisei.

Papai colocou a mão no ombro de Camden, a vibração de sua voz rouca habitual se acomodou em meus ossos quando ele falou:

– Quando eu voltar, pego o teclado no sótão.

··· 27 ···

CAMDEN

Eu era um dó sustenido pairando, impetuoso e desconfortável, acima da multidão: um número imaginário, complexo e confuso, definido pelo homem segurando minha mão numa cozinha, um espaço estranho, mas de alguma forma um lar. A mão de Royal, o calor da sua pele, me acalmou. Os olhos do pai dele falaram muito, tocaram como uma peça de Sergy Slavsky, ousada, me dando segurança imediatamente. Os olhos dele disseram para ficar. Eles disseram ao meu coração para parar de tentar pular do meu peito, para segurar a mão de Royal com mais força, para ter calma. O peso da sua mão no meu ombro me dizia que eu era bem-vindo, o aperto suave antes de soltar me fez acreditar nisso.

– Espero que esteja com fome. – falou a mãe de Royal, batendo no topo da lata de refrigerante, a mesma que Indie jogara para mim. – Acho que já é seguro abrir. – Ela deu um puxão no suéter de Indie. – Pode pegar algumas folhas de manjericão para mim?

– No mesmo lugar? – perguntou Indie.

– Não, coloquei as ervas na janela de Royal, o quarto dele sempre recebe mais luz do sol.

Indie saiu da cozinha e eu quis acompanhá-la, segui-la para o quarto de Royal e fechar a porta. Esconder-me do claros olhos azuis conscientes que me encaravam. O que será que Royal falou para os pais? Só fiquei no quarto de troféus por alguns minutos. Será que se assumiu para eles? Sua mão na minha era a resposta para a minha pergunta, mas será que foi mesmo tão fácil

para ele? Engoli o sabor amargo e nervoso na minha boca.

A mãe dele pegou um pano que estava na porta do forno e limpou as mãos. Apoiada na bancada, ela nos observava, uma centelha de curiosidade iluminava seus olhos azuis, o mesmo tom de azul que o do filho. Eu não tinha coragem de olhar para ele, preocupado que a bomba estivesse prestes a explodir.

– Então… como vocês se conheceram? Royal me contou que você divide o apartamento com o melhor amigo dele… – eu prendi a respiração, apesar do tom casual da voz dela. – O que quero saber é quando vocês começaram a namorar.

Namorar. Minha coluna ficou ereta e Royal apertou minha mão suada. Ele se aproximou como se para dizer "fique calmo".

– Não sei. Acho que nem começamos a namorar oficialmente, só… aconteceu. – Ele riu. – Camden é difícil de se conhecer, mas fico contente por ter me esforçado.

Ele bateu com o ombro no meu me provocando, e o rosto da mãe dele se abriu num largo sorriso. Meu pulso reagiu, caindo para um ritmo mais lento. E, como eu era o planeta e ele, o sol, precisava do seu calor para sobreviver, para me lembrar de continuar me movendo. O tempo não pararia e aqueles corredores sombrios dentro da minha cabeça veriam a luz do dia novamente.

Por causa dele. Minha luz dourada.

– Fico feliz por você ter sido persistente – declarei. Sentindo-me um pouco corajoso, virei-me para ele. O rubor em suas bochechas, o brilho em seus olhos, me deram as boas-vindas em casa.

O olhar de Royal caiu para a minha boca. Eu queria beijá-lo. Mostrar a mim mesmo que não tinha problema em fazer isso. Que estava tudo bem. Podíamos fazer isso. Aqui. E ninguém se machucaria. Ninguém nos diria que

estávamos errados ou doentes. Ninguém nos excluiria. Ninguém nos faria sentir pequenos e insignificantes. Esta casa, onde o leve toque de produto de limpeza se misturava ao cheiro de cebola refogada no fogão, uma mistura esquisita de aromas, mas que de alguma forma combinavam. Era o aroma da liberdade. Liberdade era um suave piano jazz tocando ao fundo, a aceitação silenciosa do estranho no ambiente. Parecia com o garoto por quem eu estava apaixonado, alto e forte, cabelos dourados pelo sol e pele bronzeada.

Quando ele se inclinou e seus lábios roçaram na minha bochecha, ele sussurrou no meu ouvido:

– Folhas de Relva. – Sorri. – Acho que já te queria na época, mas não sabia disso.

O calor surgiu dentro do meu estômago diante da lembrança e, sem pensar muito, colei a boca na dele. Alguém pigarreou e o beijo delicado de Royal se transformou num sorriso contra os meus lábios. Eu me afastei depressa, meu rosto ardia de vergonha. A transparência lavou o ambiente numa onda de som preciso. Piano Jazz. Fritura escaldante. A risada de Indie. Esperei pelo desprezo da repulsa, mas ele nunca veio.

Em vez disso, o humor da mãe dele só floresceu quando ela falou com os cílios molhados:

– Este mundo é um lugar tão grande e na maioria das vezes nunca encontramos as pessoas por quem procuramos. As pessoas procuram a vida toda por alguém que entenda seus corações. Nós procuramos, esperamos e pensamos… são alguns poucos abençoados que encontram na primeira tentativa. Eu fico feliz que ele tenha sido persistente.

Paige deu um passo em minha direção e Royal soltou a minha mão. Ela me puxou num abraço, seu corpo pequeno contra o meu, e embora tenha durado apenas alguns segundos, ela me deu mais aceitação, esta estranha, do que jamais tive da minha própria mãe. Ela me soltou, apenas para abraçar seu

filho. Eu me mantinha muito concentrado na maioria dos dias, mas hoje, ao invés de evitar, eu deixei o nó na minha garganta ficar alojado, deixei meus olhos arderem e disse a mim mesmo para ver, para deixar os sons do cômodo ficarem em silêncio e apreciar as pessoas nele.

– É melhor eu sair e voltar tipo… daqui a cinco minutos? – ofereceu Indie, e Royal bateu de leve no nariz dela com o polegar. – Ei – protestou ela, jogando uma folha de manjericão na cara dele.

Ele riu e jogou a erva no chão.

– O quê?

– Você fez a mamãe chorar.

– É um choro bom.

– Ela sempre chora. – Royal revirou os olhos, mas o sorriso em seu rosto o recompensou com outro abraço rápido de sua mãe.

Ela deu de ombros.

– É purificador. – Apontou para ele. – Agora, vá pegar o teclado no sótão para seu pai não ter que fazer isso.

Durante o jantar, fizeram mais perguntas. Eu sempre morei em Oregon? *Sim.* Quando você começou a tocar piano? *Eu tinha três anos.* Por que não tentou entrar na Juilliard? *Porque é para onde minha mãe queria que eu fosse.*

– Você foi aceito? – perguntou Royal. O espanto em seu tom de voz silenciou a mesa inteira.

– Fui.

– Você nunca me contou.

– Era irrelevante.

Ele engoliu em seco e pousou o garfo no prato calmamente antes de se levantar e pedir licença.

Esperei cinco longos minutos.

– Onde fica… – perguntei ao olhar para o corredor.

– O quarto dele, terceira porta à direita. – A mãe de Royal me deu um sorriso triste.

– Obrigado.

Passei pelo teclado que evitei tocar antes do jantar e segui direto pelo corredor, olhando para todos os quadros e desenhos na parede, me perguntando qual deles pertencia ao respectivo O'Connell. Só tinha certeza de que nenhum pertencia a Royal.

Bati uma vez e, quando ele não me deu nenhum tipo de resposta, abri a porta. Royal estava em sua cama, olhando pela janela. As luzes do horizonte cintilavam, competindo com as estrelas pelo afeto da noite. O celular de Royal estava conectado a uma *dock station* em cima da sua cômoda. O mesmo álbum de Erik Satie que ouvimos na noite que fizemos amor. O calor se espalhou pelo meu pescoço e braços, minha pele formigou, arrepiando-se, quando flashes de lembranças mancharam a minha visão. O cheiro dele. Seu controle. Suas mãos nos meus quadris. Os barulhos que ele fazia. Minhas mãos em sua pele. O jeito que seus beijos imploravam. O jeito que meus lábios lhe deram tudo que ele pediu, e seu corpo me deu tudo o que eu sempre quis.

– Fiz alguma coisa… errada? – perguntei, parado imóvel no meio do quarto dele.

Mexendo na bainha do meu suéter, dei um passo em sua direção quando ele não respondeu. Seus olhos permaneceram fixos na janela e eu dei uma olhada em seu quarto. Suas paredes não eram cobertas de pôsteres de esportes nem de garotas de revistas de biquinis como o quarto de Kai em St. Peter. Royal tinha alguns quadros pequenos pendurados sobre sua cabeceira de madeira de pinho e, quando se olhava para todos juntos, eles formavam uma onda que parecia se mover dependendo de como a luz atingia cada tela.

Na verdade, ele tinha apenas um pôster, uma banda da qual nunca ouvi falar. Tudo em seu quarto era pintado à mão em tons espetaculares de azul e dourado, lembrando-me do pequeno quadro que ele tinha em sua escrivaninha na faculdade.

Aflito, quebrei o silêncio.

– É como te assistir a nadar.

Ele olhou para mim.

– Os quadros.

– Meu pai.

Encontrei seu olhar.

– Você deveria ter ido para Juilliard.

Cerrei a mandíbulas e balancei a cabeça.

– Estou onde é o meu lugar.

– Você é talentoso pra caralho, Camden.

Arrisquei outro passo em direção à cama dele.

– Era coisa dela. Eu queria fazer isso sozinho. Eu queria essa bolsa de estudos.

– Você poderia ter conseguido uma bolsa na Juilliard.

Eu ri, o que o pegou desprevenido. Ele deu um sorriso leve.

– Royal, é Juilliard, você só me acha tão bom porque é meu namorado.

– Você é muito bom.

Sentei-me na cama, colocando a mão em seu joelho, desenhei um círculo tímido com meu polegar.

– Não me ofereceram uma bolsa integral. Em St. Peter eu sou um prodígio; na Juilliard, eu sou um cidadão mediano, nada especial num mar de gênios.

Um resmungo, quase grunhido, soou em sua garganta.

– Então, eles são idiotas.

– Eu nunca teria te conhecido se tivesse ido para Juilliard.

Royal me abraçou pela cintura.

– Verdade. – Ele franziu a testa, suas sobrancelhas aprofundaram-se em linhas frustradas. – Mesmo assim. Seu lugar é lá. Quero dizer… imagine o que você poderia fazer com um diploma da melhor faculdade de música do país.

– Royal. – Ele não entendia. – Juilliard era o que *ela* queria. Não estou nem aí se ir para lá significa que eu poderia me tornar um compositor famoso. Minhas condições, para variar. Meu plano… a porcaria da minha vida.

O olhar dele suavizou.

– Eu não costumo pensar mais nisso, mas poderia ter me inscrito para uma faculdade da Primeira Divisão. Eu quis ir para onde Indie poderia ir, para onde meus pais não teriam que pagar, então, sim, eu entendo… meu plano… – Os lábios dele ergueram-se num sorriso torto. – A porcaria da minha vida.

Segurei seu rosto e beijei sua testa, sua bochecha. Ele relaxou a cabeça, inclinando-a para o lado, se oferecendo para mim, e eu cedi. Sua língua deslizou para dentro da minha boca e seus dedos penetraram em meus cabelos com um gemido. Era a primeira vez que ficávamos sozinhos durante todo o dia e eu quis aproveitar ao máximo. Ele virou o corpo, aprofundando o beijo. Suas mãos caíram para os meus ombros, seus dedos agarraram o tecido do meu suéter. Ele mordeu o meu lábio superior e depois o lambeu, acalmando a leve dor. Minhas mãos encontraram o caminho para o seu moletom, meu polegar roçava nos pelos finos do seu caminho da felicidade. Todo o seu corpo estremeceu, os músculos em sua barriga se contraíram sob as pontas dos meus dedos. O sangue nas minhas veias desejava, cada batida do meu coração alimentava a necessidade que crescia entre nós. Se não parássemos logo, acho que nenhum dos dois seria capaz de parar. Eu me daria a este homem, em sua cama de infância, com sua mãe no outro cômodo.

Talvez eu realmente fosse doente afinal de contas.

– Royal. – Eu me afastei primeiro, recuperando o fôlego.

Ele umedeceu os lábios, seus olhos estavam confusos e acolhedores, e ele disse:

– Nós deveríamos…

– Pare.

Ele assentiu, ajeitando-se dentro da sua calça jeans, e eu tive que me obrigar a desviar o olhar, forçando-me a me afastar mais alguns centímetros.

Ele riu, olhando para mim.

– Seu cabelo. – Ele estendeu a mão e penteou-me com os dedos, e eu fechei meus olhos lentamente. – Pronto. – Ele passou o polegar no meu rosto. – Bem mais apresentável.

Abri os olhos.

– Para quem?

Ele sorriu.

– Meu tio, pensei em irmos ao estúdio.

– Esta noite? – Tentei não soar nervoso.

– Sim, só o Kieran estará lá. Liam estará no evento beneficente, mas vamos encontrá-lo na quinta-feira.

Só o Kieran. O mesmo tio que ele me contou uma vez que quase se tornou padre. Meus dedos coçaram pelo teclado que trouxemos do sótão mais cedo, precisando tirar o pó do marfim, testar o ébano, fingir que estava de volta ao meu quarto e me esconder atrás da melodia assustadora presa por dentro. Mas eu não estava no meu dormitório. Aquelas quatro paredes eram solitárias e eu tinha vindo para cá, para a casa que cheirava e soava a liberdade.

– Claro.

– Então, vamos.

Com um sorriso convincente estampado em meu rosto e um estômago cheio de nervosismo, peguei a mão que Royal oferecia, me levantei junto com ele e esperei que o resto dos O’Connell fossem tão receptivos quanto sua mãe e seu pai.

··· 28 ···

CAMDEN

Foi o zumbido persistente que percebi primeiro quando passamos pela porta. Minha mente se encheu com a saída estranha do apartamento da família do Royal. Eu não tinha reparado de verdade em quase nada na nossa pequena caminhada para o estúdio de tatuagem do seu pai. A mãe de Royal nos observou quando saímos do quarto dele: meu rosto estava vermelho e ele tinha um sorriso gigante. O olhar nervoso dela se tornou repentinamente tímido e ela desviou o olhar para a mesa e recolheu dois pratos. Só ficamos em seu quarto por alguns minutos. Comecei a tirar a mesa com as mãos trêmulas, preocupado com o que ela pensava que tivesse acontecido lá.

– Deixa eu te ajudar com isso, Sra. O'Connell – ofereci.

– É Paige. – Ela levantou a mesa e bagunçou os cabelos de Royal. – Você também pode ajudar, rapazinho.

Porém, aquele zumbido incessante incomodava meu cérebro, me arrastando para longe da minha tendência de pensar demais, me afastando até que eu não pudesse mais ignorar. Como as pessoas ficavam sentadas aqui o dia inteiro? Cerrei meus dentes quando a porta se fechou atrás de mim, uma rajada de vento frio entrou sorrateiramente no último minuto. O rap aos berros nos alto-falantes, localizado no teto, não contribuiu em nada para abafar o local que parecia uma colmeia.

Royal soltou a minha mão.

– Kieran!

O ar gélido da noite evaporou e eu comecei a suar. O jantar se agitou no

meu estômago quando Royal abraçou o homem grande sentado atrás da mesa da recepção. Eles bateram nas costas um do outro, como os homens fazem, e eu tive dificuldade de ouvir quais palavras eles trocavam. Aquele zumbido constante continuava atormentando meus tímpanos. Engoli em seco e troquei o peso do pé quando os olhos claros do homem encontraram os meus. Ele olhou para mim, sem nenhum tipo de julgamento, aberto, cristalino, olhos azuis celestes que diziam "Pode me contar qualquer coisa". Mesmo se não soubesse sobre o lance do padre, eu o teria categorizado, apenas pelos seus olhos, como um cântico.

– Tio Kieran… – Royal se virou para olhar para mim, seu sorriso estava um pouco torto e seus olhos, um pouco arregalados. – Este é Camden, meu namorado.

Eu quase tropecei diante do uso despreocupado da palavra "namorado". O zumbido na minha cabeça se enterrou nas minhas têmporas, encontrando o ritmo rápido do meu coração. Royal se aproximou de mim, pegando a minha mão, ele me puxou para perto de si. Isso era o exato oposto de ir com calma. Os olhos no ambiente, cientes da nossa presença, fixaram-se no gesto. O foco se concentrou em mim, nele, e aquele zumbido finalmente enfraqueceu, silenciado pelos dois garotos de mãos dadas na parte da frente da loja. Minha paranoia criou uma melodia de ruído branco dentro da minha mente, abafando o zumbido enquanto os contornos da sala ficavam confusos.

– Camden. – Kieran estendeu a mão, seu sorriso preenchia seu rosto bem esculpido. Suas maçãs do rosto salientes cortavam as rugas ao redor dos seus olhos, fazendo com que ele parecesse mais jovem do que o punhado de fios grisalhos em sua barba te fariam acreditar. – É muito bom te conhecer.

O acolhimento em seu sorriso era surreal. Escorria pela sua mão ao apertar a minha, sem que eu lhe desse nenhum tipo de cumprimento em troca. O sorriso de Kieran não fraquejou diante da minha incompetência social

quando ele soltou a minha mão.

– Declan disse que você ia vir amanhã. Que surpresa boa.

– Ele está lá atrás? – Royal esticou o pescoço, procurando para além da divisória e da recepção pelo seu pai.

– Ele está terminando com um cliente. – Kieran olhou para mim. – Você quer marcar um horário?

O tom dele foi de brincadeira e uma risada inesperada subiu pela minha garganta.

– Acho que preferiria morrer.

Royal gargalhou diante da minha declaração dramática.

– Você deveria fazer uma nota musical ou uma clave de sol no pulso.

– Você é músico?

– Ele é muito mais do que isso. – A declaração de Royal fez o sorriso do tio se alargar ainda mais.

Ele observava o sobrinho olhar para mim e o calor do ambiente subiu pelo meu pescoço.

– Você toca qual instrumento?

– Piano – respondi, orgulhoso por não deixar a minha voz vacilar.

– Vou fazê-lo tocar seu recital na Ação de Graças. É fenomenal.

– Mal posso esperar. – As palavras soaram verdadeiras e meu coração encontrou seu ritmo normal novamente.

Saí do armário duas vezes em um curto espaço de tempo e continuava vivo, nenhum sangue foi derramado. As pessoas tiveram um vislumbre, elas me viram, viram a verdade do que eu era e não se afastaram.

– Estava pensando em fazer uma tatuagem – anunciou Royal e eu achei que talvez não tivesse ouvido direito.

O estúdio pulsava de novo, mas o zumbido estava menos irritante agora que eu não estava mais nervoso.

– Uma tatuagem? – perguntei e Royal assentiu.

– Seu pai sabe disso? – Kieran ergueu uma sobrancelha.

Será que o pai dele se importaria? Duvidava muito. Porém, percebi que Kieran não tinha nenhuma tatuagem nos braços. Sua camisa de manga comprida estava enrolada até os cotovelos, expondo bronzeado, músculo definido, mas nenhuma tatuagem. Atrevi-me a fazer uma inspeção rápida e vi um pouco de tinta saindo da gola dele. Depois de ver todas as tatuagens do pai de Royal, presumi que seus tios seriam igualmente cobertos. Parecia que eu estava errado sobre muitas coisas em relação a esta viagem. Começou a tocar heavy metal e, ao meu redor, a tinta, os artistas cheios de piercing em suas cabines vermelhas e brancas, me lembraram de que eu estava bem longe dos olhares depreciativos da minha própria família.

Eu não queria ir embora nunca mais.

– Você acha que ele se importaria? – perguntou Royal, e Kieran deu de ombros.

– Não se você o deixar fazer. Em que está pensando?

O olhar de Royal correu para o meu, seu rosto ficou da mesma cor de um tomate.

– Uma citação. – Ele arregaçou a manga e apontou para a parte interna do braço, em cima do cotovelo. – Logo aqui embaixo.

Olhei para a pele macia, pálida em comparação com o resto do seu braço. Era um lugar íntimo, um lugar que eu já havia beijado algumas vezes e queria beijar tanto quanto ele deixasse.

– Qual citação? – Minha pergunta saiu como um sussurro.

Foi como se Kieran tivesse desaparecido quando Royal se aproximou, chegando um pouco mais, perto o suficiente para eu conseguir sentir o cheiro do seu sabonete e do chiclete de menta que ele jogou fora antes de entrarmos no estúdio.

– Faça qualquer coisa, mas deixe produzir alegria.

– Walt Whitman?

Ele me encarou.

– Folhas de Relva.

Se eu não fosse um covarde, o teria beijado bem ali na frente do tio, na frente de Deus, dentro desta colmeia, onde eu tinha permissão para segurar sua mão, para amar que ele fosse sentimental. O primeiro amor era uma sinfonia de Schubert: atemporal e inesquecível. Era tinta colocada permanentemente na pele, e eu mal conseguia esperar para beijar as palavras assim que cicatrizassem.

♫

– Ainda está doendo? – perguntou Indie enquanto amassava violentamente as batatas à sua frente.

– Não. – Royal coçou a pele ao redor da sua nova tatuagem. – Coça muito.

– Não coce. – O pai dele riu e me entregou um maço de guardanapos. – Se importa de dar isso para Paige?

O pai de Royal nem piscou quando o filho pediu a tatuagem. Na verdade, ele pareceu animado ou, quem sabe, orgulhoso. A mãe dele adorou o significado por trás dela, e eu nem fiquei nervoso quando ele lhe contou sobre o nosso encontro na biblioteca. Estar nesta casa, esta independência, era tudo o que pensei que nunca poderia ter. Eu não tinha certeza de como conseguiria abrir mão disso quando voltássemos para Pines Hollow.

– Posso arrumar os guardanapos para você? – perguntei, e Paige sorriu.

– Claro. – Ela estava às voltas com matemática mental e contando nos dedos quando falou – Onze… somos em onze. – Deu um tapinha de leve no meu ombro. – Vou pegar os pratos.

Tudo cheirava a tomilho e especiarias de aves, e um toque de canela e

noz-moscada. O apartamento estava muito quente, as janelas grandes na entrada suavam tanto quanto eu e, enquanto arrumava os guardanapos, pensei em como seria se eu tivesse ido para casa. Não haveria nenhuma música de Natal tocando. Nenhuma risada na cozinha. O ambiente estaria frio e cinza, e o sabor do dia tão insípido quanto as pessoas que recebiam. Eu gostava de como o pai de Royal sussurrava para si mesmo às vezes. Declan tinha demônios, Royal havia me avisado, mas ele era principalmente quieto, como eu. O som falava comigo aonde eu ia e as vozes dele falavam com ele. A história da sua vida se escondia sob suas unhas e cobria todas as paredes neste apartamento. Seus pais estavam sempre incrustados em uma ou outra cor, fazia parte deles, pertencia a eles, e eu quis pertencer a eles também.

Paige havia voltado da cozinha com uma pilha de pratos quando a campainha tocou.

– Eu atendo – gritou Indie da cozinha, e eu ouvi Royal rir quando ela se jogou em direção à porta.

Ele estava bem ao lado dela, mas em vez de ir atrás, veio até a mesa de jantar e sussurrou em meu ouvido:

– Não se esqueça de respirar.

Royal encostou seus lábios macios na minha bochecha e a apreensão que esteve serpenteando minha espinha se esvaiu. Virei a cabeça e roubei o que pensei que seria um beijo rápido, só que nos últimos dias mal tivemos tempo para a gente. Obriguei-o a me deixar dormir no quarto de hóspedes durante toda a semana na tentativa de respeitar seus pais, e pode ser que eu também tivesse outros motivos. Dormir ao lado dele todas as noites não era algo a que eu deveria me acostumar. Todo este amor em voz alta chegaria ao fim em breve, e eu não podia lamentar a perda de algo que, a princípio, nunca tive. Minha justificativa era falha de várias maneiras. Primeiro, eu já tive minha cota dele durante essa semana e voltar, ter que esconder quem ele era para

mim, depois de ter o privilégio de estarmos públicos, seria difícil independentemente de onde eu dormia à noite enquanto estivesse aqui. Ter seus lábios desse jeito, saboreando e atraindo meu coração de maneiras que eu não estava pronto para desistir… tive que traçar um limite em algum lugar, tive que me dar um tempo antes que tudo desaparecesse atrás da parede de um dormitório na St. Peter's.

Eu me afastei, desorientado, seus olhos azuis ardiam quando ele falou:

– Você vai dormir no meu quarto esta noite, não discuta.

Não discuti.

– Não fode. – Uma risada feminina suave penetrou em nosso momento não tão particular. – Papai não estava mentindo.

Royal balançou a cabeça e riu.

– Ava, este é o Camden.

– Seu namorado! – Uma adolescente pequenina com a cabeça cheia de cachos pretos praticamente pulou enquanto me encarava com olhos castanhos penetrantes. – Puta merda.

– Olha a boca, *Mija*[1]. – Kieran me deu um sorriso solidário. – A minha filha nunca foi boa em conter seus sentimentos.

– Graças a Deus. – Royal riu, abraçando apertado a prima. Ela soltou um gritinho, batendo os pés quando ele a ergueu do chão. – Senti tanta saudade.

Indie entrou na sala, ficando do meu lado enquanto assistia ao irmão rodopiar com Ava. Alertando-me, ela disse:

– É assim que começa. Lembre-se, se apenas balançar a cabeça e sorrir, eles pensarão que você está escutando.

– Ei. – Uma mulher com cabelos grisalhos cutucou Indie nas costelas de brincadeira. – Não lhe mostre a saída fácil, ele tem que passar por todos os testes.

– Testes? – Engoli em seco, minha voz estava seca e fina como papel.

Ela abaixou o queixo e riu, estendendo a mão.

– Estou brincando. Melissa, esposa de Kieran. É Camden, certo?

Assenti, e ela segurou a minha mão por alguns segundos a mais do que eu preferia normalmente, seus olhos perspicazes cor de chocolate me observavam. Seu rosto bronzeado tinha marcas honestas. Ela não usava praticamente nenhuma maquiagem e devia ser uma das mulheres mais bonitas que já vi. Royal me disse que sua prima e sua tia eram fluentes em espanhol. O sotaque dela enrolava levemente em todas as palavras que ela pronunciava, deixando tudo o que ela falava parecendo uma canção.

– Desde já, peço desculpas por Ava – falou, seus lábios curvando-se num sorriso brincalhão.

– Mãe – protestou Ava, gemendo a palavra de uma sílaba.

Melissa deu de ombros.

– *Sabes la verdad.*

– O que ela disse? – perguntou-me Royal ao pegar a minha mão.

– Algo sobre saber a verdade. Meu espanhol não é tão bom quanto o meu francês.

– Você fala francês? – Ava ficou de queixo caído e suas sobrancelhas levantaram-se até quase a raiz dos seus cabelos.

– Falo.

– Ai, meu Deus, fale alguma coisa.

– Ava – advertiu Royal com uma risada.

– *On m'a tellement parlé de vous.* – Ouvi falar muito de você.

Os ombros dela afundaram e ela grunhiu:

– Eu nem ligo para o que isso quer dizer. Todos os caras bons são gays.

Parei de respirar e a sala ficou em silêncio.

– O quê? – Ava ergueu as mãos em rendição. – É verdade. O namorado do Royal é sexy *e* sabe falar francês, não é justo.

Indie foi a primeira a rir e, quando Royal deu um puxão na minha mão, eu comecei a respirar de novo. Era ridículo o quanto uma palavra podia fazer meu coração parar. Isso me afetou, fez todos os pelos do meu braço se eriçarem diante da atenção, fez meus ossos doerem. Fui chamado de namorado do Royal durante toda a semana e, obviamente, eu era … gay. Contudo, Ava foi a primeira a usar esse termo e, talvez fosse a minha memória muscular, meu condicionamento para me encolher, querer correr para o armário e fechar as portas, me esconder atrás daquele maldito piano no canto, porém, como a palavra pairou no ar, misturando-se ao coro de falatório e risos, perdeu sua conotação negativa.

Felizmente, depois de um tempo, a atenção se voltou para um assunto menos pessoal. A família de Kieran se ocupou com Royal e Indie enquanto todos nós ajudávamos a trazer a comida para a mesa. Opiniões foram dadas sobre quantos pratos de caçarola de batata-doce Quinn, o primo que ainda não tinha chegado, comeria este ano. Melissa jogou conversa fora um pouco no início, inclusive comigo, divulgando que um dos seus arrependimentos na vida foi que ela não aceitou a oferta do pai de contratar aulas de piano quando era pequena, e que ela e sua irmã haviam herdado o restaurante mexicano da família depois que seu pai faleceu no ano passado.

– Sinto muito – falei.

– Faz parte da vida – respondeu ela. – Ele era um bom homem.

Olhei pela janela, querendo lhe dar um pouco de espaço e, pelo canto do olho, a vi fazer o sinal da cruz.

"Você é uma boa mulher", quis dizer, mas não o fiz.

Liam, seu tio, e Kelly, a esposa dele, finalmente apareceram alguns minutos depois. Nós já tínhamos escolhido nossos lugares à mesa e não houve uma apresentação grandiosa dessa vez. Eles se desculparam pelo atraso, culpando Quinn e sua falta de habilidade para se vestir com respeito.

Todos riram e, como Indie havia sugerido, balancei a cabeça e sorri sem ver nada de errado na blusa azul que Quinn escolhera para vestir.

Liam não fez nenhum contato visual comigo além do primeiro "olá". Sua expressão era impassiva com seus olhos sombrios implacáveis. Ele foi o único O'Connell que me deixou desconfortável. Sua camisa social preta estava desabotoada no colarinho, expondo uma quantidade significante de tinta em seu pescoço e no peito. Suas mangas estavam arregaçadas e eu me vi encarando as tatuagens que desciam pelos seus cotovelos até os dedos. Quinn questionou Royal quanto à sua nova tatuagem, perguntando se tinha doído e se ele planejava fazer mais, quando Liam finalmente olhou novamente para mim.

Deixei meu olhar cair para o prato, envergonhado por ser pego olhando boquiaberto.

– Você é estudante de música? – O tom dele exigiu a minha atenção e eu lancei meu olhar para frente para encontrar o dele.

– Sim, senhor.

– E que diabos você planeja fazer com isso?

Royal se agitou em sua cadeira, sua mão repousava na minha coxa por baixo da mesa, e ele soltou uma risada nervosa.

– Ele vai ser compositor. É muito talentoso.

– Posso apostar. – Todo o rosto de Liam franziu e sua esposa suspirou.

– Declan disse que você vai tocar pra gente esta noite. – O sorriso de Kelly era sincero. Cada uma de suas características, indulgentes: seus olhos, seus cabelos e a linha do seu nariz. Uma cicatriz grande cortava-lhe a lateral do rosto, por causa de um acidente sobre o qual Royal me contou, mas não diminuía sua beleza.

Ao que parece, ela até amoleceu Liam.

– É verdade? Você tem que nos mostrar o que sabe. – Liam forçou um

sorriso, levando seu garfo cheio de batatas-doces à boca.

Desejando nunca ter concordado em tocar, assenti.

A recepção fria de Liam me levou a acreditar que ele fora informado sobre o meu relacionamento com Royal e não era tão liberal em relação à coisa de ser gay quanto os outros. Foi só depois do jantar, quando todos se espalharam na sala de estar para assistir ao futebol com os estômagos cheios, que seu desgosto finalmente apareceu. Eu estava no chão com Indie, ela estava com a cabeça no meu colo como costumava fazer com o irmão. Royal havia se oferecido para ajudar Liam a arrumar e, quando pedi para ajudar, ele me disse para fazer companhia a Indie. Imaginei que quisesse tempo para avaliar os ânimos, para ver o quanto Liam odiou a ideia de seu sobrinho ser gay. Kelly e Quinn não me trataram de maneira diferente dos outros O'Connell e, na verdade, isso pareceu irritar ainda mais o Liam.

Ele era o líder deles. E fora destronado.

– Por que está demorando tanto? – perguntei.

Indie rolou o corpo, olhando para mim, falou:

– Ele é difícil de entender. – Ela sorriu. – Igual a você.

– Eu não tenho nada a ver com Liam.

Sua risada foi delicada.

– Dê-lhe um tempo. Ele só é… protetor.

Concordei murmurando.

– Vou dar uma olhada nele.

Ela se sentou.

– Camden, não é uma boa…

– Já volto – interrompi e me levantei, apesar do olhar de reprovação em seu rosto.

Ninguém me deteve enquanto eu ia para a cozinha. Royal e Liam não estavam em lugar nenhum, a louça estava pela metade na bancada e na pia.

Peguei um prato e estava prestes a abrir a torneira quando ouvi vozes exaltadas. Segui o som pelo corredor, para o quarto de Royal, meu coração estava na boca quando me aproximei da porta. Ela não estava completamente fechada e pude ouvir tudo.

– Esta é a porra da sua vida! Você tem que saber que tudo pelo que trabalhou irá pelo ralo se essa merda vier à tona.

– Não acho que…

– Você faria isso… consigo mesmo? Jogar fora a sua oportunidade de uma vida melhor porque está curioso?

– Liam. – A voz de Royal falhou. – Eu o amo.

Liam riu sem humor.

– Você o conhece há quanto tempo? Alguns meses. Você tem dezenove anos, nem…

– Não preciso do seu consentimento. Você não é meu pai.

– Não sou, mas eu criei seu pai e o Kieran. Enquanto meu pai escolheu beber até a morte e minha mãe se esqueceu de quem era, eu fui o provedor. Você é minha família… eu te amo pra caralho… só quero… tudo o que eu sempre quis… é o melhor para você. Você merece o melhor. O mundo está cheio de babacas que não entendem, que nunca entenderão. Este relacionamento pode destruir o seu futuro.

– Não quero um futuro sem amor.

A risada de Liam veio manchado de lágrimas.

– Parece o Declan falando.

Minhas próprias lágrimas quentes correram pelo meu rosto, a raiva em meu peito ferveu quando empurrei a porta. Liam estava com a testa encostada à de Royal e as mãos em seus ombros. Os braços de Royal estavam largados na lateral do seu corpo, suas bochechas estavam molhadas e vermelhas. Nenhum deles percebeu que eu entrei no quarto.

– Eu nunca o deixaria destruir seu futuro. – Foi um pequeno milagre eu conseguir manter um tom de voz estável. Royal se afastou do tio e eu mantive o olhar nele. – Não por mim.

– Camden. – Royal balançou a cabeça.

Encarei Liam e sua exaustão o vestia como um colete de chumbo.

– Eu nasci assim. Nasci para me sentir mal toda vez que me olhava no espelho, para me esconder atrás da minha pele. – Fiquei parado no batente da porta, com um pé fora e outro dentro. Eu também estava exausto. – Nasci para amar apenas no escuro. – O semblante de Liam desabou, sua mandíbula relaxou e uma janela de conhecimento se abriu dentro dos seus olhos. – Eu amo o Royal e toda essa luz que ele emana, mas por ele, se eu estiver atrasando a vida dele, me afasto.

– Você não está atrasando a minha vida. – Royal deu nove passos, o mesmo número de passos que ele dava todas as tardes até a porta do meu quarto, e parou na minha frente. – Você não está atrasando a minha vida – repetiu ele num sussurro desesperado. – Não tem que se afastar, nem por você, nem por mim. – Royal franziu a testa, furioso, e se virou para olhar o tio. – Sempre te admirei, Liam. Te procurei para pedir conselhos, mas se não consegue aceitar, você não pode fazer parte da minha vida.

Meu coração rachou, derramando-se dentro de mim. Nunca quis isso para Royal. Coloquei a mão em seu braço, pronto para lhe dizer que eu não valia isso, que ele não deveria fazer isso, não por mim, mas o tio falou primeiro.

– Está falando sério? – perguntou Liam.

– Estou – respondeu Royal sem hesitar.

– Estou falando com Camden. – Liam olhou para mim. – Você se afastaria para protegê-lo?

– Sim.

Liam segurou o ombro de Royal.

– Não estou nem aí se você é hetero, bi ou gay. Só quero que tenha mais do que nós tivemos, garoto. Seu pai desperdiçou nove anos da vida dele esperando pela sua mãe, e Kelly, merda, ela desperdiçou mais ainda esperando por mim.

Royal se manteve firme, seus olhos azuis brilhavam quando disse:

– Papai conseguiu tudo que ele queria no final, e você também.

– Isso não quer dizer que eu quero que você tenha que enfrentar essa batalha.

– Ele não vai precisar – prometi e falei sério. – Se o nosso relacionamento ameaçar a bolsa de estudos de Royal, o sonho dele, eu o deixo ir. Eu poderia ir para qualquer faculdade. Vou até para a Juilliard se isso significar que ele pode manter tudo pelo que trabalhou.

Liam deixou a mão cair para o meu ombro, o que considerei um pouco de afeto paternal, enquanto, em seus lábios, se formava uma linha reta.

– Vou te cobrar.

[1] *Mija* é uma forma abreviada de *Mi Hija*, "minha filha", usada no México.

··· 29 ···

ROYAL

Contei cada respiração que ele deu com meu rosto encostado à sua barriga nua. O quarto de Camden no dormitório estava iluminado pela neve que caía lá fora. As persianas estavam abertas, e os raros flocos brancos captavam a luz atravessando a cama dele. Eu não conseguia dormir. Deveria estar exausto depois de dirigir num clima de merda por mais de doze horas, mas meus olhos não ficavam fechados. O calor do corpo de Camden não ajudou a me embalar e eu estava meio tentado a acordá-lo. Só precisava virar a cabeça, encostar os lábios no ponto logo abaixo do seu umbigo e ele acordaria, pronto para o segundo round. Mas eram 4h30 da manhã, e nem mesmo sexo poderia aliviar a dor no meu estômago.

Eu odiava como as coisas tinham ficado com Liam. Nunca tinha estado em terreno rochoso com ninguém da minha família. Mas testemunhei a convicção nos olhos de Camden quando ele declarou para o meu tio que se afastaria para me proteger. Isso me assustou, perdê-lo, e foi tudo culpa de Liam. Era o seu jeito estúpido de demonstrar amor, sua lógica linha dura. Família era família e, independentemente de qualquer coisa, cuidamos deles antes de cuidarmos de nós mesmos. Porém, esta bolsa de estudos era minha e, se eu a perdesse, o mundo não iria acabar. Eu arranjaria uma solução. Sempre arranjei. Não permitiria que a minha escolha afetasse a minha família. Minha dívida escolar não seria um peso para eles, era minha, eu tinha que carregar. Sempre havia uma solução.

Pensar nisso tudo era como cutucar uma ferida aberta. Despedir-me dos

meus pais foi mais difícil dessa vez, vê-los com Camden esta semana… ele se encaixou na nossa família num piscar de olhos e, quando tocou, eles também sentiram. Talvez eu devesse ter ligado para Liam antes de ir embora para voltar para a faculdade, estender um ramo de oliveira, depois que eu lhe disse que ele não tinha permissão para responsabilizar meu namorado por minhas decisões, mas preferi deixar para lá. Não queria que meu pai descobrisse sobre a nossa discussão e tivesse que ficar do meu lado, causando uma desavença na sua relação com o irmão. Sendo sincero comigo mesmo, era tudo um pouco melodramático. Ninguém na faculdade descobriria sobre o meu relacionamento com Camden e, se descobrissem, eu duvidava muito que fôssemos o único casal gay de St. Peter. Depois da insistência de Indie, li o código de conduta quando cheguei ao campus e não me lembrava de ter lido nada negativo sobre homossexualidade. O documento incluía principalmente menções vagas sobre comportamentos ilícitos dentro da faculdade, moralidade, fraude e plágio. Na verdade, não prestei muita atenção na hora. Precisava lê-lo de novo, desde a primeira página. Precisava de provas, alguma forma de garantia, só por precaução.

– Você não está dormindo? – perguntou Camden, com voz de sono.

Ele passou os dedos pelos meus cabelos e, como um gato, ronronei de satisfação.

– Estou quase.

Seu riso fez sua barriga e a minha cabeça sacudirem.

– Não está, não. – As pontas dos dedos dele desceram pela minha coluna. – Sobe aqui.

Agradeci, colando nossos narizes, e ele sorriu.

– Você deveria ligar para ele.

– Não. Não depois do jeito que ele te tratou.

– Já fui tratado pior. – Ele levantou a minha mão até sua boca e beijou

meus dedos.

– Camden…

– Ele estava apenas tentando cuidar de você. Minha família teria te jogado aos lobos. Ele não se importa que estejamos juntos, apenas se importa que isso possa estragar sua educação.

Fechei os olhos, tenso de frustração.

– Vamos supor que o reitor saiba sobre nós… você acha mesmo que ele vai nos expulsar?

Abri os olhos quando ele suspirou.

– Não sei. Mas esta faculdade é baseada no código moral e eu não consigo vê-lo encontrando alguma brecha para nos expulsar. Ele é amigo dos meus pais, Royal. Se ele descobrir, eles ficarão constrangidos. Só Deus sabe o que fariam. – Ele beijou a palma da minha mão. – Não existe nenhuma organização estudantil gay no campus. Este é o meu segundo ano e não posso dizer que já vi um casal assumido.

– Você não olha para as pessoas. – Odiei o som petulante da minha voz.

Ele riu.

– Eu olho mais do que você sabe. Ouço tudo.

– Então, a gente se esconde. Até descobrirmos nossas próprias brechas.

Tocando sua testa com a minha, ele perguntou:

– Se você encontrar uma brecha onde eu consiga novos pais, me conta?

– Posso te emprestar os meus.

Seus olhos cinza me observavam e na luz misteriosa lançada pela neve, eles assumiram um brilho prateado. Levei minha mão ao seu rosto e o beijei, querendo esquecer toda aquela merda. Se pudesse, ficaria aqui durante dias, deixando-o possuir meu corpo, possuindo o dele. Sem eles, sem o mundo lá fora, apenas este quarto, aqueles olhos prateados e duas pessoas que não conseguiam parar de se beijar nem se tentassem.

Camden me pôs de costas, seu corpo pesando sobre o meu, afundando o colchão. Seus lábios famintos devoraram meu queixo e meu pescoço, sua mão colocou-se entre nós dois. Eu já estava duro para ele, o calor de sua mão nos envolvia. Meus quadris pularam diante do contato e ele gemeu na minha boca. Ficamos namorando por quase uma semana inteira sem nos tocar e, como Kai ainda não tinha voltado do feriado, poderíamos ser tão barulhentos quanto quiséssemos. O campus seria uma cidade fantasma até amanhã e eu planejava tirar vantagem disso.

Segurei seu rosto, prendendo sua boca na minha, lambendo seus lábios e balançando meu corpo no ritmo que ele havia criado. Queria que isso nunca acabasse, queria que ele demorasse. Quando as minhas mãos caíram pelo arco inclinado das costas dele, o músculo liso embaixo dos meus dedos se amontoou. Sua mandíbula estava cerrada e seus olhos se fecharam. Camden estava quase lá. Perto demais, ele ocupou-se de nós dois ao mesmo tempo, sua mão quente se movia mais depressa. Xingando baixinho, suas sobrancelhas franziram e ele me beijou com lábios urgentes, um rosnado baixo saiu de sua garganta quando nossos quadris começaram a se mover em conjunto.

– Espere. – Segurei sua mão. Sem ar, ele beijou meus lábios molhados e eu sussurrei – Quero você dentro de mim.

Camden encontrou meu olhar aceso, suas pupilas estavam dilatadas. Ele havia se dado a mim de todas as formas e eu queria que ele tivesse o mesmo. Queria lhe oferecer o meu corpo, oferecer o meu coração em sua plenitude: inteiro, intenso e cheio de desejo.

Abaixando a boca para o vão do meu pescoço, seus lábios tremiam contra a minha pele.

– Eu quero isso… eu quero você. Mas…

– Estou pronto, Camden.

Minhas mãos deslizaram sobre os ombros dele, pelas costas até à curva da sua bunda, e juntei nossos quadris. Ele gemeu, cedendo, e depositou beijos delicados no meu queixo, descendo pelo meu peito, meu quadril, minha barriga. Eu me esqueci de me importar com Liam, de me esconder. Só me importava com o calor molhado da língua dele, da pressão da sua mão. Ele não demorou muito, me deixando louco, eu me contorci de necessidade. Cada centímetro do meu corpo estava desperto, quente e sensível para cada um de seus toques. Seus dedos traçaram uma longa linha na parte interna da minha coxa, sobre o meu quadril, até que nossas bocas colidiram novamente. Estremeci, na expectativa, ansioso e pronto para ele quando afastou meus joelhos com os seus. Meus dedos cravaram no músculo de suas costas enquanto ele se movimentava entre as minhas pernas.

– Confie em mim – sussurrou, e eu confiei, com meu nome em seus lábios, reverentemente escrito na pele do meu pescoço, minha cabeça inclinou-se para trás enquanto ele pouco a pouco deslizava dentro de mim.

Devagar. Meu Deus. Devagar demais.

Meu aperto em seus ombros ficava mais forte a cada centímetro que ele entrava. A conexão roubou minha respiração, minha capacidade de me mover, e assim que a dor diminuiu, assim que seus lábios persuadiram os meus a se abrirem, seu beijo me lembrou de respirar novamente. Suas mãos seguraram a parte de trás da minha cabeça, seus dedos em meus cabelos, e foi como falar em línguas, os sons que ele extraiu de mim, seus lábios se dedicando aos meus com movimentos fortes e exigentes.

O ângulo do seu corpo dentro do meu, a cada impulso dos seus quadris, ele conseguiu, acertando um ponto que deixou minha pele em chamas. Abri os olhos e ele interrompeu nosso beijo, olhando para mim com olhos febris enquanto eu lhe implorava, em sílabas confusas e inarticuladas. *Pronto. Jesus. Por favor. Eu preciso de você. Me faça gozar.* Camden segurou meu

rosto, suas sobrancelhas nas minhas, respondendo ao meu apelo com seus toques silenciosos, a ponta do seu nariz tocando o meu, seus lábios se abrindo, me absorvendo. Seus polegares descansaram contra os ossos da minha bochecha, e a pressão dos seus antebraços em meus ombros, o músculo magro da sua barriga enquanto ele empurrava mais fundo, cada ponto de contato, acumulando-se até que o atrito de tudo isso me enlouqueceu. Ofegantes com as respirações sincronizadas, seu calor me encheu. Suado, grudento e perfeito, Camden depositou beijos suaves e leves como uma pena nas minhas pálpebras, na ponta do meu nariz e no meu lábio superior. Estar com ele desse jeito… ele possuiu o meu corpo, assim como eu possuí o dele. Igualmente capturados nos braços um do outro.

– Não há como fugir disso, de nós – falei, meu timbre tocado por uma vulnerabilidade trêmula.

Ele passou a palma da mão no meu peito. Meu corpo se iluminou de dentro para fora, estremeci quando ele sussurrou:

– Eu te amo. – Ele me atraiu com um beijo preguiçoso e distraído, evitando, ao mesmo tempo, a minha declaração.

♫

Um estrondo me acordou. Sonolento, dei uma olhada no relógio. Eram apenas 8h da manhã. O braço de Camden me prendia, sua respiração quente estava no meu pescoço e seu peito, colado em minhas costas. Outro barulho alto e alguns palavrões irritados me fizeram deslizar para fora da cama o mais silenciosamente possível. Kai devia ter voltado. Vesti minha cueca boxer e meu jeans e fui para a porta do quarto devagar. Olhei por sobre o ombro, observando, cobiçando… admirando o corpo nu de Camden uma última vez antes de abrir a porta.

– Jesus Cristo. – Kai quase caiu no sofá. – Você me assustou pra caralho.

– Desculpe, eu não…

– Caralho. – Ele deu uma topada na mesinha de centro e eu levei a mão para a boca para abafar uma risada. – Não é engraçado.

– Fala baixo, Camden ainda está dormindo.

Kai olhou para a porta do quarto de Camden, seus olhos estavam vidrados e sua fala – notei – arrastada ao falar:

– Ah, sim. – Seus lábios curvaram-se num sorriso desajeitado. – Vocês começaram a transar?

Ignorei sua linha de interrogatório para fazer uma pergunta mais importante.

– Por que você está bêbado às 8h da manhã?

– Por que você não está de blusa? – Ele levantou a mão para apontar para o meu peito e oscilou.

– Kai, o que está acontecendo? – Dei um passo em sua direção e ele me dispensou. Ele caiu para trás no sofá e grunhiu.

Inclinando-se para frente, com os cotovelos nos joelhos, as mãos na cabeça, ele murmurou:

– É muita merda para aguentar.

– Que merda? – perguntei e me sentei ao seu lado.

Ele relaxou nas almofadas, encostando a cabeça no sofá. Kai fechou os olhos.

– A corda está no pescoço.

Eu ri.

– De que diabos está falando?

Eu já tinha visto Kai bêbado, mas não desse jeito. Quando ele voltou do feriado? Onde esteve a noite toda?

– Minha mãe.

As duas palavras tiraram o sorriso do meu rosto.

– Ela tem EM.

– Esclerose Múltipla?

– É. – Ele rolou para o lado e abriu os olhos. – A forma mais rara. Primariamente progressiva.

Eu não fazia ideia do que isso significava e, pela sua expressão derrotada, dava para notar que ele não queria que perguntasse.

– Ninguém daqui sabe… Bom, além do escroto do Ellis, ninguém daqui sabe.

– E a Brie?

– Nós terminamos.

– Eu…

– Sente muito, é. Eu sei. Eu também. – Kai ficou me olhando sem piscar com seus olhos escuros enevoados. – Meu pai saiu de casa. O filho da puta foi embora… na Ação de Graças. – *Merda.* – Eu sabia que isso ia acontecer, ele está comendo a antiga namorada de escola há alguns anos, desde que… – Ele expirou e o ar ficou preso em sua garganta. – Você não quer ouvir essa merda. Vai transar com seu namorado. Vou colocar os tampões de ouvido que comprei.

– Kai. Eu sou seu melhor amigo. Quero saber o que acontece na sua vida. Mesmo que eu não possa mudar, quero ajudar.

– Ajudar. – Ele enrolou a palavra na língua. – Você pode ajudar minha mãe a andar?

Foi uma pergunta retórica, uma pergunta que partiu meu coração em dois, mas respondi mesmo assim:

– Não, mas estou aqui. Kai, se precisar de mim, estou bem aqui.

Ele riu e eu odiei o quão dolorido soou.

– Obrigado. – Ele se sentou. – Vou desmaiar. Quer malhar mais tarde?

– Kai.

Ele se levantou com dificuldade.

– Só preciso de algumas horas e estarei pronto.

Era mais provável que ele estivesse pronto para vomitar.

– Promete… promete para mim que vai parar de beber tanto. Eu estou aqui, ok? Bem aqui. Você não precisa disso.

– Estou bem.

– Por enquanto. Mas isso vai te absorver, e depois? Quem vai liderar a equipe? – Ele deu de ombros, escolhendo atingi-lo onde dói, perguntei – Quem vai ajudar a cuidar da sua mãe?

– Vai se foder.

Ele tentou passar por mim, mas segurei sua mão.

– Eu estou bem aqui – ofereci mais uma vez.

– Estou te vendo.

– Está?

– Estou. – Ele abaixou o olhar para as nossas mãos antes de soltar.

Observei seu caminhar desajeitado enquanto ele ia até a porta do quarto e estremeci quando ela se fechou. Todo esse tempo e eu não fazia ideia, envolvido demais nas minhas próprias merdas. A culpa me fez reviver a nossa amizade, nos últimos meses, de uma forma diferente. As garotas, as madrugadas.

Eu não era o único que estava me escondendo.

··· 30 ···

ROYAL

Ser livre com Camden… depois de sentir o gostinho de como era estar em público, ter que esconder meus sentimentos por ele, foi pior do que pensei que seria. O Stacks estava cheio depois que arrasamos com Western Idaho no que foi nossa melhor competição de natação do período. Com apenas mais uma competição agendada antes das finais, voltando de uma longa pausa, a vitória deveria ter sido ainda mais gostosa. Mas eu estava em uma mesa com meus colegas de equipe, bebendo uma cerveja ruim, vendo meu melhor amigo ficar bêbado, e sem permissão nem para o simples luxo de segurar a mão do meu namorado. Era seguro dizer que eu não estava no clima para comemorar.

Acompanhei Kai com o olhar quando ele cruzou o salão para o bar onde uma jarra cheia esperava por ele. Segurando a asa, ele paquerou a nova bartender. Ela apoiou os cotovelos no balcão, com os peitos basicamente saindo da blusa decotada de gola V. Ela tinha cabelos escuros cor de chocolate, lábios rosados e cintura fina. A maquiagem dela era pesada demais, escondendo o que provavelmente poderia ser um rosto bonito.

– Está gostando do que vê? – perguntou Dev, e eu logo desviei minha atenção do bar.

Bufei.

– Nenhum pouco.

– Afinal, qual *é* o seu tipo, O'Connell? – Corbin deu um gole na cerveja e Camden se agitou ao meu lado. – Quero dizer, você não encostou em

ninguém nesse período.

– Encostou. Em ninguém. Nesse. Período. Jesus, Corbin, você é tão eloquente.

Ele ergueu as sobrancelhas e deu uma cotovelada na costela de Dev.

– Está vendo? É disso que estou falando.

Dev riu e esfregou a costela. Eu estava perdido.

– Onde você está querendo chegar?

Os olhos de Corbin correram para Camden e voltaram para mim:

– Apostei com Dev que você era gay.

Eu me mantive calmo. Essa era a conversa sarcástica de sempre que eu aguentava quando estava com esses caras, mas Camden… ele não estava acostumado com isso, e seu corpo endureceu visivelmente. Quase arrisquei colocar a mão no joelho dele. Mas duvidava que isso ajudaria a acalmar seu pânico interior. Na verdade, poderia piorá-lo.

Eu ri, numa tentativa de parecer indiferente.

– Por quê? Porque não tenho saído com ninguém?

Eu tinha que dar crédito ao Dev, tentando com força não rir, sacudindo os ombros enquanto Corbin modificava suas suspeitas.

– Você não namora nem come ninguém, e fala coisas tipo *eloquente*.

Dev perdeu o controle e começou a gargalhar, gaguejando:

– Mano, você está parecendo tão idiota.

Corbin deu outra cotovelada e Camden relaxou.

– Ai, filho da puta, para com essa merda.

– E se ele for gay? – A voz de Camden saiu nivelada e tranquila, o que fez os pelos da minha nuca eriçarem.

– Eu perguntaria a ele se o pau do namorado é tão grande quanto o meu. – Corbin, alheio às pessoas ao seu redor, riu de si mesmo antes de esvaziar seu copo de cerveja.

Eu ri de repente, meu nervosismo transbordava, e, para a minha surpresa, Camden também riu.

– É maior – respondi. – Beeeem… maior.

Isso me rendeu mais algumas risadas do outro lado da mesa e fez o rosto de Camden corar.

– Ih, caramba. – Dev levou o punho à boca. – Isso foi insensível.

– O que foi insensível? – perguntou Kai, colocando a jarra na mesa.

Corbin revirou os olhos.

– O pau do Corbin é menor do que o do namorado do Royal – explicou Dev e eu desejei que Kai não olhasse para Camden.

Kai apenas balançou a cabeça.

– Vocês são idiotas.

Corbin e Dev começaram a interrogar Kai sobre a garota do bar, e eu aproveitei o momento para olhar nos olhos de Camden. Se eles soubessem… eu estava morrendo de vontade de falar, mas não havia divertimento em seus olhos, e eu me arrependi de levar a piada longe demais.

– Vamos jogar sinuca – sugeriu Kai.

Dev foi o primeiro a sair da mesa.

– Vocês vêm, Royal?

– Não, vai lá.

– Chato. – Dev deu de ombros, estendendo o punho para eu bater. – Bom te ver de novo, Camden.

Ainda corado, meu namorado acenou rapidamente para ele.

– Temos que malhar de manhã – alertei Kai depois que Dev se afastou, e ele estreitou o olhar.

– Estou ciente.

– Talvez seja melhor pegar leve hoje.

Ele tirou a jarra da mesa com uma mão e me cumprimentou com a outra.

– Sim. Senhor.

Kai estampou um sorriso no rosto, mas pude ver por trás da sua máscara, ver o quanto cada minuto lhe custava. Com seus olhos cristalinos e vermelhos, já bêbado, ele se virou em direção às mesas de sinuca e eu desejei saber o que fazer, ou o que dizer, para ajudá-lo.

Corbin pegou seu copo de cerveja, deslizando-o para fora da mesa. Ele se levantou e parou ao lado, se abaixando, olhou para Camden.

– Só para constar, eu não ligaria. Cada um faz o que quer, cara.

Ele bateu na mesa uma vez e sorriu antes de ir atrás de Kai e Dev. A princípio, não falei nada, meu pulso deu uma derrapada.

– Ele foi o primeiro a me falar isso. – Os olhos de Camden analisaram meu rosto. – Você está pálido.

Gargalhei.

– Você acha que ele sabe?

– Sobre nós dois?

– É.

Ele não respondeu de imediato.

– Não, mas com certeza sabe sobre mim. Eu não deveria ter perguntado aquilo. – Ele franziu a testa. – Espero que isso não dificulte as coisas para você.

Coloquei a mão no joelho dele, sem me importar com quem perceberia.

– Você já sabe que não estou nem aí para quem sabe.

Delicadamente, ele afastou a minha mão.

– Vamos embora?

Concordei e o segui para fora do bar sem ninguém perceber.

A rua estava molhada e vazia, mas a chuva tinha parado, lavando qualquer rastro de neve que tínhamos na noite passada. Contudo, a temperatura tinha caído, deixando a calçada escorregadia o bastante para termos que prestar

atenção enquanto voltávamos para casa em silêncio. A respiração de Camden flutuou de seus lábios em nuvenzinhas brancas. Suas bochechas e seu nariz estavam rosados, o azul de seu suéter destacava o tom rosa de sua pele pálida. Não pude evitar o sorriso que se abriu em meu rosto.

– O que foi? – perguntou, sem olhar para mim.

Minha boca ficou grudenta de frio quando falei:

– Quero segurar a sua mão, como da primeira vez que voltamos para casa ao sair do Stacks.

Ele riu, enfim me concedendo seus grandes olhos azuis.

– Você estava bêbado. As pessoas presumiriam que eu estava só te ajudando a chegar em casa.

Peguei sua mão, entrelacei nossos dedos e o puxei mais para perto. Não havia uma alma viva.

– Então, vou tropeçar algumas vezes. Se virmos alguém, deixe que pensem o que quiserem.

Sua mão fria se aqueceu na minha quando nos aproximamos dos portões do campus.

– Minha mãe ligou hoje – contou ele, lembrando-me de que havia algumas pessoas que nunca nos aceitariam.

– Ligou?

– Ela disse que eles devem vir para o Recital do Festival de Inverno em Rockport.

– Você acha que virão?

Ele suspirou.

– Não sei. Um dos amigos deles, outro aluno da St. Peter, é o compositor com quem estou trabalhando. Devemos manter as aparências.

O Festival de Concertos de Inverno era na semana que vem, a última semana antes das provas finais. Eu mal podia esperar para vê-lo tocar na

frente de uma plateia de novo, entretanto, eu também temia isso. Significava que o período estava quase acabando e eu não sabia onde isso nos deixava durante as longas férias de inverno. Quase lhe perguntei algumas vezes, desde que voltamos, se ele queria ir para casa comigo de novo. Ficar com a minha família até o próximo período começar, mas não sabia bem se era uma sugestão muito louca. As férias de inverno duravam quase cinco semanas. Eu passava todo o meu tempo livre com ele, e odiava pensar nele sozinho, em Astoria, com os pais, por mais de um mês. E o meu lado egoísta admitia que eu sentiria muita falta dele.

– Ela te perguntou sobre o feriado do outono?

Ele se inclinou para mim.

– Não. Minha mãe perguntou se a cafeteria serviu jantar de Ação de Graças para os estudantes que ficaram no campus.

– O que você disse?

Sua risada foi travessa, o que me fez sorrir de novo.

– Eu disse que serviu e que a comida estava horrível.

– Quer dizer que ela não faz ideia?

– Nenhuma.

– Uau.

– Melhor assim. Quanto menos eles estiverem na minha vida, é menos merda para eu lidar. – Ele soltou a minha mão quando nos aproximamos do Garrison. – Vai passar a noite comigo?

– Só se pudermos quebrar a sua regra de nada de toques. Se não, vou te arrastar para o meu apartamento.

– Não precisa me arrastar. – Ele sorriu, o que era raro, e eu consumia o seu sorriso sempre.

– *Se* Kai voltar para casa, ele vai estar bêbado mesmo – resmunguei.

– Está pior desde que voltamos. Ele falou alguma coisa com você?

Encolhi o ombro esquerdo evasivamente. Era a história do Kai para compartilhar…

– Você deveria conversar com ele.

– Vou, sim – prometi, esperando que amanhã, durante o treino de musculação, Kai conseguisse se segurar tempo o suficiente para enganar o treinador.

Digitei a senha de Camden no teclado numérico e abri a porta. Como de costume, não havia ninguém na recepção depois das 22h, e subimos as escadas para o apartamento dele. Lá dentro, com a porta fechada e trancada, segurei seu pulso, puxando-o para mim, peito a peito, e o beijei com os lábios necessitados. Ele enrolou os dedos no tecido do meu moletom da St. Peter com firmeza, sua cabeça caiu para trás, me convidando a beijá-lo com mais força. Meus lábios estavam inchados quando finalmente me afastei da sua boca viciante, em carne viva com a nova barba por fazer em seu queixo. Esfreguei o polegar no pelo áspero.

– Estou sem lâmina de barbear. – Ele passou os nós dos dedos pelos meus lábios. – Dói?

– Não muito. – Beijei seu maxilar, explorando a superfície áspera. – Eu gosto.

– Bom, aproveita porque amanhã não tem mais, coça muito.

Não nos incomodamos em acender as luzes do quarto, tirando nossas roupas dentro da segurança de suas quatro paredes. Aqui, podíamos ser quem quiséssemos, amar quem quiséssemos. Eu o empurrei na cama, subindo nele, depositando beijos em suas coxas, barriga, peitoral, guardando meu último beijo para sua boca. Camden roçou os lábios nos meus, suas mãos exploravam os sulcos do meu abdômen.

– E se eu quisesse que você venha para casa comigo de novo?

A mão dele parou na minha cintura.

– Quando?

Prendi o lábio inferior entre os dentes, demostrando o meu nervosismo, e falei mais rápido do que pretendia.

– É muito tempo. Quero dizer, se você acha que é demais…

– Ah. – Camden engoliu em seco. – Está falando sobre depois do fim do período?

– Não gosto que você fique sozinho.

– É muito peso extra para colocar na sua família, Royal.

– Meus pais não vão se importar, principalmente se eles souberem o quanto é ruim para você… com seus pais.

– Não sou um caso de caridade. – Ele não olhou para mim.

– Eu sei disso, Camden. Sou egoísta e sinto muito a sua falta, está certo. Esse é o verdadeiro motivo. – Eu rolei meus quadris para os dele, tentando puxá-lo de volta, e ele encontrou meu olhar.

– E quanto aos meus pais? Eles não sabem que você existe. Fariam muitas perguntas.

– Você não deve nenhuma explicação a eles.

Ele expirou longamente, uma respiração instável, percorrendo minhas costas com as mãos, e segurou a minha cabeça por trás.

– Cinco semanas livres com você… se eu pudesse…

– Pode.

– Preciso levar algumas coisas em consideração. Deixe-me pensar sobre isso, tudo bem?

– Tudo bem.

– Posso te beijar agora? – Seu sorriso milagroso apareceu mais uma vez.

– Nem precisa perguntar.

♫

Apesar das bolsa sob seus olhos, dos cabelos ensebados e do fato de que ele cheirava a cervejaria, Kai parecia estar se segurando esta manhã. Eu tinha ouvido ele conversando com a mãe quando saí do quarto de Camden mais cedo. Kai estava no sofá de cueca. Eu me perguntei se ele tinha dormido ali e se eu tinha ouvido direito o que ele dizia. Algo sobre honorários advocatícios e dinheiro que ela não tinha, mas esqueci o assunto quando fomos juntos para a academia. Ele parecia estar melhor agora que tirou um pouco do álcool do organismo treinando. A equipe havia encerrado há cerca de vinte minutos, mas Kai e eu sempre ficávamos um pouco mais. Estávamos sozinhos no canto de uma sala de musculação, todas as perguntas ficavam girando na minha cabeça.

– Estou preocupado com você.

Ele grunhiu e largou os pesos no chão no meio do movimento.

– Porra, lá vamos nós.

– Diga o que posso fazer.

– Quem sabe me deixar em paz? – Ele enxugou a mão com uma toalha, jogando-a sobre o ombro, e me lançou um olhar.

– Ela está doente?

O rosto dele contraiu.

– Muito doente.

– Há quanto tempo?

Ele se sentou no banco na minha frente.

– Há anos, piorou nos últimos dois. Ela não pode mais andar e a porra do meu pai… – Ele cerrou os dentes. – Ele quer o divórcio. Ela depende dele, para o plano de saúde, e ele sabe, ele sabe, porra, ela não quer brigar com ele. Ele vai deixá-la sem nada.

– Você acha que ele…

– Eu sei que vai. Ele é um babaca egoísta. Tentei conversar com ele. Ele

falou alguma merda sobre dar uma pensão para ela, a casa. Como ela vai bancar a casa? Ela foi uma mãe dona de casa a minha vida inteira. – Ele murmurou num sussurro, falando consigo mesmo – Eu vou cuidar dela. Sempre cuidei mesmo. Mais um ano até eu me formar. Vou ter dois empregos se precisar.

– E quanto à sua família? Avós?

– Meus avós paternos morreram há um tempo. Minha mãe só tem o pai e ele está num centro de tratamento com demência. A mãe dela morreu de pneumonia, também tinha EM. – Seus olhos olhavam para além de mim, para a parede, para toda a perda que já sofreu. – Estou parecendo uma música sertaneja ruim. – Ele esfregou a nuca, seu sorriso característico abria-se. – Vou dar um jeito. Vou trabalhar o quanto puder nas férias, conseguir o valor necessário para o advogado. Não sei, talvez possa colocar algum juízo no meu pai. Pare de se preocupar comigo, Royal, você tem suas próprias merdas com que lidar.

– Não duvido que tenha tudo sob controle, mas precisa largar o álcool. Mais um ano, certo? Se você estiver muito bêbado para nadar, adeus à bolsa.

Kai levantou os olhos e, com o olhar sincero, falou:

– Vou largar.

Queria acreditar nele.

Assenti e levantei do banco.

– O que aconteceu com a Brie?

– Arg.

– Tão ruim assim?

– Ela ficou bêbada e transou com Sherman.

– Fala sério!

Ele riu.

– Pensou que fosse dar uma surra nele.

– Por que não deu?

– Não valia a pena. – Ele abriu a porta do vestiário.

Apenas Dev havia ficado, mas ele já estava colocando a bolsa no ombro.

– Vejo vocês no treino hoje à noite.

Ele desapareceu pela porta e Kai me deu um soco no ombro.

– Você e Camden… parece que a viagem correu bem.

Corei, meu sorriso subia pelas minhas bochechas quentes.

– É.

– Vão se assumir logo? – perguntou, tirando a blusa.

– Indie e eu examinamos o código de conduta de novo depois que voltamos do feriado. Não tem nada lá que vise especificamente a orientação sexual. Mas encontramos uma seção que afirma que a faculdade tem uma política de tolerância zero.

– Tolerância zero para quê?

– Discriminação. Raça, religião…

– Sexualidade. – Ele sorriu. – Quando vocês se assumirem, posso usar uma touca de natação com as cores do arco-íris?

– Claro, vou pedir para a Indie fazer uma para você com caneta lavável.

– Haha. – Ele jogou o moletom em mim. Com nojo e rindo, deixei-o cair no chão. Ele ficou calado quando tirei a blusa. – Ela não estava na competição ontem.

– Quem, Indie? – Ele assentiu, enquanto eu colocava a minha blusa suada na bolsa, e se virou para abrir o armário. – Ela perdeu o prazo do projeto de fim de período, por isso, está basicamente morando no estúdio com a Daphne.

– Faz sentido. – O humor dele mudou de novo.

– Ouça, Kai. – Ele levantou o olhar da bolsa. – Você vai ficar bem.

– É a única escolha que tenho.

··· 31 ···

CAMDEN

O Recital do Festival de Inverno de Rockport era importante, pelo menos para os estudantes de música. Ser convidado para tocar ou para participar era uma grande honra. Eu toquei no recital no ano passado, mas como parte de uma orquestra. O professor Michelson, o Decano da Música, havia me perguntado, depois do recital em outubro, se eu gostaria de tocar um solo, além da minha participação na orquestra este ano. A princípio, quis negar. O compositor escolhido para liderar o festival era nada menos do que Nathan Faust, um professor da Juilliard, que foi escolhido a dedo por causa do seu status de ex-aluno. Ele também era o mesmo professor, e um bom amigo da minha mãe, que a convenceu de que Juilliard era a única faculdade que eu deveria considerar. Aparentemente, ele não tinha tanta influência quanto minha mãe havia pensado. Eu fui aceito na faculdade, mas não ganhei uma bolsa de estudos. Queria obter minha graduação nos meus próprios termos. A minha escolha foi a St. Peter.

Minha escolha.

As paredes do camarim pareceram se estreitar, o suor se formou embaixo do meu colarinho enquanto eu dava nó na minha gravata pela quinta vez nesta noite. A orquestra havia começado a afinar, a mistura conflituosa de sons flutuou pelo corredor direto para o meu cérebro. As risadas, o bater dos saltos no chão de madeira do palco e o arranhar metálico das cadeiras sendo arrastadas, minha cabeça doía com todos esses barulhos. Encarei meu reflexo no espelho. Meus olhos cinza-esverdeados semicerraram contra a luz

brilhante do ambiente. Onde estavam meus pais? Será que viriam? Era tipo um *déjà vu*.

Fechei os olhos e sussurrei as palavras “minha escolha, minha vida, meu amor” repetidamente até o latejar na minha cabeça desaparecer. Se eles viessem, eu contaria sobre Royal. Se eles viessem, seria a última vez. Tenho certeza.

– Dez minutos – gritou alguém para o camarim e eu abri os olhos.

Olhei para mim mais uma vez. Olhei *de verdade* desta vez, com os olhos abertos, olhos que estavam cansados de contar mentiras para o mundo, cansados de se esconder, e eu vi um homem que estava orgulhoso de quem havia se tornado. Orgulhoso de suas conquistas, de sua vida. Não importava que o Professor Faust estivesse aqui ou que meus pais aparecessem mesmo. Fui escolhido para esta noite por causa do meu talento, não por causa dele, não por causa da influência dos meus pais. O homem mal tinha falado três palavras comigo durante os últimos três dias de ensaio. Ele era um convidado, que ficou no lugar do nosso professor de teoria no último minuto. Eu não lhe devia nada. Eu devia esta honra a mim mesmo. Como Royal havia me dito ontem à noite, “Isto é para você, é seu, e ninguém pode te tirar.”. Tocaria como se estivesse no meu quarto, tocando para ele, tocando com seus lábios no meu pescoço, com meus olhos fechados… tocaria e todos sentiriam o meu amor.

Abotoei o paletó do terno e fui para o palco. Fui praticamente a última pessoa a chegar, todos já estavam prontos, folheando suas partituras. Eu poderia tocar sem ela. Havia memorizado cada música uma semana depois que recebi a playlist. Não era arrogância. Era o meu mundo e, esta noite, eu queria ser o dono dele.

Meu.

Só meu.

As cordas dos violinos e dos violoncelos soavam enquanto as cortinas eram erguidas, as luzes encobriam os três mezaninos, a casa estava cheia. As pessoas de todas as partes da costa de Oregon viajavam para cá todos os anos para este concerto, e os aplausos que pareciam pairar no ar acima de nós em expectativa, silenciaram. Royal e Indie haviam conseguido ingressos para o terceiro piso, no balcão à direita, e, mesmo que eu não conseguisse vê-los, olhei naquela direção de qualquer forma. Deixei um leve sorriso se formar nos meus lábios e, quando as luzes diminuíram e o suave toc, toc, toc das baquetas do maestro ecoou pela orquestra, fechei os olhos e senti o calor da respiração de Royal no meu pescoço. Deixei o calor descer pelos meus braços, para os meus dedos, e o transferi para as teclas, deixando-o ondular pelo ambiente como um cobertor de som. Misturando-se e dançando com todos os outros instrumentos… era elegante, seguro e eterno.

Não abri os olhos nenhuma vez até alguém anunciar o meu nome para o solo. Ouvi uma grito vindo do balcão do terceiro piso e o público riu diante da torcida atípica. Algumas das pessoas da orquestra me lançaram olhares de reprovação, mas não liguei. Olhei para onde meu namorado e sua irmã deviam estar sentados, encarando uma camada branca de luz, e sorri. Escolhi tocar uma obra de Eric Satie, *Gymnopédie Nº 1*. A mesma canção que tocava ao fundo na noite em que dei meu corpo e meu coração a Royal. Não queria chorar. Eu raramente fazia isso, e nunca em público, mas a cada nota suave, *me lembrei*.

Lembrei como era se perder em alguém, confiar e entregar sua alma, mesmo que ela estivesse estilhaçada. Ele recolheu todos os pedaços e a fez sua.

O local inteiro estava em silêncio quando a última nota foi tocada. Passei os polegares sob os olhos, esperando esconder a emoção em meu rosto, e abaixei a cabeça. Os minutos se passaram em câmera lenta, mas, na verdade,

só demorou um segundo para todos ficarem de pé e me aplaudirem. Eu me levantei e curvei a cabeça em agradecimento, levantando os olhos apenas para olhar para cima e à direita. Levei os dois primeiros dedos aos lábios e curvei a cabeça mais uma vez. O gesto falou através de uma sala cheia de pessoas com uma mensagem privada: *isso foi para nós dois*.

O concerto durou noventa minutos, com um intervalo, e quando as cortinas abaixaram pela última vez, eu estava pronto. Pronto para vê-lo. Não tinha me afastado mais do que seis metros do palco quando ouvi meu nome.

Chega de se esconder.

– Camden – gritou Indie, me envolvendo no mesmo tipo de abraço que ela reservava para o irmão depois de suas competições. Ela fungou com lágrimas nos olhos ao se afastar. – Foi fenomenal. Você é fenomenal.

Em vez de deixar meus braços soltos enquanto ela vinha para cima de mim, eu os usei para apertá-la com a mesma força. Olhando por sobre o ombro dela, para os olhos claros do meu namorado, admirei o quanto ele estava lindo com o terno que eu emprestei. Suas mãos estavam nos bolsos das calças cor de carvão sob medida, a camisa cinza se estendia pelos seus ombros largos e a gravata verde que ele escolheu se ajustava perfeitamente ao centro do seu peito. Contudo, gostei de como seus cabelos ainda caíam sobre a testa, seu charme de menino todo bem vestido para a noite.

– Obrigado. – Coloquei-a de volta no chão, dando um pequeno sorriso para Royal.

– Quero dizer, aquela música… a senti… foi tão… vermelha.

– Vermelha? – perguntei e Royal riu.

– Os sentimentos dela sempre têm uma cor.

– É como eu pinto – explicou ela.

– O sentimento equivale à cor para você e ao som para mim.

– Somos artistas. – Ela levantou a sobrancelha direita e riu.

Royal revirou os olhos.

– E eu sou o atleta burro.

– Não. – Balancei a cabeça e ele se aproximou, olhando para as pessoas que passavam correndo por nós. Peguei sua mão. – Você também é um artista. – Ele olhou para baixo, para os nossos dedos entrelaçados. – A água é o seu agente.

– Gosto disso. – Seus olhos azuis analisaram o meu rosto. – Você não me contou.

– Contei o quê? – perguntei.

Ele olhou para a irmã.

– Pode nos dar um segundo, Pink?

– Claro, estarei no saguão. – Ela ficou na ponta dos pés e deu um beijo no meu rosto. – Trabalho deslumbrante.

– Obrigado por vir.

– Eu não perderia por nada.

Ela se virou e acenou por cima do ombro ao sair pela porta dos bastidores.

– Você não me contou que ia tocar aquela música. – Ele se inclinou, chegando perto o suficiente para que eu pudesse sentir o calor irradiando do seu corpo.

– Era uma surpresa – sussurrei, meus olhos estavam em sua boca.

Ele olhou para o corredor vazio, seu olhar seguiu o som baixo das risadas.

– Será que devíamos…

– Não estou nem aí para quem sabe. Eu te amo e estou cansado de esconder isso.

Seus lábios expandiram-se gradualmente, o canto direito ergueu-se um pouquinho mais do que o esquerdo.

– Você está falando sério? Por que… quero dizer, quando mudou de ideia?

– Foi um processo.

Ele riu e encostou a testa na minha.

– Depois de Salt Lake, quem sabe? Gostei tanto daquilo, de estar com você sem limites ou medo. Assim que voltamos… foi diferente. Como duas chamas presas embaixo de um copo. Em algum momento, todas essas regras… Royal, elas teriam nos sufocado. Nossa chama teria morrido e eu não quero te perder. – Tomei fôlego, minha voz saiu ríspida quando admiti. – Não quero mais me sentir preso.

Seus lábios foram delicados, hesitantes, ao me beijar, esperando que eu mudasse de ideia. Minha mão escorregou para a sua nuca, trazendo-o mais para perto, até as minhas costas atingirem a parede. O beijo queimou, irresistível e sincero, quando sua língua deslizou contra a minha. Royal segurou meus quadris, juntando nossos corpos. O mundo à nossa volta desapareceu e, por uma fração de segundo, o universo nos concedeu a liberdade de viver o momento.

– É o que você quer? – indagou.

Beijei seu lábio inferior, saboreando a pele macia.

– É tudo o que eu quero.

Ele gemeu quando passei os dedos pelos seus cabelos.

– Chega de se esconder.

Assenti com um movimento de cabeça e sua boca encontrou a minha com um beijo desesperado. Algumas meninas riram ao passar pela gente, o clique baixo de saltos dançava pelo chão, e eu não me assustei. Seu corpo era um escudo, e eu só conseguia sentir o seu calor, seu coração no jeito com que seus lábios tomaram os meus carinhosamente, e meu pulso disparou.

O sorriso de Royal iluminava seu rosto, afastando-se, ele falou:

– Mal posso esperar para te exibir.

Ele entrelaçou nossas mãos e eu me encostei à parede, tentando recuperar

o fôlego, o sorriso no meu rosto era apenas para ele, quando ouvi meu nome, em uma voz que não poderia ser real. Agora, não, não assim.

– Camden? – As duas sílabas foram uma condenação ofegante.

O rosto de Royal perdeu a cor quando ele viu o terror ocupar os meus olhos.

– O que… o que está acontecendo aqui? – Ela estava tremendo sonoramente.

Ele se virou para ela. Eu não ousei olhar.

– Camden Morgan, olhe para mim agora mesmo.

Eu tinha dezesseis anos de novo. Minhas mãos tremiam e o local estava silencioso demais. Ela me encarou, seus olhos eram uma prateada sombra nublada, penetrante e fria. Aquele olhar me prendia ao sofá.

– Camden. – Sua voz doce não pertencia a este lugar, não a esta casa vazia, este espaço vago e frio dentro da minha cabeça. – Ei, está tudo bem. – Senti cheiro de verão e sabonete, e ele apertou a minha mão. – Está tudo bem.

Chega de se esconder.

Minha escolha.

Minha vida.

Meu amor.

– Não achei que vocês viessem. – Apliquei o máximo de confiança que pude na minha voz áspera.

– Claro que viríamos. – A incredulidade da minha mãe foi cômica. Seus lábios estavam comprimidos, seus cabelos presos num coque impecável. Meu pai era apenas outro acessório que ela usava. – Explique-se.

– Já expliquei… quando tinha dezesseis anos.

– Camden, não seja desrespeitoso – meu pai decidiu dialogar. – Viemos de carro até aqui.

– Não por minha causa. – Encontrei coragem no calor da mão de Royal. – Vamos.

Dei um passo, guiando Royal para vir comigo, mas minha mãe ainda não tinha terminado.

– Rapazinho, não sei quem você é, mas solte a mão do meu filho. Agora. – Ela se aproximou, sua mandíbula estava tensa ao sussurrar com os dentes cerrados – Você não vai me envergonhar com essa exibição nojenta. Você o estava beijando. – Sem acreditar, ela arregalou os olhos. – Qualquer um poderia ter visto. Nathan poderia ter visto! – censurou ela. – É doentio.

Ela agarrou o braço de Royal, mas ele o arrancou da sua mão.

– Que diabos há de errado com você? – Sua voz estrondou pelo corredor.

– Acalmem-se todos – implorou meu pai. Colocando a mão na lombar dela, ele falou – Teresa, já chega.

– Não me diga o que fazer, Bradley. – Ela me encarou outra vez, sua compostura escorregava como uma máscara bem gasta. – Despeça-se do seu amigo, Camden. Temos algumas coisas para discutir. – Ela alisou sua saia preta.

– Não tenho nada a dizer para você que já não tenha dito. Não sou um dos seus pacientes, mãe. Não existe cura gay. Esta é a minha vida e eu estou farto de viver sob as suas regras.

Ela riu, o som saiu repulsivo e vazio.

– É mesmo? – Ela deu um passo para frente e Royal me puxou para mais perto do seu lado. – Você se esqueceu de quem é o dinheiro na sua conta ou que só o que preciso fazer é uma ligação para o reitor e você e seu amigo não serão mais bem-vindos na St. Peter. – O sorriso dela permaneceu em seu rosto, sem graça e inabalável. – Agora, vamos.

– Você deveria ajudar as pessoas, não é isso que faz? Como psiquiatra? – Royal ficou olhando. – É deturpado, alguém como você nessa posição. Este

é o seu filho, você deveria amá-lo. Incondicionalmente.

Sem ficar intimidada, a voz dela veio com desprezo:

– Você não tem o direito de me julgar.

– Teresa – alertou meu pai, tentando pegar a mão dela. Ela se livrou dele.

– Mas você pode nos julgar? Eu amo o seu filho e não tenho vergonha disso. Não tenho vergonha dele. Ele é tu… – A voz de Royal falhou e ele cerrou o maxilar. – Ele é tudo de bom e bonito, e você é uma idiota se jogar isso fora.

Pisquei algumas vezes, tentando repelir o ardor em meus olhos. Apertei a mão dele com mais força, o pulso em seu polegar batia contra o meu. Rápido e furioso.

– Ela já me jogou fora anos atrás. – Lutei para respirar enquanto observava a fachada desmoronar das feições dela, deixando para trás uma tristeza visível tão profunda que me perguntei se ela sequer ainda sentia isso. Os olhos do meu pai estavam vermelhos; seus cílios, molhados. E eu sonhei com um tempo em que aqueles olhos olhavam para mim com amor, e não perda. – Ligue para o reitor, mãe, e eu lhe mostro a política de tolerância zero para discriminação que destaquei no código de conduta.

Ela ficou imóvel, como um vidro duro, quando passei por ela.

– Camden, espere. – Meu pai me alcançou. – Não faça isso, não com a sua família, podemos resolver.

Meu namorado me observava, o orgulho brilhava dentro de suas íris.

– Royal é a minha família agora.

··· 32 ···

ROYAL

A definição de valentia, comportamento corajoso, não se encaixava muito bem no meu cérebro confuso. Valente era o homem que chorou até dormir na noite passada. Embora ele tenha sido destemido e tenha enfrentado seus pais, mais tarde, admitiu que nunca se sentiu tão pequeno, tão rejeitado pelas duas pessoas que deveriam amá-lo sem regras nem condições. Valente foi o modo com que Camden pegou a minha mão e caminhou por todo o saguão cheio de seus colegas de turma, com lágrimas nos olhos, tremendo da cabeça aos pés. Valente era o homem em meus braços. O homem que me amava o bastante para arriscar tudo.

– Arriscar tudo – sussurrei no ponto onde o pescoço de Camden encontrava o meu ombro. Encostei os lábios na pele quente, depositando beijos ao longo do seu maxilar, e ele prendeu as pernas nas minhas. – Tenho que ir.

– Agora? – perguntou ele, com um olho aberto e um sorriso sonolento. – Está muito cedo.

– Quero conversar com o treinador.

Seu sorriso desapareceu e ele abriu os dois olhos. Sua mão estava no meu quadril e eu estremeci sob seu toque.

– Você vai mesmo fazer isso… hoje? – questionou ele, seus dedos passearam pelas minhas costelas até os meus ombros. Assenti, e ele franziu a testa, nervoso. – Espere até depois da sua última competição no sábado.

– E faço o quê? Deixo um bilhete embaixo da porta do treinador

agradecendo pelo período e “ah, aliás, eu sou gay”. – Forcei um sorriso, mas ele não acreditou.

– Espere até depois da competição, assim, ele tem tempo para pensar sobre tudo durante as férias de inverno.

– Camden… o que você fez ontem à noite… por nós… contar ao meu treinador, à minha equipe, não se compara. Você abriu mão da sua família.

– Eles abriram mão de mim. – Ele exalou um suspiro derrotado. – Aqueles caras… sua equipe… você divide um vestiário com eles, toma banho com eles… a coisa pode ficar feia.

Já tinha pensado em tudo isso. Um milhão de vezes. E se eu tivesse o treinador do meu lado, não importaria o que ninguém tivesse a dizer.

– O treinador não vai deixar.

– Se ele não tiver problema com isso. E se tiver? E aí? Ele pode dificultar as coisas para você.

– É melhor arrancar o curativo de uma vez. Contar para todo mundo. Pelo menos, desse jeito, vou saber com quem tenho que tomar cuidado no período que vem. Não quero me preocupar com isso durante as férias, Camden. Quero estar com você. Quero ser feliz. – Ele procurou meu olhar. – Eu também posso ser destemido. Por nós dois.

Ele engoliu em seco e mordeu o canto do lábio.

– Por nós dois…

– Por você. – As duas palavras resvalaram em seus lábios quando o beijei.

Valente foi seu sorriso, apesar da preocupação em seus olhos, e o jeito com que ele segurou meu rosto, sussurrando a promessa que fizemos na noite anterior:

– Chega de se esconder.

Seu beijo foi urgente e sério, seus lábios exigiam os meus como se fosse a

última vez que ele os saboreava. Tive que me obrigar a sair da cama, vestindo a minha confiança como um paletó, coloquei meu moletom, desejando poder pedir a ele que viesse comigo. Contudo, era uma fraqueza, uma falha na minha armadura, mas, depois de ver o quão facilmente os pais de Camden o afastaram, comecei a duvidar das minhas próprias crenças ingênuas. Talvez a minha família fosse a raridade, afinal, e o mundo estivesse de cabeça para baixo como Camden sempre me alertou.

– Me encontra na porta da Beckett às sete? – pedi, esperando que ele não conseguisse perceber o leve tremor no meu tom, a sementinha de dúvida tentando se arraigar. – Vamos entrar juntos.

No escuro, de onde eu estava, no batente da porta, a luz só iluminava metade da sua cama, escondendo seus olhos. Sentindo-me qualquer coisa, menos corajoso, me segurei à força da sua voz.

– Estarei lá.

Cheguei vinte minutos antes do que o normal e, como esperado, a academia estava vazia. A porta do quarto de Kai estava fechada, luzes apagadas quando saí do apartamento esta manhã, e, por mais tentador que fosse acordá-lo e trazê-lo comigo para me dar apoio, isso era algo que eu tinha que fazer sozinho. Coloquei a bolsa no banco perto do meu armário e me refugiei no som familiar e estático do rádio saindo da porta aberta da sala do treinador. Eu o ouvi xingar e rir quando um estalido alto ecoou pelo vestiário.

– Monte de merda – resmungou ele quando me aproximei do seu escritório.

– Treinador?

Ele levantou a cabeça, sua mão pairava sobre o velho rádio relógio.

– Não te ouvi entrar.

– Está tentando saber o placar do jogo de hóquei de ontem? – perguntei,

fechando a porta ao entrar.

Ele riu e, abaixando o volume, falou:

– Acho que deveria desistir e procurar na internet. – Este era seu ritual matinal, ouvir os destaques esportivos da rádio da faculdade. Ele olhou para a porta fechada. – Você chegou cedo.

Sentei-me em frente a ele.

– Preciso conversar com o senhor sobre uma coisa.

Ele se esticou na cadeira.

– Está tudo bem?

Os lábios do treinador se fixaram em uma linha sombria, e eu coloquei minhas mãos trêmulas no meu colo. Minha língua inchou dentro da minha boca, desidratada e sedenta pelo nervosismo. Pensei em Camden, e em como ele não recuou nenhuma vez ontem à noite, e decidi levar isso até o fim.

– Está tudo ótimo… na verdade. – Tentei sorrir. – Não sei bem por onde começar…

– Fiquei sabendo que é sempre melhor começar pelo início.

Respirei fundo e ele sorriu gentilmente para mim. Um sorriso que eu esperava que ainda estivesse ali daqui a uns trinta segundos.

– Eu sou gay. – Suas sobrancelhas se ergueram diante da minha súbita admissão, e eu esperei alguns segundos por uma resposta. Seu silêncio fez minha língua contorcer e continuei – E-eu sou gay… bem… o que eu quero dizer… merda, não é… – Balancei a cabeça. – Desculpe, senhor. Não queria falar palavrão.

– Royal. – Ele levantou a mão. – Sua vida particular só diz respeito a você.

Continuei, sem ouvi-lo direito:

– Eu já tive uma namorada, e não foi… não parecia certo…, Mas, agora, eu tenho um namorado e isso não deveria importar, porque posso nadar mais

rápido do que Ellis e Dev, e eu…

– Filho, pare, só diz respeito a você – repetiu ele como se eu não tivesse entendido.

Ficamos nos encarando até que finalmente veio o clique, a lâmpada brilhava com o óbvio.

– O senhor quer que eu não diga nada?

Ele franziu a testa em confusão.

– Não é isso que você quer? Privacidade?

– Quero ser como qualquer outro – esclareci, tentando esconder minha decepção, minha irritação. Ele queria que eu me escondesse?

– Royal… – Suas feições suavizaram. – Esses meninos… são bons meninos em sua maioria. Mas alguns… – Ele esfregou a nuca. – Eles podem não entender. Entende o que estou dizendo?

Inclinei-me na mesa, com o maxilar cerrado e a garganta doendo, perguntei:

– E quanto ao senhor, treinador? O senhor entende?

Ele assentiu, afundando na cadeira.

– Eu entendo que as pessoas podem ter a mente fechada. Não se pode evitar por quem você se sente atraído, mas nem todos verão dessa forma. Na minha opinião, sua vida pessoal não deveria importar para mais ninguém. – Ele bateu com o punho na mesa. – Somos uma equipe e você é um nadador fenomenal. Conte a eles, não conte. Vou te apoiar no que decidir. E, se houver uma repercussão, eu cuido disso.

– Vou ter o seu apoio? – perguntei, sem ter certeza se podia acreditar nisso.

– Vai. – Ele assentiu, seu sorriso era firme. – Com certeza, garoto. Se alguém tiver algo a dizer, pode vir falar comigo.

Alguém bateu à porta, porém, ele não respondeu.

– Você quer contar à equipe, ou eu deveria contar?

– Acho que é melhor eu contar. Kai já sabe.

– E?

– Ele é o meu melhor amigo.

– Quando estiver pronto, eu vou estar ao seu lado.

Outra batida e a porta abriu.

– Ah, desculpe, treinador. – Era o Sherman. – Quando o senhor tiver um minuto, eu…

– Pegue uma senha. – O treinador riu e Sherman lhe deu um sorriso tímido e fechou a porta.

– É melhor eu sair daqui – falei, empurrando a cadeira para trás, e me levantei. – Obrigado por… obrigado por não me tirar da equipe. Por ser legal com… tudo.

Seu olhar era firme ao se levantar.

– Você pertence a esta equipe. Lembre-se disso.

Com os olhos marejados, as narinas infladas, uma sensação pesada fazendo meu maxilar cerrar, consegui sussurrar:

– Vou me lembrar.

♫

– Vocês vão entrar… de mãos dadas? – perguntou Indie. Seu lábio inferior estava preso entre seus dentes, seus olhos azuis pulavam entre mim e Camden.

– Por que não? – indaguei. – Somos um casal, casais andam de mãos dadas. Devíamos dar as mãos.

Ela sorriu.

– Deveriam mesmo.

A mão de Camden encontrou a minha. Sua palma quente aliviou meu

coração apressado.

– Última chance. – Ele engoliu em seco quando olhou para as portas do refeitório. – Tem certeza? Disso?

– Tenho certeza sobre você.

Ele ficou me olhando, suas íris encheram-se com uma mistura de amor e apreensão quando Indie falou:

– Vou entrar primeiro.

– Tudo bem. – O tom dele era tranquilo, mas pude sentir o quanto a sua mão começou a suar na minha. Sua outra mão segurava a alça da mochila com força enquanto nos dirigíamos para a porta atrás da minha irmã.

Ela a segurou para nós e eu o puxei mais para perto, passando por ela. Ele estava perfeito em seu jeans surrado e com o meu moletom da equipe de natação da St. Peter. Ele era meu, e eu me recusava a me sentir pequeno, a me esconder atrás da minha irmã. Queria que ele soubesse o quanto eu estava orgulhoso de tê-lo ao meu lado, e quando entramos, o calor do refeitório, o barulho flutuando à nossa volta, sussurrei em seu ouvido:

– Nós somos livres.

Pude mesmo sentir o alívio recair sobre ele quando relaxou ao meu lado. A princípio, ninguém nem percebeu. Ficamos de mãos dadas na fila da comida, soltando apenas para pôr dois burritos de café da manhã na bandeja de Indie. Só quando estávamos no meio do salão que os burburinhos começaram a se espalhar como fogo. Pude sentir os olhos nas minhas costas, abrindo buracos na minha pele. Segurei a mão de Camden com mais força quando ouvi um “que porra é essa?” resmungado. O barulho costumeiro dentro do local amplo foi reduzido a um trovão sussurrado. Kai, Corbin e Dev já estavam na nossa mesa.

Os olhos de Kai correram para as nossas mãos entrelaçadas e ele se levantou imediatamente, com um sorriso largo e acolhedor.

– Já era hora. – Ele se curvou, abaixando a voz, e falou – O treinador falou comigo depois do treino, me disse que você passou na sala dele.

Camden soltou a minha mão, puxando uma das cadeiras. Os caras na mesa olhavam para o moletom familiar da equipe que ele vestia quando se sentou. Dev parecia confuso, de boca aberta, parando seu garfo cheio de panqueca a caminho da boca.

Corbin sorria como uma hiena e, como se nada estivesse fora do comum, ele roubou um *bolinho de batata* do prato da Indie.

– Fala sério – protestou ela.

Corbin deu de ombros, dando-lhe seu sorriso mais inocente.

– Estou com fome.

– Arranja um para você, babaca. – Kai puxou a cadeira perto da de Camden, fazendo um gesto para mim. – Sente-se, eu estava mesmo indo embora.

– Fique – sussurrei, e Dev desviou o olhar.

Kai deu uma olhada na mesa, mantendo o olhar em Indie. Ela estava de cabeça baixa, mexendo no celular.

– Você consegue – sussurrou ele e me deu um tapinha no ombro.

– Aonde você vai? – falou Dev, finalmente.

– Biblioteca. As provas finais são na semana que vem, nem todos nós nascemos em berço de diamante.

– É ouro, idiota, berço de ouro. – Dev riu e comeu outro pedaço da panqueca.

Kai sorriu.

– Que seja. – Ele me lançou um olhar penetrante. – Chega para o treino dessa noite uns minutos antes?

– Por quê?

Curvando-se, ele manteve a voz baixa:

– Depois que esta notícia se espalhar… é melhor ser o primeiro a chegar no vestiário. Você está aqui para ficar, o quanto antes eles se derem conta disso, melhor.

Deixei suas palavras entrarem na minha mente enquanto ele ia embora, ignorando os olhares que vinham de alguns alunos nas mesas por ali. Dev e Corbin estavam calados quando me sentei e coloquei a mão no joelho de Camden. Sua mão cobriu a minha e ele começou a bater a perna. Alcancei a bandeja de Indie e peguei nosso café da manhã, tentando muito não desabar, manter os ombros para trás, o queixo erguido, independente da tensão que se formava no ambiente, na nossa mesa, entre mim e Camden.

– Tenho uma pergunta. – A voz de Corbin cortou o silêncio.

Dev gemeu.

– Por favor, pelo menos uma vez na sua vida patética, não…

– O pau dele é mesmo maior do que o meu? – Corbin sorriu, e eu juro que a minha irmã quase engasgou com as batatas.

A perna de Camden parou de balançar, e o rosto de Dev caiu em suas mãos. Soltei uma gargalhada, e dei um apertão na coxa do meu namorado.

Dev murmurou com as mãos no rosto:

– Jesus Cristo, Corbin.

– Ei, alguém tinha que dizer alguma coisa. E tudo bem, tanto faz, vocês serem um casal… – Ele levantou a mão num horror de brincadeira. – Mas o mais importante é que a reputação da minha masculinidade está em jogo aqui. Então… é verdade?

Dev olhou para cima.

– Não responda a isso, O'Connell.

Camden suspirou e eu amei o rubor que coloriu suas bochechas.

– Não planejo responder. Minha irmã está à mesa – respondi, dando uma mordida no meu burrito.

Indie estava com o rosto muito vermelho ao nos ignorar cuidadosamente.

Dev deixou escapar uma risada, seus olhos encontraram os de Camden, e disse:

– Não sei por que a gente o atura.

– Porque eu nado o estilo livre mais rápido da equipe.

Dev bufou, ele tinha um sorriso nos lábios.

– Vou contar para o Sherman que você disse isso. – Corbin mostrou-lhe o dedo do meio e Dev apontou para Indie com o garfo. – Meu irmão, é melhor se desculpar com a irmã do cara.

– Desculpe, Pink. – Corbin deu um sorriso largo para Indie e algo caloroso encheu o meu peito quando ele usou o apelido com o qual eu a chamava.

Olhei em volta, e alguns olhares e caretas que permaneciam encontraram os meus olhos. Mas eu ainda era o Blue e ela ainda era a Pink, e Corbin ainda era ridículo. Nada havia mudado, pelo menos entre nós, as pessoas que importavam. Dei um puxão no cordão do capuz de Camden e Dev sorriu para nós.

– Isso parece tão fácil – sussurrou Camden.

Talvez fosse, talvez fosse ficar mais difícil a cada passo, ou, talvez, devia ser assim mesmo.

Aquele calor desconhecido no meu peito se espalhou pelas minhas veias, calando o barulho do refeitório, sussurrando sua definição em meu ouvido.

Valentia.

Você pertence a esta equipe.

Aceitação.

Aqui.

Família.

Com ele.

··· 33 ···

ROYAL

– Boa sorte nas provas finais. – Barb, uma das bibliotecárias de referência, erguia uma pilha de livros da mesa e a colocava no carrinho.

– Obrigado, não sinta muitas saudades minhas durante as férias – brinquei, ajeitando a bolsa no ombro.

– Não sei como vou sobreviver. – Ela riu para si mesma e a minha atenção ficou presa no jeito com que seu batom vermelho pareceu se infiltrar nas rugas em volta de sua boca quando ela sorriu.

Este era o meu último turno na biblioteca neste período e, enquanto eu assistia Barb desaparecer em meio às pilhas, tirei alguns segundos para cheirar os livros, a poeira, e aquele cheiro constante de chuva que quase nunca se dissipava, independente do quanto estivesse ensolarado lá fora. Eu iria sentir falta deste lugar. Este lugar, estes últimos cinco meses… meu mundo havia mudado completamente. A caminho da porta, deixei meus dedos arrastarem-se pela superfície de madeira da mesa onde estudava com Indie, a mesma mesa onde tudo havia começado para mim e Camden. Um sorriso nostálgico cruzou meus lábios quando passei pelas portas da biblioteca para o ar noturno.

Estava tudo congelado, como se o tempo tivesse polvilhado as pontas dos pinheiros, mantendo-os em um estado permanente de verde. Cristais de gelo pendiam das calhas dos prédios depois dessa noite de tempestade. O ar úmido e frio grudou-se aos meus lábios, na minha respiração, nos meus ossos, enquanto eu corria em direção à piscina, temendo o treino desta noite

por mais motivos do que eu queria pensar. Até agora, sempre que eu estava com Camden, escolhíamos dar as mãos. Até lhe dei um beijo no rosto depois do almoço, recebendo alguns olhares de repulsa. Contudo, também vi alguns sorrisos. Os sorrisos me facilitavam a acreditar que tudo ficaria bem. Era estranho estar sob uma lente de microscópio, com pessoas nos observando como se fôssemos um número circense estranho. Não era possível sermos o único casal gay no campus. Era uma faculdade pequena, mas nem tanto. Talvez nossa revelação fosse fazer com que outros se assumissem em algum momento. Dar a coragem que eles precisavam para sair de suas próprias quatro paredes. Quando voltássemos das férias, ninguém se importaria… ou se lembraria. Pelo menos, era o que eu continuaria dizendo a mim mesmo.

Arquivei todas as minhas preocupações quando abri a porta grande e entrei no saguão com a cabeça erguida. Fora Kai, Dev e Corbin, eu não via a minha equipe desde a musculação da manhã e, se a notícia tivesse se espalhado tão rápido quanto Kai achava que iria, eu teria que entrar naquele vestiário preparado com uma pele forjada no metal. Eu estava na metade do corredor, o cheiro de cloro já entrava nos meus pulmões, quando ouvi a voz de Camden.

Virando, fui recebido pelo seu sorriso tímido e fofo, e todo o nervosismo que sentia cerca de dez minutos antes se dissolveu no ar com cheiro de química.

– O que está fazendo aqui? – perguntei, olhando por sobre o ombro dele antes de lhe dar um beijo.

Seus dedos puxaram o fio solto pendurado na bainha da sua camisa quando ele sussurrou:

– Você estava lá por mim. Com meus pais. – Ele ergueu o olhar para a porta do vestiário. – Você está prestes a entrar numa cova de leões.

Segurei com delicadeza a alça da sua mochila e o puxei um pouco mais

para perto.

– Eu não estou sozinho, Camden. – Não duvidava de que, se pudesse, ele teria entrado naquele vestiário comigo. – E isso… – Olhei-o nos olhos, minha boca morria por um beijo. – Você ter vindo aqui, por mim, me dá mais força do que você imagina.

Seus olhos desceram para a minha boca, e o espaço entre nós aumentou significativamente.

– Tenha cuidado.

– Prometo.

Ele deu um passo para trás, minha mão caiu quando algumas vozes masculinas ressoaram pelo corredor.

– Nos vemos à noite – falei enquanto o via ir embora. Mason e Max, dois juniores da minha equipe, passaram por ele sem olhar.

– E aí, O'Connell, vai ficar no corredor a noite toda? Ou está aqui para nadar? – Max segurou a porta para mim, seu sorriso era um bom sinal.

– Nadar.

– Então, vamos. A piscina não vai ficar mais quente.

Metade da equipe já tinha chegado e eu evitei os olhos de todos, evitei olhar para todos juntos. A conversa no ambiente se acalmou quando fui até o meu armário.

– Pensei que tivesse dito para chegar mais cedo – falou Kai, analisando o local com um olhar severo.

– Fiquei preso na biblioteca. – Coloquei minha bolsa no banco. – O quão ruim é a situação?

Ele passou as mãos pelos cabelos enquanto tirava os sapatos aos chutes.

– Ellis falou merda o dia inteiro.

– Ele sabe? – sussurrei.

– Todo mundo sabe, porra. – A raiva em seu tom de voz era evidente. – A

namorada dele te viu dando um beijo no rosto de Camden na hora do almoço hoje.

Kai estava puto comigo?

– Desculpe.

Arrependido, ele falou:

– Você não deveria se desculpar. Ellis é um babaca. – Ele olhou por sobre o meu ombro. – Até onde eu sei, a maioria dos caras não liga. Ou se ligam, sabem que é melhor não falar merda. Já falei para alguns deles esquecerem.

– Você não tem que lutar as minhas batalhas.

– É, mesmo assim… – Ele deu um empurrão no meu ombro e contorceu os lábios, reprimindo um sorriso. A tensão nos meus músculos aliviou um pouco. Ele tirou a blusa, olhando nos meus olhos de novo. – Você faria o mesmo por mim.

– Faria.

– Merda. – Kai jogou a blusa no banco. – Entrando.

– O que ele está fazendo aqui? – Fodeu. Cadê o treinador? Ellis encarava Kai com a cara vermelha e as mãos em punho. – Não vou deixar esse veadinho me comer com os olhos enquanto eu me troco.

O insulto foi como um soco no estômago, tirando o ar dos meus pulmões. O frio crepitou pela minha pele, drenando o sangue do meu rosto. A fúria enrolou-se num nó dentro de cada um dos meus músculos.

O maxilar de Kai pulsava, mas seus lábios alongaram-se num sorriso apertado.

– Você não faz o tipo dele.

– Ainda bem. – Ellis deu um passo, se aproximando, e as pontas dos meus dedos ficaram dormentes. – Você não deveria estar aqui. Não pertence a este lugar. O treinador…

– O treinador sabe, seu babaca – rebati, encontrando a minha voz.

Ellis sorriu como se tivesse conseguido exatamente o que queria.

– O treinador sabe… – Sua risada foi amarga. – Ouviram isso, rapazes… parece que o pervertido vai ficar.

– Fica frio, Ellis – gritou alguém de trás dele.

Arrisquei um olhar pelo vestiário. Dev e Corbin me olhavam com simpatia. Eu me recusei ficar envergonhado, me recusei a admitir a repulsa de Sherman enquanto ele observava Ellis fazer de mim um espetáculo.

– Não espere que eu fique calado quanto a isso. – Ellis deslizou seu olhar estreito pelo meu corpo, seu rosto se contorcia como se tivesse engolido algo rançoso. Ele falou entredentes – Você não tem nenhum direito de estar aqui.

– Até onde sei, eu tenho o nado borboleta mais rápido da equipe. Estou bem certo de que isso me dá o direito. – Reuni o máximo de equilíbrio que consegui, deixando meus lábios se abrirem num sorriso largo. – Talvez se você nadasse tão rápido quanto tagarela, teria uma chance de bater o meu tempo.

Ele espalmou o meu peito, me empurrando.

– Vou te foder, O'Connell.

– Vai sonhando.

Kai pôs o braço entre nós dois.

– Acalmem-se, porra. Os dois. O treinador não vai aturar esta merda. – Ele pôs os dedos nos lábios e assobiou. – Ouçam todos. Vocês têm algum problema com isso? – Ninguém disse uma palavra, o vestiário estava tão absolutamente silencioso que eu me perguntei se Ellis podia ouvir meu coração trovejante. – Nós somos uma equipe do caralho. Nós ficamos juntos. Nós vencemos. Todo o resto é besteira. – Ele deu um empurrão no ombro de Ellis e rosnou – Agora, coloque a sunga.

Kai ficou de costas para Ellis e eu fiz o mesmo. Devagar, os caras no

vestiário começaram a se movimentar novamente, o silêncio mortal dava espaço a um murmúrio. Minha mão tremeu quando tentei abrir o zíper da minha bolsa. A raiva a que estive me prendendo virou adrenalina pura, correndo fulminante pelas minhas veias, deixando exaustão e tristeza pelo caminho. Essa briga ainda não tinha acabado. Liam estava certo. Camden e eu teríamos que lutar constantemente para ser quem éramos, para estarmos juntos. Eu estava viajando, deixando a minha autopiedade me distrair, e não notei que Ellis ainda estava parado ao lado do meu armário.

– Não te falei para se preparar para o treino? – questionou Kai, mais como uma reclamação.

Ellis o ignorou, derramando animosidade de seus ombros rígidos.

– Me conta, O'Connell. É biológico? – Ele sorriu maliciosamente. – Digo, seria uma pena se a sua irmã fosse sapata, ela tem uma bunda boa para foder.

Nem tive chance de sequer processar o que ele falou. Kai meteu um soco na cara de Ellis, com uma força que o mandou para dentro do armário com um barulho horripilante. O nariz dele explodiu, o sangue vermelho escuro escorria pelo seu queixo como um rio. Seus olhos brilharam de fúria quando ele se jogou para cima de Kai, os dois caíram no banco, e Kai bateu as costas no chão de azulejos com um estrondo brusco. Ellis tentou usar isso como vantagem, socando Kai no peito, nas costelas… no rosto. Meus últimos vestígios de adrenalina entraram em ação e eu segurei Ellis por trás da sua gola. Só que Kai era perfeitamente capaz de cuidar de si mesmo e, quando puxei, Kai chutou Ellis ao mesmo tempo, mandando nós dois para o armário.

Bati com a cabeça na maçaneta pontiaguda da fechadura de metal, enviando uma dor forte para a minha espinha. O vestiário ficou distorcido. Alguma coisa quente escorria pelo meu pescoço e eu levantei a mão para trás da minha cabeça. Sibilei, o contato fez minha cabeça latejar instantaneamente. Ouvi um alerta de Kai, ou talvez fosse outro insulto de

Ellis, algo sobre sangue, eu não tinha certeza. Tudo soava como se ressoasse de uma lata de metal, e a última coisa que lembrei antes de apagar foi a dor lancinante bem embaixo do meu olho, e a superfície dura e fria do chão do vestiário.

♫

Acordei deitado de costas com uma luz branca brilhante nos meus olhos.

– Bem-vindo à terra dos vivos. – Um homem mais velho com um bigode grisalho grosso estava em pé com uma caneta-lanterna na mão. – Você ganhou um belo de um olho roxo. – Ele sorriu, e eu tentei sorrir de volta, mas doía muito. – Metade da equipe de natação está lá fora, mas seu treinador não vai deixar ninguém entrar.

Deixar entrar?

Lá fora?

Sobre o que ele estava falando? Tentei me sentar, porém, o homem pôs a mão no meu peito.

– Espere um pouco. Não se levante rápido demais, vai ficar enjoado.

Ele segurou a minha mão e me ajudou a ficar numa posição vertical. Demorei um pouco para me orientar. Eu não tinha saído do vestiário, nem do chão. Minha cabeça martelava e meu olho parecia estar prestes a sair do meu crânio. Olhei para os meus dedos e uma onda de medo me abalou. Sangue. Nos meus dedos, no meu peito, na minha calça jeans. Virei a cabeça para procurar Kai, Ellis, mas, como o homem havia avisado, o enjoo me atingiu como um caminhão e a minha boca salivou.

– Royal, vá com calma, filho.

Treinador.

Lágrimas espalhavam-se em meus cílios. Uma onda repentina de emoção que eu não tinha vontade nenhuma de controlar. Tudo. Este fardo. Era muito

forte. Meus ombros tremiam em explosões rápidas, como um rolo de filme em movimento rápido, a luta se repetia dentro da minha cabeça.

– Cadê o Kai?

A mão quente do treinador pousou em meu ombro.

– Kai e Ellis parecem ter lutado dez rounds. Não se preocupe, eles vão ficar bem. Kai teve que levar pontos na sobrancelha. Dev e Corbin o levaram para o pronto-socorro na cidade.

– Ellis?

Ele balançou a cabeça.

– Está machucado. Ele vai sobreviver. Mas você… Jesus, que susto da porra você me deu. Ele está bem?

O homem assentiu.

– É só um corte na parte de trás da cabeça, nem precisa de ponto. O nariz dele está quebrado com certeza, pode ser necessário uma tomografia para descartar uma concussão. – Ele se ajoelhou na minha frente e levantou a mão. – Quantos dedos estou mostrando?

– Três – falei num sussurro rouco.

– Qual o seu nome?

– Royal O'Connell.

Ele assentiu e me fez mais algumas perguntas. Que dia da semana era hoje? Quem era o presidente? Em que ano estávamos?

Ele pareceu satisfeito.

– Acho que ele está bem.

O treinador apertou a mão dele.

– Obrigado, Dale.

– Sem problemas. Coloque um gelo nesse olho. – Ele lançou um olhar para o treinador que eu não consegui decifrar. – Vou estar por perto.

– Quem era aquele? – perguntei quando o homem saiu pelos fundos do

vestiário.

– Polícia do campus.

– Polícia? – Deixei meu rosto cair nas mãos e me retraí.

– Quando Corbin não conseguiu entrar em contato comigo, ele mandou um dos rapazes trazer o Dale. – Ele limpou a garganta e eu olhei para cima. – Ele vai precisar ouvir o seu lado da história antes de poder apresentar qualquer queixa.

– Não quero apresentar nenhuma queixa. Não quero que ninguém vá para a cadeia. – Minha voz fraquejou. – É tudo culpa minha.

– Não de acordo com Dev, Corbin. E Max. – O treinador me olhou fixamente. – Diabos, tenho quinze garotos naquele corredor ali fora me dizendo que Ellis provocou a briga. Que você foi pego por acaso na confusão com nada menos que uma cotovelo no rosto e um armário na parte de trás da sua cabeça.

– Não quero apresentar nenhuma queixa.

Ele suspirou.

– Vou conversar com Dale. – O treinador me entregou uma toalha e eu a usei para limpar as mãos. O sangue não saía. – Mas o reitor não vai deixar isso passar.

– Camden – falei o nome dele tentando trazê-lo à existência num sussurro, para o meu lado, com sua mão na minha. Levei os dedos à ponta do meu nariz. Se meu rosto estivesse tão ruim quanto eu me sentia, ele entraria em pânico. E agora o reitor estava envolvido. Tudo o que ele temia se concretizou. – Eu vou ser expulso?

O treinador grunhiu:

– Não se eu tiver algo a dizer sobre isso. Ouça… todos aqueles garotos lá fora estão preocupados com você. Todos eles estão dispostos a te apoiar.

– E quanto ao Kai? Ele…

– Ele deu o primeiro soco.

Se Kai perder a bolsa de estudos, eu nunca me perdoaria.

– Ele estava me protegendo.

– O reitor Thomlinson é um homem correto, ele fará o que achar certo. Eu vou fazer o meu melhor, contar o que aconteceu, que ele te defendeu. Tudo o que você puder acrescentar, ou se lembrar, vai ajudar no caso dele. Vai ficar tudo bem. Não precisa se preocupar com isso agora. Contudo, você vai precisar obter uma imagem dessa cachola para se certificar que está tudo bem. – A compaixão cobriu seus olhos ao se levantar, totalmente alheio da conexão entre o reitor e os pais de Camden. Ele não entendia o quão profundamente o ódio podia se enraizar dentro de um coração humano, alimentando-se da honra de um homem, até não sobrar mais nada. Ele não fazia ideia de como a vida do meu melhor amigo estava prestes a ser destruída.

Por minha causa.

··· 34 ···

CAMDEN

Não era algo incomum que o treino de natação de Royal fosse até um pouco mais tarde, ainda mais na véspera da última competição do período. Mas já eram quase 22h e, geralmente, lá pelas 21h, Kai e Royal já chegavam com comida chinesa. Toquei algumas escalas para tentar reprimir a minha ansiedade, deixando uma nota ir até a próxima até eu criar alguma coisa nova. Parei com as mãos pairando sobre as teclas quando senti meu celular vibrar no bolso.

– Ei. – A palavra se alongou pelo alto-falante do meu telefone, exausta e fraca. O seu fôlego prendeu, e o meu coração afundou no meu estômago. – Pode vir ao meu apartamento?

– Qual o problema? – Eu já estava pegando a minha carteira, enfiando-a no bolso traseiro e batendo a porta do quarto.

– Não surte. Estou bem, mas…

Meu telefone estava preso entre meu ombro e meu queixo, de cabeça baixa, calcei os sapatos, pulando num pé só, bati numa parede humana. O telefone escorregou e quase caiu no chão. Eu o peguei, xingando.

– Desculpe, eu não me dei conta de que você estava… em casa.

O rosto do meu colega de quarto estava praticamente irreconhecível. Um corte enorme em sua testa e pontos fechando-o. Uma camada roxa e inchada circulava seus olhos. Seu lábio superior estava rachado e havia uma crosta de sangue em seu queixo. O silêncio pairou sobre mim, um vácuo ansioso sugava a minha respiração.

Kai movimentou a boca, franziu de preocupação sua testa avariada, estendeu a mão em minha direção, mas foi a voz de Royal chamando o meu nome, fraca e longínqua, que fez meu alarme silencioso disparar.

– O que aconteceu? – perguntei, o volume da minha voz aumentou por causa do pânico.

– Teve uma briga. – Royal esforçava-se para manter a voz estável.

– Eu sei.

– Sabe?

– Kai acabou de chegar em casa.

– Ele está bem?

– Você está bem?

– Eu estou bem. Camden… – Royal gaguejou com a voz embargada. – Só vem.

– Chego em dez minutos. – Com as mãos trêmulas, finalizei a ligação e enfiei o celular no bolso da frente.

– Ele está bem. O treinador me mandou uma mensagem quando eles estavam no pronto-socorro. – A voz de Kai não tinha nenhuma emoção.

– Pronto-socorro? Que porra é essa, Kai?

Ele desabou no sofá, uma careta deformava suas feições já ensanguentadas.

– Deu merda no vestiário. – Ele fechou os olhos. – Fodeu tudo.

Eu não quis esperar que ele filtrasse a própria mente procurando respostas. Se Royal estivesse tão mal quanto… não podia me permitir pensar nisso. Não consegui voltar a respirar, e aquela sensação de estar afundando, onde tudo ao meu redor se fechava, e cada respiração era alta demais, e a distância entre mim e Royal fazia meu peito e meus olhos doerem e a minha boca secar. Como se uma bigorna de três toneladas estivesse em cima do meu peito.

– Kai, eu…

– Vai. Vou ficar bem. – Ele abriu os olhos. – Diga ao Royal… – Ele engoliu em seco e piscou algumas vezes e, quando voltou a falar, a força em sua voz havia diminuído. – Diga ao Royal que eu faria tudo de novo, sempre.

Lágrimas quentes arderam no canto dos meus olhos quando assenti. Eu não sabia o que tinha acontecido hoje naquele vestiário. Eu não fazia ideia do quanto Royal tinha se machucado, mas tinha a sensação de que devia tudo a Kai.

Levei exatamente seis minutos para chegar à Casa Warren. Subi três degraus por vez, praticamente correndo pelo corredor para o quarto de Royal. A voz de Indie foi a primeira coisa que ouvi quando abri a porta. As luzes estavam apagadas, exceto pelo abajur na mesa de cabeceira. Ela estava na cama dele e, quando se virou para me olhar, lágrimas manchavam seu rosto. Seus olhos azuis se abriram, seus cílios estavam molhados… meus joelhos desabaram. Lutei para não me afundar no chão. Ela estava devastada.

– Camden? – chamou ele ao se sentar.

Fiquei em pé sem me mexer, minha mente tentava sobreviver ao estrago. Seu nariz estava inchado e seu olho esquerdo, mais roxo do que o direito. Os cachos loiros em volta da sua nuca estavam com cor de ferrugem. Senti cada hematoma.

– Ai, meu Deus. – Eu me ouvi dizer.

– Parece pior do que realmente é. Está mais para uma dor de cabeça muito ruim, nada com que eu não possa lidar. – Royal sorriu, mas vi o tremor que ele tentava esconder. – Por favor, não chore.

Eu nem tinha me dado conta de que comecei a chorar. Levei as pontas dos dedos ao rosto e limpei a evidência. Ele foi forte por nós dois esta noite. Eu tinha que ser forte agora. Indie se levantou, inclinou-se sobre o irmão e o beijou na testa.

– Vou retornar a ligação da mamãe, só descansa, certo. Vou avisá-la que o médico disse que não tem nenhuma concussão. – Royal mantinha o olhar em mim quando ela me abraçou. – Cuide dele por mim… – sussurrou ela tremendo. – Por favor.

Só quando ouvi o clique da porta do quarto dele que o pânico barulhento na minha cabeça finalmente desapareceu. A princípio, não falamos nada. Royal se moveu um pouquinho de cada vez para me dar espaço para me deitar ao seu lado. Repousei a cabeça em seu peito e a batida poderosa do seu coração, o melhor som que ouvi o dia todo, vibrou dentro de mim. Ele passou os dedos pelos meus cabelos, seu toque, leve como pena, era uma ilusão tentando me fazer dormir.

– Fui tão ingênuo – disse ele, e a cadência profunda de sua voz retumbou na minha caixa torácica.

Ergui o peso do meu corpo no cotovelo. Seu olho roxo estava quase completamente fechado pelo inchaço. Eu me abaixei e beijei sua testa, a ponte do seu nariz, seus lábios entreabertos. Ele segurou meu rosto, a ponta do seu polegar tirou a umidade.

– Isso nunca deveria ter acontecido – sussurrei.

– Mas aconteceu.

Sua mão caiu do meu rosto e eu o ouvi explicar como Ellis havia começado a briga. Como *Ellis* atirou insultos que fizeram meu sangue ferver. Como *Ellis* fez tudo que podia para provocar e incitar e, no fim, ele conseguiu exatamente o que queria. Sempre que Royal falava o nome de Ellis, aquela coisa dentro de mim, a vergonha e a culpa que carreguei por tanto tempo, mudava. Ela se transformava em algo forte e furioso. O que aconteceu naquele vestiário ameaçava a luz que eu amava dentro de Royal. A luz já tinha começado a diminuir. A melodia dourada da sua voz desvaneceu, remendada e fora de tom. Pesada com as realidades do ódio e

do medo, e eu queria consertar isso, consertar a coisa quebrada dentro dele, a mesma coisa que uma vez abriguei dentro de mim.

– Sempre haverá um Ellis, Royal.

– É como você disse. Como Liam disse. Sempre haverá uma luta.

– Eu sei.

– Não posso fazer isso com você. E quanto ao reitor?

– Pelo que você disse, havia mais de uma dúzia de testemunhas. Thomlinson pode ser amigo dos meus pais, mas isso é muito maior do que eu ou você, ou seus compromisso pessoais. O que aconteceu esta noite foi um crime de ódio. Ele seria um idiota se tentasse tomar outra vertente.

– E Kai?

– Ele brigou pela gente. Fez a coisa certa.

Royal fechou os olhos, lágrimas pingavam de seus cílios. Eu me mexi, abaixando os lábios até a dobra suave do interior do seu cotovelo.

Beijei sua tatuagem, cada palavra, e as li, roçando os lábios em sua pele. *"Faça qualquer coisa, mas deixe produzir alegria."* Levantei a cabeça e encontrei seu olhar.

– Você me traz alegria. Royal, você me mostrou… Você estendeu a mão e tirou a vergonha, me disse que eu não precisava me esconder.

– E se eu estava errado?

– Isso parece errado? – Encostei a boca na dele e suspirei. Macios e tristes, seus lábios abriram-se para mim. Saboreei sua vergonha, seu medo… e era agridoce.

– Não. – Seus dedos estavam em meus cabelos. – Não parece.

Eu podia ver além da destruição do seu rosto, aquele leve brilho, lutando para atravessar.

– Se você desistir, os babacas vencem. O que quer que aconteça, estou aqui… com você.

Ele segurou meu rosto, o calor das suas palmas escorria pelo meu pescoço e pelos meus ombros, enchendo meu peito quando ele repetiu:

– Bem aqui.

– Pelo tempo que você me quiser.

O canto da boca de Royal se ergueu e ele riu quando se retraiu.

– Para sempre, então?

Forever[2] era um Concerto de Rachmaninoff, arrebatador e romântico.

Seu polegar tracejou a curva do meu lábio inferior e eu sorri.

– Para sempre funciona para mim.

♫

– Como vocês não estão nervosos? – Royal pulava de um lado para o outro do lado de fora da sala do reitor.

– Alguém tem que ficar calmo, Blue. – A mão de Royal estava suada, mas eu a segurava apertado quando Indie falou – Se Kai não foi expulso, você também não vai ser.

– Ela está certa – concordei, e Royal revirou os olhos.

– Ele está suspenso. Não o deixarão fazer as provas finais e, agora, ele vai ter que repetir o período inteiro. Não foi uma punição leve. Estou com medo.

O hematoma de Royal mal tinha começado a desaparecer durante o final de semana. Mas o inchaço já tinha ido embora e seus olhos azuis brilhantes estavam arregalados por causa do nervosismo.

– Ele conseguiu manter a bolsa de estudos – lembrei. – Isso é bom.

– Perdeu a posição de capitão. – Ele parou de se mexer. – Não é justo.

– Não é. – Apertei a mão dele. – Mas seria bom guardar isso para você quando entrar.

A porta abriu como se o reitor estivesse esperando por aquele momento

para aparecer. Ele evitou meus olhos e falou diretamente com Royal:

– Entre, desculpe pela demora. Acabei de desligar o telefone com seus pais.

– Meus pais? – Royal apertava minha mão de forma quase insuportável.

– Sim. – Ele estendeu a mão, indicando que deveríamos nos sentar. – Sentem-se. E… hum… mocinha, pode puxar uma cadeira.

– Minha prova final de matemática começa em vinte minutos. – Indie deu um beijinho rápido na bochecha de Royal. – Mande uma mensagem assim que puder. – Ele assentiu e eu pensei tê-la ouvido desejando sorte para ele em um sussurro antes de sair.

A sala do reitor Thomlinson estava muito quente. As paredes eram inclinadas para dentro, cheias de prateleiras lotadas de livros e sua mesa, pequena, fazendo-o parecer muito maior. Eu me perguntei se ele havia feito aquilo de propósito.

Ele se sentou à nossa frente, vestindo um terno azul escuro, com a barriga encostada na borda da mesa quando cruzou as mãos na superfície de madeira. Ele limpou a garganta, a papada vibrou quando falou:

– Primeiramente, em nome de toda a faculdade, eu gostaria de lhes pedir desculpas pelo que aconteceu. Nós não toleramos tal comportamento. Tenho certeza, a esta altura, que você já sabe o destino dos seus colegas de equipe.

– Sim, senhor. – Royal falou com uma voz clara e forte, e eu tive vontade de sorrir para o modo com que Thomlinson continuava correndo o olhar para nossas mãos entrelaçadas. – Bem, quero dizer, Kai me contou…, mas eu não sei…

– Ellis foi expulso. – A testa do reitor pingava de suor. Ele tirou um lenço do bolso do seu paletó e a enxugou. – Nós temos uma política de tolerância zero para discriminação aqui na St. Peter. E, como seus pais me lembraram esta manhã, um crime de ódio é punível por lei, e Ellis tem sorte de você não

ter prestado queixa. Quanto a Kai, ele foi o primeiro a agir com violência, mas se manteve fiel à lealdade a que somos caros nesta universidade, e estou ciente de que ele estava defendendo o amigo e colega de equipe. Mas, por causa da violência, teve que haver alguma repercussão.

– E quanto a mim? – perguntou Royal, e eu pude sentir seu pulso golpeando minha mão.

– Seus professores e eu decidimos que você deve ser dispensado de fazer as provas finais, baseado na severidade dos seus ferimentos, tanto físicos quanto emocionais. – O reitor abaixou o olhar para as nossas mãos mais uma vez. – Espero que com o tempo, vocês dois se sintam seguros aqui na St. Peter. – Pela primeira vez, desde que entrei em sua sala, ele me olhou nos olhos. – Existem pessoas neste mundo que veem tudo em linhas retas e concretas. Eu não sou uma dessas pessoas.

O aperto de Royal relaxou.

– Tem algum de jeito de Kai poder…

– Eu sei que parece injusto. Ele te defendeu. Mas não precisava agir com violência. Todos vocês têm sorte de que ninguém tenha se machucado seriamente. “Olho por olho só vai cegar o mundo inteiro.”

– Mahatma Gandhi – sussurrou Royal e o reitor sorriu.

– Seu pai me disse que você é um garoto inteligente.

O mais inteligente, tive vontade de dizer, mas não o fiz. Eu ainda estava me recuperando do seu discurso sobre linhas retas. Será que ele estava bem mesmo com isso? Com dois garotos de mãos dadas, se beijando nos seus corredores, se amando em seus dormitórios?

Thomlinson tirou um cartãozinho de uma gaveta lateral e o empurrou com o dedo pela mesa.

– Se qualquer um de vocês tiver algum problema no futuro, estas são as minhas informações pessoais de contato e o horário do escritório.

Royal soltou a minha mão e pegou o cartão, colocando-o no bolso do seu casaco.

– Obrigado.

– Boa sorte, Sr. O'Connell. Desejo que tenha boas férias.

Ele nos acompanhou até a porta e, antes de eu sair pela soleira, sua mão pousou em meu ombro. Eu me virei para ele e fui acolhido com um sorriso sincero.

– Espero que possa me ver como… um aliado.

Ele abaixou a mão e só o que consegui pensar para responder foi:

– Eu também espero.

Alcancei Royal quando ele abriu a porta da frente, e o dia invernal invadiu o prédio. O sol estava escondido atrás das nuvens, o céu cinzento fazia todas as cores ao nosso redor aparecerem. O verde-escuro das agulhas das árvores, a granulação da madeira cor de chocolate dos edifícios e o azul profundo dos olhos de Royal brilhando quando ele me encarou, seus lábios estavam tão rosados quanto suas bochechas e nariz.

– É muito ruim eu me sentir aliviado? – perguntou ele, segurando as minhas duas mãos.

– Por que seria muito ruim? Por causa do Kai? – Ele assentiu e eu lembrei que tinha me esquecido de contar a ele uma coisa da noite da briga. – Kai… aquela noite, antes de ir para o seu apartamento. Eu estava tão assustado que esqueci completamente. Kai falou "Diga ao Royal que eu faria tudo de novo, sempre".

– Claro que ele faria. – A risada de Royal saiu leve e despreocupada.

– Eu amo esse som.

Ele soltou as minhas mãos apenas para puxar o meu casaco pelas laterais, alinhando nossos corpos, abaixando o olhar para a minha boca.

– Que som?

– Da sua risada.

Ele acariciou meu rosto com os nós dos dedos.

– Eu amo isso – sussurrou antes de depositar um beijo suave nos meus lábios. – Para onde você vai agora? – perguntou.

– Indie e eu vamos fazer as provas finais e iremos todos passar o Natal em casa.

– Juntos?

– Juntos.

– Eu amo o som disso.

Seus lábios permaneceram nos meus, saboreando-os, até o mundo inteiro ficar em silêncio, deixando para trás uma partitura em branco.

E a primeira nota.

Seria um tambor.

O som do meu coração encontrando o dele.

[2] “Para sempre” em inglês.

EPÍLOGO

ROYAL

As luzes azuis da árvore de Natal lançavam um brilho prateado pela sala de estar. Ainda não havia nevado, mas as nuvens brincavam no horizonte, densas e imponentes, esperando o momento certo para banhar a cidade numa clara paleta de branco. A assombrosa interpretação de Camden de *O Holy Night*, tocada reverente e humilde, flutuou pela sala até ter capturado a atenção de todos.

Indie estava encolhida no sofá, com as pernas entrelaçadas nas de mamãe. Meus primos estavam sentados no chão, Ava cantando a letra suavemente, minha tia Kelly a acompanhava, e eu vi o sorriso de Quinn enquanto as observava. Meu pai estava encostado no batente da porta da cozinha, com os braços cruzados e um olhar orgulhoso ao assistir Camden nos teclados. Meu tio Kieran e sua esposa ainda estavam sentados à mesa de jantar, de mãos dadas.

– Ele é bom – falou Liam ao se sentar ao meu lado no chão, perto da árvore de Natal.

– É, sim.

Liam cruzou os tornozelos, descansando os cotovelos tatuados nos joelhos.

– Vocês não passaram na loja. – Eu não respondi. Estava evitando meu tio desde que voltei. Evitando o “eu te avisei” que eu tinha certeza de que iria me dar um tapa na cara. – Seu pai me contou o que aconteceu.

– E… o que você quer que eu diga? Que você estava certo?

Ele estremeceu e eu imediatamente me arrependi das minhas palavras sussurradas bruscamente. Porém, tudo o que aconteceu continuava pesando sobre mim. Não ajudava Kai não ter respondido nenhuma das minhas mensagens desde que saiu do campus.

– Eu não deveria ter dito o que disse. – Olhei para ele, seus olhos castanho-escuros eram gentis. Vulneráveis. – Royal, não sou o melhor com as palavras, mas com certeza sou muito bom em afastar as pessoas. Tenho medo por você. Medo pelo que vocês dois terão que enfrentar. Com o que já tiveram que lidar. – Ele olhou para o meu olho roxo, que estava mais para um verde claro agora. – Juro que se não fosse ser preso…

Eu ri, apesar do jeito que seu maxilar pulsava.

– Eu não iria te segurar.

Ele bateu o joelho no meu.

– Eu estou velho e Kelly me colocaria para fora de casa antes de eu sequer encostar um dedo no garoto.

– Ela faria isso mesmo. – Dei uma gargalhada, um pouco mais alto do que deveria, e a minha irmã me mandou fazer silêncio.

– Se ele vale a pena para você, então vale para mim.

– Ele é a minha família.

– Então, ele também é minha família.

Liam não sorriu, mas bateu outra vez no meu joelho e nós dois nos viramos para ouvir Camden tocar. Dava para ver meu pai parado na porta pelo canto do olho. Ele nos observava o tempo todo. Quando Camden tocou a última nota, e a sala começou a aplaudir, a atenção o fez corar mais do que eu jamais consegui fazer.

– Adoro quando você fica corado – sussurrei em seu ouvido quando ele se sentou ao meu lado.

Liam se levantou disfarçadamente, nos dando privacidade, e se juntou ao

restante da família na discussão sobre o que iriam fazer Camden tocar a seguir.

– *Noite Feliz* – gritou Ava e Quinn gemeu.

– Jesus, algo mais pra cima.

– *Rockin' Around the Christmas Tree*? – sugeriu minha mãe.

– Eu não vou tocar isso – disse Camden impassível e todos riram.

Coloquei a mão na dele, seus olhos foram atrás de Liam perceptivelmente no outro lado da sala.

– Como foi?

– Muito bem, eu acho. – Dei um beijo no rosto dele.

– Tive notícias do meu pai hoje de manhã.

– Teve?

– É… ele mandou mensagem. – O tom dele era sarcástico. – *"Estou sentindo sua falta hoje. Estou aqui quando você estiver pronto."* Como se a culpa fosse minha. Pronto para quê? Pronto para não ser gay?

– Você respondeu?

Ele olhou para mim e depois em volta da sala.

– Não ia mandar nada. Mas estar aqui com você e a sua família…

– Nossa família.

– Nossa família – corrigiu-se com um sorriso torto. – Senti como se devesse ser o adulto da história.

– O que você respondeu?

– Só "Feliz Natal", mas é alguma coisa. – Ele se apoiou no meu ombro, seu olhar foi para a janela. Flocos brancos, gigantes e grossos dançavam no vento quando ele sussurrou para si mesmo – É um começo.

FIM

Já está com saudade deste casal? A autora preparou esta playlist para os leitores.

Se você gostou de *A luz que ele emana*, também vai gostar de *Cores do Coração*, escrito por K.M. Neuhold!

Clique aqui para se inscrever na nossa newsletter e não perder nenhum lançamento da Galuba Editorial

Gostou deste livro? Essa é a sua vez de ser o escritor! Faça uma resenha para ajudar esta história a alcançar mais leitores.

AGRADECIMENTOS

Ao leitor, muito obrigada por ler este livro. Demorei oito meses para escrevê-lo e fico muito agradecida que você tenha chegado até aqui. Sem você, minhas palavras ficariam sozinhas num canto, obrigada por espalhá-las e lhes dar amor. =)

Agradeço ao Kirk por compartilhar sua história comigo e responder às minhas perguntas.

Minha equipe de edição, Elaine e Kathleen, vocês arrancam o meu couro. Podemos tomar alguns martinis agora?

TODA a minha equipe beta e ARC (Leitores Antecipados), vocês são incríveis. Se seus olhos agraciaram estas páginas antes da publicação, você é uma dádiva de Deus, e eu nunca poderia ter digitado FIM sem você. Apertem os cintos… Kai está chegando.

Obrigada, Cornelia, Anna, Ari, Haley e Jodi. Por favor, enviem suas contas da terapia para o meu endereço em Kaysville.

Becca, você é a terra firme em que piso todos os dias.

Exército de Dumbledore: Jaimee, Kristy e Tracey, nunca deixe que vejam vocês suarem.

Autoras independentes, vocês são meus gurus e eu as amo imensamente.

AJ's Crew, o melhor grupo nas interwebs.

Amy, Laney, Cornelia, Mel e Taylor #GoStars.

Minhas amigas, se vocês estão na minha vida, sabem quem são, e sabem que eu iria dar um abraço de lado, talvez até apertar o peito de vocês.

Aaron, está na hora de escolher um rapaz.

Por último, mas não menos importante, para os meus filhos: lembrem-se de quem vocês são e o que representam. Lutem pelos diretos das outras pessoas. Lutem pelo que acreditam.

Aceitação, Tolerância e Esperança.

Mamãe ama vocês, independentemente de qualquer coisa.

Amor é amor.

Amanda~

TheTrevorProject.org

SOBRE A AUTORA

Amanda mora em Utah com sua família, onde trabalha como enfermeira nos finais de semana. Se ela não estiver ocupada com seus três filhotes, você a encontrará enterrada em um livro ou atrás do teclado, onde ela explora a experiência humana por meio da palavra escrita. Ela é obcecada por tudo de Austen, hóquei e Oreo, e adora se conectar com os leitores!

Inscreva-se na newsletter da autora aqui.

Conecte-se com ela:

/ amjohnsonbooks

/ am_johnson_author

CONHEÇA A GALUBA EDITORIAL

Das profundezas da literatura, surge a Galuba: uma editora 100% digital e feminina. Fundada pelas amigas Carina Derschum e Marcela Nogueira, nosso propósito é encorajar as mulheres no mercado editorial e promover a bibliodiversidade.

Mergulhe nessa história conosco!

Conheça outros títulos publicados em:

/ www.GalubaEditorial.com

/ GalubaEditorial

/ GalubaEditorial

/ GalubaEditorial

/ Galuba

CRÉDITOS E COPYRIGHT

TÍTULO ORIGINAL

Let There Be Light

EDITORA DE AQUISIÇÃO E REVISÃO

Carina Derschum

TRADUÇÃO

Stéphanie Rumbelsperger

CAPA E ILUSTRAÇÃO

Fernanda Nia

PRODUÇÃO DE EBOOK

Marcela Nogueira

© A.M. Johnson, 2018

© Galuba Editorial, 2022

© Fernanda Nia, 2022

Todos os direitos desta edição reservados à Galuba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J67l

Johnson, A.M.

A luz que ele emana [recurso eletrônico] / A.M. Johnson; tradução de Stéphanie Rumbelsperger. – Rio de Janeiro: Galuba, 2022. (Série Bem-querer)

320 p.; 1,0 Mb

ISBN 978-65-995348-8-1 (e-book)

Tradução de: Let There Be Light

1. Romance contemporâneo. 2. Literatura americana. 3. Gay. I. Rumbelsperger, Stéphanie. II. Título.

CDD 813

Isabela Lustosa CRB-7: RJ-007115/O

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito da autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e eventos são produtos da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou acontecimentos é mera coincidência.



